

VELHAS
DESCARRADAS
MADELINE
CASH



MADELINE CASH

VELHAS DESGARRADAS

Tradução de
CAMILA VON HOLDEFER

1ª edição

AMARCORD

RIO DE JANEIRO | 2026

LOST LAMBS: A Novel by Madeline Cash
Copyright © 2026 by Madeline Cash
Published by arrangement with Farrar, Straus and Giroux, New York.

Título original: *Lost Lambs*

Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Diagramação da versão impressa: Isabella Carvalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C331o

Cash, Madeline

Ovelhas desgarradas [recurso eletrônico] / Madeline Cash; tradução Camila von Holdefer. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Amarcord, 2026.
recurso digital ; epub

Tradução de: *Lost lambs*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-85854-43-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Holdefer, Camila von. II. Título.

26-106162.0

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos desta tradução adquiridos pela

AMARCORD

Um selo da

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Tel.: (21) 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Produzido no Brasil

2026

SUMÁRIO

Livro

Agradecimentos

*As crianças riram e brincaram ao verem o cordeirinho na escola.**

Nota

* Tradução de versos da cantiga infantil “Mary had a little lamb”. [N. DA E.]

A situação dos mosquitos de planta na igreja estava saindo do controle. A culpa era da srta. Winkle, era ela quem tinha trazido os mosquitos, e isso era imperdoável, não aos olhos de Deus, mas aos do padre Andrew, que não conseguiu exterminar os insetos, não por falta de tentativa – ele tinha usado todos os tipos de armadilhas, sprays e raquetes de matar mosquito disponíveis no mercado moderno, e mesmo assim os esforços surtiram pouco efeito sobre a maior parte da população de mosquitos. Na verdade, ela parecia até estar aumentando. O padre Andrew imaginava que em pouco tempo uma praga maior seria atraída para a igreja, como aranhas comedoras de mosquitos, talvez, que poderiam atrair, digamos, sapos, que atrairiam ratos, que atrairiam gatos, que atrairiam coiotes, que atrairiam algum mamífero maior que comesse coiotes, e assim por diante. A culpa era da srta. Winkle, porque ela tinha levado a planta para dentro da igreja, “como Deus fez no terceiro dia!”. A srta. Winkle comparecia a todas as atividades da igreja com sua filha com deficiência cognitiva, que usava, na missa, abafadores de ruído daqueles de estande de tiro – os órgãos a assustavam –, e ocasionalmente a srta. Winkle trazia plantas do viveiro onde trabalhava como voluntária cuidando das orquídeas. Com toda certeza ela não sabia que havia ovos de mosquitos-dos-fungos – mosquitinhos de planta – no substrato, mas por que levar uma planta para dentro de uma igreja, afinal?, pensava o padre Andrew. Aquilo não era um jardim botânico. Ainda por cima uma monstera, que significava “monstro” em latim, supunha o padre Andrew, embora não tivesse certeza, não estudara latim no seminário; sua graduação fora em cinema francês. A planta estava no topo da lista de Razões para Não Gostar da Srta. Winkle. Também nessa lista estava o fato de ela nunca fazer doações para a campanha de arrecadação de fundos trimestral para consertar os sinos da igreja, mas reclamar trimestralmente da falta de sinos. E ela tinha o hábito de falar “eu que o diga”, quando, na verdade, não dizia absolutamente nada. Há tempos não contribuía com uma observação original ou acrescentava algo a uma conversa. Simplesmente encaixava um “eu que o diga” no comentário enriquecedor da outra pessoa,

o que era desonesto e irritante e provavelmente indicava uma falha de caráter mais profunda, talvez até um mal inerente remontando à ancestral comedora de maçã da srta. Winkle, ou ao menos foi isso que o padre Andrew disse ao terapeuta imposto pelo Estado. Depois daquela falta de decoro, tempos atrás, envolvendo padres e coroinhas, a paróquia anglicana Nossa Senhora das Dores fizera algumas mudanças estruturais na programação, como oficinas semanais de Consentimento por meio de Cristo, um tsar de intimidade em cada confessionário, e psicanálise obrigatória para os presbíteros com o recém-nomeado psicoterapeuta da paróquia. O psicoterapeuta da paróquia costumava atribuir a “misoginia latente” do padre Andrew em relação à srta. Winkle ao “desejo sexual reprimido”, diagnóstico do qual o padre Andrew discordava com veemência. Não estava reprimindo coisa alguma, já estivera com várias mulheres – trinta e três, para ser mais exato, uma para cada ano da vida de Jesus – antes de ingressar no seminário. E duvidava muito que seus desejos masculinos se manifestassem pela srta. Winkle, em quem o padre Andrew costumava pensar justamente para *dissipar* impulsos profanos.

Naquele dia, primeiro de abril, o ápice da estiagem da estação chuvosa, o padre Andrew se preparava para sair e assistir a uma sessão de *cinéma français* no Cinema Vintage quando ouviu batidas à porta do seu escritório. Era a caçula dos Flynn, Harper. Ela não ia à igreja desde que seus pais abriram o casamento. O padre Andrew gostava de se considerar um padre progressista, mas o “acordo” matrimonial dos Flynn não parecia nem uma exploração no estilo dos anos 1960 nem algo justificado pela nova onda liberal poli-sei-lá-o-quê, mas sim uma alternativa criativa com base na qual cada cônjuge podia infligir dor ao outro e às três filhas. Harper devia ter uns doze anos agora, pensou ele, talvez treze.

Harper entrou graciosamente no escritório. O vitral projetava uma paleta de arco-íris sobre o rostinho dela. As sardinhas. O nariz levemente arrebitado. O cabelo em duas tranças embutidas, a cor de um castanho intenso feito um banco de oração. Como um cavalo bem-cuidado. As três garotas Flynn – Abigail, Louise e Harper – já não frequentavam a missa. Não iam ao culto de domingo e muitas vezes faltavam à assembleia na capela da escola às quartas-feiras. Entregavam bilhetes forjados da enfermeira da Escola Preparatória Filhas Sagradas para justificar as faltas: dor

de dente, problemas femininos, torcicolo, desconforto causado por leite estragado. Faltaram à apresentação comunitária da Arca de Noé e foram vistas depois no estacionamento, um leão, uma raposa e um ouriço, dividindo um cigarro. Não se voluntariaram naquele ano para a campanha de inverno de arrecadação de alimentos da cidade, para a caminhada solidária Cristãos pela Cura, para a Corrida de Três Patas em prol dos cachorros de três patas, para a brincadeira de pegar maçãs com a boca em prol do autismo ou para o Tricô em Prol da Narcolepsia. Não havia desculpa, sinceramente, para uma frequência tão fraca depois que a igreja adotou os devocionais digitais. O padre Andrew era um religioso quase canonizado por sua adaptação à era digital, sua versatilidade na celebração da missa. Todos os locais de culto da cidade tinham se adaptado aos novos tempos – o rabino Hoffman até instituíra um serviço de circuncisão a domicílio: Tire um Centímetro, Dê a um Mohel. Ainda assim as garotas Flynn, a família Flynn inteira, estavam sumidas. O padre Andrew recordou como elas costumavam adorar a brincadeira de pegar maçãs com a boca para arrecadar fundos para o autismo, uma verdadeira lástima.

“Sente-se, Harper.”

O padre Andrew gesticulou para a cadeira vazia diante dele. Biblicamente não existiam coincidências, mas a longa ausência da família tinha sido quebrada dias antes pelo pai delas, Bud Flynn, que batera à porta e se sentara naquela mesma cadeira.

“Sente-se, Bud”, dissera o padre Andrew.

“Padre, digamos que hipoteticamente um amigo meu quisesse, digamos, encerrar sua presença na Terra. Quais seriam os desdobramentos, em termos espirituais?”, perguntara Bud.

“*Os desdobramentos?*”

“Tipo, essa pessoa iria pro inferno – definitivamente?”

“Bom, suicídio é um pecado mortal. Deus decide quando chega nossa hora. Negar isso a Ele é heresia...”

“E o senhor tem certeza de que nada passa despercebido, nada é esquecido? É tudo à prova de falhas?”

“Como segurança de aeroporto.”

“Heresia, é?”

O padre Andrew fez um aceno estoico.

“Parece sério.”

“Seu *amigo* talvez queira explorar melhor esse impulso?”

“É, talvez.”

Houve então um grasnar estridente de um casal de periquitos selvagens. As aves tinham fugido de um rico colecionador de animais exóticos anos antes e feito ninho nas vigas da igreja. O padre Andrew tinha esperança de que os periquitos pudessem comer os mosquitos, uma rima como solução natural para o problema, mas eles pareciam satisfeitos em catar nozes, cujas cascas deixavam cair no altar como oferendas debochadas.

“Obrigado, padre.”

Ao sair rapidamente do escritório, Bud Flynn deixou uma nota de cinco dólares e um cartão fidelidade da lanchonete Mango Rooney’s no cesto de coleta. Faltava só um carimbo para ganhar uma batida grátis. Agora Harper assumia o assento, juntando as mãos no colo. A camisa de botões amassada caía reta sobre o peito, um corpo que ainda não havia começado a jornada de menina para mulher. Naturalmente, o padre Andrew não estava pensando na transformação do corpo de Harper de menina para mulher, pois isso seria errado e com certeza exigiria mais visitas ao psicoterapeuta da paróquia.

“*Abençoame padre porque pequei*”, disse Harper Flynn.

“Você deseja confessar algo, Harper?”

“Sim. Quebrei o nono mandamento.”

“Você levantou falso testemunho?”

“Sim”, respondeu ela. “Na verdade, minto o tempo todo. Todo dia, várias vezes ao dia. Sempre que posso, e sobre coisas que não importam, tipo, se meu pai pergunta o que comemos no almoço da escola, eu digo salada de macarrão e frutas quando comemos nuggets de frango e palitinhos de aipo.”

“Talvez devêssemos examinar o impulso por trás da sua compulsão por inventar histórias.”

“Eu sou criativa.”

“Vamos aprofundar um pouco mais. Como vão as coisas em casa?”

“Acho que meu pai está tentando se matar.”

“O que leva você a dizer isso?”

“Ele estava pesquisando *maneiras menos dolorosas de se matar* no computador que todo mundo da família usa.”

“Eu gostaria que você e suas irmãs voltassem à missa. Ficamos mais suscetíveis à escuridão em tempos difíceis.”

“Somos cristãos reformados, protestantes.”

“Acho que você vai perceber que o sentimento geral é parecido.”

Harper gostava de ser tratada como adulta. O padre Andrew conseguia ver as engrenagens girando atrás dos olhos dela. Sentia ternura pela pequena católica desgarrada.

“Espere, ainda não terminei de confessar.”

Harper puxou um cigarro eletrônico cor-de-rosa de dentro do macacão e deu uma longa tragada. O aparelho soltou um crepitar satisfatório.

“Tenho roubado Trizoletin do senhor Friedman da farmácia e vendido na escola. Às vezes dou início a pequenos incêndios atrás da lavanderia. Fui eu que inventei o apelido do padre Hayworth – padre Gayworth – e o apelido pegou mesmo. Enviei um vídeo de pornografia nórdica pra todo mundo no e-mail de trabalho do meu pai – é um gênero bem específico, tem muitas peles envolvidas. Enfiei um canivete no pneu da van da igreja no caminho pra cá. Venho aprendendo latim sozinha pra mexer com o grupo pentecostal da minha escola, queimando as mãos com uma lupa e dizendo que é estigma. Acumulei uma dívida significativa comprando em sites de atacadistas coreanos com o cartão de crédito da minha mãe. Roubei algumas ratoeiras do mercadinho Squeaky Mart. Ainda não sei o que vou fazer com elas. Semana passada, libertei uma lagosta do aquário de lagostas do Golden Dragon e deixei ela na banheira das minhas irmãs. E cortei a trança da Missy no vestiário depois do tênis e coloquei na caixa de correio da mãe dela.”

“É uma bela ladainha”, disse o padre Andrew, mantendo um tom neutro. Ele sempre teve suas suspeitas sobre a sexualidade do padre Hayworth, todos tinham. “Mas não me passou despercebido que você começou esta visita mencionando uma inclinação para a mentira.”

“Tem razão. Inventei tudo isso só pra provocar você.”

“Por quê?”

“Não sei.”

“Você é uma garota precoce.”

“Se eu tivesse que adivinhar, com uma arma apontada pra minha cabeça...”

“Ninguém está apontando uma arma pra sua...”

“Com uma arma apontada pra minha cabeça, eu diria, estou tremenda, dolorosa e miticamente entediada.”

“Entendo. A desobediência da banalidade.”

“Sou vítima de negligência.”

“Estamos oferecendo uma catequese dominical virtual...”

“Não quero assistir à catequese dominical virtual.”

Harper puxou outra tragada do vape.

“Você renunciou à sua fé?”

“Minha virtude é pós-teocrática.”

Às vezes, em silêncios profundos como o que recaiu sobre Harper e o padre Andrew, ele jurava ouvir o oceano lutando contra o píer de concreto do Porto Alabastro[®]. Mas, considerando a distância da igreja até a marina, isso era, obviamente, impossível. Um truque do ouvido interno, como ouvir uma concha, pensou.

“Então eu vou pro inferno?”, perguntou a menina.

“Não, Harper.”

“Excomungada? Em *latae sententiae*?”

“Isso não cabe a mim dizer.”

“Cabe literalmente a você dizer.”

“Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” O padre Andrew espantou um mosquito, irritado. Ele tinha compaixão pela família Flynn.

Ao sair da igreja naquela tarde, o padre Andrew serpenteou pelos bancos, recolheu algumas cascas de nozes, devolveu alguns hinários aos respectivos estojos, esvaziou os cinzeiros da reunião dos alcoolistas. Trancou as grandes portas e atravessou o estacionamento, onde se ajoelhou e puxou um canivete do pneu traseiro esquerdo da van da igreja.

Bud Flynn tomou quatro comprimidos de Trizoletin que havia pilhado do quarto da filha, se masturbou num pano de prato e se preparou para dirigir a minivan mar adentro. Sobre o banco do passageiro erguia-se um templo global de embalagens de comida para viagem – mexicana, tailandesa, indiana, chinesa, etíope, itens vindos da nação insular independente de Tuvalu –, cujo peso coletivo era o suficiente para que o sistema interno do carro confundisse aquilo tudo com uma pessoa pequena, fazendo com que apitasse para as embalagens prenderem o cinto de segurança. Bud manuseou a embalagem que antes continha uma barra de chocolate, do tipo que mistura chocolate ao leite com meio amargo. *O amargor deixa tudo melhor*, dizia o rótulo. A cruel farsa do marketing, pensou Bud, garantindo ao consumidor que a introdução de adversidade em algo que já era puro e bom apenas realça essa pureza e qualidade. A opinião geral era que chocolate já era bom, por que precisaria ser melhor? E por que uma mudança obviamente negativa alcançaria esse objetivo? *Melhor do que está, não fica* – esse seria o slogan de Bud. Um *bom, consistente, quase sempre confiável* Flynn.

Bud captou um vislumbre de si mesmo – a auréola de calvície – no retrovisor; o rosto de um homem que não era considerado descolado há vários mandatos presidenciais. Um homem que durante a juventude cogitara, mas acabara desistindo, três tatuagens irônicas diferentes, e um homem que, como a seu cabelo, ainda se agarrava a certas fantasias materiais que, para todos os efeitos e propósitos, já não existiam. Apesar do exterior deteriorado, o interior era confiável como o motor de um carro alemão. Uma colonoscopia recente, uma endoscopia e um exame de câncer colorretal tinham retornado com todos os resultados normais, o que significava que não morreria tão cedo, pelo menos não de causas naturais.

Bud em geral não gostava de programas de rádio com debates. Tinha a sensação de estar bisbilhotando a conversa alheia. Mas agora um apresentador estava noticiando o caso mais recente sobre dois homens que haviam fugido de uma prisão local usando apenas um aparelho ortodôntico de contenção fixa, e aquilo era, é forçoso admitir, um conteúdo instigante.

Não instigante o suficiente para mudar o curso planejado da noite, mas o suficiente para fazê-lo demorar um pouco na garagem. Ainda assim, quando se lançasse ao mar, Bud queria ouvir algo do gênero das *power ballads*, aquelas vanguardas musicais que descreviam trovões como “aveludados” e cantavam sobre serem “guiados pela luz”. Mas por nada no mundo Bud conseguia entender como acessar o Bluetooth do carro.

“Clica em ‘parear com dispositivo’.” Sua filha, a do meio, como era mesmo o nome dela?... Louise!... estava junto à janela do motorista.

“Você me assustou, querida.”

“Eu tô aqui parada faz, tipo, um minuto e meio!”

Fez sinal para que ela entrasse no carro. A menina demorou, orbitando o veículo como um pequeno planeta antes de empurrar as embalagens e se instalar no banco do passageiro. Mulheres são criaturas etéreas, pensou Bud, sempre com um pé em outro mundo. O rádio pulou para um programa chamado *Luz Social*, sobre jovens celebridades que encontram Jesus. Bud detestava profundamente o programa. Girou o botão até cair numa estação de rock pauleira.

“Isso”, disse Bud, “é meu guilty pleasure.”

Embora qualquer prazer, pensou ele, fosse um prazer culposos.

Louise Flynn espirrou em série contra a dobra do próprio braço, distribuindo respingos pelo painel do carro. Crianças nunca falhavam em deixar um resíduo. Como pequenos caracóis.

“Saúde”, disse Bud.

“O que a gente vai jantar?”

“Sua mãe não pode pedir do Fabio’s?”

“O Fabio’s fechou. Faz, tipo, uns dois meses.”

“Filha. Não dá pra você simplesmente ir pra cozinha e...” Bud percebeu o desabrochar do desdém feminino nos olhos da filha. “Quis dizer isso num sentido estritamente feminista. Tipo, não importa o gênero, você deveria saber ferver uma água.”

Bud se perguntou se, apesar dessa escorregada, Louise lhe mostraria de novo como usar o Bluetooth.

Eles pareciam estar com dificuldades para manter um diálogo. Então ficaram simplesmente olhando para frente, para a própria casa, aquela comprada pelos pais da esposa, que sempre faziam questão de lembrá-lo

desse fato. Precisava de uma nova pintura, o gramado estava um desastre. A varanda em volta da casa estava tomada por cupins, cedendo em vários pontos. Os sinos de vento, nos quais Catherine havia pendurado, como um projeto de arte terapêutica, os dentes de leite das crianças, produziam um tilintar perturbador na brisa. Bud os achava horríveis, mas decidiu aplicar o axioma *escolha suas batalhas*, já que inevitavelmente surgiria algo mais digno de se fincar pé depois, como a cor da porta da frente, que Catherine quis pintar de laranja – “ninguém no quarteirão vai ter uma porta laranja, William” –, e Bud pôde lembrá-la de sua diplomacia e condescendência no caso dos dentes, e assim chegaram a um azul-claro para a porta, que agora descascava terrivelmente.

A casa não era do tipo construído para resistir a um terremoto, embora por dentro desse a impressão de que já havia ocorrido um. As roupas estavam largadas, empilhadas, abandonadas: uniformes escolares – sapatos bicolores, saias pregueadas, aventais, cardigãs –, protetores bucais, boinas, chuteiras, lenços de acampamentos de verão, capas que foram usadas em peças teatrais escolares. Tudo com iniciais ou com monogramas. As garotas tinham uma sensação de posse sobre os objetos mais curiosos – um globo de neve, um gorro de lã, uma caixa de cereais mofados. Por que reivindicar o regador, pensou Bud, se nem tinham plantas? Uma película de pasta de trigo sarraceno grudava em todos os pratos. Era a única coisa que a filha mais nova, Harper, com suas restrições alimentares, comia. O papel de parede, antes marcado com as alturas em evolução das garotas, agora aparecia mais amplamente rabiscado com recados na língua do P e desenhos de borboletas. O livro ilustrado e decorativo de Bud sobre campos de golfe desafiadores servia de apoio a uma janela com defeito. Um jogo de tabuleiro cujo objetivo era colonizar algum país vizinho vivia permanentemente em cima da mesa de jantar, com os soldadinhos de plástico congelados no lugar. Almofadas com versículos bíblicos bordadas pela mãe dele estavam agora manchadas de brilho labial e sangramentos nasais. Havia um fluxo quase constante de sangue vindo daquelas mulheres – narizes, joelhos e afins –, e Bud se perguntava como ainda tinham algum sangue sobrando.

Um retrato de Catherine, como matriarca, estava pendurado na sala de estar. Ela tinha mandado fazer retratos de si mesma e ampliado para o

tamanho real, por ocasião do aniversário de Bud no ano anterior, o que provocou uma de suas últimas brigas antes do “acordo”.

“Lógico que *gosto*, só não vejo por que preciso de uma foto sua. Não sou um prisioneiro de guerra. Vejo você todos os dias.”

Catherine alternava entre falas com um tom pomposo e formal, chamando-o de William, que nem era o nome dele. Ele era Bud até na certidão de nascimento. Só Bud.

“É um gesto bonito, William.”

“Tá, certo, relógios também são um gesto bonito. Querida, eu só tô brincando.”

Catherine já tinha se afastado, os olhos pousados numa luz distante sob alguma porta fechada. Talvez Bud não tivesse escolhido bem suas batalhas, afinal, e em algum ponto do caminho tivesse perdido a guerra inteira.

Bud parou de abrir gavetas na casa depois que encontrou um rolo de camisinhas extragrandes e de baixo atrito enquanto procurava um cardápio de delivery de comida. Supôs que as camisinhas não pertenciam às filhas adolescentes, já que a Feira de Educação Sexual da escola havia sido substituída pela Feira da Abstinência no ano anterior, e a Clínica de Saúde Feminina fora substituída pelo Espaço de Decoração de Tigelas, o que significava que as camisinhas pertenciam à esposa, o que significava que...

“Isso é uma coisa *boa*”, dissera Catherine. “Um passo positivo para o nosso casamento.”

“Não consigo imaginar como isso é um passo positivo para o nosso casamento”, respondeu Bud.

“Bom, ainda assim é um passo. Talvez um movimento lateral.”

Ele se sentia um soldado no jogo de tabuleiro, congelado no lugar enquanto as outras peças se moviam ao redor dele.

“Não quero dar passo nenhum! Não quero me mover!”

“Esse é o *problema*.”

Como, entre os genitores, Catherine era, conforme o agora ultrapassado acordo deles, a pessoa que ficava em casa; Bud era o único provedor da família, o que colocava uma carga financeira considerável sobre os Flynn.

“Se precisar pedir uns trocados emprestados, é só avisar”, ofereceu, à época, Jim Doherty, o vizinho e inimigo doméstico de Bud.

“Estamos bem, Jim.”

“Só estou dizendo”, falou Jim, aparando um galho rebelde de sua topiaria.

Bud era gerente de contas e sistemas do Porto Alabastro[®] – não uma artéria comercial qualquer, mas o porto principal de toda a costa oeste, a principal porta de entrada para o comércio doméstico e internacional. Era um lugar estranho para trabalhar, com práticas comerciais questionáveis, mas Bud não fazia perguntas e era bem remunerado por isso. O Porto Alabastro[®] oferecia salários competitivos e um plano de saúde de primeira linha para Bud e a família. Se, digamos, Bud ou a família se envolvessem num acidente de avião ou se as garotas fossem vítimas de um daqueles massacres escolares tão comuns hoje em dia, ou se um assassino desvairado aparecesse para matar Bud ou a família à noite, haveria cobertura financeira para tudo. No mês anterior, Catherine tinha removido uma pinta, um procedimento que Bud tinha quase certeza de que era estético, e isso também fora coberto. Ainda assim, os Flynn eram um poço sem fundo de despesas. Então, apesar dos salários competitivos do Porto Alabastro[®], Bud não tinha como arcar com as despesas de uma segunda casa quando o “acordo” aconteceu, nem mesmo temporariamente. Passara a dormir na minivan no mês anterior, depois que sua assistente viu Catherine e Jim Doherty no shopping, onde estariam supostamente na fila do Helter Seltzer, avaliando variações de água gaseificada. A pressão arterial de Bud disparou ao imaginar a esposa se exibindo em público, saindo do shopping e voltando para o veículo italiano de Jim Doherty, STX Class, ambos incapazes de se conter, se apalpando e se acariciando no banco de trás feito adolescentes. Catherine atrapalhada com os botões, Jim Doherty lambendo a cicatriz da cesariana dela.

Louise cutucava com o pé uma salada Caesar murcha no chão do carro, uma camisa social amassada, algumas correspondências que ameaçavam com um aviso final. Havia algo que fosse realmente final? Ela estava imaginando os efeitos que o “acordo” dos pais teria no futuro dela. Bud imaginava se matar de forma violenta e pública, talvez no shopping. Ele não era um trabalhador muito esforçado, e se lembrava de ter lido que *morrer é só mais um trabalho*. Onde, ele não lembrava.

“A mãe mandou eu pegar as chaves do seu carro”, disse Louise.

“Podemos só ficar aqui sentados um minutinho?”, perguntou Bud.

“Tá bom”, respondeu Louise.

“Quer que eu ligue o aquecedor do banco?”

No final da rua sem saída, o veículo STX Class de Jim Doherty estava estacionado na garagem. A casa tinha um cata-vento, um bebedouro de pássaros, um caramanchão coberto de trepadeiras. A caixa de correio era um galo bordô. Uma placa no gramado se gabava: UM ALUNO EXEMPLAR MORA AQUI. Bud lembrou de uma palavra tcheca que sua banda de garagem tinha considerado como possível nome, *Lítost*, que se traduz quase como “o desespero humilhante que sentimos quando alguém nos lembra, por meio de suas conquistas, de tudo o que deu errado na nossa vida”.

Bud sentiu apontadas crescentes de puro amargor. Talvez o *amargor* realmente deixasse *tudo melhor*, no sentido de lembrar como as coisas um dia foram boas. Se Bud fechasse os olhos, ele conseguia se lembrar de um tempo – ajustado e aperfeiçoado pela visão em retrospecto – de bondade pura. Um tempo de sim. Parecia que, por um período, Bud e Catherine não conheciam o não. Sim, vamos compartilhar uma escova de dentes. Sim, vamos abrir nossas próprias ostras. Sim, vamos mandar ver no jardim, no telhado, no toboágua do parque. Sim, vamos pular a catraca. Sim, vamos dirigir até o horizonte. Sim, vamos conversar a noite toda tomando cerveja de dois dólares e café de um dólar. Sim, vamos tingir as roupas com caroços de pêssego. Sim, vamos montar uma banda, vamos construir uma casa na árvore, vamos entrar pelados na água de cor duvidosa do lago. Sim, vamos nos agarrar na cama fofinha da loja de departamentos. Sim, vamos aprontar na mesa reservada no fundo do restaurante Fabio's. Sim, vamos dar risadinhas no canto do bar country, encapsulados num mundo só nosso, enquanto nossos amigos são arremessados do touro mecânico. E sim, quando Catherine engravidou e Bud fez a pergunta inevitável, mais por praticidade do que por romance, Catherine respondeu afirmativamente. Sim, sim, sim, sim, sim, sim.

Bud não conseguia identificar quando os sins viraram não – ou pior, acho que sim, talvez, tanto faz –, quando a paixão deu lugar à indiferença. Eles não conseguiam atingir o equilíbrio doce/amargo, o que resultava num produto final nada apetitoso. Bud entregou as chaves do carro para a filha do meio. Ele não se lançaria ao mar naquela noite.

“Você é uma aluna exemplar?”, perguntou Bud.

“Não”, respondeu Louise.

Catherine Flynn acendeu um baseado com o acendedor comprido da lareira e se acomodou na banheira. A água cheirava a aveia porque havia espalhado aveia dentro dela. Abigail Flynn apareceu junto à porta. A filha mais velha de Catherine agora tinha permissão para usar maquiagem, que aplicava generosamente nos olhos, na boca e nas bochechas.

“Você tá fumando maconha?”, perguntou Abigail.

“Pra onde você vai, toda arrumada?”, perguntou Catherine.

“Você tá fumando maconha dentro de casa?”

“Pelo visto, sim.”

“Eu posso fumar maconha dentro de casa?”

“Não.”

“Por que não?”

“É medicinal. Eu tive *câncer*.”

“Você removeu uma pinta com potencial pra melanoma.”

“Pra onde você vai?”, perguntou Catherine.

“Ver o meu namorado.”

“Quem é seu namorado?”

“Na verdade, eu não gosto de conversar enquanto você tá pelada.”

Catherine deu um peteleco teatral no baseado. Um pouco de cinza caiu na água da banheira.

“Desde quando você tem namorado?”

“Tem alguma coisa pra comer?”, perguntou Abigail.

“Vem comer um pouco do meu banho de aveia”, disse Catherine.

Abigail revirou os olhos. “Tô indo.”

“Quem vai dirigir?”

“Meu namorado.”

“Qual é o nome dele?”

“Wes.”

“Ele estuda na sua escola?”

“Não.”

“Chamam ele de Wes Crimes de Guerra.” Harper Flynn apareceu junto ao batente da porta do banheiro lambendo pasta de trigo-sarraceno de uma colher. “Porque ele fez umas merdas muito loucas na guerra.”

“Cala a boca”, disse Abigail.

“Quantos anos o Wes tem?”, perguntou Catherine.

“Não sei. Vinte e dois, vinte e três.”

“De jeito nenhum.”

“Você não é exatamente uma autoridade em relacionamentos no momento.”

“Quando você usa tanta maquiagem assim, isso passa aos homens a mensagem de que você só está interessada em uma coisa”, disse Catherine.

“Ótimo”, disse Abigail. “Me poupa o trabalho de ter de falar isso para eles.”

Abigail saiu furiosa antes que Catherine conseguisse se levantar da banheira, a espuma aderida a seu corpo como craca. Ela saiu e vestiu um roupão masculino, apertou bem o cinto e examinou a miscelânea de produtos faciais que monopolizavam a bancada, cada um com um rótulo diferente e ornamentado, mas composto dos mesmos elementos básicos. O capitalismo tardio fazia bem seu trabalho de convencer Catherine de que ela era insuficiente, um vazio, e que precisava preencher pouco a pouco esse vazio com produtos que deixassem seu rosto com cheiro de salsa ou coco.

Harper observava de lado, agora mordiscando as pontas do próprio cabelo.

Que criança estranha, pensou Catherine. Pequena, mas poderosa. Quando Harper tinha oito anos, as professoras haviam ligado, preocupadas, porque ela explicara que seus ursinhos de pelúcia tinham implementado a pena de morte. Mas, pensando bem, todas as crianças eram um pouco estranhas. Catherine foi até a cozinha e preparou um drinque. Tinha o costume de molhar a taça de martíni à tarde e deixá-la no congelador para que estivesse bem gelada na hora do coquetel. Alguns gelinhos flutuavam na vodca. Diluída, mas obra de qual filha? Abigail? Harper? Louise era tão quieta, mas eram sempre os quietinhos, não eram?

Catherine desenhou um coração na lateral da taça e ligou para o celular do marido.

“Você sabia que nossa filha está namorando alguém chamado Wes Crimes de Guerra?”

“Você deu o jantar pras garotas?”

“Óbvio que dei o jantar pras garotas.”

“O que você fez?”

“De entrada”, disse Catherine, “rolinhos de salmão e peras recheadas com gorgonzola. Depois um filé Wellington que preparei com esmero durante toda a tarde, servido com cebolinhas caramelizadas. E pra sobremesa, pudim de pão.”

Catherine abriu a despensa. Um pouco de trigo-sarraceno. Bolachas de água e sal com a validade vencida. Um boneco mergulhador para brincar na banheira. Abriu a geladeira. Um Brazzel Bowl do Mango Rooney’s, já estragado. Um bilhete na caligrafia floreada de Abigail colado na gaveta de verduras: *VÁ AO MERCADO!!!*

“Não tem nada além de pilhas nessa geladeira”, disse Bud.

“Nem isso. Nós comemos no café da manhã.”

“Louise está dizendo que está com fome.”

“Não ensinamos essa garota que é feio dedurar?”

“Não culpe a criança faminta.”

“Por que *você* não dá o jantar das garotas, William?”

“Por que o Jim Doherty não dá o jantar das garotas?!”

Catherine sentia falta dos tempos em que se podia bater o telefone no gancho. Apertar um botão – a imagem de um botão, na verdade – não oferecia a mesma satisfação.

Para começo de conversa, Catherine não chamaria a ida ao shopping com o vizinho de encontro. Umas semanas antes, ela tinha passado lá de maneira perfeitamente inocente para devolver algumas correspondências dos Doherty que haviam sido entregues na casa errada. A família vizinha uma caixa de correio estilizada, um galo bordô, sem dúvida uma relíquia do casamento anterior de Jim. Catherine havia pensado em simplesmente deixar a correspondência no galo, mas algo a impulsionou a bater na porta. Nunca tinha pensado muito no vizinho, além de admirar o treliçado dele.

“Catherine!”, exclamou Jim. “Quanto tempo!”

“Algumas das suas correspondências foram entregues pra gente por engano.”

“Ah, você não precisava ter feito isso. Deve ser tudo propaganda mesmo. Estou em tantas listas de endereços. Aparentemente depende de *mim*, sozinho, salvar cerca de uma dúzia de animais em extinção.”

Catherine tinha vislumbrado Myles Doherty lá dentro.

“Conheço um animal que vai entrar em extinção se não voltar pra cama”, gritou Jim por cima do ombro. “O garoto está resfriado hoje. Ou seja, tem prova de matemática.”

“Hah”, respondeu Catherine em vez de rir.

“É bom ver você, Catherine. Você está ótima.”

“É mesmo?”

“E você está com cheiro de coco”, observou Jim Doherty. “Sabia disso?”

“Hã?”

“É natural?”

Catherine então riu de verdade. Imaginou as circunstâncias ambientais ou alimentares que fariam alguém ter cheiro natural de coco.

“Ouvii falar daqueles prisioneiros fugitivos?”, continuou Jim Doherty.

“Sim, uma verdadeira saga.”

“Espero que peguem eles antes que cheguem à fronteira.”

“Não sei. Estou quase torcendo por eles.”

“Como assim?”

“Bom, eles trabalharam tanto pra sair com aquele aparelho. E cadeia é um horror, pelo que dizem e... todo mundo merece uma segunda chance.” Então a voz de Catherine falhou e as lágrimas começaram a escorrer. Ela chorou baixinho na varanda de Jim Doherty. Ele deu tapinhas nos ombros dela.

“Ei, ei. Eu sei do que você precisa. Uma boa xícara de café. A menos que você esteja chorando por odiar café demais.”

Jim a conduziu para dentro. Considerando que aquela era uma casa que aparentemente não via a influência feminina desde o divórcio dos Doherty, era arrumada, agradável e acolhedora. Ele notou a aprovação dela.

“Não posso levar o crédito”, disse Jim Doherty. “A Fernanda acabou de vir.” Ele teve o cuidado de fazer o *r* de Fernanda vibrar. Nunca ocorrera aos

Flynn contratar uma faxineira. Limpeza era um luxo. Como pudim de pão. Jim entregou um lenço de papel a Catherine.

“Você não devia estar indo trabalhar?”, perguntou ela. “Não quero atrasar você.”

“Essa é a vantagem de ser o chefe”, disse Jim. Ele era dono de um pub britânico com temática do século XIX chamado Olive ou Twist. “Faço meu próprio horário.”

Myles Doherty observava Catherine com desconfiança do sofá. Era rechonchudo e cheio de acne. Tinha mais ou menos a idade de Harper. Catherine se pegou torcendo para que Harper não tivesse sido má com ele.

“Café, senhora.”

“Obrigada.”

Ela o seguiu até a cozinha, que estava abastecida com comida e ingredientes para fazer ainda mais comida. Catherine se recompôs. Sorveu o café de uma caneca disforme, com acabamento esmaltado.

“Trabalho do Myles?”, perguntou ela.

“Lógico que não”, desdenhou Jim Doherty. “Fui eu que fiz.”

“Você... ah! É linda.”

“Vou te mostrar uma coisa.”

Jim Doherty então conduziu Catherine para fora da cozinha, atravessando a lavanderia e descendo uma escada estreita até o porão. Catherine se perguntou brevemente, como todas as mulheres fazem da primeira vez que estão a sós com um homem, se ele ia matá-la. O pensamento passou. Jim Doherty puxou o cordão de uma lâmpada pendurada, revelando um pequeno espaço de trabalho: um torno de oleiro sujo, algumas tintas, ferramentas de entalhe, um pequeno forno. Mais canecas disformes, além de tigelas e vasos igualmente disformes secando na parede ao lado.

“É minha paixão, vou dizer o quê?”

“É uma bela prática.”

“Gente como eles não entende gente como nós.” Jim Doherty apontou para o teto, para os subúrbios acima. “Você também é artista. Percebi na hora.”

As palmas das mãos de Catherine estavam úmidas em volta da caneca disforme. Não era reconhecida como artista desde os tempos da faculdade,

quando estudava fotografia, capturando detritos costeiros e fábricas incendiadas e abandonadas, cheias de garrafas quebradas e equipamentos obsoletos. Armazéns à beira-mar destinados a sustentar uma prosperidade econômica que nunca veio. Onde estariam aquelas fotos agora? Em gavetas lotadas, tão abandonadas quanto os temas. Visionárias, o professor dissera certa vez, a lente da câmera dela era como um portal para o futuro. Sem dúvida o fato de terem dormido juntos não influenciara a avaliação que ele fizera do trabalho dela. Outros tempos.

“Faz alguns anos que não sou artista”, admitiu Catherine.

“Só porque o fogo apagou não quer dizer que as brasas não estejam quentes. Só precisam de um pouco...” Jim Doherty soprou contra o pescoço de Catherine, e um arrepio agradável percorreu a espinha dela.

Mais tarde naquela noite, na modesta casa dos Flynn, Catherine ligou a televisão no reality show *As verdadeiras donas de casa de Bagdá*. Fatmi e Saadia estavam discutindo de novo. Mas a atenção de Catherine estava longe. Imaginou Jim Doherty na quadra de squash, de shorts e meias até as canelas, Jim Doherty sacudindo uma coqueteleira, Jim Doherty lançando pedaços grossos de argila no torno. Um impulso tomou conta dela. As brasas estalaram, ganhando nova vida. Ela fechou as cortinas, se deitou no chão da sala, apoiou uma almofada do sofá sob os quadris e enfiou a mão sob o cós elástico da calça de usar em casa.

Catherine sentiu o conforto juvenil de ser compreendida. Jim Doherty a *entendia*. Ela era *vista*. Os dois artistas passaram a se ver com mais frequência depois disso, uma ida ao shopping aqui, uma caminhada pela praça ali. Jim Doherty apontava para a floração dos cardos-marianos que começavam a se abrir pela cidade inteira. Catherine também começou a se abrir. Pela cidade inteira. Cada cantinho fofo virou seu desaguadouro, cada banco de praça, seu confessionário. Na livraria Página Virada, contou a Jim sobre sua relação com a mãe, uma mulher sábia e inflexível que deixou Catherine com tantas perguntas sem resposta, tendo ficado órfã aos quarenta e poucos anos. Ela se desmanchou no mercado Anti Quário falando das agruras da maternidade; tendo tido, em dado momento, três filhas com menos de cinco anos de idade, ela nutria um trauma agudo diante das manias alimentares e dos chliques das crianças – tanto cabelo e

tanto drama capilar, piolhos e franjinhas cortadas em estalactites irregulares, e pacotes inteiros de chiclete emplastados na nuca, e como Catherine negligenciara o próprio cabelo, do qual antes tanto se orgulhava, deixando-o ficar grisalho e rebelde. No Centro de Patrimônio Marítimo – a única instituição de arte da cidade –, expressou seu descontentamento com o casamento, com o fato de que Bud era tão diferente naqueles primeiros dias antes das filhas, de que fora domado pela vida doméstica, embalado numa complacência. Ela não se importaria com as adversidades, com as dores do crescimento, se ao menos pudessem enfrentá-las juntos. Mas o amor que um dia compartilharam parecia distante e inacessível. Bud internalizou o ressentimento dela e se refugiou ainda mais dentro de si mesmo, ainda mais dentro da minivan, para fumar maconha e ouvir música sozinho. Frequentemente se cruzavam na cozinha como estranhos num shopping.

“É pedir demais de uma única pessoa”, dissera Jim Doherty a ela. “Ser o marido estável, o único provedor e o Casanova.”

“Mas casamento é isso.”

“Perdoe minha franqueza, mas você já considerou terceirizar?”

“Terceirizar?”

“Só estou dizendo. É preciso trabalho em equipe.”

Jim Doherty não havia feito nenhum avanço direto sobre Catherine, o que só a excitava ainda mais. Um encostar de joelho, o gesto de tirar de seu rosto um cílio que caíra, um tapinha amigável no braço – qualquer contato humano comum deixava Catherine ruborizada como uma colegial apaixonada pelo vizinho de porta.

“Você não está vivendo”, explicara Jim Doherty. “Você só está sobrevivendo.”

“Eu não estou vivendo”, repetira ela.

“Vou comprar uma água com gás pra você.”

A paixão a galvanizava. Catherine até resgatara a câmera 35mm do Armário da Bagunça, onde havia se aposentado junto com o violão de Bud, um cavalinho de brinquedo, uma máquina de waffles, um conjunto de tacos de golfe. Ela passou um tempo fotografando a cidade. O shopping e o salão de beleza e a loja de artesanato e a loja de iscas e apetrechos de pesca e os homens que fumavam do lado de fora da loja de iscas e apetrechos de pesca e as pessoas no mercado e os cachorros amarrados do lado de fora pelas

pessoas no mercado. Jim Doherty elogiava seu olhar para a melancolia suburbana. Quando se cansou dos temas, como muitas grandes fotografias antes dela, Catherine virou a câmera para si mesma. Enquanto Bud achava esse novo interesse por autorretratos fútil e trivial, Jim Doherty a incentivava. Ele dizia que as fotos eram uma representação crua e honesta de uma mulher, sem retoques e sem medo dos efeitos do tempo, das inevitáveis linhas de expressão e rugas que a maioria das mulheres tentava esconder. Catherine aceitara os elogios, mas, na verdade, tinha bastante medo dos estragos do tempo – comia como uma caçadora-coletora, priorizando alimentos integrais e não processados, e enchia o rosto de sabonetes e sérums feitos para manter a pele na juventude –, e, no entanto, não fazia a mínima ideia de como disfarçar ou manipular digitalmente as inevitáveis linhas de expressão e rugas da idade. Airbrushing lhe parecia um tratamento de cabelo. Photoshop, um lugar para comprar filmes. Mesmo assim, persistiu em seu trabalho, e, com a bênção de Jim Doherty, se tornou *mais* crua, *mais* honesta, se despindo cada vez *mais* até praticamente trocar nudes de bom gosto com o vizinho. Catherine, a Artista, havia posicionado Catherine, a Modelo, por toda a casa da família, usando vários objetos domésticos como adereços. (*Retrato de mulher sobre a mesa de jantar segurando uma panela nº 3* era o favorito de Jim.) Jim Doherty elogiava o trabalho do jeito certo – “Adoro a sombra projetada sobre seu seio esquerdo” – para comunicar que não estava interessado apenas na obra dela, e que ela, Catherine, a Modelo, tinha a atenção dele também.

Catherine realmente chegou a considerar a ideia de um caso antes de decidir pelo “acordo”. A ideia surgiu enquanto assistia ao reality *As verdadeiras donas de casa de Bagdá*. Fatmi, Saadia, Jana e Solaf brigavam e se apunhalavam pelas costas, sim, mas, acima de tudo, tinham casamentos sólidos e saudáveis – tão saudáveis quanto um reality show poderia retratar – com homens escolhidos para elas na adolescência. Seus casamentos não se baseavam em amor ou paixão, mas em valores familiares, qualidades reprodutivas e análise estatística. Isso formava um alicerce firme. A terceirização do prazer delas se restringia a entornar bebidas e fofocar maliciosamente – um caso extraconjugal seria punido por lei –, mas Catherine tinha a mais pura liberdade estadunidense de mudar a estrutura do próprio casamento como bem entendesse. A infidelidade ainda era

errada, um pecado mortal, e, embora Catherine não estivesse em dia com a fé católica, provavelmente era melhor evitar qualquer coisa que fosse precedida por “mortal”. O “acordo” era melhor para todo mundo. Uma brecha moral. Uma saída criativa na vastidão da monogamia. Bud talvez até gostasse também.

“Poli... *o quê?*”, perguntara Bud. Soava como uma doença de pele.

“Acho que isso vai aumentar nossas chances de sobrevivência”, explicara Catherine.

“Comida, água e abrigo vão aumentar nossas chances de sobrevivência”, dissera Bud. “Não transar com o vizinho.”

“Eu quero tentar.”

“Transar com o vizinho?”

“O acordo.”

“É por isso que você está agindo de forma tão estranha?”

“Eu não estou agindo de forma estranha.”

“Você tem pendurado fotos suas nua pela casa inteira. As crianças não querem mais trazer os amigos. E você anda falando como uma diplomata.”

De onde ela tirara aquele jeito de falar? Os dois eram do mesmo lugar.

“Você também poderia se beneficiar do acordo”, disse Catherine.

“Eu não entendi esse negócio”, disse Bud.

“*Divórcio*”, disse Catherine. “Esse é um termo que você consegue entender?”

Catherine bebeu até que os efeitos do álcool permitissem que dormisse. Sozinha na cama deles, pensou em Bud. Todo casal se sustenta graças a uma narrativa, uma espécie de mito pessoal, e o de Bud e Catherine era o do amor jovem e da rebeldia. Ela não conseguia identificar o momento exato em que o mito se dissipou, mas, quando aconteceu, foi como sair de um cinema escuro para a luz de um dia ofuscante. Embora devesse ter sido mais tempo, ela tinha a sensação de que haviam sido jovens durante apenas um verão, no primeiro ano de Catherine fora da faculdade. Foi numa época em que os sinos da igreja da cidade ainda tocavam, compondo, na memória dela, a paisagem sonora do namoro. Ainda que os dois tivessem crescido na mesma localidade, nunca haviam trocado uma palavra sequer até a noite em que Catherine viu a banda de Bud tocando no boteco da cidade, um bar

que desde então se tornara uma cafeteria ou um hotel para animais de estimação – talvez uma mistura dos dois –, mas que naquela época era um bar com copos de plástico, paredes cheias de adesivos, chão pegajoso e um pequeno palco para músicos locais. Catherine mal tinha idade para estar naquele bar de paredes adesivadas e chão grudento quando viu Bud no palco diante de um público de doze pessoas. Tinha desabrochado desde o ensino médio, os cabelos longos e bagunçados. Estava monumental ali em cima com a guitarra, alguns passos atrás do vocalista, que gritava, num microfone defeituoso, sobre a Casa Branca e sua ineficácia política. Embora Bud não parecesse ligar para a atenção da plateia, ele a tinha, sobretudo a dela. Fazia calor, e o cabelo de Catherine grudava no rosto feito um capacete enquanto o gelo derretia no copo. Ela se aproximou de Bud depois do show e disse que tinha gostado do som, num tom casual que dava a impressão de que não tinha gostado tanto assim, e ele agradeceu e então perguntou se ela queria um trago, dizendo que o barman era amigo dele, o que significava que o trago seria de graça, e o trago gratuito era forte e virou dois e depois três e então Bud perguntou se Catherine queria dar um passeio à meia-noite pela marina, e por um instante ela se perguntou se ele a mataria, mas estava feliz demais para se importar. Eles subiram numa estrutura grafitada na beira da água, ele segurando as mãos dela e a puxando até o parapeito de concreto, então se sentaram com os pés balançando sobre a água escura que batia de leve, e conversaram até as bochechas ficarem dormentes de tanto sorrir. Dois jovens locais diante de um mar de possibilidades. Chamavam os outros de “vendidos” e “cordeirinhos” e juravam ser diferentes, embora o que estivessem fazendo – o que estavam começando a fazer – fosse completamente convencional: se apaixonar. Os pais deles tinham feito isso, os avós também, os professores e os vizinhos, os pobres e os presidentes, os boêmios e os religiosos, até os habitantes da própria Bíblia tinham feito isso, mas o amor de Bud e Catherine era diferente porque era deles, e isso o tornava transgressor, dissidente e inefável.

Bud tinha aulas de administração no centro comunitário e trabalhava meio período na fábrica de conservas de atum, aquela onde mutilaram um garoto local. “Dizem que o braço dele acabou triturado e embalado junto com o atum”, Bud contara a Catherine. Enquanto Bud trabalhava, Catherine tomava sol na piscina comunitária, observando as pessoas, a

câmera pendurada no pescoço, e depois do expediente os dois se deitavam na caçamba do caminhão do pai dele, passando uma garrafa de seja lá o que tivessem pilhado do bar do amigo, olhando o céu. Bud fazia Catherine adivinhar: estrela ou satélite. Com toda aquela poluição luminosa, Catherine dizia que era impossível saber, e Bud respondia que pouquíssimas coisas eram impossíveis. Ela o obrigava a lavar a gordura da fábrica das mãos antes de colocá-las dentro dela. Voltava para a casa dos pais depois do toque de recolher, com gosto de suor e bebida barata. Catherine só havia dormido com um outro homem antes de Bud, um rapaz estudioso da faculdade que perguntava *tudo bem assim?* tantas vezes, que a resposta dela mudou. Bud era ao mesmo tempo terno e eletrizante sexualmente. Faziam sexo, de forma descuidada, em praticamente cada canto da cidade. Catherine engravidou no outono. Embora sua criação não tivesse sido tão religiosa quanto a de Bud – cuja mãe era fanática –, ela não conseguia imaginar *não* ter o bebê. Então Bud arranhou um emprego das nove às cinco trabalhando na contabilidade do porto para sustentar os três. Eles se casaram no cartório para que Catherine pudesse entrar no plano de saúde dele e deram uma festa na praça da cidade, para a qual Bud chegou a fazer aulas de dança. Embora o casamento fosse burocrático, Catherine sentia que seria para sempre. A mãe e o pai de Catherine já haviam se separado afetivamente fazia tempo. O pai dormia no quarto onde ficavam o aparelho de exercícios que simulava uma escada e a caixa de areia do gato. A mãe dizia que um filho era a única coisa que se pode amar para sempre. É um amor natural, como amar a si mesma, porque seu filho já esteve dentro de você. Se tivesse comido algumatum contendo o braço daquele garoto local, pensou Catherine, talvez o amasse para sempre também.

Catherine temia que criar um filho fosse impossível, e Bud lhe dizia que pouquíssimas coisas eram impossíveis, e essa não era uma delas. Eles se mudaram para a cidade grande mais próxima, como faziam aqueles que “tinham vencido na vida”. Em um primeiro momento criando Abigail, eles não eram “pais”. Estavam apenas de passagem por aquele lugar em uma jornada muito mais longa. Até que um dia deixaram de estar. Bud ainda se deslocava todos os dias para o trabalho no porto, mas foi obrigado a retroceder por necessidade financeira quando Catherine engravidou de novo. O conforto substituiu a possibilidade. A praticidade substituiu o

princípio. Ser um vendido era melhor para os bebês. Bebês amavam as ovelhinhas. Os pais de Catherine os ajudaram a comprar a casa, uma casa que parecia engolir o estúdio minúsculo que tinham no grande centro urbano. E a casa foi sendo preenchida aos poucos com coisas como cupons e roupas de cama para visitas, em vez de fotografias secando e baseados pela metade. Bud se adaptou. Ele e a pequena Abigail dormiam no sofá, as bocas abertas do mesmo jeito. Talvez Bud ainda fosse uma estrela do rock e tivesse simplesmente desertado para outra banda: sua família. Ele aderiu à nova banda como um membro leal e solidário. Mas às vezes Catherine ansiava por continuar a jornada deles, e de vez em quando fantasiava que seguia sozinha. Depois vinha a culpa – péssima mãe, péssima esposa –, seguida pelo ressentimento, e então um cigarro no quintal. Agora tinham um quintal. O apartamento da cidade não tinha nem janela, só uma claraboia que deixava um único feixe de sol entrar num único cômodo. Um cômodo onde farpas saíam das tábuas do piso cru, e vez ou outra um rato passava correndo. Mobiliário precário feito por amigos artistas, um fogão de uma boca e um berço de segunda mão. Catherine pensava naquele lugar com carinho – a poeira, o macarrão instantâneo, o sexo num colchão sem lençol –, até que o passado se tornou tão vívido que o presente começou a parecer estranho. De onde vinham todas aquelas coisas? Os móveis prontos. Os convites para reuniões de ex-alunos do colégio. Catherine não conseguia se lembrar da última vez em que tinham passeado pela marina. A última vez em que tirara uma foto que não era de uma criança na cadeirinha, com o rosto coberto de cereal. Quando a câmera migrara para o Armário da Bagunça? Sabia que Bud também sentia isso de vez em quando, mas sentia em silêncio. Ele se retraía junto com a linha do cabelo, escapulindo à noite para o carro para ouvir músicas do passado. Eles definhavam sozinhos, em sincronia. Catherine se aprofundava ainda mais nas lembranças. Teriam sido almas gêmeas, Catherine se perguntava, ou teria sido só o verão, só dois adolescentes sentados num quebra-mar? Por causa das discussões constantes dos pais durante a infância, Catherine havia jurado nunca se desgastar com coisas pequenas, deixar para lá assuntos triviais como a posição de um abajur ou um tom de voz irritante. Então Bud e Catherine raramente brigavam. Não brigaram por muitos anos. A passividade se revelou um fardo maior que a raiva. Catherine via seu relacionamento rumando para o

mesmo destino que o dos pais, independentemente da posição do abajur. Pois é, pensou, até minha crise é um clichê geracional. Será que sequer sou capaz de ter um pensamento original?, ela se perguntou, folheando a correspondência certa tarde e se deparando com o nome de Jim Doherty.

Todas as personagens femininas complexas precisavam de conflito e adversidade, pensava Harper. Ela era uma encenqueira sem mito de origem. Nenhum trauma explicava seu tédio, sua inquietação. Não tinha escapado do apartheid nem sido perseguida por causa de sua religião. Na verdade, não se comprometia com religião nenhuma. Sua família suburbana de classe média tinha seus defeitos, mas, no fim das contas, a amava muito. Uma teoria: Harper era inteligente demais para o próprio bem.

“Você é inteligente demais pro seu próprio bem”, dissera a mãe certa vez quando, aos nove anos, Harper, por capricho, começou a estudar para a prova padronizada do distrito. Achava fácil aquilo que os outros penavam para entender. Sabia resolver problemas matemáticos envolvendo funções de x e conhecia as fases da mitose. Se um trem partisse da estação a noventa e seis quilômetros por hora, Harper sem dúvida seria capaz de responder quando chegaria ao desztino. *Leão* está para *corajoso* assim como *Harper* está para *inteligente*.

A precocidade dela a isolava. Para que socializasse de forma adequada, os pais a inscreveram em inúmeros acampamentos, clubes e programas de liderança, cujos panfletos sempre mostravam crianças felizes e bem-ajustadas nadando, cantando ou praticando esportes coletivos, dos quais Harper acabaria expulsa devido às maneiras sutis e criativas com que perturbava tanto as outras crianças quanto a administração.

“Por quê, Harper?”, a mãe tinha se exasperado. “Por que você *atirou cocos* na pequena Carlyle?”

“Porque”, respondeu Harper, “ela disse ‘vai catar coquinho’.”

Harper gostava de resolver problemas quase tanto quanto gostava de criá-los. Ela não acreditava na noção de que algumas coisas eram como eram, sempre tinham sido e sempre seriam. Que o sol se punha cedo no inverno, limitando o tempo disponível para brincar. Que, uma vez fora do tubo, a pasta de dente não podia voltar. As coisas só eram como eram porque ela ainda não tinha aparecido para consertá-las.

“Ela está tentando comunicar que não está sendo desafiada o suficiente”, disse a psiquiatra infantil que viam duas vezes por mês, e de cujos honorários o pai de Harper se queixava duas vezes por mês. “A rebeldia dela vem da falta de estímulos.”

Bud acomodou Harper na sala de jantar, onde rolavam as Conversas Sérias, em vez de na sala de estar, onde rolavam os filmes, os quebra-cabeças e as cabaninhas de travesseiros.

“Você não recebe estímulos suficientes?”

“Como é que é?”, disse Harper.

“Acabei de pagar duzentos dólares para uma mulher me dizer que você não recebe estímulos suficientes.”

“Por esse preço a gente teria comprado quarenta e quatro bolas de sorvete”, disse Harper, sem precisar de tempo para calcular. Ela se referia, obviamente, às bolas do sorvete alternatzivo da Deleite de Anne Frank, uma sorveteria que doava parte dos lucros a uma instituição que combatia o antissemitismo. Era o único estabelecimento da cidade que oferecia uma sobremesa que Harper conseguia digerir.

“Vá fazer algo produtivo”, disse Bud.

“Tipo o quê?”, perguntou Harper.

“Aprenda latim”, disse Bud.

“Tá bom”, respondeu Harper.

Bud, que fora obrigado a aprender latim quando menino, do qual não retivera quase nada na vida adulta, imaginou que essa tarefa manteria sua pequena gênica ocupada por um bom tempo. Harper teve de visitar três bibliotecas diferentes para encontrar um dicionário de latim. O que há de errado com o mundo?, pensou ela. Para cada cinquenta livros eróticos envolvendo monstros, encontrava um sobre latim. Ela frequentou a missa em latim na igreja católica apostólica romana da cidade vizinha.

“Vou precisar de dinheiro pro ônibus”, disse Harper a Bud.

“Quanto é o ônibus hoje em dia?”, perguntou Bud.

“Quinhentos dólares.”

Bud deu a ela uma nota de cinco. Harper aprendeu latim com muita rapidez. Em pouco tempo já conseguia escrever latim de verdade na língua do P, que rabiscava livremente no papel de parede da cozinha.

“Dá pra você parar de fazer isso?”, pediu a irmã mais velha. “Parece que você está possuída.”

E ela estava possuída. Possuída pela resolução de problemas. Ao descobrir a aptidão para idiomas, Harper passou ao russo. Em poucas semanas convenceu os membros de um fórum russo de horticultura a lhe enviar um vaga-lume ameaçado de extinção. Aprendeu um pouco de italiano e convenceu uma loja de grife a lhe mandar uma bolsa caríssima. Não gostou da bolsa. Deixou que o vaga-lume morasse ali. Harper conversava com um persa em situação de rua que vivia na cidade, conhecido como Mendigo Bahman. Ele lhe contou que a vida estava difícil desde que a esposa falecera, e ela ofereceu suas condolências em farsi. A morte era um problema que Harper não conseguia resolver.

As garotas da escola eram cruéis com as esquisitas, desajustadas e excluídas. *Deus* está para *graça* assim como uma *estudante* está para *crueldade*. Então, Harper se conectou com outras desajustadas e excluídas. Aprendeu língua de sinais e passou a andar com as crianças com deficiência auditiva. O clube de Língua Americana de Sinais tinha lanches melhores que os outros. Não que conseguisse comê-los. Tinha dificuldade com línguas altaicas. Pediu na secretaria da escola Filhas Sagradas para mudar a disciplina eletiva de idiomas para o coreano. A mulher no balcão de atendimento disse a Harper que a escola não oferecia coreano, mas que poderia cursar espanhol no semestre seguinte.

“Tão provincianos”, sinalizou ela para a amiga.

Harper aprendeu coreano mesmo assim. Estudava à noite à luz do vaga-lume. Barreiras linguísticas eram um problema a ser resolvido. Então Harper teve um pensamento: e se tudo fosse uma linguagem? O mundo se abria. Música, computadores, correntes elétricas, tranças – a língua franca do cabelo, a fonética das cordas –, tudo era apenas uma questão de comunicação. Harper não tinha um problema de comunicação, como dissera a psiquiatra infantil. Na verdade, a dominava. Talvez pudesse aprender a falar com os animais, com os elementos, talvez em breve Harper conseguisse falar com Deus. Os estudos pessoais se tornaram absorventes. Já não tinha tempo para o oitavo ano, então parou de ir às aulas. Quando a professora pediu uma justificativa por escrito, ela escreveu: “A educação é um sistema de ignorância imposta”, pelo que foi prontamente suspensa.

“É irônico”, disse Harper à orientadora escolar, “que a punição por não ir à escola seja justamente não ir à escola.”

“Como você está se sentindo?”, perguntou a orientadora escolar. Era a única pergunta que tinha qualificação para fazer.

“Como se ninguém me entendesse”, respondeu Harper. O que parecia estranho, porque falava sete idiomas.

Empregando a retórica de párias mais sinistros que vieram antes dela – *ninguém me entende, estou sozinha no mundo, um dia vocês vão ver* –, Harper estava sob forte vigilância na escola Filhas Sagradas enquanto determinavam se a veia rebelde era angústia adolescente padrão ou um sinal de psicopatia precoce. Recomendaram que consultasse a psiquiatra infantil semanalmente. Harper não queria ver a psiquiatra infantil semanalmente e percebia que, mesmo que quisesse, isso colocaria um peso financeiro sobre os pais que poderia afetar negativamente a ela, Harper, na época do Natal.

Harper ficou entediada enquanto estava presa em casa. Leu os livros escolares e as biografias musicais do pai e o diário da irmã e um livro na mesa de cabeceira da mãe chamado *Kama Sutra*, leitura da qual se arrependeu. Deveria haver somente um número limitado de maneiras, pensou Harper, de fazer amor. Ela pegava o notebook de trabalho do pai quando ele dormia e examinava as planilhas no e-mail dele. O pai trabalhava no porto, rastreando e documentando toda a carga que chegava e ficava atracada, bem como o conteúdo desses contêineres. O programa que usava parecia um jogo de computador monótono e rudimentar. Ela gostava de jogos de computador. Encontrou algumas lacunas bem chocantes no trabalho digital de Bud. Parecia que havia cargas inteiras que o pai não havia registrado. Harper nunca tinha pensado muito sobre a ética de trabalho do pai, mas, assim como a da irmã mais velha, parecia envolver um esforço mínimo. Ela pesquisou sobre o Porto Alabastro[®]. O porto movimentava cerca de dois milhões de contêineres por ano, carregando sobretudo produtos industriais da China, como metal, papel e madeira, mas, desde que fora privatizado, não havia registros públicos da carga. Seus olhinhos brilharam ao detectar as primeiras nascentes de um mistério. Podia haver drogas naqueles contêineres, pensou, ou genomas de plantas raras ou cavalos de corrida, armas químicas ou biológicas. Era empolgante imaginar. Ela

podia estar diante de um escândalo de verdade, o conflito e a adversidade que aprimorariam seu caráter.

Ela foi até a garagem, já que Bud vinha passando muito tempo na minivan – o casamento dos pais era um problema que ia ficar para outro dia –, e o conduziu até a sala de jantar, em vez da sala de estar.

“Pai.”

“Filha.”

“Desde a minha suspensão, venho revisando os registros do porto, e só em março e abril você deixou de registrar mais de uma dúzia de contêineres de carga.”

“Estou sendo preso?”

“Você pode estar envolvido em tráfico de alto nível. Provavelmente armas biológicas.”

“Você está me acusando de traficar armas biológicas?”

“Sem intenção.”

“A mamãe disse se vai estar em casa pro jantar?”

“Sinto que você não está entendendo a gravidade da situação.”

Bud suspirou. Na verdade, o computador praticamente fazia o trabalho por ele. Ele era apenas o sistema humano de vigilância, o vigia noturno, o elemento de controle, o contrapeso.

“Eu não disse pra você ir aprender latim?”

“*Ita vero.*”

“*Mortuum flagellas*”, disse Bud.

“Essa eu não conheço.”

“Quer dizer que você está açoitando um homem morto.”

“Se você ao menos olhasse esses documentos de transporte...”

“Menina, você já passou necessidade alguma vez?”

“Não, mas...”

“Eu já falhei em prover alimentação, roupas ou abrigo adequados?”

“Não, *mas...*”

“Isso porque estou fazendo meu trabalho direito.”

“Mas alguma coisa está *errada*.”

“Algumas coisas simplesmente são como são”, disse ele.

“Mas, pai...”

“Vou fazer uma pergunta: você quer estar *certa* ou quer ser *feliz*?” Bud saboreava os raros momentos em que ainda podia transmitir alguma sabedoria. A filha sempre seria mais inteligente, mas ele sempre seria mais velho.

“Estar certa me traz felicidade”, respondeu Harper.

“Querida, meu amor, luz da minha vida, fruto das minhas entranhas, por favor, pare de entrar no meu e-mail de trabalho.”

Bud bagunçou o cabelo da filha. A resposta contrariada dela confirmou que o gesto foi tão condescendente quanto pretendia.

Harper ficou emburrada. Como pasta de dente, uma vez liberada, a curiosidade dela não podia simplesmente ser devolvida para o lugar de onde veio. Mas no dia seguinte, enquanto seguia com a tentativa de resolver os problemas da cadeia logística, encontrou um novo material de leitura sobre a mesa do pai: o folheto de um programa de terapia em um ambiente natural, para onde crianças indisciplinadas eram enviadas e endireitadas por meio de trilhas e círculos de amizade. O desejo de Harper de corrigir a negligência profissional de Bud não chegava nem perto do desejo de evitar trilhas e círculos de amizade. As crianças da foto não se pareciam com as dos folhetos anteriores. Os olhos vidrados e sorrisos forçados diziam *é tarde demais para nós, mas faça tudo ao seu alcance para não acabar estampada num folheto desses você também*. Ela leu e releu o folheto e, apesar da proficiência linguística, não conseguiu processar bem as palavras. *Um lugar para crianças problemáticas*. Ela era problemática? Obstina e cheia de energia – sem dúvida. Pouco cooperativa – talvez. Podia até admitir que era uma *causadora* de problemas – a perita em problemas –, mas, quando virava adjetivo, *problemática* implicava algum defeito de caráter maior, e isso exigia um nível de introspecção para o qual Harper não estava pronta. Em um cômodo ao lado, ouviu a mãe preparar um coquetel vespertino. Talvez todo mundo naquela casa precisasse de um círculo de amizade, pensou. Harper era inteligente demais para o próprio bem e, por isso, para manter o estilo de vida, concordou em abandonar a conspiração e voltar ao oitavo ano, onde começou a ensinar as crianças com deficiência auditiva a jogar vinte-e-um.

Abigail Flynn escurecia as sardas que Deus lhe dera com uma caneta e acrescentava outras, como se manchas tivessem surgido de um dia para o outro, como se tivesse dormido ao sol. Pintava os lábios e contornava as linhas do rosto, maçãs e sobrancelhas, e modelava o cabelo em ondas.

“Você é tão bonita”, dissera a mãe uma vez, como se isso fosse algo ruim. “Envelhecer vai ser difícil pra você.”

Durante a infância e adolescência, diziam com frequência a Abigail que ela poderia ser modelo – talvez não uma *super*modelo, mas uma modelo de catálogos e folhetos, uma modelo que gesticulava em programas de auditório, ou uma modelo que ficava em pé sobre uma plataforma giratória em concessionárias de automóveis. Ela era, sem dúvida, bonita o suficiente para ser uma personagem recorrente numa novela cristã.

A incursão de Abigail pela maquiagem coincidiu com sua incursão pela decepção amorosa. Começou com uma base furtada de uma farmácia, usada para cobrir dois pequenos chupões sob o colarinho engomado do uniforme. Tinham sido deixados pelo primeiro namorado de Abigail, um professor de artes contratado como adjunto na escola Filhas Sagradas. Não era antiético, insistia Abigail, porque naquele semestre ela fazia esgrima. Artes nem sequer era sua matéria optativa. Ainda assim, o relacionamento terminou em desastre: uma reunião revoltada da associação de pais e mestres, seguida pela demissão do professor, um pequeno processo judicial e um longo verão de choradeira para Abigail, que jurou que nunca mais amaria ninguém.

Mas, quando chegou o outono do último ano do ensino médio, Abigail voltou ao balcão de maquiagem, dessa vez para experimentar rímel, depois um blush, depois um produto para dar volume aos lábios, encantada com a forma como fazia incharem os lábios já cheios. Fez um biquinho na foto do anuário. Ao posar, se concentrou na efemeridade do amor, porque achava que a tristeza acrescentava profundidade à sua beleza. Uma revista feminina que a mãe assinava ensinara isso a ela. Todas as modelos faziam biquinho, os olhos escuros, vazios e desesperançados, como se tivessem acabado de voltar de um velório. A aparência física passou a ser cada vez mais importante para

Abigail. Chegou a ensinar as outras garotas a parecerem lindamente devastadas. Sonhava acordada nas aulas, e as notas pioraram. Recebeu uma avaliação baixa num trabalho de escrita criativa porque lhe faltavam personagens femininas complexas. Elas eram bidimensionais, preocupadas apenas com a beleza e a posição social, disse a professora. Mas, se a aparência não era o traço mais importante de uma pessoa, Abigail pensava, por que Deus teria lhe dado tamanho destaque? Ninguém entrava numa sala com a própria personalidade. Ela se perguntava com frequência quais fotos suas seriam postadas on-line por amigos e familiares depois que morresse. Faria biquinhos póstumos.

A beleza de Abigail recebia frequentes confirmações masculinas. Já fora abordada por todos os solteiros do colégio masculino irmão, por alguns rapazes da universidade local, por dois estagiários do departamento de contabilidade do escritório do pai, por um salva-vidas da piscina comunitária, por um amigo por correspondência do acampamento de verão e pelo jardineiro que cuidava da buganvília do vizinho. Abigail não dava atenção a nenhum deles. Ninguém despertara o interesse dela desde o professor de artes.

Abigail conhecera Wes numa festa na cidade grande havia apenas um mês, mais ou menos na época em que Bud se mudara para a minivan. Ela não tinha permissão para ir a festas na cidade, mas a supervisão dos pais havia afrouxado. Entendia que as recentes liberdades sociais estavam diretamente ligadas à crise conjugal dos pais, e por isso não fazia perguntas. Nunca se dera ao trabalho de tirar carteira de motorista, então era levada para todos os lugares pela amiga Tibet. Abigail gostava de ser a passageira. Gostava quando as amigas não a importunavam com detalhes ou decisões. Naquela noite, Tibet comprou raspadinhas no Squeaky Mart e as batizou com bebida alcoólica, e Abigail colocou a cabeça para fora do teto solar como um suricato e observou o Porto Alabastro[®] ficando para trás.

O pai ligara, interrompendo a continuidade da música. Abigail se deu conta de que não sabia muito sobre ele, se parasse para pensar. Não lembrava do aniversário dele nem de como tomava o café. Recusou a ligação.

“É dia de aula”, Bud mandou por mensagem.

“É sexta-feira”, respondeu ela.

“Que é um dia que tem aula”, escreveu Bud, “então esta é a noite de um dia de aula.”

“Não é assim que funciona”, digitou Abigail.

O carro serpenteou pelas colinas até um mirante com vista para a cidade abaixo, cintilando com a vida noturna. Tibet salpicou alguns cristais lilases nas raspadinhas com a precisão de um desarmador de bombas.

Abigail não perguntou que drogas eram nem o que faziam, mas Tibet explicou mesmo assim. Ela as chamava de roxas, uma alternativa às azuis ou amarelas, que eram usadas para estudar. As roxas eram fabricadas para reduzir a população de ratos, mas em pequenas doses davam uma sensação como a de se levantar rápido demais de uma cadeira.

De onde estavam, tinham uma visão nítida da Mansão Alabastro na encosta do outro lado. A Mansão Alabastro parecia uma ruína maia. Os ricos, explicara Tibet, gostavam de morar em casas modernas, mas os ultrarricos frequentemente preferiam viver de forma anacrônica. Paul Alabastro era um bilionário lendário. Filho de Warren T. Alabastro, o magnata do desenvolvimento urbano, o homem por trás do Porto Alabastro[®], e da Barragem Alabastro[®], a da Torre de Conformidade Regulatória Alabastro[®] e da Massa Reticular Alabastro[®]. Enquanto Warren T. dominava o mercado imobiliário, Paul Alabastro atuava no setor de tecnologia, criando um software que registrava toda a carga do porto num banco de dados. Era um empreendimento muito bem-sucedido.

“Ouvi dizer que está dando uma das festas dele hoje à noite”, comentou Tibet.

Ela soubera disso por intermédio do primo, que trabalhava na segurança da Mansão Alabastro. Abigail já ouvira rumores sobre a mansão. Ela fazia parte do mito regional. Diziam que muitas alianças políticas eram firmadas e que negócios eram fechados nas festas luxuosas e clandestinas realizadas ali. Havia também lendas mais sinistras. Alguns diziam que garotas desapareciam naquelas festas – assistentes, funcionárias da limpeza ou alguma convidada desconhecida – e só voltavam ao mundo sob rigorosos acordos de confidencialidade e com grandes somas de dinheiro não declarado. Ninguém sabia ao certo.

“O que você acha que tá acontecendo lá dentro?”, perguntou Tibet.

“Não sei”, respondeu Abigail. “Não tenho visão em 3D.”

“Bom, na verdade, tem sim”, disse Tibet. “Seu pai não trabalha pra eles?”

Abigail deu de ombros. “Trabalha, mas tipo...” Ela levou a mão, plana, bem para baixo, para ilustrar o nível hierárquico de Bud na empresa.

Elas beberam mais um pouco, e logo estavam ligando para o primo de Tibet, implorando, barganhando, suplicando por um convite. Ele disse que as duas eram loucas. Havia senadores que não recebiam convite. Mas elas imploraram – por favor, por favor, por favor –, e ele recusou e elas imploraram de novo – por favor, por favor, *por favor* –, e ele hesitou e elas imploraram mais – a gente faz *qualquer coisa* –, e ele cedeu. Havia um jeito.

“Dê notícias”, mandou Bud por mensagem.

“Estou indo pra casa do seu chefe”, escreveu Abigail.

“Você vai à casa do Allen?”

“Mansão Alabastro.”

As roxas afetavam de forma curiosa a tomada de decisões.

“Abigail, eu proíbo você de ir lá. É perigoso.”

“O que você quer dizer com perigoso?”

Bud não sabia exatamente o que queria dizer.

“Não sei exatamente o que quero dizer. Só faça o que estou mandando”, mandou Bud por mensagem.

“Tá bom, não vou”, respondeu Abigail, e guardou o celular pelo resto da noite.

Então dirigiram até a base de uma grande colina, deixaram o carro e continuaram a pé. A mansão era cercada por um conjunto de câmeras de segurança que as seguiam como binóculos de ópera. As garotas viraram o resto das bebidas, o que as deixou com a língua roxa, exzterminando os ratos internos, e jogaram os copos vazios numa cerca viva. O primo de Tibet as encontrou, e logo elas o seguiam por entre os arbustos das sebes da Alabastro.

“Imagino que senadores não entrem por aqui”, comentou Tibet.

“Ei, Tibet, você não devia mudar seu nome pra China agora?”, disse o primo.

“Não parece que tem uma festa rolando aqui”, observou Abigail.

“O lugar inteiro é à prova de som”, respondeu o primo de Tibet. Era paramilitar, e os olhos dele tremelicavam.

Ele as conduziu por uma entrada de serviço, passou por garçons fazendo um intervalo para fumar um cigarro e as levou ao coração da festa. Lá dentro estava escuro e vazio. As pessoas passavam por elas como espectros sem corpo, como roupas numa esteira de lavanderia a seco. Era efeito das roxas, explicou Tibet, uma característica, não um defeito.

Então um dos espectros se materializou diante delas.

“Esse é meu amigo, Wes”, disse o primo de Tibet. “Ele não fala muito.”

“Como vai?”, perguntou Abigail.

Wes não disse nada. Ela ficou imediatamente intrigada.

“Ele foi um mercenário contratado pra operações especiais”, disse o primo de Tibet.

“Chamam ele de Wes Crimes de Guerra”, sussurrou Tibet no ouvido de Abigail.

“Ele é um animal”, disse o primo, piscando para Abigail. Ela se perguntou o que aquela piscadela significava. Então percebeu que ele não havia piscado. Os olhos apenas tremelicavam. Era assim mesmo.

Wes Crimes de Guerra havia sido dispensado de suas obrigações militares no outono anterior. Agora trabalhava na segurança privada do bilionário da tecnologia, que recebia ameaças de morte diárias de ambientalistas e outros grupos de defesa dos direitos humanos. Wes mexia inquieto no fone de ouvido. Olhou por cima do próprio ombro.

“Está de olho em quê?”, perguntou Abigail.

“Em alguma gracinha”, respondeu Wes.

“Tipo palhaços?”

Wes balançou a cabeça. Não, não palhaços.

“Não sinto minhas mãos, mas de um jeito bom”, disse Tibet.

Ela saiu apressada em busca de celebridades e convidados de alto escalão do bilionário da tecnologia, deixando Abigail e Wes numa sala de visitas espalhafatosa.

“Meu pai é contador do Porto[®]”, disse Abigail. “Então é meio como se a gente estivesse na casa do chefe dele.”

Wes assentiu. Como se já soubesse.

“Então, me conta alguma coisa sobre você”, disse Abigail.

“Hoje é meu aniversário”, disse Wes.

“Sério?”

Wes assentiu outra vez. Abigail duvidava que ele alguma vez fosse menos sério.

“E como você vai comemorar?”, perguntou ela.

Wes deu de ombros.

Abigail não conseguia imaginar um aniversário passando despercebido. No aniversário de dezessete anos, os pais tinham dado a ela dezessete de tudo: dezessete balões, dezessete cupcakes e, apesar da sovinice do pai, dezessete presentes embrulhados com fita amarela. Talvez não tivessem falhado completamente como pais. Ela se sentira um pouco culpada, pelo menos por um instante.

“Uma vez”, disse Abigail, “recebi um cartão de aniversário com a imagem de duas cobras.” Ela explicou que uma das cobras parecia chateada com a outra, enquanto perguntava: *Ei, você comeu meu cupcake?* A outra cobra respondia: *Não*. Mas tinha um calombo em forma de cupcake no meio da longa silhueta serpentiforme. Prova não digerida da traição. Um corpo que não permitia mentir.

Wes Crimes de Guerra escutava enquanto continuava a monitorar a festa. Os convidados trajavam esporte fino e bebiam em taças de champanhe. Um anão tocava piano enquanto uma mulher flexível, de colã, se contorcia em várias poses. A performance era interativa. Um pequeno grupo se reunia ao redor e movia os membros dela ou apalpava seus seios. Abigail achava que a dançarina parecia triste. A noite prometia ser daquelas, mesmo sendo dia de aula.

Um homem de terno de algodão listrado reparou em Abigail e sorriu. Ela corou e desviou o olhar. Alguns momentos depois, ele trouxe uma taça de champanhe para ela.

“Qual é o seu nome, princesa?”, perguntou o homem.

“Abigail”, respondeu ela.

“Muito prazer.”

Abigail apertou a mão do homem. Ele usava dois anéis grandes e pesados.

“Pode me chamar de Dolt”,* disse o homem.

“Esse é um nome de verdade?”, perguntou Abigail.

“Claro que é um nome de verdade. Só não é o meu.”

Abigail pegou a taça.

“Escultura humana”, disse o homem. “Algo sobre como todos nós somos moldados uns pelos outros.”

Abigail assentira educadamente, mas permaneceu rígida e distante, o procedimento padrão diante de investidas indesejadas.

“Então, o que você faz?”, perguntou o homem.

“Depois da escola”, respondeu Abigail, “faço gravações em chaveiros no shopping.”

“Você é menor?”

“Não, Menores é o nome da torcida do time do colégio dos meninos. A torcida do nosso time é a Arbustos Ardentes.”

“Quer dizer, você é menor de idade?”

“Tenho dezessete anos.”

O champanhe espumava nos cantos dos lábios do homem.

“Esta é uma *soirée* exclusiva, mocinha”, disse ele. “Convites são muito difíceis de conseguir.”

Abigail olhou ao redor, pouco impressionada.

“A escassez fomenta o desejo”, continuou o homem. “Isso vale pra festas e vale pra negócios. Como você se infiltrou aqui?”

“Pelos arbustos”, disse Abigail.

“Fomos infiltrados por colegiais”, riu Dolt, encantado. “Eu devia mandar demitir imediatamente quem quer que tenha deixado você entrar às escondidas.”

“Ah, por favor, não”, pediu Abigail.

“Muito bem”, disse Dolt, teatral, “já que você está implorando.”

Abigail começou a perceber que aquela interação não terminaria tão cedo por conta própria.

“Então, os boatos são verdadeiros?”, perguntou Abigail. “Sobre o que acontece aqui?”

“Eu poderia contar”, disse Dolt.

“Mas você teria que me matar?”

“Jamais”, respondeu Dolt. “Isso violaria meu juramento de Hipócrates.”

“Você é médico?”

“Sou muitas coisas: médico, filantropo. Já fui chamado de animal na cama.”

Ela encarou o rosto pontudo dele. Se alguma mulher já o chamara de animal, certamente tinha um roedor em mente. Abigail girou a haste da taça, fina como a cordinha de um balão.

Então Wes reapareceu e se inclinou sobre o ombro dela.

“Não beba isso”, sussurrou, de modo quase inaudível.

Dolt bateu palmas.

“Que tal uma voltinha pra conhecer o lugar?”, propôs ele.

“Outra hora”, disse Abigail.

“É uma oportunidade única na vida. Pra ver como a salsicha é feita.”

Abigail já tinha visto documentários sobre a fabricação de salsicha e outros produtos de carne e, francamente, era nojento. Ela se desculpou com o homem de terno de algodão listrado. Ele franziu a testa, mas não protestou.

“Até a próxima, colegial.”

Ela despejou o conteúdo do copo no vaso ornamentado de uma planta grande, ou talvez uma arvorezinha, e voltou para perto de Wes.

“Você acha que aquele homem colocou alguma coisa na minha bebida?”, perguntou Abigail.

O ex-soldado apenas a encarou.

Wes não usava terno naquela noite. Vestia uma camiseta surrada e calças cargo. Botas de combate que talvez realmente tivessem visto um combate, ao contrário das que os colegas de Abigail às vezes usavam – só para enfrentar poças d’água no caminho para a sala de aula

Tibet e o primo reapareceram.

“Não consigo sentir minhas mãos, mas de um jeito ruim”, disse Tibet. Suas mãos pendiam inertes nas extremidades dos pulsos. “E se nunca mais sentir elas? E se a gente nunca mais fizer uma guerra de polegares?”

“Está tudo bem”, respondeu Abigail. “A gente nunca fez uma guerra de polegares.”

Abigail se perguntou se Wes tinha detestado essa glorificação da guerra. Quando estavam saindo, ele se inclinou para Abigail.

“Talvez a cobra não tenha comido o cupcake”, disse Wes. “Talvez ela só tivesse aquele formato. Talvez fosse apenas um tipo diferente de cobra.”

“Nunca tinha pensado nisso”, disse Abigail.

“Ela provavelmente leva a culpa por esse tipo de coisa o tempo todo”, disse Wes.

Depois da festa, Abigail gravou um chaveiro para Wes no shopping. Dizia *Obrigada pelo seu serviço*. Conseguiu driblar os pais com facilidade para o primeiro encontro com Wes, que foi longo e agradável, embora silencioso. No encontro seguinte, reparou que o chaveiro pendia da ignição do carro dele. Aquilo mais do que bastou como sinal para Abigail: Wes agora era seu namorado. Naquela noite, ou melhor, naquela manhã, o terceiro encontro terminou depois de ele dirigir horas sem rumo, pouco antes do horário em que o despertador para a escola estava programado para tocar. Ela se atrapalhou com as chaves. Tentando não fazer barulho algum, fez mais barulho do que o normal. Conferiu Louise no quarto de Louise. Conferiu Harper no quarto de Harper, que também era o quarto de Louise, porque elas dividiam o mesmo quarto. Os nomes correspondentes estavam pintados acima das camas, identificando uma e outra. Estrelas que brilhavam no escuro cintilavam fracamente sobre a escrivaninha onde Harper vinha estudando códigos de aeroportos, um passatempo recente. Ela chupava o polegar. Dormindo, Harper era só uma criança, vulnerável, consumindo a si mesma, um pequeno oroboros. Abigail ouviu que a televisão havia ficado ligada. Passava reprises de um programa chamado *Universidade do pai*, sobre um pai e um filho afastados que, por uma reviravolta do destino, acabam se tornando colegas de quarto na faculdade. Abigail foi até a garagem, onde o próprio pai dormia na parte de trás da minivan, com a porta aberta. Chegou perto o suficiente para checar se ele respirava. Respirava. Sentiu uma vontade avassaladora de chutá-lo. E chutou. Deu um chute na canela dele.

“Abigail?”, Bud se mexeu. “Você acabou de me chutar?”

“Sim, foi mal.”

“Onde você estava? Está chegando em casa agora?”

“Não. Eu estava em casa, dormindo.”

“Você está com a bolsa na mão. Está completamente vestida.”

“É.”

“Você acordou, se vestiu, pegou a bolsa, veio até a garagem e me chutou?”

“Aham.”

“Estava preocupado!”

“Você parecia preocupado.”

Bud se espreguiçou, esfregou os olhos e ajustou o banco para a posição vertical.

“Por que você dorme com o cinto de segurança afivelado?”, perguntou Abigail.

“Abigail, você não pode passar a noite fora.”

“E por que você simplesmente não vai ficar num hotel?”

“Hotel é caro. Preciso pagar a sua faculdade.”

Ele parecia tão fraco, tão indefeso. Abigail não gostava de ver o pai daquele jeito.

“Quer que eu prepare alguma coisa pra você comer?”, perguntou ele.

“Não temos nada pra comer.”

“Quer que eu peça...”

“Está tudo bem. Vou dormir.”

Abigail não foi dormir. Pegou uma das taças de martíni geladas da mãe no congelador, encheu até a borda com vodca e repôs o que havia retirado da garrafa com água da torneira.

Lavou o rosto. Havia respingos de pasta de dente no espelho – sardas brancas na Abigail invertida. Avaliou o estômago côncavo, se virou de lado e encolheu a barriga para dentro, quase torcendo para desaparecer por completo. Vou mostrar a vocês uma personagem feminina bidimensional, pensou. Abigail preferia ser magra o suficiente para provocar olhares preocupados dos outros pais nos torneios de tênis, mas não tanto a ponto de inibir o desenvolvimento dos seios, que, segundo havia lido, podia continuar até o começo dos vinte anos. Que termo curioso, *perder peso*, pensou ela. Perdido na juventude, o peso podia ser reencontrado mais tarde na vida. Ela conhecia muitas mulheres mais velhas que o haviam reencontrado. Abigail esfregou óleo nas palmas das mãos e passou nos cabelos. “Você é tão bonita”, repetia a voz da mãe na cabeça dela.

Avaliou o crucifixo pregado no corredor, do lado de fora do banheiro, um presente da avó. Quando criança, aquilo a assustava. Tinha pesadelos com o cadáver de Jesus cambaleando atrás dela, braços estendidos feito um zumbi, palmas sangrentas tentando agarrá-la. “Jesus tinha um metro e sessenta”, os pais a consolavam. “Mais baixo que você. E só viveu até os

trinta e três anos.” Jesus nunca teve de lidar com o envelhecimento. Ela se perguntou se ele ganhou trinta e três presentes de aniversário. Trinta e três pães. Trinta e três peixes. Trinta e três milagres. “Você não é tão assustador agora”, disse Abigail a Jesus, erguendo a taça de martíni, segurando a taça como a mãe fazia: pela haste, não pela base, como um narciso recém-colhido. Foi para o quintal, onde ela e as irmãs costumavam fazer correntes de margaridas entrelaçadas às ervas daninhas. O orvalho da manhã já se agarrava à grama. Mosquitos zuniam como o alarme de um detector de fumaça com a bateria fraca. Uma luz tênue brilhava na casa da árvore, onde Louise deixara a lanterna de acampamento acesa. Um gato entrou sorrateiro no quintal. Passava por ali com frequência, mas os Flynn não sabiam a qual vizinho pertencia. Ele se aproximou de Abigail e depositou aos pés dela um tentilhão morto. Ela fez carinho nas orelhas do gato, terminou o drinque e se preparou para ir à escola.

Nota

* A palavra *dolt*, em inglês, pode significar “tolo” ou “idiota”. [N. DA T.]

Louise Flynn sofria do infortúnio de ser a filha do meio. Nunca havia quebrado um osso nem sido confundida com uma celebridade, nunca fizera nada que justificasse uma medalha, um certificado ou uma placa. Não tinha senso de estilo individual. Na escola usava uniforme e, nos fins de semana, as roupas que a irmã mais velha não usava mais. Até Catherine se gabava da facilidade do parto de Louise. Enquanto a irmã mais velha se enroscara num verdadeiro nó umbilical, e a urgência por autonomia da irmã mais nova – quem poderia culpá-la; nove meses ligada a Catherine era coisa demais – resultara numa cesariana de emergência, Louise viera ao mundo em meros quinze minutos. Nem chegou a chorar. Louise não inspirava medo nem admiração em quem a rodeava. Podia jurar que, na última sessão, a orientadora pedagógica havia reprimido um bocejo.

A inclinação da irmã mais nova, Harper, para a violência e o desequilíbrio geral atraíam muita atenção. A irmã mais velha, Abigail, era mais alta, mais inteligente e mais bonita, e, embora Abigail nunca olhasse Louise de cima para baixo – exceto, obviamente, no sentido físico –, o ciúme e a inferioridade fermentavam dentro de Louise. A postura dela era a de um animal antecipando uma ameaça. Não recebia muita validação do sexo oposto. Certa vez, o Mendigo Bahman expressara em voz alta uma fantasia perversa para Louise quando ela passou por ele na praça, mas a garota não conseguia despertar nenhum tipo de atenção libidinal nos rapazes da idade dela. Louise estava presa na própria banalidade. Passara a jogar fora de propósito os garfos de metal junto com os restos de comida ao raspar o prato do jantar, só para sentir uma breve descarga de adrenalina.

Havia algo que era exclusivamente de Louise: um leve distúrbio de fala que as irmãs chamavam de Cugva Laga à Digueita. Isso só aparecia quando ficava nervosa ou frustrada. Descobriram o problema quando, atrasada para o treino de futebol, elas perguntaram de que lado da rua deviam pegar Louise e, atrapalhada, ela respondeu que do lado com a placa onde se lia “curva larga à direita”. Ou melhor, tentou responder.

Na idade de Louise, Abigail fazia cabeças virarem, Jesus transformava água em vinho, e Louise transformava *erres* em *gês*. Isso dificilmente era um traço de caráter.

“Vai até o mural de atividades”, dissera Abigail algumas semanas antes, quando Louise buscara uma orientação social, “e se inscreve em alguma coisa. Qualquer coisa. Depois constrói toda uma personalidade em torno disso.”

Louise foi ao mural de atividades depois da aula: haveria testes para a peça da escola – um musical escrito por alunos, baseado no programa *Universidade do pai*. O padre Andrew organizava uma maratona de filmes franceses na paróquia. A campanha trimestral para consertar os sinos da igreja precisava de voluntários. Havia clube de astrologia, balé, detecção de metais, autodefesa, grêmio estudantil, pintura de natureza-morta, pintura neoexpressionista, Paz no Oriente Médio Através da Pintura, mutirão de limpeza de praia Salve as Focas, aula de culinária de onigui, restauração de armamentos medievais, Aliança pela Abstinência Total, campeonato de xadrez, Chamado à Oração e uma série de palestras com o diretor financeiro de uma organização ambiental que produzia carne a partir de células-tronco. Como Louise poderia saber qual dessas atividades a definiria? Ela arrancou um dos cartazes ao acaso. Era cor-de-rosa, com uma borda ondulada: Concurso de Beleza Interior de Primavera Nossa Senhora das Dores. Perfeito, pensou.

“Não sei, Lou”, disse Abigail. As duas examinaram o folheto.

“O que você não sabe?”, perguntou Louise.

“E se fosse algo mais divertido, tipo... parapente?”

Louise sentiu uma onda de exasperação. “Pagapente?”

“É que concursos de beleza são meio bestas.”

Mas aquele era um concurso de beleza *interior*, pensou Louise. Imaginou garotas sendo julgadas pela mucosa estomacal, aortas imaculadas, órgãos rosados perfeitos. Um figadozinho usando tiara.

Quando Louise chegou em casa naquela tarde, como na maioria das tardes, pegou o notebook coletivo, que toda a família usava, já que ainda não tinha permissão para ter um só seu, e o levou para o quintal, subindo pela escada improvisada até a casa na árvore, onde entrou num servidor privado e

esperou que surgissem na tela novas mensagens de seu namorado canadense, *estequevosfala*. Louise conhecera *estequevosfala* alguns meses antes, numa sala de bate-papo para filhos do meio. Estavam imersos numa conversa teológica sobre um texto religioso esotérico que *este* enviara a ela.

estequevosfala: Você já pensou no que eu disse sobre a lei divina imutável de Deus?

As opiniões de Louise nunca haviam sido tão valorizadas. *Este* era sensível. Um bom ouvinte. Via potencial em Louise. Passava horas imersa nas conversas deles. Muitas vezes era o ponto alto do dia. Ele a lembrava de que a vida valia a pena porque havia coisas que precisavam ser feitas, embora *este* nunca entrasse em detalhes sobre quais eram essas coisas. Não importava. Ela o amava por causa de seus defeitos, e não apesar deles.

LF: minha família consegue ser tão pouco solidária

EQVF: Também fui perseguido pelas minhas crenças.

LF: tô pensando em me inscrever no concurso de beleza da igreja

EQVF: Você se lembra do que eu disse sobre a mitologia profética?

LF: só preciso de uma atividade extracurricular

EQVF: Oração silenciosa.

LF: tlvz seja divertido. tem toda uma cerimônia grande

EQVF: Uma grande reunião de cristãos num só lugar?

LF: é

EQVF: Faça isso.

EQVF: Vou conduzir você à vitória.

Era a aceitação incondicional que Louise tanto desejava. Não estava sozinha no mundo. O ícone de *este* piscava como um batimento cardíaco. Que coisa estranha e singular era estar apaixonada, pensou.

Na noite seguinte, Louise foi à igreja. Uma nuvem espessa e disforme pairava sobre o céu, ameaçando chuva. A umidade deixara seu cabelo frisado e com volume excessivo. O padre Andrew varria o presbitério e falava com a

srta. Winkle, a carola, ou melhor, a srta. Winkle parecia falar animadamente para o padre Andrew enquanto ele tentava varrer o presbitério. A mulher era uma figura conhecida na cidade. Não devia ser mais velha que a mãe de Louise, mas parecia – e parecia que sempre tinha sido – uma senhora idosa. Ela brandia um vaso com uma orquídea enquanto falava. Um gato de rua passou correndo. Os gatos de rua detestavam o padre Andrew porque ele batia palmas estridentes, ao acaso, para matar mosquitos ociosos, produzindo um som percussivo que os assustava. Louise se lembrou de que também havia alguns periquitos rebeldes nas vigas do teto. Um verdadeiro zoológico.

“É só aceitar!”, insistiu a senhorita Winkle.

“Eu não quero aceitar”, respondeu o padre Andrew.

“Vai animar as pessoas”, prosseguiu ela, saindo em defesa da flor. “E não é pra isso que as pessoas vêm à igreja, afinal? Pra dar uma animada?”

“As pessoas vêm à igreja por muitas razões”, respondeu o padre Andrew, “principalmente pra louvar a Deus.”

“Não vejo que mal algumas flores vão fazer.”

“Há uma seção de comentários no site da igreja.”

A srta. Winkle insistiu. “Eu simplesmente não consigo compreender o que o senhor tem contra orquídeas! Os pequenos pincéis de Deus!”

“Estamos tentando manter a flora e a fauna no mínimo”, disse o padre Andrew. “Elas atraem insetos.”

“Eu que o diga. O senhor de fato deveria fazer alguma coisa em relação às moscas.”

Louise poderia jurar que viu o padre Andrew cerrar o punho e em seguida relaxá-lo.

“São mosquitinhos”, corrigiu ele.

“É tudo tão *deprimente* aqui dentro! E já que o senhor não conserta os sinos...”

“Não temos orçamento pra consertar os sinos. Daí a arrecadação trimestral.”

“Já faz mais de uma década”, disse a srta. Winkle. “Deve haver alguma...”

“Desculpe interromper”, interrompeu Louise.

A srta. Winkle e o padre Andrew voltaram a atenção para Louise. A menina achou que o padre Andrew parecia aliviado. Ela puxou o panfleto cor-de-rosa da mochila.

“Eu gostaria de me inscrever no Concurso de Beleza Interior, por favor”, disse Louise.

“Ah”, disse o padre Andrew. “Que ótimo, Louise. Mas, infelizmente, as inscrições já estão encerradas. Já faz um tempo. A primeira fase começa amanhã.”

“Ah”, disse Louise, desapontada.

“Você teria interesse na nossa oficina de instrumentos de sopro? Acabamos de receber a doação de um belíssimo órgão de tubos do século XVI.”

“Não, obrigada, eu só queria participar do concurso mesmo.”

“É que” – o padre Andrew juntou as mãos com paciência –, “como eu disse, as inscrições estão encerradas, e não seria justo com as outras garotas se eu lhe desse tratamento preferencial.”

“Por favor!”, pediu Louise, se surpreendendo com a própria urgência. “Eu preciso fazer isso!”

“Louise...”

A voz dela vacilou. “Eu não posso passar despercebida pra sempre!”

“Tem certeza de que um concurso de *beleza* é adequado pra você, querida?”, a srta. Winkle se intrometeu. “Há duras realidades que nós, mulheres, precisamos enfrentar, e uma delas é que nem todas somos rainhas da beleza.”

Louise e o padre Andrew fuzilaram a srta. Winkle com o olhar. Ela suspirou de forma exagerada e saiu marchando com sua orquídea.

“Venha ao meu escritório”, disse o padre Andrew. Louise o seguiu, fazendo uma pequena reverência diante do crucifixo ao passar.

O padre pegou da mesa uma caneta e um formulário cor-de-rosa. Na caneta estava escrito O AMOR DE JESUS EXPULSA O INFERNO DE VOCÊ.

“Foi um presente.” O padre Andrew pressionou o botão para usar a caneta. “Ganho essas coisas o tempo todo.”

“O senhor vai deixar eu me inscrever?”

“Acho que todos deveriam ter a chance de expressar sua beleza interior.” Ele piscou para a garota Flynn. E imediatamente se arrependeu. Piscar para

crianças sem dúvida constava no volumoso tomo de comportamentos proibidos ao qual a igreja agora obedecia. Só quisera comunicar que entendia Louise. Passar despercebida era algo terrível.

“Obrigada, padre!”

“Nome?”

“Louise Flynn.”

“Idade?”

“Quinze.”

“Altura?”

“Um metro e cinquenta e oito.”

“Afiliação religiosa?”

“Tenho experimentado o fundamentalismo islâmico.”

“Vou colocar *outro*.”

“Tudo bem.”

“Biografia?”

“Louise Flynn tem quinze anos e mora na rua Secundária.”

“Você quer evocar certo *páthos* na sua biografia. Mostrar ao público que superou adversidades e saiu mais forte.”

“Bom, meu pai mora no carro e minha mãe está namorando nosso vizinho.”

“Isso talvez seja moderno demais. Algo do tipo: você caiu do cavalo, mas montou de novo.”

“Eu já peguei salmonela da minha tartaruga de estimação.”

“Certo. Sonho?”

“Tenho um em que estou pegando fogo, queimando viva por autoimolação bem no meio da aula de inglês, e todos os outros continuam fazendo suas coisas, ninguém presta atenção em mim, ninguém para, só continuam fazendo os exercícios enquanto estou queimando.”

“Perdão, algo mais no sentido das suas aspirações pro futuro.”

“Ah! Ganhar o Concurso de Beleza Interior Nossa Senhora das Dores.”

“E algum objetivo de longo prazo?”

“Gostaria de me casar com o amor da minha vida.”

“O amor é um objetivo admirável.”

“E gostaria de ter um carro como o do nosso vizinho, Jim Doherty.”

“Ah, um STX Class.”

“Esse mesmo!”

“E talento?”

“Como assim?”

“Em que área Louise Flynn se destaca?”

“Hum, poderia me dar um exemplo?”

“Bem, Harriet Longhorne vai tocar hinos na flauta doce. E Genevieve Malkov – isso é encantador – vai fazer um presépio com balões.”

Mais uma vez, Louise se viu diante da própria mediocridade.

“Acho que não tenho talento algum”, respondeu.

O padre Andrew escreveu *a definir* no espaço destinado à descrição do talento.

“Certo, vejo você amanhã às quatro da tarde.”

“Eu passei pra próxima fase?”

“Isso é mais uma formalidade.”

“Obrigada, padre! Não vou decepcionar o senhor.”

O padre Andrew se pegou torcendo para que ela de fato não o decepcionasse. Louise saiu da igreja com um novo senso de propósito, justo quando as nuvens se romperam e um temporal começou a cair. Chegou em casa completamente encharcada. Encharcada, mas determinada. Andou pela casa equilibrando uma enciclopédia na cabeça. Encontrou o pai na minivan e pediu quatrocentos dólares. Bud perguntou por que Louise precisava de quatrocentos dólares, e ela disse que precisava comprar um maiô e um vestido de noite.

“Você precisa de um maiô pra um concurso de beleza infantil numa igreja?”

“Isso é totalmente padrão.”

“Não dá pra pegar um emprestado da Abigail?”

“Ela é dez centímetros mais alta do que eu!”

“Nós não temos dinheiro pra vestidos de quatrocentos dólares. Preciso colocar você e suas irmãs na faculdade.”

“Quem vai pra faculdade? A Abigail vai se casar com um ricoço, a Harper vai pra prisão, e depois do ensino médio eu tenho que entregar minha vida a Deus.”

“Entregar o quê?!”

“Isso é *impog...*” Louise se recompôs. “*importante* de verdade.”

“Odeio dizer não pra você, garota, mas é isso.”

Louise se recolheu à casa na árvore. Suas iniciais estavam entalhadas nas vigas de madeira compensada. Formigas se acumulavam nos restos de um balanço de corda. A casa na árvore agora era usada como depósito e estava cheia de objetos antigos da família. Mantas de lã e livros com páginas dobradas, um kit de preparação para terremotos, enfeites de topo de árvore de Natal esquecidos, redes para borboletas e um carrossel de dar corda, a gaiola de um coelho falecido, o aquário de uma tartaruga de estimação falecida portadora de salmonela, uma caixinha de música cheia de dentes de leite, a casa de bonecas onde o rostinho da boneca-Louise descascava com a idade; a boneca-Abigail estava deitada na cama com dossel, e a boneca-Harper ficava na cozinha preparando sopa de barbatana de tubarão. Louise-humana entrou na sala de bate-papo. A descarga de sensações que sentia ao falar com seu doce amado era comparável à de uma droga, supunha Louise. Nunca tinha usado drogas.

LF: vc é o único que me entende

EQVF: Quero que a gente consiga se comunicar melhor.

LF: vc quer dizer falar ao telefone?

EQVF: Não. Quero que você aprenda árabe.

LF: é isso que falam no Canadá?

EQVF: Sim.

LF: tá!

LF: posso te contar uma coisa?

EQVF: Qualquer coisa.

LF: tenho medo de que pareça trivial

EQVF: Nossa vida principal ainda não começou.

LF: hm tenho medo de não ser bonita o suficiente pra um concurso de beleza

LF: e que as pessoas riam de mim...

EQVF: A beleza não está no seu rosto.

LF: sei. tá dentro de mim

EQVF: Não. A beleza está na sua dedicação a Deus.

LF: ah

Para o jantar, Louise comeu uma manteiga de amendoim de nove anos de idade que o pai guardava no kit de preparação para terremotos e adormeceu sobre um saco de dormir velho. Já se sentia mais preparada. Ela se enroscou ao lado do notebook e sentiu *este* ao seu lado. Não eram atormentados pela realidade. Perguntas como *O que ele está pensando?*, *Ele lavou a louça?*, *Será que algum dia vamos nos encontrar pessoalmente?* não importavam para eles. O relacionamento era perfeito em sua simplicidade. Louise acordou com Abigail a cutucando com uma régua.

“Ninguém mais nessa família dorme dentro de casa?”, perguntou a irmã mais velha.

Abigail estava com o uniforme da escola, mas parecia não ter dormido. Ultimamente andava saindo com um garoto novo. Louise bateu a tampa do notebook coletivo, fechando o equipamento com força.

“Por que você acabou de fechar o notebook desse jeito?”, perguntou Abigail.

“Não sei.”

“Você estava vendo pornô ou alguma coisa do tipo?”

“Sim.”

“Não acredito.”

“É verdade!”

“Ontem à noite você subiu na casa da árvore pra ver pornô e acabou dormindo.”

“Uhum.”

“Que pornô você estava vendo?”

“Hum.” Louise olhou em volta.

“Você não estava vendo...”

“Casa de bonecas sensual!”

“Casa de bonecas sensual?”

“É, tem essas bonecas em tamanho real e elas ficam tipo...”

“Eca, para!”

“Você que perguntou!”

“Tá bom, pervertida”, disse Abigail. “Hora da escola.”

Louise foi na secretaria da Escola Preparatória Filhas Sagradas e perguntou se podia mudar a disciplina optativa de língua para árabe. A mulher do balcão de atendimento disse a Louise que a escola não oferecia árabe, mas que ela poderia cursar espanhol no semestre seguinte.

O dia se moveu a passos de tartaruga. Depois da última aula, Louise voltou para a igreja, onde Harriet, Genevieve e outras dez garotas se reuniam, se arrumando com estojos de maquiagem e cuidando dos cachos grossos em espiral. Louise alisou os vincos da saia xadrez plissada e avaliou a concorrência. Entre as possíveis Miss Nossa Senhora estava a britânica Ellie, de longe a garota de quinze anos mais impressionante da cidade. “Quinze com cara de vinte e cinco”, como Catherine costumava dizer. Havia também Casper, a única lésbica do segundo ano do ensino médio; Melkorka, parcialmente surda; Pepper, a órfã cujos pais morreram num incêndio químico – garantia de voto por simpatia – e Josephine, cujos avós faziam doações trimestrais para o fundo de arrecadação do sino da igreja. Louise estava cansada de ser mediana. Se não podia ter uma beleza profunda, interior ou exterior, não poderia ao menos ter herdado uma fortuna ou ter uma deficiência relevante? O padre Andrew instruiu as garotas a recitarem o Juramento à Bandeira, seguido do Pai-Nosso. Os olhos de Louise saltaram da bandeira para o peito de Carlin McCalister, onde, como se da noite para o dia, um seio havia se desenvolvido significativamente mais rápido que o outro. Carlin McCalister parecia prestes a tombar.

Uma a uma, as possíveis rainhas da beleza cantaram, sapatearam ao estilo irlandês, rodopiaram bastões e ventriloquizaram bonecos para contar histórias bíblicas. Celeste aplicou uma maquiagem completa sem olhar no espelho. Betsy pulou corda dupla e Greer cantou iodelei até que a fila se reduzisse a Louise, que subiu ao palco sem nenhum acessório.

“A seguir”, anunciou o padre Andrew, “temos Louise Flynn, que mora na rua Secundária.”

Louise ficou tão ereta que parecia ter quase um metro e sessenta de altura.

“Como meu talento”, disse Louise, “vou prender a respiração.”

Algumas garotas riram.

“Como é que é?”, perguntou o padre Andrew.

Depois de fazer um inventário de si mesma, Louise percebeu que afinal tinha um talento: a privação de ar. Conseguiu prender a respiração por mais de dois minutos, mais tempo ainda se sucumbisse ao desmaio. Louise sempre buscara a imobilidade absoluta, suspendendo temporariamente a subida e descida natural do peito em busca da postura inanimada. “Louise, você me assustou” era quase um bordão na casa dos Flynn. “Louise, não ouvi você entrar.” “Louise, há quanto tempo você está aí parada?” Quinze anos, pensava Louise. É esse o tempo.

Ela puxou uma longa lufada de ar, expandindo os pulmões ao máximo, inflando exageradamente as bochechas e apertando o nariz entre o polegar e o indicador.

“Louise, isso é bastante incomum”, disse o padre Andrew, mas a plateia estava extasiada.

Os primeiros trinta segundos foram uma moleza. Silêncio, um silêncio adorável, varreu a sala. Silêncios não deixavam Louise desconfortável. Ela se deleitava com silêncios. A dor só começou por volta do primeiro minuto, e mesmo assim era suportável, familiar – motivadora. Se doía, então estava fazendo certo. O conhecido lema dos exercícios, *sinta a queimação*, lhe veio à mente.

O peito começou a doer com um minuto e meio. Louise jurou ouvir o público respirando mais forte para compensar. Fora isso, a sala permanecia em silêncio absoluto.

“Louise Flynn”, disse o padre Andrew, “preciso insistir pra que você respire agora.”

Mas ela não respirou. Louise sentia os olhos saltarem. Por dentro, tudo nela se revoltava. Ela resistiu, tremendo.

“Dois minutos!”, gritou uma das garotas.

“Vai, Louise!”, incentivou outra.

“Pare com isso agora mesmo”, disse o padre Andrew.

A visão vacilou e depois embaçou. Finja que está debaixo d’água, disse a si mesma. Finja que respirar não é uma opção. Remover por completo a escolha eliminava a fadiga da decisão – respirar ou não respirar.

“Dois minutos e trinta e cinco segundos!”, anunciou outra candidata, a que usava estrelinhas brilhantes no cabelo.

A mão de Louise caiu do nariz, exausta, mas ainda assim ela não respirou. A sala da igreja não estava escurecendo como a expressão *apagar* poderia sugerir, ao contrário, estava inundada de luz. Quase inteiramente esmaecida por ela. O ato de se concentrar naquela claridade trouxe algum conforto a Louise, um alívio para os pequenos pulmões doloridos. Deixou-se absorver por aquela luz.

“Três minutos!”, gritaram as garotas.

“Louise Flynn, comece a respirar agora mesmo!”, se ouviu a voz de padre Andrew.

Louise já não conseguia mais ver o padre, nem as garotas, nem a igreja, nem o palco. Imaginou o jornal local elogiando a força de vontade dela. Pela primeira vez, Louise seria reconhecida pela grandeza, desafiando aquilo que as colegas não conseguiam. Privação era um talento, uma habilidade, uma prática. Ela era uma artista, e o dióxido de carbono era seu meio de expressão. Enquanto as outras garotas respiravam, Louise *não respirava*. Ela era a melhor em *não* fazer. Era um buraco negro. Seu conteúdo era a falta.

“Três minutos e trinta segundos!”, disseram as garotas.

“Senhorita Flynn!”

As garotas apertavam as marionetes e os patins e as cordas de pular. Ela seria uma lenda. Estrelas não precisavam de oxigênio para produzir luz. Ou precisavam? Não tinha estudado astronomia. Louise caiu de joelhos e perdeu a consciência.

Na manhã seguinte, uma lista de nomes, cinco, estava pregada no mural de atividades. A lista das que avançariam para a próxima fase do Concurso de Beleza Interior Nossa Senhora das Dores. Uma lista que não incluía o nome Louise Flynn.

Louise saiu da escola exatamente às três da tarde, caminhou até a igreja, bateu à porta do escritório do padre Andrew e, quando ele não respondeu, entrou mesmo assim.

“Louise?”, perguntou o padre Andrew. “Você se importaria de voltar durante o horário de atendimento?”

“Carlin McCalister é finalista!”

“Das quatro às seis, de segunda a sexta-feira. Está escrito na porta.”

“Eu fiz a melhor apresentação da tarde, e o senhor sabe disso.”

“Senhorita Flynn, horário de atendimento.”

“Isso é porque minha irmã começou aquela história do padre Gayworth? Eu não perpetuei isso de forma alguma.”

“Não estou punindo você, Louise.”

“Acho que está, sim.”

O padre Andrew tirou os óculos e olhou para a menina. “Aquilo que você fez foi uma façanha e tanto.”

“Obrigada.”

“Levar a si mesma ao desmaio não é um talento aprovado.”

“Onde está escrito no regulamento que tenho que permanecer consciente?”

“Acho que seu tempo e suas habilidades seriam melhor empregados em outro lugar. Viu que vamos organizar uma limpeza na praia?”

“Quero ser Miss Nossa Senhora das Dores.”

“Talvez no ano que vem.”

“O senhor sabe o que ser rejeitada num concurso de beleza faz com uma jovem?”

“Isso não tem nada a ver com sua aparência física. Miss Nossa Senhora das Dores não é apenas um título. Ela deve ser um pilar da comunidade. Alguém que emane os valores da igreja e ajude os necessitados.”

Louise sentiu a chegada de emoções que atrapalhavam sua fala: dor e fugustagação. Ela se recompôs.

“O senhor não acha que sou um pilar da comunidade?”

“Acho que você é alguém que precisa de ajuda.”

“O peito da Carlin é completamente assimétrico.”

“Modos.”

“Se a Carlin ganhar, então o pilar da comunidade vai ficar meio desequilibrado, só isso que estou dizendo.”

“Você conversa com alguém regularmente?”

“Tipo, alguém em geral?”

“Tipo um terapeuta.”

“Não.”

“Quero que saiba que minha porta está aberta pra você.”

“De segunda a sexta-feira. Das quatro às seis.”

“Precisa que o transporte da igreja leve você pra casa?”

“Sou capaz de godá pogaí com minha bicicleta.”

Louise deixou o controle escapar e sentiu as lágrimas lhe queimarem os olhos. Quase tinha conseguido atravessar uma interação inteira sem tropeçar na própria língua. Ao sair do escritório do padre Andrew, lembrou que *este* dissera que a beleza estava na devoção a Deus. Olhou para o mosaico da Virgem Maria aflita na parede da capela. Louise chorou. Maria chorou. Louise caminhou até em casa e juntou duas tortinhas Pop-Tarts de morango. Subiu para a casa da árvore com o notebook debaixo do braço. *Este* a aguardava on-line. Seu último resquício de esperança. Ela queria saltar para dentro da tela e existir com ele no éter.

EQVF: Você conseguiu?

LF: não. não passei

EQVF: Blasfêmia.

LF: me sinto tão sozinha

EQVF: É cristão virar as costas para os fracos?

LF: sl

EQVF: Sua família abandonou você.

EQVF: Sua religião abandonou você.

EQVF: Você quer um lugar seguro para chamar de lar.

EQVF: Aceitação e companheirismo.

EQVF: Você pode conseguir isso. Podemos construir isso.

EQVF: Juntos.

LF: como?

EQVF: Você consegue manter isso em segredo, Louise Flynn?

LF: sim, prometo

EQVF: Não desperdice meu tempo com dúvida ou hesitação.

LF: não vou!

EQVF: Você precisa seguir minhas instruções com cuidado.

EQVF: Se tiver sucesso, você será amparada.

EQVF: Aqui e no céu.

EQVF: Vamos vingá-la.

LF: eu faço qualquer coisa

EQVF: Primeiro. Você consegue ter acesso a alumínio e perclorato de potássio?

O gerente do gerente de contas e sistemas, o chefe de Bud, segurou Bud até depois do horário certa tarde. Embora não fosse exatamente depois do horário; Bud é que vinha saindo mais cedo.

“Bud.”

“Allen.”

“Céu nublado.”

“Pois é.”

“Parece que pode chover.”

“É a estação das chuvas.”

“Viu as últimas sobre essa fuga da prisão?”

“Sim, senhor. Fascinante.”

“Ainda não pegaram eles.”

“Não, senhor.”

“Então vou direto ao ponto”, disse o gerente do gerente de contas e sistemas. “Bud, a equipe está preocupada.”

“Com a fuga?”

“Não, com você. Como posso dizer isso com delicadeza? Você tem estado... distraído.”

O pescoço de Bud estalou de um jeito desconcertante. A minivan vinha cobrando seu preço. A mente dele divagava. Se a esposa não estava trabalhando nem cuidando das filhas, Bud se perguntava o que ela poderia estar aprontando durante aquele período de não monogamia não consensual. Será que não podia encontrar Deus, como a mãe dele? Encontrar qualquer coisa, na verdade. Fazer velas, catar cogumelos, degustação de vinhos, talvez. Já gostava disso mesmo. Ele se lembrou de um programa sobre um psicopata desequilibrado que mantinha a esposa acorrentada ao aquecedor da parede enquanto ia trabalhar. Bud se perguntou se a esposa do psicopata tinha sugerido dormir com o vizinho.

“Distraído?”, perguntou Bud.

“Distraído.”

“Ah.”

“A equipe teme que haja algo comprometendo seu desempenho no trabalho.”

“Algo?”

“Como posso... Tem alguma coisa acontecendo em casa que possa estar comprometendo seu desempenho no trabalho?”

“Não, não tem nada acontecendo em casa.”

“Certo, então vamos revisar seu formulário de saúde mais recente.” O chefe de Bud puxou uma pilha de papéis, presumivelmente o formulário de saúde mais recente de Bud. “Flynn, vírgula, Bud. Gênero: masculino. Raça: caucasiano. Estado civil: você escreveu *esposa está transando com o vizinho*.”

“Podia jurar que tinha sonhado com isso”, disse Bud, fazendo uma careta. “Mas meu casamento não está comprometendo meu desempenho no trabalho.”

“A equipe discorda.”

O gerente do gerente de contas e sistemas ofereceu a Bud uma série de folhetos. “Alguns materiais informativos sobre programas locais que nós – que *eles* acham que serão benéficos pra você, aprimorando assim seu desempenho no trabalho.”

“Alcoólicos Anônimos?” Bud folheou o material. “Allen, não sou al...”

“Qualquer um dos programas serve.”

“Recuperação Face a Face, Sociedade SOS, Gestão da Motivação, Aliança Não Estou Sozinho, Imersão em Intimidade, Cura Holística, Linha da Vida para Reinvenção Secular, Nova Esperança para Mulheres, Ovelhas Desgarradas Orientação Cristã. Allen, alguns desses aqui parecem seitas.”

“Você não estava indo embora, estava?”

“Não.”

“Porque ainda são três da tarde.”

“Ovelhas Desgarradas parece interessante.”

“Excelente.”

Bud não podia perder o emprego de gerente de contas de nível intermediário. Todo mês se preparava psicologicamente para conferir o saldo bancário, e tinha começado a prestar atenção em toda aquela conversa sobre o encolhimento da classe média. Tendo fracassado como astro do rock, Bud Flynn não podia fracassar como gerente de contas. Tinha que admitir que,

se fossem colocados num gráfico, seus níveis de entusiasmo haviam despencado nos últimos tempos. As emoções de Bud tiveram um ano notavelmente ruim e não davam sinais de recuperação. Não era uma apatia relativa ao trabalho em particular. Ele sentia pouco entusiasmo por comida, esportes, música, pores do sol – coisas das quais antes extraía muito prazer. Ultimamente sequer conseguia arranjar uma fantasia elaborada para se masturbar e, em vez disso, com alguns movimentos sem graça, se aliviava olhando para a página central de uma revista masculina, o par de peitos ostentados pela Miss Julho.

Quando Bud estava com níveis mais altos de entusiasmo, às vezes assistia aos vídeos amadores que as mulheres agora pareciam colocar na internet, até que esse conteúdo passou a ser pago. Para evitar deixar um rastro digital perverso, Bud passou a depender da própria mente para o prazer, retornando a um subconjunto de devaneios eróticos, excitantes justamente por seu tabu absoluto. Mesmo depois de três filhas, sua esposa era, como diria uma revista masculina, um dez de dez, um arraso total, lisa e magra e definida, mas com mais carne onde importava. Ainda assim, Catherine e mulheres como Catherine nem sempre aguçavam o apetite mais primitivo de Bud. Para se excitar, excitar de verdade, Bud voltava sempre a um cenário específico, estrelado por uma mulher fictícia específica: rechonchuda e sem graça, de modo algum uma candidata a garota do calendário, pelo menos não neste século. A cena era assim: a mulher é despida por uma sala cheia de homens jovens, atléticos e, no geral, parrudos, até ficar apenas com as roupas íntimas cafonas e gastas. No começo, ela fica envergonhada e tenta esconder o corpo, as várias dobras, a flacidez e as veias desagradáveis, mas, à medida que a cena avança e os homens a cobrem de fervor sexual, a mulher sem atrativos ganha vida. Por fim, é libertada do sutiã ortopédico enquanto garanhões, de cinco a sete deles, se revezam chupando, esfregando e, por fim, penetrando no meio de suas pernas arqueadas, até que a mulher e Bud atingem o clímax em uníssono. Embora a cena variasse em duração e figurino, o verdadeiro ponto decisivo era o que a mulher gritava no momento do orgasmo – sempre: “Obrigada!” A gratidão dela, era isso que funcionava para Bud. Uma afirmação educada de que aquela era a liberação que ela tanto desejava. Não valia a pena, ele achava, examinar mais a fundo aquilo que atraía Bud para a libertação de uma mulher pesada e de meia-

idade por meio do prazer sexual. Mas todas as vezes a explosão dela o levava a sujar mais um pano de prato, enfiá-lo na lixeira mais próxima e mudar depressa o canal da mente para algo banal e inocente. Ajustar a temperatura do aquecedor de água ou lembrar o nome do cônjuge de algum parente.

Mas Bud não dirigia um de seus pornôns mentais havia bastante tempo. A fantasia começara até a parecer um pouco triste. A mente dele já não conseguia se manter confinada à safadeza do momento, e em vez disso seguia a mulher imaginária e sem graça pelos dias seguintes. Como ela era? Como se sentia em relação à cena depois da transa? Voltava a um estado de vergonha? Tinha sido paga pela experiência? Seus amigos e vizinhos ficariam sabendo? Era realmente grata ou aquele desabafo era apenas performático? Estava mergulhada em uma expansão saudável de sua zona de conforto ou fora pressionada a entrar no universo grosseiro de Bud? E quanto aos ganhões, cinco a sete deles? Qual era seu grau de envolvimento voluntário? Eram atores adultos ou apenas universitários que se viram numa situação estranha, como os jovens tantas vezes se veem? Ridículo, claro, já que nenhuma dessas pessoas existia fora da mente de Bud, mas era assim que as coisas funcionavam naqueles dias, então ele pôs os ganhões e a mulher para descansar.

A igreja Nossa Senhora das Dores parecia uma estação de trem em horário de pico. Grupos se aglomeravam em todos os cantos, rezando e comendo e improvisando e praticando artes marciais. Havia gatinhos para adoção e tortinhas à venda. Recolhiam-se doações para os sinos da igreja, perpetuamente avariados. Bud levou um momento para identificar o grupo Ovelhas Desgarradas. As Ovelhas Desgarradas eram conduzidas pela srta. Priscilla Winkle todas as segundas e sextas-feiras. Bud conhecia a srta. Winkle meio que de vista desde a juventude, tendo ambos crescido na cidade, mas nunca tinha chegado a se entrosar com ela de fato, presumindo que fosse, como a mãe dele, uma fanática religiosa, e achando melhor evitar todas as mulheres que tivessem algo em comum com a mãe. Sabia, pelas fofocas que circulavam, que passara por dificuldades. O marido a deixara sem renda alguma e com uma criança com deficiência cognitiva. Mas o que Bud poderia ter feito? Mandado um cartão? A filha da srta. Winkle estava sentada em um dos bancos, colorindo, a cabeça balançando dentro de

abafadores de ouvido de estande de tiro. Ela coloria a mesma forma repetidas vezes, espirais profundas e sombrias. O nome dela era Perry, e usava uma plaquinha de identificação com o nome e o endereço de casa, porque Perry tinha tendência a se afastar e se perder. Não precisava da plaquinha. Todo mundo sabia onde Perry morava. De quem era filha.

Bud, em particular, gostava de se achar superior aos caipiras da cidade porque havia ido embora, ainda que por pouco tempo, e experimentado o mundo fora daquele raio de vinte quilômetros. No entanto, ali estava ele. A srta. Winkle esbarrou em Bud, quase derrubando a bandeja de biscoitinhos de açúcar, chá e panfletos religiosos equilibrada precariamente sobre o braço, à maneira de uma garçonete.

“Me desculpe!”, disse a srta. Winkle.

“Não se preocupe”, respondeu Bud.

“Sou tão desajeitada”, lamentou ela.

“Sério, está tudo bem”, disse Bud.

“Vivo derrubando as coisas. Como você acha que a Perry acabou ficando assim?”

Bud deve ter parecido chocado.

“Estou brincando! Foi uma piada de mau gosto. Ela nasceu assim, óbvio.”

“Ah! Não, que ótimo. Adoro fazer piada com violência contra crianças. Só imaginei que, com a sua ligação com a igreja e tudo mais, a senhora não brincasse com violência contra crianças.”

“Na nossa situação, é preciso ter senso de humor.”

A srta. Winkle ofereceu a Bud um biscoitinho de açúcar em forma de pomba.

“Uma pomba”, disse a srta. Winkle. “Pra reconciliação.”

“Certo.”

Bud aceitou graciosamente a pomba da reconciliação.

“Fico tão feliz que tenha decidido se juntar a nós, senhor Flynn. Não somos como os outros grupos de autoajuda”, sussurrou ela. “Fazemos um piquenique na Sexta-Feira Santa, e preparo minhas famosas costeletas Ovelhas Desgarradas.”

Bud tentou sorrir. Periquitos grasnavam nas vigas do teto da igreja. Bud certa vez ouvira dizer que araras escolhem um único parceiro para a vida

toda. Aquilo lhe pareceu francamente vergonhoso. Até os pássaros tinham relacionamentos melhores que o dele.

“Formem um círculo, pessoal!”, gritou a srta. Winkle. O grupo se acomodou em cadeiras dobráveis. Bud examinou o círculo: havia a mulher de pigmentação estranha na pele, que às vezes via no mercado; um pai divorciado que conhecia da escola das filhas; um homem com tatuagens nos braços simbolizando ideologias conflitantes; uma mulher mais velha de aparência hostil; uma adolescente obesa com orelhinhas de gato no capuz do moletom. Bud mordeu o biscoitinho. A mulher mais velha e hostil lançou um olhar fulminante na direção dele.

“Abençoi-nos, ó Senhor, por estas Tuas dádivas que estamos prestes a receber por vossa generosidade”, disse a mulher. “A gente diz isso antes de comer.”

“Desculpe”, disse Bud.

Ele já tinha começado mal naquela espécie de seita em que tinha se metido.

“Como sempre, começamos com uma respiração profunda”, disse a srta. Winkle. “Inspira. Expira. Permaneçam nos seus corpos.” Bud se pegou imaginando para onde mais poderia ir.

“Vamos dar as boas-vindas ao mais novo integrante do nosso grupo: Bud Flynn. Podemos todos dizer olá para o Bud?”

“Oi, Bud”, disse o grupo.

A adolescente obesa sorriu.

“Funciona assim”, continuou a srta. Winkle. “Cada membro do grupo participa. Cada membro contribui. Usamos todas as partes da ovelha desgarrada.”

“Hum”, disse Bud. “Eu posso trazer lanches.”

“Que generoso”, disse a srta. Winkle, “mas o Kimble já vai trazer lanches na semana que vem, não é, Kimble?”

“É, vou trazer lanches”, confirmou Kimble.

Bud percebeu, ao se virar para ele, que Kimble tinha dois curativos formando um X sobre o olho esquerdo.

“Bud, isso é uma palheta de violão no seu pescoço?”

Com um movimento rápido, a mão dele foi até o colar, um presente de Dia dos Pais da filha mais velha.

“Você toca?”

“Tocava.”

“Então está decidido”, disse a srta. Winkle. “Na semana que vem, o Bud vai trazer o violão e tocar alguma coisa pra nós.”

“Ah, por favor, não...”

“Por que você não começa, Bud?”

O grupo olhava para ele com expectativa. Mãos cruzadas no colo.

“Não sei como, na verdade”, disse Bud.

“Você sabe qual é a frase que se repete mais de trezentas vezes na Bíblia?”, a srta. Winkle perguntou.

“*Não te deitarás com teu irmão?*”

“*Não temas.* Por que você está aqui, Bud?”

“É exigência do trabalho, como mencionei ao telefone.”

“Mas por que você está aqui *de verdade*, Bud?”

Bud levou a mão à gravata para afrouxá-la e percebeu que não estava usando gravata. A garganta ficou seca. Fazer apresentações em palcos de bares cheios de estranhos era brincadeira de criança perto daquilo. E ele era especialista, tendo presenciado pelo menos três competições de danças da cidade.

“Acho que... estou tendo alguns problemas no meu casamento.”

“Poderia explicar?”, incentivou a srta. Winkle.

“Prefiro não”, disse Bud.

“Lembre-se, este é um espaço seguro”, disse a srta. Winkle.

Uma das Ovelhas Desgarradas cuspiu em um copo. Bud golpeou o ar com a mão. Era impressão dele ou havia muitos mosquitos na igreja?

“O grupo Ovelhas Desgarradas tem a ver com o poder de cura por meio da escuta”, explicou a srta. Winkle. “Você conduz. Nós ouvimos.”

“Não sei pra onde, ahn, conduzir vocês”, disse Bud.

“Especificamente”, disse a srta. Winkle, “quais problemas você está tendo no casamento?”

“Especificamente”, disse Bud, “minha esposa está transando com o Jim Doherty.”

O círculo olhou para Bud, em silêncio. Algumas gargantas pigarrearam.

“Estou percebendo raiva”, disse a srta. Winkle.

“Engraçado, geralmente pulo a raiva e vou direto pra depressão”, disse Bud.

“O humor é um mecanismo de defesa comum. Mas, por baixo dele, noto que você está sentindo ciúme, com suas duas faces da fúria e do ressentimento”, disse a srta. Winkle.

“Aham...”

“*O amor é o alicerce sob meus pés, o castelo em que vivo*, Salmo 18”, a srta. Winkle disse. “Quando você começou a notar essas rachaduras no seu castelo do amor, Bud?”

Bud dificilmente chamaria aquilo de castelo. O amor deles era mais como um mercadinho de bairro, abastecido com o essencial, nada em excesso. Quando? Bud não fazia a mínima ideia. O casamento vinha se arrastando como sempre. Claro, em retrospecto, havia pequenos indícios de descontentamento – Catherine vandalizando seu exemplar de *A vida não examinada* para escrever *A ~~vida~~ esposa não examinada*, por exemplo, mas isso era só o senso de humor enigmático dela. Ela sugerira duas vezes que procurassem terapia, mas quem tinha dinheiro para frivolidades tipo saúde mental? Não ele, quando as filhas precisavam constantemente de comida, abrigo, roupas íntimas e psiquiatras. Sim, Bud uma vez ouvira Catherine ao telefone com uma amiga comparando-o a um peso de chumbo que a arrastava para um mar escuro e cavernoso. E sim, depois de sua recusa terapêutica, houve um período de distanciamento – Catherine passara a ficar mais tempo sozinha, adormecendo no sofá enquanto assistia ao reality *As verdadeiras donas de casa de-não-sei-onde* –, mas esses não seriam os percalços normais da vida a dois? Estavam casados havia quase dezoito anos, ele segurara a mão dela durante três partos, tinham atravessado crises financeiras, viajado de férias para o Canadá e para o México.

“Não sei”, disse Bud.

A srta. Winkle deu um tapinha na mão dele.

“Não tem problema não saber”, disse ela.

O grupo seguiu adiante, e Kimble começou a falar sobre suas suspeitas de que o governo estava envenenando o abastecimento de água. *Não temas*. O dissidente dentro de Bud se opôs a isso. O medo era inato, um reconhecimento biológico da ameaça. Sentiria medo, sim, se bem entendesse.

A srta. Winkle se aproximou de Bud depois da reunião, quando os biscoitinhos em forma de pomba já tinham sido todos devorados e o sol havia se posto através das janelas com vitrais.

“Obrigada por compartilhar sua experiência hoje”, disse a srta. Winkle. “Como foi?”

“Tipo um ritual humilhante”, respondeu Bud.

“Fica mais fácil com o tempo.”

Bud suspirou. Coçou o pescoço com a barba por fazer.

“Acho que isso não é pra mim”, comentou ele.

“Às vezes”, disse a srta. Winkle, “uma ovelha se desgarra do rebanho. Se fica perdida por tempo demais, há a chance de cruzar com um lobo. É mais seguro permanecer com o rebanho, Bud. Entende?”

“Acho que sim”, disse Bud. “Você se importaria de assinar esse papel pra minha empresa, dizendo que estive aqui e participei?”

“O pastor se rejubila quando a ovelha é resgatada”, disse a srta. Winkle. “Assim como nos rejubilamos no céu quando um pecador se arrepende.”

“Estou perdendo o fio da meada.”

A srta. Winkle assinou o papel de Bud com um pequeno floreio no final da assinatura.

“Deus dá as batalhas mais difíceis aos Seus soldados mais fortes”, disse ela. “Estou rezando por você, Bud.”

“Ótimo, obrigado”, agradeceu ele.

“E não se esqueça...” A srta. Winkle fez uma mímica de dedilhar um instrumento.

Bud conseguia ver Catherine pela janela ao estacionar na entrada da garagem, as cortinas, que não combinavam, fechadas. A princípio, pelo jeito como o corpo dela se sacudia e se contorcia, achou que estivesse sendo atacada. Saltou do carro, mas, da varanda, não viu nenhum agressor. Talvez estivesse tendo um derrame, um surto psicótico, uma forte reação à pré-menopausa. Depois de observar com mais cuidado, parecia que Catherine estava fazendo algum tipo de exercício que consistia numa dança. Bud ouviu a vibração fraca da música vindo de dentro da casa. Ela rodopiava e valsava e fazia passos de dois pra lá, dois pra cá, com um pouco de samba no meio. Corria no lugar, jogava o cabelo para trás. Os olhos fechados,

completamente imersa no movimento. A chave de Bud na porta interrompeu o movimento.

“Não pare por minha causa”, disse ele. “Só estou de passagem.”

Bud viu a esperança se esvaír dos olhos dela. Parecia que um tempo considerável se escoara sem que nenhum dos dois percebesse. Piscaram, e uma década havia se passado, estavam mais velhos, mas não mais sábios.

Bud remexeu no Armário da Bagunça até encontrar o estojo do violão. Estava desafinado havia anos. Algo chacoalhava dentro do corpo do instrumento. Ele sacudiu, e um ovo de Páscoa caiu.

“Aonde você vai com isso?”, perguntou Catherine.

“Pensei em descer até o píer pra tentar ganhar uns trocados”, disse Bud. “De que outro jeito a gente vai pagar os produtos pra pele que você usa?”

“Ha-ha”, disse Catherine.

“É pro meu grupo de apoio”, explicou Bud.

“Seu grupo de apoio”, repetiu Catherine.

“É, já que você decidiu destruir nossa vida, agora faço parte de uma organização religiosa de autoajuda pra cura divina.”

“Você acha que ampliar nossos horizontes...”

“Transar com outras pessoas...”

“... é o que está desgastando nosso casamento?”

“Sim.”

“Peço desculpas por querer mais da vida.”

“Eu não desculpo”, disse Bud. “Não desculpo você.”

Catherine encarou Bud com atenção. Não o rosto. O queixo.

“Não fale que preciso fazer a barba”, disse Bud.

Ela não falou.

“Quando foi que acabamos nesta situação? Tenho a sensação de que piscamos e uma década se passou.”

“Bom, enquanto você piscava, eu estava aqui vivendo. Você está empacado, William.”

Bud fez uma careta.

“Eu ainda sou uma artista”, disse Catherine.

“Qual é a sua especialidade, hein?” continuou Bud: “Não lavar a louça? A maneira artística como você acaba com uma garrafa de vinho?”

“Eu me recuso a aceitar a institucionalização.”

“Acho que você deveria *ser* institucionalizada.”

Catherine enxugou uma gota de suor da testa e se sentou no braço do sofá. Balançou a cabeça de um lado para o outro, de um lado para o outro. Não, não, não, não, não.

“Nossa vida não é feita de conquistas extraordinárias”, disse ela. “Ninguém escreve sonetos sobre o terceiro bebê. Ninguém pinta retrato de corredores de supermercado.”

“Talvez não sejamos pessoas dignas de retrato”, disse Bud. “Isso é tão ruim assim?”

Ele deu um passo hesitante na direção da esposa. Agora era ela quem fazia uma careta.

“É”, respondeu Catherine. “É. É a pior coisa.”

Bud apoiou a cabeça na mão. Os ombros caídos, derrotado. Queria gritar, mas não tinha energia suficiente para o grito que seria necessário.

“Você é impossível”, disse Bud.

“Você costumava dizer que pouquíssimas coisas eram impossíveis”, rebateu Catherine.

“Bom, eu não sabia como seria ser casado com você!”

“Então o quê, William? Você quer que eu desista como você?”

“*Então o quê, William?*”, imitou Bud, alongando e adornando o tom. “Querida, eles vão consertar os sinos da igreja antes de você virar artista.”

A boca de Catherine se retorceu, quase num sorriso. Isso assustou Bud.

“Você pode ser tão cruel”, disse ela.

Bud encontrou uma nova reserva de energia. A voz se elevou. Ela o provocou, e ele se deixou provocar. Vasculhou o rosto dela em busca de uma falha em que pudesse se agarrar.

“Você sempre me faz ser o policial mau”, disse Bud.

“Estamos no século XXI, William. Não existem policiais bons.”

“Você sabe que detesto essa generalização. Nem todo policial é mau. Meu pai era um bom policial.”

“Talvez nem todos, mas o seu pai, em particular, era um mau policial.”

“Como você tem coragem!”

“Incrivelmente racista.”

“Ele não era racista!”

“No Dia de Ação de Graças ele me disse que chineses são como formigas, porque ‘são milhões e todos têm exatamente a mesma cara’.”

“Ele não disse isso.”

“De onde você acha que eu tirei isso? Do meu livro de piadas racistas?”

“Eu vou embora”, anunciou Bud, em vez de ir embora.

“Eu queria que você me surpreendesse só uma vez. Só uma vez”, disse Catherine. “Sabe, a gente nunca transou no chuveiro.”

“A fantasia é melhor que a realidade!”

“Vamos lá”, Catherine disse. “Eu sou mesmo a mulher dos seus sonhos?”

“Quem se importa!”, Bud disse. “Você é a mulher da minha realidade.”

E a briga deles continuou a escalar como de costume, Catherine implorando para que Bud visse as coisas da perspectiva dela, Bud incapaz disso. Ele daria qualquer coisa para voltar à noite em que se conheceram, para estar de novo naquele palco, se apresentando para uma plateia de doze pessoas, embora pudesse ter sido um estádio, ele jurava, poderia ter sido uma plateia de doze mil, e ainda assim teria escolhido Catherine, não pela beleza, embora houvesse beleza em jogo, mas por aquela coisa transcendente que tantas obras de arte tentaram articular, a coisa secular que iniciou guerras e separou meninos de homens, essa coisa do *amor* que sentia. E ainda sentia aquilo? Quem seria capaz de dizer? Sempre teriam a memória da paixão. Isso não bastava? Então Catherine balançou a cabeça como sempre fazia e tentou ir para outro cômodo, e Bud agarrou o braço dela, e ela disse “para de segurar meu braço”, e ele disse lembra disso, disso e disso. Lembra quando nós... e como nós... e isso não devia contar para alguma coisa? E devia, admitiu Catherine, mas não contava. Então parecia que tinham esgotado toda a linguagem e ficaram em silêncio.

“Eu não... com o Jim”, disse Catherine por fim.

Bud odiou o alívio que isso lhe trouxe.

“Ainda”, disse ela.

Então Bud pegou o casaco no cabide enquanto Catherine foi até a cozinha preparar uma bebida e, quando voltou, para sua surpresa, Bud e a minivan tinham sumido.

Bud comprou uma garrafinha de uísque no Squeaky Mart e saiu dirigindo sem rumo, mirando as caixas de correio e desviando no último segundo, os

pneus espalhando o cascalho. Era algo que vinha fazendo, seu pequeno ritual de descarrego. Não havia muitos esqueletos no armário de Bud, mas, desde a semana anterior, havia uma caixa de correio bordô em forma de galo no porta-malas da minivan.

O carro tinha cheiro de comida para viagem apodrecida. Vapor condensado subia da estrada. A umidade no ar embaçava o para-brisa, e Bud não fazia nada para resolver. A entrada da rodovia surgiu adiante. Aquilo sim seria uma surpresa, pensou Bud, se simplesmente fosse embora e nunca mais voltasse. Ou talvez se largasse o volante, deixando a minivan se deslocar para o tráfego na contramão ou para o acostamento íngreme da rodovia. Que o destino decidisse. Isso contava como espontaneidade? Em vez disso, o destino teve outra ideia. Bud se viu entrando no estacionamento do Olive ou Twist.

Ele se sentou num banquinho avermelhado do bar. Uma mulher na casa dos cinquenta, com as unhas roídas, arqueou uma sobrancelha em vez de anotar o pedido.

“Qualquer coisa”, disse Bud.

“Estamos sem ‘Qualquer Coisa’”, respondeu a bartender.

Bud suspirou. Como os trabalhadores do setor de serviços tinham ficado arrogantes desde a época em que ele mesmo fora um deles. O cliente não tinha sempre razão?

“Tanto faz. O especial da casa”, disse Bud.

Um trovão ribombou lá fora. Enfim chuva. Bud se perguntou se precisava buscar as filhas em alguma atividade extracurricular, mas concluiu que, mesmo com chuva, seria mais seguro para elas irem a pé. Além disso, não tinham ligado. Nunca ligavam. Ele pagava uma fortuna por três planos de celular, e ainda assim elas nunca ligavam. A bartender voltou com uma cerveja escura e turva e um shot ainda mais escuro e mais turvo.

“Filho de Deus”, disse a bartender.

“Cerveja com shot”, murmurou Bud. “Não parece muito especial.”

Bud tomou um gole da cerveja e fez uma careta. Tinha gosto de esponja mergulhada em vinagre. Era preciso reconhecer a autenticidade do lugar.

“O Jim Doherty está aí?”, perguntou.

“Não vi ele hoje à noite”, respondeu a bartender.

“Você sabe que ele está comendo minha mulher?”, disse Bud.

“Sinto muito em ouvir isso”, disse a bartender.

Bud virou o shot.

“Bom, *ainda* não comeu.”

A bartender fingia limpar um balcão distante com um pano.

“O Jim é o chefe daqui, não é?”, continuou Bud.

“Jim é meu empregador, sim”, confirmou a bartender.

Ela falava com o que Bud supôs ser um sotaque britânico de classe baixa. Será que isso fazia parte do trabalho? Ele não conseguia imaginar como alguém da Inglaterra tinha ido parar naquela cidade.

“O Jim nem britânico é”, disse Bud.

“Não dá para todo mundo ser”, disse a bartender.

“Pode me servir mais um desses?”

A bartender serviu e passou outro shot para ele.

“E afinal, o que é ‘B.M.’?”, perguntou Bud.

“Banheiro masculino”, respondeu a bartender.

“Quer dizer *boi manso*?”

“Quer dizer banheiro masculino.”

“Pode me servir mais um desses?”

“Não.”

Quando a bartender virou de costas, Bud se esticou por cima do balcão e completou sua cerveja direto da torneira. Depois encheu o copo de shot com a bebida da garrafinha que trazia consigo. Com outro erguer de sobancelha da bartender em direção ao segurança, Bud foi prontamente expulso do Olive ou Twist. Ele cambaleou pelo estacionamento, onde tinha deixado a porta da minivan escancarada sem querer, e viu que um guaxinim agora ocupava o painel, com o focinho e aquelas mãozinhas enluvadas dentro de um recipiente de *pad thai* rançoso.

Bud ergueu o rosto para a chuva. Deixou o guaxinim comendo em paz. Uma camada de maresia se formou enquanto seguia a pé, uma névoa tão espessa que quase não notou o sinal dos céus pelo qual vinha rezando. Um outdoor anunciando um colchão novo ou um remédio para insônia, ou algo assim. Mostrava carneirinhos saltando por cima da cabeça de um jovem que descansava satisfeito. Bud observou a imagem. Ou significava que devia tomar um frasco de pílulas para dormir ou participar de uma reunião das Ovelhas Desgarradas. Não havia reunião das Ovelhas Desgarradas naquele

horário. Ele tirou o folheto do bolso do casaco. *Ligue*, dizia, *em caso de emergência*.

Bud bateu com força na porta da frente da srta. Winkle, abrindo um buraco na tela com o punho. Tomou um longo gole da garrafinha.

“Ops”, disse Bud.

“*Shhh*”, fez a srta. Winkle. “Você vai acordar a cidade inteira.”

“Estou bêbado”, disse Bud.

“Eu que o diga”, retrucou a srta. Winkle.

Ela vestia um conjunto de pijama combinando e tinha o mesmo cheiro daquelas bolas de secagem rápida de secadoras. Parecia que estava lendo à luz de um abajur. Um livro encadernado em couro estava aberto com a capa para baixo.

“Você estava lendo a Bíblia?”

“É uma coletânea de fábulas”, respondeu a srta. Winkle. “Também tenho direito a um pouco de diversão, sabe.”

Ela o puxou para dentro. Capas plásticas protegiam as almofadas do sofá. Ela travava uma guerra contra o declínio.

“Estou perdido”, disse Bud. “Eu me afastei do bando.”

“Do rebanho”, corrigiu a srta. Winkle.

“O quê?”

“Ovelhas andam em rebanho, não em bando.”

“Os lobos estão vindo atrás de mim!”

“*Shhh*”, fez a srta. Winkle, apontando para o fundo da pequena casa. “Perry está dormindo.”

“Estou sentindo ciúme, com suas duas faces da fúria e seja lá o que for.”

“Você não veio dirigindo, veio?”

“Deixei o carro no bar.”

“Isso dá quase cinco quilômetros!”

“Mal percebi”, disse Bud.

Houve uma pausa constrangedora. A srta. Winkle não apreciava pausas constrangedoras.

“Gosto dessa parte da cidade”, disse ela. “Brutal de um jeito adorável. Toda essa arquitetura do pós-guerra. Vou preparar um chá pra você.”

A mulher era tão maternal, pensou Bud, e sábia – consciente de qual arquitetura vinha depois de qual guerra. A casa parecia ter apenas um quarto. Bud se perguntou onde a srta. Winkle dormia, se é que dormia. Talvez simplesmente vagasse todas as noites fazendo boas ações, ajudando os doentes e necessitados, dando orquídeas aos sem orquídeas. Ela colocou Bud no sofá – que rangia, resistia, pouco receptivo a visitas – e se sentou ao lado dele.

“Não, temos que nos sentar em círculo”, disse Bud.

“Somos só dois”, disse a srta. Winkle.

“Duas pessoas não podem formar um círculo?” perguntou Bud.

A srta. Winkle balançou a cabeça.

“Você tem uma árvore de Natal.”

“Sim.”

“Estamos em abril.”

“A Perry gosta.”

A chaleira apitou, e a srta. Winkle foi fazer o chá. Voltou com duas xícaras iguais, cheias até a borda.

“Quente”, avisou ela.

“Posso perguntar uma coisa?”, disse Bud.

“Você não parece sofrer de inibição.”

“Por que você deu o nome de Perry à sua filha?”

“É um nome bonito, não acha?”

“É, mas seu sobrenome é Winkle.”

“Sim?”

“Então o nome da criança fica...”*

“Acho que isso nunca me ocorreu.”

“*Nunca* ocorreu a você que...”

“Vamos fazer um exercício de felicidade”, disse a srta. Winkle.

Bud tomou um gole do chá. Fez careta. “Está quente!”

“Pense em algo que lhe traga alegria”, disse a srta. Winkle. “Uma coisa só.”

Bud pensou.

“Nada me vem à cabeça”, disse ele.

“Você gosta de música”, disse a srta. Winkle. “Que tal uma banda?”

Nomes de bandas e letras passaram pela cabeça de Bud, mas nada ficava tempo suficiente para se fixar.

“Não consigo pensar em nada.”

A srta. Winkle assentiu. “Às vezes, a inundação é a forma mais eficaz de apagamento.”

“Basicamente, eu só bebi demais.”

“Música em geral, então. Isso o deixa feliz. O fato de existir música no mundo, música que comove. Música que se intensifica e suaviza, que fala com as pessoas, que revigora e mobiliza. Pegue esse sentimento, o jeito como você se sente em relação à música, e o segure no peito. Guarde-o ali como uma bolinha de gude. Você sente?”

Bud apalpou o peito à procura da bolinha de gude da felicidade. Despejou o resto da sua garrafinha na xícara de chá. A srta. Winkle lançou um olhar crítico na direção dele. Ela até que era bonitinha, pensou Bud. Severa de um jeito bonito. Mais um silêncio constrangedor tomou conta da sala, e a srta. Winkle não fez nada para amenizar.

“Você se sente solitária às vezes?”, perguntou Bud, por fim.

“Sim”, respondeu a srta. Winkle. “Acho que sim.”

O fardo da enfermidade da filha tinha sido demais para o pai de Perry suportar. Todo mundo sabia disso. Ele deixara a srta. Winkle havia muito tempo e se instalara na cidade vizinha com outra mulher, com quem tivera dois filhos saudáveis. Perry nada sabia do pai, exceto pela assinatura na linha de endosso dos cheques de pensão alimentícia.

Bud suspirou e ficou olhando para a xícara.

“Pense na vida como uma cerca”, disse a srta. Winkle. “E, cada vez que transgredimos, cada vez que machucamos alguém, temos que cravar um prego nessa cerca. Quando estivermos dispostos a isso, podemos arrancar esses pregos. Mas, ainda assim, ficam os buracos.”

“Dá pra consertar os buracos?”, perguntou Bud. “Dá pra remendar esses buracos?”

A srta. Winkle balançou a cabeça. Os ombros de Bud despencaram.

“Mas tudo bem”, disse a srta. Winkle. “A cerca continua de pé. A luz consegue passar.”

“Nunca sei exatamente do que você está falando”, disse Bud.

“Agora, posso perguntar uma coisa a você?”, indagou a srta. Winkle.

“Uhum”, disse Bud.

“Você considera que somos amigos?”

Bud estufou as bochechas. “Mais como uma madrinha? Uma guia espiritual?”

A srta. Winkle pareceu um pouco magoada.

“Claro”, corrigiu Bud. “Somos amigos.”

“Não tenho muitos amigos”, disse a srta. Winkle. Ela soltou uma risadinha nervosa e depois cobriu a boca, como se rir fosse pecado. À exceção de alguns colegas da faculdade e parceiros do campo de golfe, Bud também não tinha muitos amigos ultimamente.

“Nem eu”, disse Bud. “Aos novos amigos.”

Eles brindaram, batendo as xícaras.

“Bom”, disse a srta. Winkle, “veja só”.

A capa plástica do sofá rangeu debaixo deles. Bud estalou o pescoço e fez uma careta.

“Tenho dormido no carro.”

A srta. Winkle estalou a língua. Deu a volta em torno de Bud e começou a massagear o pescoço dele, amassando a pele com mãos fortes e precisas.

“Assim está bom?” perguntou a srta. Winkle.

“Hum”, disse Bud. “Está bom, sim.”

Ela deslizou as mãos pela coluna dele. As pessoas falavam em nós nas costas. Bud imaginou os nós que aprendera nos escoteiros – nó de marinheiro, nó de laçada fixa – presos logo abaixo da pele. Por fim, a srta. Winkle se ajoelhou e desceu até os pés de Bud. Não pareceu escandalizada com as meias molhadas, gastas e cheias de bolinhas; tirou cada uma pela ponta e as colocou de lado com cuidado, como pele de cobra. Ela olhou para ele enquanto massageava. Seus cabelos caíam sobre o rosto.

“Quase cinco quilômetros”, disse ela ao pé de Bud. “Coitadinho.”

Então Bud encontrou o olhar dela, sustentando-o por um longo momento, ele tão fraco e cansado, ela tão forte e zelosa. Isto é bondade, pensou Bud.

Talvez encorajado pela bebida, ele se inclinou para um abraço, puxando-a de volta para o sofá. Os dois se abraçaram com força. A srta. Winkle estava tensa no início, mas aos poucos relaxou nos braços dele. Bud sentiu como se

pudesse adormecer naquele abraço. Aninhou o rosto no cabelo dela, na curva do pescoço. Começaram a se separar, os rostos à mesma altura. Bud não queria que acabasse. Ele a beijou. Depois se afastou, envergonhado.

“Bem, veja só”, disse baixinho a srta. Winkle. Como se falasse consigo mesma.

“Sinto muito, senhorita Winkle”, disse Bud, embaraçado. “Não sei o que deu em mim.”

“Priscilla, por favor”, disse a srta. Winkle.

E então a srta. Winkle beijou Bud, desajeitada e repetidamente, no queixo e nas bochechas. Chá e bebida alcoólica respingaram das xícaras. Ele a beijou de volta. Seus corpos derrubaram uma comunidade inteira de bonecos de porcelana Hummel.

Bud sentiu que ela tremia, como se um conflito interior tentasse vir à tona. A situação era ao mesmo tempo casta e excitante. Ela já fora bonita, pensou Bud. Ainda era. Embora “bonita” parecesse pequeno demais para contê-la. A srta. Winkle continha multidões. A cerca dela não tinha buracos, era inteira, e ela era pura.

Instintivamente, Bud começou a brincar com o cordão da calça do pijama dela, depois hesitou, avaliando.

“Você está bem?”, perguntou ele.

“Estou bastante dividida”, disse a srta. Winkle. “Você é casado.”

Bud recuou um pouco. “Você conhece a minha situação.”

“Deus não conhece.”

“Nós nunca nos casamos numa igreja. Foi só no cartório”, disse Bud. “Se isso ajuda.”

“Ajuda”, disse a srta. Winkle. “Mas tem mais uma coisa.”

“Manda.”

“Eu não... faz um tempo.”

“Nem eu.”

“Doze anos.”

“Nossa. Quer dizer, tudo bem. A não ser que você esteja tentando bater um recorde.”

“Não sou celibatária”, assegurou a srta. Winkle. “Eu só tinha desistido da ideia.”

Isso partiu o coração de Bud e o excitou ao mesmo tempo. Ela o olhava, tão sábia e ao mesmo tempo tão inocente. A blusa do pijama mostrava paisagens italianas, ruininhas, gondolinhas, coliseuzinhos sobre os seios fartos. Bud se perguntou se Priscilla Winkle já tinha ido à Itália. Quis levá-la para lá. Ele a beijou de novo, dessa vez com mais vigor. O sofá coberto com plástico protestou.

“Não sou bonita”, sussurrou ela.

“É sim”, disse Bud.

Essa era a natureza das surpresas: elas não podiam ser previstas. Catherine se exercitava com frequência neurótica, um regime que ultrapassava os limites da saúde e se tornava compulsivo. Besuntava o rosto com cremes caros, que evitavam o envelhecimento assim como o sofá da srta. Winkle. A srta. Winkle era mais indulgente com a própria aparência. Não lutava contra a gravidade. O metabolismo desacelerado era visível. Bud gostava da humanidade dela. Com cautela, ele deslizou a mão para dentro da calça do pijama dela.

“Assim está bom?”

“Ah, Bud”, disse a srta. Winkle. “Obrigada!”

Eu que agradeço, pensou Bud. Talvez um dia também agradecesse a Catherine e acabasse se afeiçoando ao “acordo” com uma compreensão que só o tempo poderia trazer. Quando uma ovelha se desgarra, ela geralmente é perdida para os lobos, vulnerável sem o rebanho. Mas às vezes, *só às vezes*, se tivesse sorte, encontrava um novo rebanho.

Nota

* Cherish Lily Perrywinkle, de Jacksonville, Flórida, nascida em 2004, foi sequestrada, violentada e assassinada em 2013 por um criminoso sexual condenado em junho do mesmo ano. [N. DA T.]

As bolas de cedro desidratado estavam na praça da cidade desde que Harper conseguia se lembrar. Cada uma tinha mais ou menos o diâmetro da envergadura de um homem. A instalação fora doada pela Associação do Porto de Alabastro[®] como uma contribuição cultural. Mas o artista que criara as bolas de cedro não entendia o ambiente da cidade, e as bolas logo se tornaram antros de cupins. Grandes ninhos, do tamanho de pinhatas, cresceram nas esculturas. A infestação era tão intensa que, de longe, as bolas pareciam cobertas de chuva de televisão. As tentativas de exztermínio só pareciam inspirar os insetos a se infiltrar ainda mais fundo na arte. Logo os cupins tornaram as áreas gramadas da praça inabitáveis para piqueniques, escoteiras, casais de adolescentes, festas de aniversário infantis, comícios políticos locais e para o Mendigo Bahman. Alguns passaram a chamá-la de Praça dos Cupins. Então o dinheiro que seria usado para consertar os sinos da igreja foi realocado para remover a obra de arte, e as bolas seriam erguidas por um guindaste, colocadas na carroceria de caminhões e levadas a um depósito para esterilização. Harper Flynn estava indignada. Harper estava indignada porque acreditava que as bolas de cedro não eram, de forma alguma, um presente generoso da Associação do Porto de Alabastro[®], mas sim um aparato secreto de espionagem. Desde que lera os e-mails de trabalho do pai, sua desconfiança em relação à Associação do Porto[®] vinha fervilhando em fogo baixo. Acreditava que cada bola estava cheia de câmeras e dispositivos de gravação, programados para detectar sinais de insurreição. Destruir as bolas eliminaria qualquer prova de sua teoria. Se levasse esse raciocínio um passo adiante, parecia perfeitamente possível que os lacaios do Porto tivessem *iniciado* a infestação quando veio à tona que ela, Harper, estava ciente da operação. Portanto, era óbvio que Harper precisava tentar salvar as bolas de cedro.

“Por que diabos”, perguntou Catherine, “alguém iria querer espionar a nossa cidade?”

“Tem algo nefasto acontecendo no porto, mãe, bem debaixo do nosso nariz. Eles precisam garantir que a gente continue acomodado, senão haverá motim.”

Catherine sorriu para a filha. A primeira grande conspiradora a carregar uma lancheira. “Motim, é?”

“Seja uma ovelha a vida inteira. Enfie a cabeça na areia.”

“Você está misturando metáforas, querida.”

“Tanto faz.”

“Aqui vai uma pra você: *escolha suas batalhas*”, disse Catherine.

Para Harper, era uma expressão curiosa. Ela tinha certeza de que aquela não era uma estratégia militar adequada. Como soldado, você não escolhia suas batalhas. Suas batalhas eram algo em que você era lançado.

* * *

Na tarde seguinte, Harper foi retirada da sala de aula e conduzida até o gabinete da madre superiora. Ela conseguia fazer o caminho de olhos vendados. Os colegas no corredor davam risadinhas e soltavam *uuuhs* e *aaahs*.

O gabinete da madre superiora era imponente. Havia uma raquete fixada na parede, com a qual, segundo rumores, ela batia nas crianças bagunceiras. A placa correspondente dizia: *Campeã de Padel do Convento*.

“Você sabe por que a chamei aqui, senhorita Flynn?”, perguntou a madre superiora.

“Não, senhora.”

“Tem certeza disso?”

“Uhum.”

“Eu a chamei pra falar sobre sua contribuição pro mural de livre expressão do oitavo ano.”

Harper imaginou freiras jogando padel, hábitos inflando ao vento, e conteve o riso. Não que ainda usassem hábitos. O Concílio Vaticano II tornara o vestuário muito mais versátil.

“Algo engraçado?”, perguntou a madre superiora.

“Não, senhora.”

“Como eu dizia, o mural de livre expressão. Olive Carlyle diz que quer mais opções saudáveis na máquina de venda automática. Soo Kim gostaria

de um dia sem uniforme por mês.”

“Revolucionário”, disse Harper. Olive Carlyle era um verdadeiro abscesso. Tão certinha e apumada que parecia prestes a estourar. Harper gostaria de estourá-la.

“Harper Flynn escreveu: *As bolas de cedro estão observando você.*”

Harper abriu um sorriso.

“Gostaria de desenvolver esse sentimento?”

“Não, senhora.”

“Desenvolva esse sentimento, Harper.”

“Estamos vivendo em um panóptico.” Harper se apoiou nos joelhos. “As bolas de cedro são uma operação psicológica criada pela Associação do Porto[®], espionando o público em geral em busca de sinais de rebelião. Estou tentando impedir a demolição delas.

“Sim, já ouvi falar da sua pequena cruzada”, disse a madre superiora.

“Estou organizando uma manifestação pacífica na sexta-feira, no coração verde quadrangular da cidade”, disse Harper.

“A Escola Filhas Sagradas não endossa a disseminação de informações falsas, e essa alegação é factualmente incorreta.”

“Acho que a senhora tem razão. Não é bem *quadrangular*, o coração verde da cidade, né? É mais oblongo?”

“Você está semeando medo e desconfiança em relação às instituições na comunidade.”

“Talvez a comunidade devesse temer e desconfiar das instituições.”

Harper encarou o rosto da madre superiora. Parecia um pássaro de origami, os vincos profundos, mas cheios de significado.

“Você não pode simplesmente defender um dia de roupa livre? É mesmo essa a colina em que você está disposta a travar uma batalha e morrer?”

“As pessoas continuam usando essas expressões militares que realmente não considero relevantes. Presumo que seja uma alusão à disposição de um soldado ou exército de morrer em função da importância simbólica, em vez de uma análise de custo-benefício. Esse sentimento não se aplica aqui, já que pretendo lutar muitas outras batalhas em muitas outras colinas.”

“Sei que pretende, Harper. E a escola não deseja sufocar seu entusiasmo...”

Harper usava um crucifixo no pescoço, numa corrente fina de ouro que a avó lhe dera. Agora pegava o crucifixo para limpar a sujeira sob as unhas. Observou enquanto a madre superiora escolhia suas batalhas.

“Por favor, mantenha suas mentiras fora dos fóruns da escola.”

“Ah, então agora a senhora está censurando o mural de livre expressão.”

“Harper, se você prosseguir com a manifestação, não terei outra escolha a não ser suspendê-la novamente.”

“Quer dizer, a senhora tem escolha”, arriscou Harper. “Está escolhendo me suspender de novo.”

Harper foi dispensada.

Passou a noite pensando as repercussões de outra suspensão contra a recompensa de expor males corporativos. Como muitos mártires antes dela, Harper sabia o que tinha de fazer. Prosseguiu com a manifestação pacífica, como planejado.

Harper não teve companhia na sexta-feira à tarde, exceto por Perry, a criança com deficiência cognitiva da carola da igreja. Ela levou dois sanduíches de queijo e uma garrafa térmica de suco. Harper tinha panfletos prontos, mapeando a conspiração em termos leigos. Mas não havia ninguém para instruir, porque o coração verde quadrangular da cidade – o oblongo da cidade – estava vazio.

Ela entregou um panfleto a Perry.

“Não estou aqui por isso”, disse Perry.

“Ah”, disse Harper, “então por que você está aqui?”

“Pelos cupins”, respondeu Perry. “Eles vão ter que matar todos os cupins.”

“E daí?”

“Cupins têm sistemas nervosos complexos e sentem dor.”

Perry parecia uma autoridade no assunto dor.

“Isso é verdade?”, perguntou Harper.

“O que você está dizendo é verdade?”, perguntou Perry.

“É verdade da minha perspectiva”, disse Harper. “Você sabe o que perspectiva significa?”

“Perspectiva”, disse Perry, “é a aparência dos objetos em relação à distância relativa.”

“Isso é verdade”, disse Harper.

Perry assentiu, como quem diz *é óbvio que sim*.

“Mas perspectiva não é só o que você vê”, disse Harper. “É o que você pretende fazer a respeito.”

Ficaram sentadas em silêncio por um momento, e Harper imaginou que conseguia ouvir os insetos se banquetando na arte pública. Olhou para a madeira, e a madeira a olhou de volta.

“Só porque seu pai aparece lá em casa à noite”, disse Perry, “não quer dizer que você seja minha irmã.”

Pouquíssimas coisas conseguiam distrair Harper de sua missão. Essa era uma delas.

“Desculpe”, disse Harper, “o que você disse?”

“Seu pai aparece à noite”, disse Perry. “Ele visita a mamãe.”

“Tem certeza?”, perguntou Harper.

Perry ajustou os protetores de ouvido. Seus olhos se esvaziaram, encantados por algo que só ela conseguia entender. Saiu correndo para encontrar a mãe.

No dia seguinte, as bolas de cedro desidratado foram esterilizadas no depósito, colocadas em quarentena, encharcadas de inseticida e transportadas de caminhão de volta para a cidade, onde foram incineradas em um depósito de madeiras. A sentença de suspensão de Harper chegou pelo correio.

“Filha”, disse Bud.

“Por favor, não faça isso”, pediu Harper.

“Você não me dá escolha”, disse Bud.

“Você tem escolha”, disse Harper. “Está escolhendo me mandar pra prisão infantil no meio da natureza selvagem.”

“Não é uma prisão. É um acampamento.”

“Certo, um acampamento de detenção.”

“É só uma semana”, disse Bud. “A escola precisa ver que estamos levando isso a sério.”

Bud e Harper estavam sentados na varanda, sob o sino dos ventos feito de dentes. Harper encarou o gramado da frente, tomado pelo mato. Aquela era toda a extensão de natureza selvagem que desejava. Um arrepio lhe percorreu a espinha. Bud colocou o casaco sobre os ombros delicados dela.

“Realmente acho que tem alguma coisa acontecendo no porto”, disse Harper.

“Sei que você acha, Harper.”

Talvez, pensou Harper, aqueles que defendiam a justiça só fossem reverenciados *a posteriori*. Talvez um dia houvesse uma estátua de Harper na praça da cidade. Mas não naquele dia. Naquele dia ela era só uma criança problemática.

“Ei, pai?”

“Sim, filha.”

“Posso perguntar uma coisa?”

“A palavra é sua.”

“Você está dormindo com a senhorita Winkle?”

“A gente não pode acreditar que você está namorando um soldado”, disseram as gêmeas Biddle, sendo elas as integrantes menos apreciadas do grupo de amigas de Abigail. Millie Biddle achava que tinha a vida amorosa mais exótica, já que havia saído com Caleb, o único garoto judeu do colégio masculino irmão. Mas um soldado? Isso era *muito mais* legal.

“Ele já matou alguém?”, perguntaram em uníssono.

Abigail não sabia como o namorado havia ganhado o apelido. Wes Crimes de Guerra, ou Weston Wyley, como uma espiada na carteira de motorista revelara, era um homem de poucas palavras. Abigail sabia que Wes vinha de um estado sem litoral, onde a família cultivava milho ou trigo ou grãos ou alguma coisa antiga assim. Sabia que Wes entrara jovem no exército, com uma alma jovem, e saía com uma alma velha, e sabia pouco além disso. Em vez de perguntar, preenchia os silêncios deles com significado. Era a melhor parte de um relacionamento novo, quando se podia encher uma biblioteca com aquilo que não se sabia sobre a outra pessoa. Puro potencial.

Os jovens da escola observavam, espantados, quando Wes buscava Abigail todos os dias na caminhonete dele. Eles se beijavam no banco do motorista, um banco inteiriço e sem cinto. Ele chupava o pescoço dela até ficar marcado, deixando uma galáxia de chupões, e dirigia ao longo da costa, as janelas abertas, a mão com as unhas feitas dela para fora, sustentada pela brisa. Abigail percebia, acima do fedor de peixe e óleo, que o amor estava no ar.

“Você precisa comer mais”, disse Wes numa tarde, quando estavam deitados sobre cobertores na caçamba da caminhonete, e Abigail corou como se estivesse recebendo um elogio. Escola, igreja, tênis, a família – tudo isso desaparecia nos momentos que passavam juntos sob a luz fraca do sol da primavera.

Ele a erguia como se ela fosse um halter.

“Quem são os bandidos?”, perguntou Abigail.

“Quando você é contratado”, disse Wes, “é quem o chefe manda.”

“Mas quem é o *seu* inimigo?”

Wes não sabia. A verdade é que o maior adversário dele era o próprio cólon. Wes tinha uma doença autoimune que atacava os intestinos, o corpo se voltando contra ele mesmo num ataque interno, breve e brutal. Lembrar daquelas longas noites no treinamento básico, estendido num catre e segurando a barriga inchada, fazia Wes suar frio. Ele ainda conseguia evocar o cheiro do banheiro químico fervendo no calor do dia. Essa longa tortura interna contribuía para o silêncio de Wes.

Abigail montou sobre ele, puxando devagar as meias escolares cinco oitavos para baixo, o elástico esticando nos joelhos. Ele fez uma careta.

“Sou eu”, exclamou ela. “Você acha que eu sou horrível.”

Doce Abigail, pensou Wes, que sempre cheirava a mel, leite e cobre, jamais poderia ser horrível. Ele se abriu com ela sobre o tumulto gastrointestinal.

“Não”, disse Wes. “Meu estômago não está bem.”

“Ah”, disse Abigail. “Bom, eu também quero ir devagar.”

Wes deu de ombros.

“Como você quiser”, disse ele. “Agora você é a chefe.”

Abigail ficou fascinada pela indiferença dele em relação ao sexo. Ele não era como os outros garotos. Era um homem. E homens de verdade podiam se abster, podiam resistir a sua beleza e seu charme, pelo menos por um tempo. Ele a levou de volta para a rua Secundária, onde se separaram a contragosto.

Abigail encontrava maneiras de manter Wes por perto mesmo quando ele estava no trabalho e ela na escola ou gravando chaveiros. Ajustou o relógio do celular para o estilo militar, com as vinte e quatro horas completas do dia, em vez de dois grupos de doze horas. Fez do aniversário de Wes a senha do seu armário. Os garotos do colégio irmão desviavam o olhar quando ela atravessava o pátio adjacente, com medo de que seu novo namorado arrancasse a língua deles e as pendurasse em volta do próprio pescoço.

“Você nem sabe o nome do meio dele”, ladraram as gêmeas Biddle com desaprovação.

“Esse tipo de coisa não importa”, disse Abigail, “quando você está realmente apaixonada.”

Encontrar abrigo para o amor deles tinha se mostrado difícil. Abigail não tinha permissão para ver Wes e, portanto, ele não era bem-vindo na casa dos Flynn. Para visitar Wes, ela dizia que ia jogar tênis com Tibet, que, caso fosse questionada, confirmaria a história. As irmãs sabiam que deviam dar cobertura a ela se os pais perguntassem, mas muitas vezes isso era desnecessário; eles não pareciam preocupados com o lugar em que Abigail estava ou estivera. Absorvidos pelos próprios problemas e pelos de Harper, não viam nada de estranho numa aula de tênis às dez da noite. Wes tinha um quarto individual num cortiço nos arredores da cidade – o último ponto do ônibus – que dividia com um colega de quarto, um veterano chamado Marshall, que era um rapaz com cabelo comprido e oleoso e que não tinha a metade inferior do braço esquerdo, logo abaixo do cotovelo. O quarto era dividido apenas por uma tela fina, através da qual Abigail podia ouvir cada palavra dos reality shows a que Marshall assistia. Wes dizia que Marshall tinha feito coisas malucas na guerra, das quais não gostava de falar. Mas quando Marshall ficava bêbado, o que acontecia com frequência, falava disso até cansar. Ele vivia de vale-alimentação e de sanduíches diários da mercearia coreana no térreo, que não aceitava vale-alimentação, mas a balconista abria uma exceção. Ela fazia sanduíches com as sobras da loja – pickles, ovos e maionese doce. Inventava regras sobre o que Marshall podia comprar. Por exemplo, podia comprar frutas e vegetais ou remédios, mas não bebida alcoólica nem aquelas caixinhas de queijo. Marshall não percebia, mas Wes admirava a bondade da balconista, razão pela qual, quando Abigail tentou furtar chiclete da loja, Wes disse: “Aqui não.”

Eles roubavam de todos os outros lugares: revistas da Livraria Página Virada, grãos de café da Torrefadores Sagrados, alguma bugiganga aqui e ali da AnTIAGuidades. Pulavam a catraca do Cinema Vintage enquanto o atendente adolescente fazia uma pausa para fumar. Quando estava em vigor a promoção de cinquenta por cento de desconto oferecida pela Óculos de Sol Sultão, Abigail pegou cem por cento de desconto nos novos óculos estilo aviador, que usava até à noite. Wes não gostava de infringir a lei, mas aquilo dava à garota uma sensação de euforia típica da adolescência. Isso e o fato de estarem lisos. Abigail não ganhava muito no shopping. O bilionário da tecnologia pagava bem a Wes, mas ele mandava a maior parte do dinheiro para a família, uma família sobre a qual Abigail aprendeu a nunca perguntar.

Nunca perguntava sobre o passado dele, não insistia em saber por que a mercearia coreana era sagrada. Wes dava poucas explicações.

Uma noite, Wes se ofereceu para fazer o jantar para Abigail. Preparou a refeição numa chapa elétrica enquanto Marshall e Abigail jogavam cartas. Marshall conseguia abrir o leque de cartas com os dedos dos pés.

“Você tem namorada?”, perguntou Abigail a Marshall.

“Ah, eu tenho uma garota”, disse ele. “A mais bonita deste lado do planeta.”

Ele remexeu numa carteira esportiva de velcro e tirou uma foto amassada de uma fêmea de labrador.

“Ela é linda”, elogiou Abigail.

Comeram salsichas e macarrão em tigelas que não combinavam. Quando Marshall foi dormir, Abigail estudou para as provas finais e Wes estudou Abigail. Ela sentia os olhos dele memorizando o rosto dela, a curva suave do maxilar, cada fiozinho de cabelo.

Wes leu por cima do ombro dela.

“A função f representa a população total atual de tubarões-tigre-da-areia ao largo da costa de...”

“Para com isso!”

“Por que você está aprendendo sobre tubarões-tigre-da-areia?”, perguntou Wes.

“Pra passar no ensino médio”, respondeu Abigail, “pra entrar na faculdade.”

Abigail planejava tirar um ano sabático depois do colégio, mas, a pedido dos pais, tinha as mais vagas ambições de cursar o ensino superior. Em algum lugar. Um dia.

“Universidade Tubarão-Tigre-da-Areia”, disse Wes.

“Você fez faculdade?”, perguntou Abigail.

Ele balançou a cabeça.

“Você quer fazer?”, indagou ela.

Wes deu de ombros.

“Quantos anos serão necessários pra que a população de tubarões-tigre-da-areia (f) seja dez vezes maior?”, perguntou Abigail.

“Nove”, respondeu Wes.

“Você fez isso de cabeça?”, perguntou Abigail.

Wes deu de ombros.

“Você devia muito ir pra faculdade”, disse ela.

“A gente vai pra faculdade pra conseguir um emprego”, disse Wes. “Eu já tenho um.”

Wes trabalhava todos os dias na Mansão Alabastro, protegendo o bilionário da tecnologia. Quando ele saía mais cedo, Abigail o esperava na biblioteca, olhando os querubins pintados no teto. Ele não falava do trabalho, mas Abigail não achava isso estranho, porque Wes não falava muito em geral. Enquanto os colegas presumiam que ela namorava um senhor da guerra, um tirano, Abigail via a sensibilidade de Wes. Notava pelo olhar vazio dele quando tinha bebido demais com Marshall, e lhe trazia um copo d’água. Ele era gentil, afetado pela crueldade aleatória do mundo. O mau humor de Wes não era muito diferente do humor normal, mas Abigail era perspicaz e esfregava as costas dele carinhosamente quando concluía que tinha tido um dia difícil. Avançava centímetro a centímetro para dentro do coração impenetrável de Wes Crimes de Guerra.

Então, perto do fim de abril, cerca de um mês depois do início do relacionamento, algo mudou, súbita e inexplicavelmente. Abigail adorava ser a única destinatária da atenção de Wes, de modo que a diferença foi nítida e desconcertante quando essa atenção se dividiu. Ele começou a trabalhar até mais tarde, deixando Abigail esperando nos degraus da frente da escola. Mandava uma breve mensagem se desculpando, mas nunca uma explicação. A porta que ela tinha se esforçado tanto para manter aberta começava a se fechar.

“Vicente chamando?”, ela mandou mensagem para Wes.

“?”

“Dsculp. Coloquei unhas postiças. *Vc tá chegando?”

Abigail já sabia o que a resposta dizia antes mesmo de abrir. Wes não ia poder buscá-la na escola naquele dia. Ia trabalhar até tarde, depois ia estar cansado, e então ia trabalhar cedo de novo no dia seguinte.

“Hoje não dá.”

“Por quê?”

“Estômago.”

“Sei que não é seu estofado.”

“?”

“***Estômago”

“Foi mal. Vejo você amanhã.”

Abigail se sentou nos degraus da escola e lustrou as fivelas do sapato com um pouco de saliva na pontinha da manga. Viu as sombras duplas das gêmeas Biddle se aproximando. Os nomes *Millie* e *Maxine* estavam bordados nas mochilas, como se alguém precisasse de ajuda para distinguir as duas, pensou Abigail. Maxine era nitidamente a mais bonita das duas.

“Onde está seu namorado?”, perguntaram.

“Ele não vem hoje”, disse Abigail.

“Por quê?”

“Está com dor de estômago”, respondeu Abigail.

“Seu namorado soldado”, disse Millie Biddle, “não vem buscar você porque a barriguinha dele tá dodói?”

“Cala a boca, Millie”, disse Abigail.

A gêmea percebeu uma mudança de poder a seu favor, alterando sua conhecida posição social.

“O que acontece se ele se cortar com um papel?”, perguntou Millie. “Entra em licença médica?”

“Eu disse pra calar a boca, Millie”, disse Abigail.

Algumas garotas nos degraus lançaram olhares furtivos, sentindo a tensão. Abigail mal ergueu os olhos do sapato. A fivela continuava desanimadoramente opaca. O tom dela permanecia neutro e calmo.

“Ou talvez ele esteja mentindo”, disse Millie.

Maxine fez uma careta para a irmã. A careta dizia: pare de provocar Abigail Flynn, a garota mais popular da escola, a mais bonita da cidade. Abigail Flynn, que já namorou nosso professor de artes e agora namora um soldado.

“Talvez ele esteja com outra garota”, disse Millie.

Houve um arquejo de apreensão silencioso de todos os que estavam ao redor. Abigail ergueu o olhar do sapato e encarou Millie Biddle. Levantou uma sobrancelha. Era um desafio para que a gêmea continuasse naquela toada.

“Espera aí”, disse Millie. “Acho que a sua família curte esse tipo de coisa, né?”

Abigail se levantou dos degraus, limpou a poeira da saia educadamente e então deu um soco no rosto de Millie Biddle. O golpe produziu um ruído pequeno e perturbador quando a cartilagem cedeu ao nó dos dedos. Millie levou as mãos ao rosto, uma torrente brilhante de sangue escorrendo por trás dos dedos e manchando o branco da camisa de popeline do uniforme. Abigail não tinha a intenção de bater em Millie com tanta força, explicaria mais tarde à madre superiora. Na verdade, não tinha a intenção de bater em Millie de jeito nenhum, afinal *pedira* duas vezes à gêmea que calasse a boca. Foi um ângulo infelizz, o soco. Talvez algo que Abigail aprendera na aula de autodefesa que toda aluna do segundo ano era obrigada a fazer. Bater corretamente fazia parte do currículo da escola Filhas Sagradas. Millie Biddle ostentou dois olhos roxos e um protetor nasal por um mês, o que, pensou Abigail, a consolidou como a gêmea menos bonita.

Wes precisava de um outro par de olhos. Seu chefe era um homem estranho. Isso era de se esperar de alguém absurdamente rico. Não era incomum que o bilionário da tecnologia gastasse o equivalente a mais do que todas as economias de uma vida inteira de Wes em uma refeição que consistia em gafanhotos cobertos de mel, ou desse um lance em um fóssil de *diplodactylus* em um leilão, ou encomendasse uma sessão de terapia antienvelhecimento com ondas infravermelhas no “médico da luz”, ou ainda construísse, dentro de casa, uma máquina de gravidade zero que batizara de Câmara do Pensamento. Wes não tinha médico algum, nem de luz nem de trevas. Nos últimos tempos, porém, desde o início da primavera, o comportamento de Paul Alabastro se tornara ainda mais imprevisível – nervoso, mas também, concluiu Wes, estranhamente eufórico. Conferia o relógio com mais frequência e sorria quando passava, chegando até a puxar umas conversinhas fiadas, o que não parecia direcionado a Wes em específico, meio que mais lançado *a* ele, *através* dele – “não choveu muito nessa estação, definitivamente não” –, e o sr. Alabastro chegou até a rir sozinho, audivelmente, uma risada ao mesmo tempo inquietante e infantil. Parecia estar se preparando para dar mais uma festa cujos detalhes ficavam a cargo de uma garota que usava vestidos sem forma e deslizava pela propriedade como se estivesse patinando sobre um lago. A descrição do cargo dela não era nítida para Wes, embora o sr. Alabastro certa vez tivesse se referido a ela como sua *faz-tudo*, o que pareceu estranho a Wes, já que havia empregados para cada tarefa da casa, mas ele nunca fazia perguntas. Apenas vigiava a mansão. A garota cuidava da verificação de antecedentes dos garçons e dos manobristas para a festa que se aproximava, encomendava velas feitas por monges, mandava buscar gelo no Ártico e roupas de cama de regiões equatoriais, tecidas por bichos-da-seda ou pelas mulheres que os criavam. E os convites – era só com isso que a garota se preocupava. Como cada um era feito por um calígrafo nórdico e impresso em papel artesanal antigo, envelhecido como se fosse vinho. Era tudo estranho. Mas estranho

no sentido normal de gente rica. Nada que acionasse de forma evidente o radar, treinado pelo exército e altamente afinado, de Wes.

O trabalho seguia como de costume. Wes passava o tempo admirando a vasta coleção de arte, tapeçarias e todos os apetrechos da vida luxuosa da mansão. Aquela abundância o embalava numa espécie de transe. Certa noite, perto do fim da ronda, Wes encontrou a faz-tudo de Paul Alabastro num dos solários, encolhida e chorando sobre um pacote do tamanho de uma caixa de sapatos. Wes se ajoelhou ao lado dela, solidário, sem saber até que ponto aquela interação poderia violar os inúmeros acordos de confidencialidade que assinara ao aceitar o cargo.

“Está tudo arruinado”, gritou a garota.

“Não, não está”, disse Wes.

Ele não sabia a que a garota se referia, então os gestos de consolo eram vazios. *Podia* muito bem estar tudo arruinado. Mas, pela experiência de Wes, em geral não estava.

“A tinta”, gritou ela. “É a cor errada.”

Ela destravou a caixa e a abriu.

“É preto-meia-noite. Era pra ser preto-corvo.”

Wes lançou um olhar aos convites da festa, os pacotes mais bonitos que já tinha visto, cada um envelopado e endereçado com uma caligrafia preta lúdica.

“Ele vai perceber, sabia?”, disse a garota.

Wes sabia. Sabia que Paul Alabastro perceberia, nem que fosse apenas pelo prazer de ver uma tarefa executada exatamente como ordenara; mandaria destruir os belíssimos convites e substituí-los por outros quase idênticos. A garota tremia enquanto chorava, e Wes afagava a cabeça dela com uma das mãos, enquanto, com a outra, folheava de um jeito distraído a pilha de pergaminhos. Os nomes dos convidados de Paul Alabastro pareciam ser todos de homens. Homens com nomes que soavam como países, como profissões antigas. E então, ali no solário, as coisas passaram de estranho-normal para estranho-estranho. Entre os nomes masculinos fortes, elegantemente escritos nos envelopes, um o paralisou:

Abigail Flynn

Isso, sim, acionou o radar treinado pelo exército e altamente afinado de Wes. Ao ver Wes se deter e reagir ao convite, a garota arrancou a caixa das mãos dele. Os olhos dela se arregalaram.

“Por favor”, disse ela. “Você não viu nada aqui.”

Ela saiu apressada. Mas Wes tinha visto algo ali. Considerou a possibilidade de que sua namorada adolescente tivesse se esquecido de mencionar que fizera amizade casual com o recluso bilionário da tecnologia. Parecia improvável.

Wes precisava de outro par de olhos.

“Conheço um cara”, disse Marshall.

Chegando em casa naquela noite, Marshall contou a Wes sobre um homem que tinha, ou podia conseguir, tudo. Um visto de residência. Um catalisador. Um orangotango.

“Preciso de um detetive particular”, disse Wes.

“Esse cara tem tudo”, repetiu Marshall. “Sabe de tudo também. É tipo um clarividente, esse cara.”

Marshall entregou a Wes um cartão tirado da carteira esportiva. O cartão era minimalista, apenas um número de telefone e um aviso: *Não ligue depois das 19h30.*

“O que acontece depois das sete e meia?”, perguntou Wes.

“Ele tem filhos”, disse Marshall. “Hora de dormir.”

Wes mandou uma mensagem para Abigail dizendo que não conseguiria buscá-la na escola. Ela respondeu com dois-pontos e um parêntese esquerdo. O coração dele se partiu ao ver aquela combinação de pontuação. Nunca quis deixar Abigail triste. Doía não sair da estrada na altura da cidade dela, parar em frente à escola Filhas Sagradas e esperar que ela surgisse no meio da multidão de colegiais. Em vez disso, Wes encontrou o homem que tinha tudo no Rei do Frango depois do trabalho.

“O que tem de bom aqui?”, perguntou o homem.

“Frango”, disse Wes.

O homem era baixo, careca e comum, exceto pelos olhos, que eram de cores diferentes. Eles lhe davam um ar selvagem e desfocado. Embora não estivesse chovendo, nem houvesse previsão de chuva – de forma incomum e preocupante, a estação chuvosa estava no volume mínimo naquele ano –, o

homem usava capa de chuva e botas de borracha e carregava uma maleta volumosa. Ele a segurava com cuidado, não como quem carrega uma maleta, mas como quem carrega um bebê. O homem que tinha tudo pediu um combo de quatro pedaços de frango.

“Você não vai pedir nada?”, perguntou ele. “Fico desconfortável sendo o único a comer.”

“Meu estômago não está bom”, disse Wes.

Wes observou o homem devorar a refeição literalmente até o osso, deixando um cemitério sobre a mesa. Não parecia nem um pouco desconfortável, pensou Wes, vendo o homem lamber a gordura dos dedos. Wes não conseguia identificar o sotaque do homem. Havia nele uma entonação artificial. Ele entrava e saía dela.

“Vamos ao que interessa”, disse o homem.

Ele colocou a maleta sobre a mesa e a abriu. Wes olhou para dentro: sacos transparentes cheios de água, amarrados no topo, contendo peixes redondos e espinhosos.

“Quinhentos por um, mil e duzentos por três”, disse o homem. “É o melhor negócio que você vai conseguir, então não desperdice meu tempo tentando barganhar.”

Os peixes encaravam Wes de dentro dos sacos, bocas em forma de O.

“Houve um mal-entendido”, disse Wes. “Preciso de informações sobre alguém.”

“Sem peixe?”

“Sem peixe.”

“*Sem peixe*, ele diz”, repetiu o homem. Fechou a maleta e tamborilou os dedos no couro áspero. “Então, quem a gente vai investigar?”

“Meu chefe.”

“Problema, problema.”

“Preciso de algumas informações.”

“E quem, por obséquio, é o seu chefe?”

“Paul Alabastro”, disse Wes.

Os olhos flutuantes do homem se arregalaram. “Você quer informação sobre Paul Alabastro?”

Wes assentiu.

“O homem é mais misterioso que Deus.”

Wes assentiu de novo.

“Você tá me zoando, né?”

Wes balançou a cabeça.

“Diabos, ele inventa sistemas de segurança pra viver. Você quer informação sobre esse cara?”

“Achei que você conseguisse qualquer coisa”, disse Wes.

“Certamente”, disse o homem. “Mas, porra, tem certeza de que não quer só um peixinho? O veneno dos espinhos dá uma onda como você nunca sentiu antes, meu amigo.”

“Estou disposto a pagar”, disse Wes.

“Isso é óbvio, o pagamento.”

“O que for preciso”, disse Wes.

“*O que for preciso*, ele diz”, repetiu o homem. “Você tá mexendo com um Alabastro. Não é à toa que seu estômago dói. Posso perguntar por quê?”

O homem apoiou o braço casualmente no encosto do banco, como se estivesse aninhando uma acompanhante invisível. Wes permaneceu estoico, como sempre.

“Ele está agindo de uma forma estranha”, disse Wes.

“Ele é um Bilionário com B maiúsculo”, argumentou o homem. “É óbvio que ele age de forma estranha. Ninguém com essa grana toda bate muito bem da cabeça.”

“Mais estranho que o normal.”

“Isso é por causa de uma garota, não é?”

Wes encarou o homem. Nada nele parecia clarividente para Wes. As luzes de LED piscaram, projetando sombras sinistras sobre o linóleo do Rei do Frango.

O homem interpretou o silêncio como resposta. “Estamos falando da alta cúpula da sociedade. Um pouquinho de fraude fiscal aqui, um esqueminha de seguro ali, isso é tudo bem padrão. Tenho a sensação de que você está procurando algo, como posso dizer, em maior escala.”

Wes assentiu.

“Você já sabe como isso funciona”, continuou o homem. “É como um filme de terror, certo? Se você descer ao porão, lógico, vai encontrar algo horrível que provavelmente vai arrancar sua cabeça, mas se *não* descer ao porão, aí é outro tipo de filme. Um filme agradável.”

O estômago de Wes se retesou. Ele cerrou os dentes.

“Não precisa ficar chateado, amigo. Aceito seu dinheiro. Só estou dizendo que, na minha humilde opinião, geralmente não vale a pena descer até aquele porão.”

Wes cutucava o verniz descascado da mesa. Sujeira se acumulava sob as unhas.

“Você não parece um cara frívolo, você tem *certeza* de que...”

“Tenho”, disse Wes.

O homem entrelaçou as mãos à sua frente.

“Certo, ele tem certeza.” O homem fez um gesto com a cabeça em direção aos ossos de frango. “Cubro por despesas extras.”

Wes deixou dinheiro no balcão.

“Muito bem, então”, disse o homem. “Estou ansioso pra trabalhar com você, senhor...”

“Wes”, disse Wes.

“Muito bem, ansioso pra trabalhar com você, senhor Wes.”

Então o homem que tinha tudo ergueu o capuz e deixou Wes no Rei do Frango. Quando Wes atravessava o estacionamento, começou a cair um aguaceiro. Chovia baldes, um toró primaveril violento. O céu não dera nenhum indício – sem nuvens, até a tempestade avançar como uma missão secreta. Pedestres corriam em busca de abrigo, protegendo-se sob jornais e marquises. Os bueiros transbordaram, latas e garrafas navegando na correnteza. A água chacoalhava na caçamba da caminhonete de Wes enquanto dirigia para casa. Uma Abigail encharcada o esperava na porta do prédio. Ele correu até ela com o casaco erguido como uma lona e a conduziu para dentro.

“Desculpe não ter ido buscar você na escola”, disse Wes. A voz dele ecoou no saguão de concreto nu do cortiço onde morava.

“Não tive aula hoje”, disse Abigail.

“É feriado?”, perguntou Wes.

“Não”, disse Abigail. “Não tive aula hoje porque estou suspensa.”

“Por que você foi suspensa?”, perguntou Wes.

“Porque dei um soco na Millie Biddle”, respondeu Abigail.

Wes balançou a cabeça.

“Não quero ser dramática”, disse Abigail, “mas se você não me contar o que está acontecendo, eu vou me matar.”

Wes conteve uma risada. As táticas de negociação dela eram novas, se fazer de refém, usar o amor do oponente como arma – será que ele amava Abigail? Fazia apenas um mês. Mas claro que amava, pensou Wes, desde o começo.

“A Millie diz que você está tendo um caso”, disse Abigail.

“Não dê ouvidos a garotinhas bobas”, disse Wes.

Dentro do apartamento, Marshall assistia à sua novelinha na televisão portátil. A manga da camisa estava amarrada por cima do braço ausente. Toalhas e camisetas estavam socadas nos cantos do cômodo.

“Um pouquinho alagado”, disse Marshall.

“Conta pra mim”, insistiu Abigail. Wes era consideravelmente mais alto que ela, mesmo quando ela se erguia na ponta dos pés. À medida que o cabelo dele crescia, o soldado dela parecia mais jovem, mais menino.

“Tenho que proteger você”, disse Wes. “É meu trabalho.”

“Então você está me ignorando pra me proteger?”

Wes assentiu.

Tendo ouvido muitos impasses entre os pais, Abigail aprendera que nada de bom vinha de bater o pé. Ela cedeu. Amoleceu.

“Gosto do seu cabelo assim”, disse ela.

“Está comprido demais”, disse Wes.

Ele foi ao banheiro buscar mais toalhas. Marshall observou a mão dela, envolta em gaze.

“Dei um soco em alguém”, contou Abigail a Marshall.

“Boa garota”, disse Marshall.

“Vamos levar você pra casa.” Wes envolveu Abigail numa toalha. “É dia de aula.”

“Estou suspensa”, repetiu Abigail.

Mesmo assim, Wes a levou de carro de volta à cidade. Eles ficaram em silêncio, ouvindo a chuva, o rádio. *Os criminosos continuam foragidos*, dizia o rádio. *Obrigada pelo seu serviço*, lia-se no chaveiro de Wes. Ao se aproximarem da rua em *cul-de-sac* onde ela morava, Abigail se virou para Wes, os olhos arregalados e vidrados. Inspirou fundo, como fazia antes de nadar uma volta na piscina comunitária.

“*Achoqueeuteamo*”, disse Abigail. Saiu tudo como uma palavra só.

“O quê?”, perguntou Wes. Ele tinha ouvido perfeitamente.

“Eu disse que acho que te amo.”

Wes sorriu.

Depois fez uma careta.

“O que foi?”, perguntou Abigail.

“Dor de estômago”, disse Wes.

O grupo Ovelhas Desgarradas se reunia na igreja todas as segundas e sextas-feiras, exceto no Memorial Day, quando o encontro acontecia na terça. A srta. Winkle gostava que as reuniões emoldurassem a semana. Não tinha nenhuma experiência formal que a qualificasse para liderar outras pessoas. Achava que sua vida como cristã, os anos de dedicação e serviço, eram qualificação suficiente. Muitos grandes líderes não tiveram formação profissional para isso, e, embora no momento só lhe viessem à mente radicais e líderes de seitas, ela sabia que aquilo era verdade.

A vida dela era plena. No pouco tempo livre que tinha, além da maternidade e do grupo de apoio para pais de crianças com deficiência e das Ovelhas Desgarradas e da igreja e das atividades relacionadas à igreja e de presidir a comissão de planejamento para eventos relacionados à igreja, a srta. Winkle cuidava das orquídeas do viveiro. Amava aquelas coisinhas melindrosas, que exigiam condições exatas ou simplesmente definhavam e morriam. Era algo que respeitava.

Todas as semanas, a srta. Winkle ouvia atentamente enquanto as ovelhas lamentavam as provações de suas vidas e oferecia um versículo prescritivo quando julgava pertinente. A srta. Ansel, a do vitiligo, abusava da medicação controlada. Kimble estava absolutamente convencido de que o governo local canalizava produtos químicos para a água da torneira a fim de provocar inclinação homossexual.

“Por que”, perguntou a srta. Winkle, paciente, “você acha que o governo quer que você seja gay?”

“Não faço a menor ideia”, respondeu Kimble. “Mas antes eu não era assim.”

A srta. Winkle sabia que às vezes as ovelhas podiam receber conselhos, mas que em outras precisavam encontrar o próprio caminho, como ela mesma havia feito. Quando Perry nasceu, aceitou a doença da criança apenas como mais uma prova divina. O mesmo aconteceu quando o marido foi embora. Encarou tudo aquilo com firmeza. O Senhor dá e o Senhor tira. Era gentil e educada com seu rebanho, mas mantinha uma distância

emocional segura. Chegar perto demais dificultava o momento em que eles iam embora, evoluíam, seguiam adiante, o que sempre acontecia. As ovelhas não permaneciam perdidas para sempre se fizesse bem o trabalho dela. Era a única integrante permanente. Por isso evitava um envolvimento profundo e pessoal na vida das ovelhas. Até Bud Flynn aparecer.

No que dizia respeito a Bud, havia duas vozes nos ouvidos da srta. Winkle – a de um anjo e outra que, bom, talvez não fosse exatamente a de um demônio, mas com certeza era mais solta e flexível com as regras. A voz do anjo lhe dizia que Bud era casado e que quebrar o voto matrimonial era um pecado mortal. Um mandamento, afinal. Havia apenas dez. Era tão difícil assim seguir dez regras? E embora, lógico, Bud e a esposa fossem casados apenas pela lei e não aos olhos de Deus, ainda assim ele havia feito um voto, um voto que ele e a srta. Winkle estavam quebrando com frequência, múltiplas vezes agora, no banco de trás do carro dele, no sofá dela e certa vez numa sessão do Cinema Vintage durante a tarde. Feito a um padre ou a um funcionário do cartório, um voto ainda era um voto, e esse fato atormentava a srta. Winkle com culpa. Como poderia liderar suas ovelhas pelo exemplo se ela mesma não agia de boa-fé? Estava quebrando as regras – as de Deus e as próprias. Não era alguém que quebrava regras. Por que começar agora? Porque aquilo a fazia feliz, simples assim. Sublime, vertiginosa, irracionalmente animada. Uma alegria pura e absoluta que a revitalizava, se instalava nos ossos, a sustentava ao longo dos dias. A outra voz no ouvido dela, a mais moderna e indulgente, dizia que uma felicidade desse calibre era rara, finita, e não devia ser desperdiçada.

A srta. Winkle não era estranha à adversidade, por isso acolheu essa nova alegria com um saudável ceticismo. Com certeza Deus tiraria Bud dela, como tirara o último marido, o corpo que tivera um dia e aquela marca de chocolate ao leite que adorava e fora descontinuada. Agora misturavam chocolate ao leite e chocolate amargo, afirmando que *o amargor deixa tudo melhor*. Nada jamais lhe parecera menos verdadeiro. Na amargura onipresente da vida era uma sorte receber sequer um momento de puro leite.

Nas semanas que se seguiram ao primeiro envolvimento, Bud começou a levar jantares, brinquedos táteis para Perry e a compartilhar com Priscilla anedotas do dia de trabalho. Ele despertara algo nela que estivera enterrado

havia muito tempo. Ela passou a colocar bobes no cabelo e comprou um perfume no balcão da loja de departamentos. Se pegava cantarolando enquanto preparava as refeições. Era certo que a felicidade da srta. Winkle não duraria e que, quando Bud fosse embora, ela lidaria com isso com serenidade, mas, por ora, saboreava esse mínimo de doçura. Observava afetuosamente quando ele adormecia no sofá, o subir e descer da respiração, e pensava que talvez o mundo não fosse tão cruel assim, se lhe trouxera Bud Flynn.

Numa bela tarde de fim de abril, a srta. Winkle chegou para a reunião das Ovelhas Desgarradas e encontrou a igreja coberta por uma lona listrada vermelha e amarela. Parecia uma tenda de parque de diversões. Um aviso estava pregado na frente – nem sequer plastificado, ela notou –, explicando: TODA A PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA SUSPensa DEVIDO À FUMIGAÇÃO. A srta. Winkle bufou baixinho. Diziam que, se alguém quisesse fazer Deus rir, bastava fazer planos. E embora a srta. Winkle não se considerasse uma espécie de comediante divina, planos ela tinha. Onde as ovelhas se reuniriam agora? Estavam avançando tanto com o transtorno alimentar de Stella, com o vício em sexo de Billy. Tirou o celular da bolsa e ligou para o número pessoal do padre Andrew, o número que lhe instruía a usar apenas em caso de emergência grave ocorrendo na igreja ou no entorno dela, como incêndio, enchente ou vazamento de gás tóxico.

“Boa tarde, senhorita Winkle?”

“Certamente não é.”

“Está ocorrendo uma emergência grave na igreja ou no entorno dela?”

“Sim, de certo modo...”

“Uma emergência grave como incêndio, enchente ou vazamento de gás tóxico?”

“Bom...”

“Há um incêndio, enchente ou vazamento de gás tóxico na igreja ou no entorno dela?”

“Não, mas...”

“Por favor, não abuse do número de emergência, senhorita Winkle.”

A srta. Winkle se recompôs. Encarou o celular. Nunca tinha conhecido um padre com uma atitude pior.

“Mas, padre, há algo acontecendo com a igreja.”

“Ela está sendo fumigada.”

“Bom, isso é simplesmente inaceitável!”

“A senhora leu o aviso na porta?”

“Não vejo aviso nenhum na porta.”

“Tem um aviso na porta.”

“Talvez tenha sido arrancado pelo vento. O senhor se lembrou de plastificar? Avisos importantes devem sempre ser plastificados.”

“A igreja retomará a programação normal amanhã.”

A srta. Winkle bateu o pé. A frustração que aquele homem de batina despertava nela era francamente infantil. Ninguém pode *fazer* você sentir nada, disse a si mesma.

“Mas minha reunião, padre”, prosseguiu ela, esforçando-se para manter um tom animado. “A minha reunião é hoje. Não amanhã. As Ovelhas Desgarradas se reúnem todas as segundas e sextas-feiras, exceto no Memorial Day, quando nos reunimos na terça. Sempre foi assim e sempre será assim. Essas pessoas são muito frágeis, padre. Estão acostumadas à rotina. Para alguns, é tudo o que têm.”

Houve um silêncio do outro lado da linha. A srta. Winkle acreditou ter ouvido um suspiro.

“Talvez a senhora possa realizar a reunião de hoje em alguma das outras áreas públicas recreativas, como a praça da cidade, o anfiteatro ou o centro juvenil.

“Não, não, não.” Ela estava perdendo a calma. “As Ovelhas Desgarradas não se reúnem no parque, nem no anfiteatro, nem no centro juvenil. Nós nos reunimos na igreja. Dispomos as cadeiras em círculo. Fazemos a invocação e falamos livremente por uma hora e meia, depois socializamos por quinze minutos em torno das libações.”

Sob o braço, a srta. Winkle carregava uma vasilha de salada de presunto.

“Esse é um caso”, disse o padre Andrew, “em que preciso incentivar, não, *insistir* na sua flexibilidade.”

“O jardim”, disse a srta. Winkle ao celular. “Essa é a minha oferta final.”

“Isso não é uma negociação.”

“Estou me sentindo um pouco como Maria”, disse a srta. Winkle. “Sem lugar na estalagem.”

“A ‘estalagem’ está sendo impregnada com...”

“Produtos químicos”, disse a srta. Winkle, retomando o fôlego. “O que significa que a igreja está em contato direto ou indireto com gás tóxico, o que constitui uma emergência grave, o que justifica esta ligação.”

Outra pausa, outro suspiro, mais audível agora.

“Por favor, limpem tudo depois”, disse o padre Andrew.

“E depois de hoje, os mosquitinhos terão ido embora?”

“Sim”, respondeu ele. “Depois de hoje, os mosquitinhos terão ido embora.”

Ele encerrou a chamada.

A srta. Winkle acenou com os dedos para as ovelhas que se aproximavam e as conduziu ao jardim. Era uma boa mudança de ritmo, tinha de admitir, isso de se reunirem entre a vegetação brotando, sob os sinos quebrados da igreja. As roseiras, o bebedouro de pássaros. Bud estava ausente por causa de algum compromisso corporativo. Aquilo renderia uma boa anedota para contar mais tarde. As ovelhas no jardim.

“Hoje vamos fazer algo novo”, disse a srta. Winkle.

O grupo a encarou com olhares vazios.

“Ora, vamos, não sejam *ovelhinhas acanhadinhas*”, acrescentou.

Ela passou a salada de presunto no sentido horário. Kimble cuspiu na terra.

Depois da reunião, a srta. Winkle buscou Perry no centro de convivência infantil. A freira entregou a ela os desenhos do dia: círculos concêntricos, escuros e perturbadores, feitos com lápis de cera esfregado contra o bloco de notas até o estupor.

“Que criativo”, comentou a srta. Winkle.

A freira apenas a fitou com pena.

Enquanto dirigiam para casa, a srta. Winkle se maravilhou ao notar como os dias tinham ficado mais longos. Mais uma hora abençoada de sol.

“Por que você não me conta sobre seus desenhos?”, pediu a srta. Winkle.

“O que é que tem eles?”, perguntou Perry.

“O que são?”

“O interior da minha garganta.”

Perry mexeu no rádio do carro.

“Que tal sanduíche de queijo quente no jantar”, sugeriu a srta. Winkle, “e sopa fresca de tomate?”

Era uma sugestão retórica. Sanduíche de queijo quente e sopa de tomate eram tudo o que Perry comia ultimamente. Às vezes um nugget de frango, se tivesse o formato do dinossauro certo.

Perry puxou os abafadores de ouvido e os deixou pendurados no pescoço.

“Algo ruim vai acontecer”, disse ela, com naturalidade.

“Por que você está dizendo isso?”, perguntou a srta. Winkle. “Nada de ruim vai acontecer, querida.”

“Algo ruim vai acontecer *em breve*.”

Aquilo não parecia preocupar Perry. Ela apenas transmitia a informação às partes interessadas.

A srta. Winkle vislumbrou a própria imagem no retrovisor e estremeceu. Rugas se espalhavam dos cantos dos olhos como sistemas de raízes avançando. Como dizer à filha que algo ruim acabava acontecendo com todo mundo, mais cedo ou mais tarde? Confessar essas realidades era o que achava mais difícil na maternidade. Se ao menos pudesse cuidar de Perry como de uma orquídea, mantê-la aquecida e protegida para sempre.

“Escute”, disse a srta. Winkle. “Vai ficar tudo bem, minha menina.”

Perry deu de ombros, como quem diz *não diga que não avisei*.

“Você não precisa pensar nessas coisas assustadoras”, disse a srta. Winkle.

Ela acariciou o cabelo da filha com a mão que não dirigia.

“Você não acredita em mim porque sou retardada.”

“Não, não acredito em você porque você tem onze anos.”

“Eu sei que algo ruim vai acontecer.”

“Como você sabe?”

Perry sintonizou a mesma estação de sempre, que não era estação nenhuma, mas uma zona morta que transmitia apenas chiado. A srta. Winkle assegurou a si mesma, em silêncio, que aquilo não era uma tendência satânica.

A criança olhou pela janela, ouvindo a estática.

“O que é aquilo em cima da igreja?”, perguntou ela.

“Eles estão cobrindo pra acabar com os mosquitinhos de planta”, respondeu a srta. Winkle. Assim que as palavras escaparam, ela desejou poder voltar atrás. Os olhos de Perry dobraram de tamanho.

“Está tudo bem, está tudo bem”, disse a srta. Winkle.

Perry começou a gritar.

A srta. Winkle desviou do tráfego próximo enquanto tentava encostar o carro. Mal tinham superado a dedetização de cupins. Noites de lamentos e choro até os vizinhos fazerem reclamações. Ver a filha sofrendo, por mais irracional que fosse, devastava a srta. Winkle. Ela salvaria cada mosquito e cada cupim da Terra para aliviar a dor de Perry.

Os faróis passavam velozes. Fazer os moradores da cidade respeitarem os limites de velocidade, pensou a srta. Winkle, era uma batalha para outro dia. Com o carro parado no acostamento, ela se inclinou sobre o porta-copos e segurou as mãos da filha. Os gritos continuaram.

“Eu sou um mosquitinho de planta”, soluçou Perry.

“Você não é um mosquito”, garantiu a srta. Winkle.

“Está doendo”, chorou a menina.

A srta. Winkle enxugou os olhos de Perry, sem sucesso. Eram torneiras abertas.

“Faça eles pararem”, implorou ela.

“Eu não posso, minha menina.”

Perry chorava convulsivamente. A respiração acelerou, os lábios tremiam enquanto ela se engasgava a cada soluço. A srta. Winkle saiu do carro, foi até a porta do passageiro e tomou a filha nos braços. O carro apitava para que colocassem o cinto de segurança.

“Você não é um mosquito”, sussurrou ela. “Você não é um mosquito. Você não é um mosquito.”

Aos poucos, o choro foi cedendo, se transformando em fungadas, depois num gemido baixo. Talvez Perry estivesse certa. Quem eram eles para brincar de Deus? Para alterar um ecossistema em nome de uma conveniência mínima? Os mosquitos de planta tinham tanto direito de estar ali quanto os humanos. Biblicamente, insetos eram enviados como punição, uma praga a ser suportada e sofrida, não exterminada com uma lona de circo. Talvez a cidade inteira devesse estar de luto pelos mosquitos. Por que o fardo recaía só sobre Perry? As crianças, pensou a srta. Winkle, elas

percebiam algo. Estavam, de algum modo, mais próximas da verdade. Ainda conseguiam ver o que os adultos tinham perdido de vista. Mas Priscilla Winkle sabia uma coisa com absoluta certeza, porque garantiria que fosse assim até o seu último suspiro:

“Nada de ruim vai acontecer com você”, disse ela.

Harper Flynn sentia que havia chegado perto demais da verdade e que, por isso, precisava sofrer. O Retiro Natureza e Vida Selvagem São Pedro era um programa intensivo de uma semana para jovens problemáticos. Ainda assim, um “retiro” supostamente implicava camas, pensou Harper, quando não cabanas, quando não um spa completo. Tirolesa. Tênis. Esportes aquáticos. Acesso à internet. Um refeitório com a cabeça de um cervo empalhado. Harper havia criado essa imagem por conta própria. O folheto do acampamento era ambíguo o suficiente para não sugerir o contrário. O Retiro Natureza e Vida Selvagem São Pedro não tinha spa. Quando o ônibus entrou na rodovia, uma monitora, que mais parecia uma carcereira, com o cabelo cortado curto como o de um menino, passou recolhendo os celulares numa caixa com cadeado. Não houve cantoria de músicas de ônibus, nem o jogo de quantos-queres, nem tranças sendo feitas. A garota sentada ao lado de Harper cutucava um piercing infeccionado no nariz enquanto elas observavam a sociedade civilizada desaparecer ao longe. Passaram por pequenos planaltos e letreiros anunciando capelas mórmons. Letreiros contra a violência doméstica e propagandas de bufês de cassino. Uma hora depois do início da viagem, uma garota de dreadlocks desfiados tentou fugir em uma área de descanso de um posto de gasolina. As outras assistiram pelas janelas enquanto era contida pelas monitoras e devolvida ao ônibus.

Subiram, subiram, subiram até onde a montanha encontrava o céu. Onde o céu encontrava o purgatório. Harper recebeu uma mochila com carne seca petrificada para carregar, quatro hastes e uma folha de lona ajustável.

“Onde está minha mala?”, perguntou Harper.

“Começamos com nada”, disse a monitora de cabelo curto. “Os pertences são um luxo que você pode reconquistar com bom comportamento. Mas começamos com nada.”

No Natureza, repelente de insetos era um luxo. Roupa íntima limpa era um luxo. Lâminas de depilação, protetores bucais e pentes eram todos luxos.

Livros que não fossem considerados textos religiosos também eram um luxo, assim como lanternas para leitura – luxos que Harper ainda não havia conquistado. Os luxos eram obtidos de duas maneiras: com trabalho braçal intensivo ou vulnerabilidade sincera.

A natureza do Natureza foi se revelando nos dias seguintes. Respostas eram um luxo. O grupo estava fazendo uma trilha, mas para onde e por quanto tempo não se sabia. Os dias eram tão exaustivos que Harper começou a compreender a eficácia do programa. A privação de comida e de sono abafava o impulso de mentir ou roubar, de atear fogo – fogueiras luxuosas, não as usadas para aquecer e cozinhar; essas eram incentivadas. Harper atravessou águas geladas junto com as outras pré-adolescentes delinquentes. Caminhou quilômetros sob um calor intenso.

À noite, as monitoras presidiam uma espécie de tribunal em torno da fogueira. Harper observava as companheiras problemáticas e se perguntava o quanto cada uma havia chegado perto da verdade. As garotas eram incentivadas a falar, a contar suas histórias de negligência, transtornos alimentares, agressão sexual. À luz da fogueira, eram alinhadas, vendadas e obrigadas a confessar seus maiores medos.

“Meu maior medo”, disse Harper, “é ter meu celular confiscado e ser obrigada a vagar pela floresta.”

A monitora de cabelo curto perguntou por que Harper estava no Natureza.

“Porque eu sei demais”, respondeu Harper.

“Pode explicar melhor?”, perguntou a monitora.

“Minha família está sendo observada por uma cabala secreta de bilionários.”

Isso não rendeu a Harper nenhum luxo.

Uma a uma, as garotas foram ficando cansadas e dóceis, com o espírito vencido. Os piercings no nariz cicatrizaram. Aprenderam a pescar. Colhiam cogumelos e frutas. Fingiam chorar ao redor da fogueira para ganhar fio dental.

Harper era forte. As outras garotas sentiam falta de coisas das quais ela não sentia. Sentiam falta de maquiagem. Sentiam falta de depilar as pernas e fazer as sobrancelhas. Sentiam falta de vários garotos, amigas e shoppings. Entalhavam as iniciais de suas paixonites nas árvores. Harper sentia falta das

freiras da escola Filhas Sagradas. As punições de lá pareciam antiquadas: vá se sentar no canto, escreva o Pai-Nosso no quadro de giz. Sentia falta dos castigos. Sentia falta da internet e da frieza da tela do celular. Sentia falta da aparência da sua rua à noite e do som abafado da mãe assistindo à televisão no cômodo ao lado.

Harper decidiu que teria de participar para sobreviver à Natureza. Junto à fogueira, mais uma vez, a monitora perguntou por que Harper estava ali.

“Meus pais são esquisitos”, respondeu Harper.

“Tentamos não usar palavras como ‘esquisitos’ aqui”, disse a monitora. “Você pode ser mais específica?”

“Sim, então, minha mãe está saindo com o nosso vizinho e meu pai está saindo com a senhora da igreja que coordena o grupo de autoajuda dele.”

O grupo encarou Harper.

“Isso é bem esquisito”, disse a garota do piercing no nariz.

“Pra ser totalmente sincera”, continuou Harper, “eu já estava me metendo em encrenca antes de tudo isso, mas tenho certeza de que os acontecimentos desse ano agravaram minha petulância.”

“E como você se sente em relação a tudo isso?”, perguntou a monitora.

Harper pensou.

“Como se meus pais fossem se separar e minha vida fosse mudar”, disse ela.

“Mudança assusta”, disse a monitora. “Talvez a mudança seja um dos seus medos.”

“Talvez”, disse Harper.

Isso rendeu a Harper um brownie desidratado. Era a melhor coisa que já tinha comido.

Na manhã seguinte, Harper acordou ao amanhecer numa pequena poça de sangue. Correu para lavar a calcinha no rio. Pela primeira vez na vida, sentiu saudade da mãe.

Passou o dia se sentindo estranha. Teve vontade de chorar ao abrir um salmão e encontrar ovas em sua barriga. Não chorou. Mas sentiu um aperto na garganta, sentiu o quanto ainda era inexperiente e tinha muito a viver.

Outra campista havia conquistado um estojo cor-de-rosa com espelho por bom comportamento. Quando Harper o pegou emprestado para gerar calor suficiente e iniciar uma fogueira, cruzou o próprio olhar no

espelho. Tinha ganhado novas sardas e perdido um pouco da gordura infantil, o que destacava suas maçãs do rosto. A garota refletida era bonita.

Na última noite no Natureza, com a fogueira crepitando, perguntaram a Harper uma última vez por que estava ali.

Harper deu de ombros. “Acho que eu não sabia tanto quanto pensava.”

No ônibus de volta, estudou o próprio reflexo na janela. Harper cutucou a casquinha do joelho até sair sangue. Passou o sangue na boca, deixando os lábios avermelhados.

“Nossa estrela do rock chegou!”, disse a srta. Winkle, ao ver o estojo de violão de Bud.

“Não, na verdade é uma espingarda. Estava pensando em só sair matando todo mundo”, disse ele.

“Nada de piadas com homicídio no OD, Bud.”

A srta. Winkle reuniu suas ovelhas.

“Kimble, como está esse olho, amigão?”, perguntou Bud.

Kimble grunhiu.

No começo ele não curtiu muito toda aquela coisa religiosa, mas a srta. Winkle defendia a importância daquilo. Disse a Bud que a parte espiritual do grupo Ovelhas Desgarradas era como a parte molhada do oceano. Era intrínseca. Assim, Bud foi reintroduzido aos valores cristãos e, vejam só, a vida dele estava mudando para melhor.

“Alguns avisos importantes antes de começarmos. Não se esqueçam do mutirão Salve as Focas, na praia, neste sábado”, disse a srta. Winkle com sua voz de anúncio.

“Eu não vou limpar praia nenhuma”, resmungou Kimble.

“É um direito seu”, disse a srta. Winkle. “E só lembrando que a igreja está aceitando doações contínuas para o conserto dos sinos.”

Uma cestinha de coleta circulou.

“Vamos em frente”, disse a srta. Winkle. “Vamos tentar algo novo hoje.”

Eles tentavam algo novo a cada encontro.

Ela distribuiu blocos de notas em branco pelos integrantes do grupo, sentados em círculo.

“É um exercício de escrita criativa. Quero que inventem um mundo parecido com o de vocês, mas sem pessoas ou lugares que existam como vocês os conhecem. Podem ser análogos à realidade, mas devem ter origens estritamente imaginárias. No mundo de vocês, por exemplo, Mango Rooney’s pode se chamar Sylvester Strawberry, e assim por diante. Esse é um exercício de controle, vocês decidem tudo sobre esse mundo. Nesse mundo, vocês são...”

“Deus”, disse Kimble.

“Bom, não, isso seria blasfêmia, mas nesse mundo vocês mandam. Todo mundo entendeu?”

“Então posso fazer todo mundo, digamos, perecer num incêndio?”, perguntou o homem tatuado que vestia um macacão sujo.

“É o seu mundo”, disse a srta. Winkle. “Se é isso que você deseja fazer com sua autoridade absoluta, então assim será.”

“Posso dar guelras de peixe pra todo mundo?”, perguntou a divorciada.

“Sem dúvida”, respondeu a srta. Winkle.

“Posso dar milhões de dólares à personagem que sou *eu*?”, quis saber a adolescente.

“Lógico que pode”, disse a srta. Winkle.

“Posso tirar a dor de todos?”, indagou a srta. Ansel, com sua estranha pigmentação da pele. “Tipo, posso fazer com que as pessoas do meu mundo não sintam dor como a gente sente?”

“Sim.” A srta. Winkle sorriu. “Sim, você pode.”

O círculo pareceu aprovar coletivamente a tarefa.

“Agora”, prosseguiu a srta. Winkle, “um agrado especial do nosso membro mais recente.”

O círculo se voltou para Bud.

“Já faz um tempo”, disse Bud. Ele não tocava violão desde que a banda tinha acabado, no começo dos seus vinte anos, exceto por algumas canções de ninar que dedilhava para as filhas. Mas elas formavam uma plateia mais severa que a média.

“Então”, disse Bud. “Minha mãe era loucamente religiosa...”

“Vamos evitar usar ‘louca’ como pejorativo, por favor”, interrompeu a srta. Winkle.

“Certo, tudo bem, hum, minha mãe era uma devota totalmente pirada, uma lunática que rezava pela minha alma mortal se eu comesse pasta de amendoim comprada no mercado”, disse Bud. “Então acabei aprendendo alguns hinos na juventude.”

Ele começou a tocar antes que pudesse ser interrompido de novo. O ditado *é como andar de bicicleta* veio à mente, mas Bud duvidava que hoje em dia conseguisse se manter sobre uma. Instruiu o grupo a cantar junto, caso conhecessem a música. A srta. Winkle piscou para Bud. Ele decidiu

que ligaria para ela mais tarde. Ia deitar e rolar naquela praia. A canção era assim:

*Senhor, que do alto vieste a mim
Para me abençoar com teu amor sem fim
Mesmo quando erro, vens me amparar
Pois esse é teu modo santo de amar*

*Seja o que for que ordenes fazer
De tuas mãos santas vens me prover
E ao consumir da tua carne sagrada
Partilhas comigo essa graça elevada*

Abigail, Louise e Harper Flynn estavam esparramadas no banco de trás da minivan bagunçada, como se fosse um táxi. Ninguém se ofereceu para se sentar na frente com Bud. Harper tinha acabado de voltar do acampamento de crianças problemáticas. Havia algo diferente nela, Bud pensou. Estava sentada mais ereta. Ele se parabenizou mentalmente por um trabalho de pai bem-feito.

“Estamos esquecendo alguma coisa?”, perguntou Bud ao espelho retrovisor.

“Como é que a gente vai saber”, disseram as garotas, uma por cima da outra, “se estamos esquecendo...”

“Que tal um audiolivro?”, sugeriu Bud.

Um gemido coletivo veio do banco de trás.

“Por que você trouxe o violão?”, perguntou Louise.

“Achei que depois a gente podia cantar junto”, disse Bud.

“*Cantar junto?*”, questionaram as garotas.

Bud entrou na rodovia. As filhas fizeram beicinho. Tinham reclamado tanto do mutirão na praia que, no fim, Bud ofereceu cinquenta dólares para cada uma em troca da participação. Um bom investimento, garantiu a si mesmo. Aumentou o volume do audiolivro. A família Flynn seria um pilar da comunidade, mesmo que tivesse de ser subornada.

“Louise, o que você está vestindo?”, perguntou Abigail.

“Preciso ir ao banheiro”, disse Harper.

“É meu maiô!”, respondeu Louise.

“Ele cobre a sua cabeça”, disse Abigail.

“É pra poder desfrutar do lazer americano mantendo a humildade e a deferência a Deus”, disse Louise.

Harper e Louise se revezavam jogando Game Square, um console genérico que Bud comprara para o aniversário de uma das filhas, pela metade do preço dos consoles de marca, com basicamente as mesmas funções. Tivesse ou não as mesmas funções, não era de marca, e as garotas nunca deixavam Bud se esquecer disso. Às vezes você paga pelo nome, Catherine lhe dissera depois. Era algo que ele estava aprendendo. Marido, pai – esses eram nomes pelos quais Bud pagava. Abigail encarava a paisagem pela janela. Já estava velha demais para o Game Square.

Catherine tinha desistido do mutirão da praia para visitar a irmã naquela noite. A irmã de Catherine, Colleen, tinha se mudado para uma cidade próxima, pois precisava de mais espaço para criar codornas. Tinha dois dobermans enormes, que as garotas chamavam de “os primos”. Todos temiam a visita anual à tia Colleen. Ela dava às garotas castanhas de caju caramelizadas que tinham gosto de sabão e falava da moeda em queda livre que era a juventude delas. No ano anterior, os primos tinham entrado no viveiro das codornas. Harper tinha gostado dessa parte.

“Estou enjoada”, anunciou Louise.

“É só olhar pela janela”, disse Bud. “Aproveite a paisagem.”

“Que paisagem?”, perguntou Abigail.

“A arquitetura do pós-guerra”, disse Bud.

“Preciso ir ao banheiro”, repetiu Harper.

“Tem banheiro na praia”, disse Bud.

“Eu disse que *preciso ir ao banheiro*, não que *quero pegar hepatite*.”

“Os banheiros da praia são bons, Harper”, disse Bud.

“Caso você não saiba”, disse Harper, “eu menstruo agora, então, quando digo ‘preciso ir ao banheiro’...”

Na saída seguinte, Bud deixou a rodovia tão rápido que os suprimentos de praia voaram por toda parte. O protetor solar, os sanduíches e as garrafas d’água caíram sobre as garotas.

A praia era cinzenta, mas agradável aos olhos de Bud, a areia escorregadia com o escoamento da refinaria de petróleo. Isso escurecia a sola

dos pés dos voluntários. Ao chegar, ofereceram às garotas camisetas com a frase AMAR O MAR, as quais recusaram educadamente.

O padre Andrew distribuía espetos aos moradores da cidade para que recolhessem o lixo, os paroquianos parecendo um desajeitado grupo de prisioneiros acorrentados. Alguém carregava uma caixa de som tocando rock cristão. Os coroinhas travavam uma batalha com pistolas de água.

Bud espetou um pedaço de plástico com sua haste.

“Vocês estão perdendo um lixo ótimo por aqui”, gritou ele para as garotas. Elas arrastavam os pés na água rasa. Bud tinha crescido frequentando praias como aquela, abjetas e contaminadas, mas quase belas em sua desolação. Cutucou algumas algas que acabaram por se revelar um aplique de cabelos longos.

O padre Andrew não gostava da praia. Não gostava da areia insistente que ficava nos tapetes do carro por dias, como uma lembrança ruim. Não gostava de ver aves marinhas defecando nas pedras nem de ouvir o estrondo ensurdecido e descompassado da água. E detestava especialmente a nudez parcial promovida pelas roupas de banho. Nem todos, concluiu o padre Andrew, haviam sido feitos à imagem de Deus. Antes de se tornar homem do clero, o padre Andrew fizera amor com uma mulher na praia, a pedido dela. Uma experiência terrível, como lembrava. Superestimada. Hoje, praticamente lançava olhares de reprovação ao oceano. O psicoterapeuta da paróquia comparara o oceano a uma mulher – misteriosa, volúvel e regida pela lua –, deduzindo que a atitude repulsiva do padre Andrew em relação à maré era uma forma de misoginia. O psicoterapeuta realmente aproveitava qualquer oportunidade, pensou o padre Andrew, para explorar seu machismo reprimido.

“Como você está, Bud?”, perguntou o padre.

“Sabe, não tão mal”, respondeu Bud, e falava sério.

“E deu tudo certo com seu amigo?”

“Que amigo?”

“O *amigo* com pensamentos suicidas?”

“Ah”, disse Bud. “Sim, ele está resolvendo as coisas.”

A alguns metros dali, Bud viu Priscilla Winkle e sorriu. Ela acenou para ele com seu espeto de lixo. A srta. Winkle tinha uma camada espessa de protetor solar espalhada pelo rosto. A filha estava sentada numa poça de

maré próxima, garimpando caranguejos-eremitas. Enfiada em seu saco azul-cobalto sem forma, a srta. Winkle se assemelhava às próprias focas que supostamente estavam salvando. Bud gostaria de vê-la equilibrar uma bola no nariz, sua pequenina toninha. Desviou o olhar. Tinham concordado em manter o caso em segredo. O que todos pensariam? As Ovelhas Desgarradas, a comunidade. Bud nem tinha certeza do que ele próprio pensava. Planejava contar às crianças naquela mesma noite.

“E como estão as garotas?”, perguntou o padre Andrew.

“Ah, péssimas, padre”, respondeu Bud. “Só a terapia já está me custando uma pequena fortuna.”

“Nossa”, disse o padre Andrew.

O tempo que passara no seminário não o preparara para lidar com os dramas domésticos da família Flynn.

“O verão está no ar”, comentou o padre Andrew.

Bud assentiu.

“Embora seja diferente a cada ano”, disse o padre Andrew, “a primavera sempre dá lugar ao verão.”

“Isso é uma parábola?”, perguntou Bud. “Ou o senhor só está me explicando as estações?”

Todas as cabeças na praia se viraram quando Abigail Flynn tirou o short e a camiseta, revelando um biquíni ínfimo, cerca de um número menor que o ideal. Estava magnífica, e o papel de Bud em sua produção lhe dava um orgulho perverso. Como ela um dia nadara para fora das cavernas de seu escroto e evoluíra para esse espécime perfeito, digno de capas de revista e da fantasia masculina. Embora outros homens inevitavelmente entrassem na vida dela, só um a havia feito.

As garotas Flynn haviam abandonado completamente os espetos, e Louise a cobertura de cabeça, e se revezavam trançando o cabelo umas das outras à sombra de uma saliência rochosa. Reclamavam da música cristã, do cheiro químico no ar e discutiam o que cada uma faria com seus cinquenta dólares. Podiam juntar o dinheiro para um prêmio maior, embora já não compartilhassem muitos interesses materiais. Harper mostrou a elas um livro do acampamento, uma espécie de manual de sobrevivência com diagramas de torniquete, manobra de Heimlich, como cauterizar um ferimento. Abigail espiou o pai por cima dos óculos escuros.

“Tem algo estranho com ele”, disse Abigail.

“Como assim?”, perguntou Louise.

“Não sei”, disse Abigail. “Ele parece... mais feliz.”

Harper tirou areia do meio dos dedos dos pés.

“Talvez seja porque está dormindo com a senhorita Winkle”, disse Harper.

Abigail e Louise se viraram para a irmã ao mesmo tempo.

“Fala *sério!*”, disse Louise.

“Tô falando sério”, respondeu Harper.

“Não espalhe boatos”, disse Abigail.

“Não estou espalhando boatos”, rebateu Harper. “A filha dela me contou.”

“Não estou entendendo”, disse Louise.

Observaram a srta. Winkle descendo a praia, pesadona, repreendendo as crianças locais. Abigail acendeu um cigarro e foi prontamente repreendida pelo padre Hayworth com o megafone. Ela apagou o cigarro na areia e espetou a bituca com a haste de recolher lixo.

“E vocês sabem o que mais?”, disse Harper. “Acho que a mamãe não está na casa da tia Colleen.”

“Agora você está sendo paranoica”, disse Louise.

“Vi ela separando uma lingerie rendada”, disse Harper. “Pra quem ela separou isso? Pros primos?”

“Você acha que ela está com o vizinho?”, perguntou Abigail.

“Uhum”, confirmou Harper, em tom sábio.

“Não quero saber de nada disso!”, disse Louise, se ajoelhando de repente.

“O que você está fazendo?”, perguntou Abigail.

“Estou rezando por eles”, respondeu Louise.

* * *

Naquela noite, depois que cada garota tomou banho e os ralos da casa Flynn se encheram de areia e piche, Bud convocou uma reunião de família. Harper, Louise e Abigail se reuniram na sala de jantar enquanto Bud arrumava a mesa, uma mistura de pratos, copos e guardanapos

descombinados. As garotas, confusas, franziram o nariz para o pai, que estava cantarolando.

Bud mal podia acreditar na própria euforia, e tudo graças à srta. Winkle. Comprara uma gravata nova, de um tipo bem mais descontraído do que as que costumava usar. Ele se tornara cada vez mais aventureiro com a comida que comia, até com o pornô a que assistia. Levar alegria a Bud Flynn era apenas mais um dos muitos milagres que a srta. Winkle realizava.

Bud cantarolava uma remixagem pessoal de um hino que aprendera havia pouco, na melodia de uma canção de rock que amara um dia. A camisa estava por dentro da calça. Isso chamou particularmente a atenção das garotas. Elas se entreolharam, como se perguntassem: *Ele não enfiou a camisa pra dentro da calça por nossa causa, né?*

“O que aconteceu com todos os garfos?”, perguntou Bud às filhas. “O gnomo dos talheres passou por aqui?”

O gnomo dos _____ era um clássico da infância, responsável por tudo aquilo que desaparecia sem explicação. O gnomo dos suéteres, o gnomo do protetor bucal. Depois que Abigail começou a namorar o primeiro namorado, Harper contou aos pais que o gnomo da virgindade tinha aparecido. Aquilo deu fim à brincadeira.

Debaixo da tampa de uma panela, Bud revelou um frango à parmegiana. Debaixo de outra, uma salada de beterraba. Uma torta de maçã. Um pires de pasta de trigo-sarraceno. Ele serviu um refil da bebida de Louise, água da torneira com gelo. Serviu um copo de leite para Harper. Vinho para si e para Abigail.

“Todos os panos de prato também sumiram”, comentou Louise.

“Vamos começar enquanto ainda está quente”, disse Bud depressa.

“Achei que isso fosse uma reunião de *família*”, disse Abigail.

“E é uma reunião de família”, respondeu Bud.

“Mas a mamãe está fora da cidade”, disse Harper.

“Falta de coordenação da minha parte”, respondeu Bud.

Abigail examinou Harper com atenção. “Harper, você está usando o meu batom?”

Harper afundou um pouco na cadeira, envergonhada.

Então Abigail se voltou para Bud. Ele servia a salada.

“E essa gravata?”, disse Abigail.

“Como assim?”, perguntou Bud.

“O que está acontecendo com todo mundo?!”, disse Abigail.

“Ah!”, exclamou Bud. “Esqueci os palitinhos de pão!”

E saiu correndo para a cozinha.

“Eles vão se divorciar”, disse Louise. “Isso é um jantar de divórcio, não é?”

“Talvez ele vá se mudar”, disse Harper.

“Mudar pra onde?”, perguntou Louise.

“Pra Itália”, disse Harper. “Eu li o histórico de buscas dele. Ele andou pesquisando coisas sobre a Itália.”

“Tipo o quê?”, quis saber Louise.

“Tipo de que lado da rua se dirige na Itália”, respondeu Harper.

“E ele fez comida italiana!”, exclamou Louise.

“Ele não vai se mudar pra Itália”, disse Abigail.

“Por que você estava lendo o histórico de buscas do papai?”, perguntou Louise.

“Leio o histórico de buscas de todos vocês”, disse Harper.

Bud voltou da cozinha.

“Palitinhos de pão!”, disse ele.

“Você vai se mudar pra Itália?”, questionou Louise.

“O quê?”, disse Bud. “Por que você me perguntaria isso?”

“Esses palitinhos são da cantina Mamma do Angelo”, disse Harper, semicerrando os olhos. “Aliás, toda essa comida é da Mamma do Angelo.”

“É isso mesmo”, disse Bud, “e foi bem caro, então podem começar a comer.”

“Você comprou o jantar na Mamma do Angelo, jogou fora as embalagens e serviu nos nossos pratos?”, perguntou Abigail.

“Por que a gente simplesmente não foi à cantina Mamma do Angelo?”, indagou Louise.

“Amo muito vocês, garotas, e não quero nada além da felicidade de vocês”, começou Bud.

As três se endireitaram, rígidas feito tábuas de passar roupa, se preparando para o pior.

“Talvez seja um pouco cedo pra falar disso, mas as notícias correm rápido por aqui, então prefiro que ouçam de mim”, continuou Bud.

A sala de jantar dos Flynn nunca estivera tão silenciosa, como se cada garota estivesse prendendo a respiração. Louise, de fato, prendia a respiração, como costumava fazer.

“Como vocês sabem, tenho frequentado o grupo Ovelhas Desgarradas na igreja. Isso realmente me ajudou a enxergar a luz”, prosseguiu Bud. “Em especial, Priscilla me ajudou a enxergar essa luz.”

“Quem é Priscilla?”, perguntou Louise.

“A senhorita Winkle”, respondeu Bud.

“Ah”, disseram as garotas.

“Então é disso que se trata”, disse Abigail.

“A gente sabe que você está saindo com a mulher da igreja”, disse Harper.

“Sabem?”, perguntou ele.

Elas assentiram em sintonia.

“Certo, então”, disse Bud. “Alguma preocupação que queiram que eu esclareça?”

As garotas se entreolharam.

“Posso tomar um pouco de vinho?”, perguntou Harper.

“Não, Harper”, disse Bud. “Você não tem vinte e um anos.”

“Nem a Abigail!”

“Não é errado namorar a mulher que lidera o seu grupo de apoio?”, perguntou Louise. “Tipo um conflito de interesses?”

“Não”, disse Bud. “Mais alguma pergunta?”

“A mamãe é tão...”, começou Abigail.

“Especial, eu sei. Ninguém vai substituir a mãe de vocês”, disse Bud.

“Eu ia dizer bonita”, disse Abigail.

“Existem muitos tipos de beleza, Abigail”, disse Bud.

“Certo. Estava me referindo ao tipo físico”, rebateu ela.

Harper deu um longo gole no vinho de Abigail. Bud deixou passar.

“Tipo”, disse Abigail, “objetivamente existe uma disparidade tão grande...”

“Há alguma preocupação que não esteja relacionada à aparência da Priscilla?”, perguntou Bud.

As garotas balançaram a cabeça.

“Maravilha. Tenho um pedido”, disse Bud. “Espero que vocês sejam gentis e acolhedoras com a filha da Priscilla, a Perry.”

“A garota retardada?”, perguntou Abigail.

“Nós sempre somos gentis”, disse Louise.

“E acolhedoras”, completou Harper, com a boca cheia de pasta de trigo-sarraceno.

“Veja bem”, disse Bud, “chamar alguém de ‘retardada’ é um exemplo de comportamento pouco gentil e pouco acolhedor.”

“Isso quer dizer que você vai parar de dormir no carro?”, perguntou Louise.

“Eu não durmo no carro”, disse Bud. “Só peguei no sono lá uma ou duas vezes.”

“Você literalmente dorme lá toda noite”, disse Louise.

“Você só dorme no carro”, disse Harper.

“Você está dormindo no carro há pelo menos um mês”, disse Abigail.

“Acho que já esgotamos o assunto e podemos seguir em frente”, disse Bud. Ele olhou para o prato. Tinha dividido um palitinho de pão em muitos pedaços. Como se estivesse se preparando para alimentar um lago cheio de patos.

“Louise, por que você não nos conta mais sobre seu projeto secreto na casa da árvore?”, pediu Bud.

Louise se remexeu, desconfortável. Os olhos iam de um lado para o outro.

“É, o que *está* acontecendo na casa da árvore?”, perguntou Abigail.

“Está cheirando a fertilizante lá em cima”, disse Harper.

“Pai, a Harper lê o seu histórico de buscas!”, desviou Louise.

Harper chutou Louise debaixo da mesa.

“Cala a boca, Cugva Laga à Digueita”, disse Harper. “Dedo-duro.”

“Harper, não zombe da sua irmã. E não leia o histórico de buscas das pessoas.” A mente de Bud saltou para suas pesquisas eróticas mais recentes.

“Você quer voltar pro acampamento?”

“Não, senhor”, disse Harper.

Louise mostrou a língua para a irmã.

“O seu histórico de buscas é *bastante* estranho, Louise”, murmurou Harper.

“Certo, acho que já deu de tempo em família”, disse Bud.

Em troca dessa nova chance de vida, Bud queria dar à srta. Winkle o mundo, começando com uma viagem para algum lugar. A empresa oferecia alguns incentivos, um Prêmio de Trabalho em Equipe que, por causa da natureza solitária da função, raramente era concedido a alguém da equipe de contabilidade. Era uma quantia modesta, insuficiente para o repouso italiano que Bud sonhava, mas suficiente para um fim de semana mais simples fora da cidade, se economizasse por um tempo, abrindo mão de limpezas dentárias e cervejas importadas.

Bud estava determinado a ganhar o Prêmio de Trabalho em Equipe. Passou a chegar ao escritório no horário, e depois até mais cedo. Quando ia à sala de descanso, reabastecia o Café Feliz e perguntava aos colegas, em voz alta, se podia pegar algo para eles no almoxarifado. Ajudava outros a ajustar o apoio lombar das cadeiras e a limpar os teclados. Reabastecia o bebedouro e alinhava as revistas do saguão.

No começo, o chefe de Bud não notou o espírito de equipe dele. Desde que Bud entregasse os comprovantes de presença no Ovelhas Desgarradas, ele estava satisfeito. Então Bud, para chamar mais a atenção, voltou o foco para Dottie, a assistente do gerente de contas e sistemas. Percebeu que ela gostava de manter flores frescas na mesa e, na terça-feira de manhã, decidiu comprar um buquê para ela, com um cartão grande dizendo *FELIZ TERÇA-FEIRA – BUD*, um cartão que o chefe não poderia deixar de ver. Flores eram um campo minado. Algumas diziam “Parabéns!”. Outras, “Eu te amo!”. E outras ofereciam condolências por doença ou morte.

“O que essas querem dizer?”, perguntou Bud ao florista.

“Fertilidade e renascimento”, respondeu o florista.

Bud não queria evocar fertilidade na assistente.

“Quais são as mais baratas?”

Bud comprou para Dottie um buquê de cardo-pimenta e um cartão enorme de *FELIZ TERÇA-FEIRA*, e voltou aos formulários de receita de remessas.

À medida que a manhã avançava, os olhos de Bud começaram a ficar vidrados, como costumavam ficar quando examinava os formulários de receita de remessas. A interminável lista de entradas digitais se tornou uma

língua estrangeira, hieróglifos à espera de interpretação. Geralmente era aí que Bud apertava “aprovar” e pegava mais uma xícara de café. Apesar da energia recém-descoberta, não era o funcionário do mês, como a filha mais nova tinha salientado. Harper também havia notado “inconsistências” no trabalho dele, quando invadiu seu e-mail algumas semanas antes. Bud achou que tornar seu trabalho consistente poderia lhe render um bônus, uma promoção, um tapinha nas costas em vez de um puxão de orelha. Estreitou os olhos até que os símbolos se tornaram nítidos e pôde interpretar os relatórios mensais. Padrão, padrão, padrão, padrão, pensou Bud, padrão, padrão – então encontrou. Exatamente como Harper dissera, ali, à vista de todos, bem debaixo do nariz dele. Uma doca havia sido comprada por NOME DO FORNECEDOR INTERNACIONAL: OMITIDO declarando apenas um contêiner com CONTEÚDO DE CARGA: OMITIDO. Embora fosse estranho uma fatura omitir a declaração da carga, lapsos não eram incomuns devido ao grande volume de contêineres que passavam pelo porto e à rapidez com que precisavam ser processados. Bud verificou o sistema em busca de mais informações. O sistema era conhecido informalmente como ContadorDeCarga 3.0, embora nunca tivesse existido um 2.0 nem um ContadorDeCarga 1.5. O ContadorDeCarga 3.0 registrava digitalmente toda a carga do porto, o primeiro registro comercial desse tipo. O sistema tinha sido criado pelo próprio Paul Alabastro. Fora as raras cerimônias de inauguração, Paul Alabastro se mantinha fora dos holofotes, e esse isolamento alimentava rumores. Alguns diziam que caçava animais de grande porte – búfalos, leões, hipopótamos –, enquanto outros afirmavam que congelava suas células-tronco, fazia experimentos com a imortalidade, que havia descoberto o segredo contra a calvície. Por que alguém iria querer viver para sempre escapava a Bud. A vida já era longa demais.

O ContadorDeCarga 3.0 era uma tecnologia nova e deixava uma grande margem para erro. Pequenas discrepâncias não eram algo que o antigo Bud se desse ao trabalho de investigar, mas o novo Bud, o Bud em busca do bônus, estava mais vigilante. Vasculhou relatórios antigos em busca de falhas de roteamento. E lá estava de novo, a mesma declaração de carga ausente no mesmo período do ano anterior, e no ano anterior a esse. Um navio de NOME DO FORNECEDOR INTERNACIONAL: OMITIDO declarando apenas um único contêiner com CONTEÚDO DE CARGA: OMITIDO. Ficou confuso, como

se apenas agora descobrisse uma pinta que sempre tivera. Ele se inclinou para a mesa mais próxima, a de Len, o colega que tinha como protetor de tela uma mulher usando uma cesta de frutas na cabeça, e nada mais.

“Len”, chamou Bud.

“Bud”, respondeu Len.

“Você conhece esse fornecedor?”

Bud virou a tela do computador com o relatório mencionado.

Len deu de ombros. Voltou ao próprio trabalho, ao seu bolinho frito meio comido.

Bud não fazia perguntas no trabalho. Não era “o sistema” que a antiga banda condenara, mas era, admitidamente, uma engrenagem na máquina “do sistema” e, sim, cargas não declaradas podiam ser armas letais ou peças para fabricar armas letais, mas o mundo funcionava razoavelmente bem por conta própria, Bud costumava pensar. Por que se meter? Enquanto Harper adorava mistérios, o mistério exauria Bud. O mistério estava a um pulo da miséria. Por outro lado, o Bud em busca do bônus podia usar aquela falha a seu favor, levando a discrepância à atenção do chefe. Isso sem dúvida lhe renderia alguns pontos no escritório. Poderia até dizer que algo “cheirava a peixe podre”, acrescentando um humor náutico à revelação. Seria apelidado de Herói do Porto[®]. Ninguém jamais lera formulários de receita de remessas com tanta atenção. Ganharia uma viagem com todas as despesas pagas para qualquer lugar que desejasse, com uma ajuda de custo para cuidar das filhas e talvez até um banho termal.

“Senhor Flynn.” Dottie, a assistente, estava diante dele, segurando os cardos-pimenta.

“Dottie!”, exclamou Bud.

“Preciso devolver essas flores, senhor Flynn”, disse Dottie. “Acho que sou alérgica a elas.”

“Você poderia identificar esse fornecedor internacional pra mim, Dottie?” Bud clicou em um botão no computador, enviando um sinal à impressora de mesa. A máquina cuspiu uma folha com nomes e números, que ele então entregou à assistente.

“As flores são bonitas e tal, mas a verdade é que”, disse Dottie, “eu tenho um namorado.”

Bud não estava ouvindo.

“Lá está de novo”, disse ele, examinando o relatório.

OMITIDO. OMITIDO. OMITIDO. Dottie deixou o buquê murchando sobre a mesa dele.

Bud espirrou. Foi até a sala de descanso, onde outra assistente de outro departamento pendurava serpentinas discretas para uma celebração de um feriado não religioso. Bud reabasteceu o Café Feliz, escolheu um substituto de leite ao acaso e pegou uma caneca genérica no armário. A caneca mostrava uma pilha de planilhas e dizia: TARADO POR PLANILHAS. O leite que Bud escolhera não vinha de um animal, mas de uma amêndoa ou de uma aveia, e se aglutinava em ilhotas miseráveis na superfície do café. Dottie entrou na sala de descanso e se aproximou de Bud. Parecia manter uma distância segura.

“Não encontrei nada no sistema pra esse fornecedor internacional”, disse Dottie.

“Interessante”, disse Bud.

Durante o horário de almoço, Bud foi até o porão, onde ficavam arquivados os registros de todas as remessas anteriores ao surgimento do ContadorDeCarga 3.0. O porão era mal iluminado, com lâmpadas fluorescentes piscantes e nenhuma daquelas obras de arte excêntricas que decoravam os andares de cima. O segurança responsável pelos arquivos olhou para o crachá de Bud como se estivesse zombando dele. Bud passou os olhos pelos arquivos metálicos que iam do chão ao teto. Tinha a sensação de estar dentro de um filme policial; desejou ter o toco de um charuto para mastigar. Começou a puxar registros dos últimos dez anos. Havia tanto material que quase tombou com o peso das pastas. Ano após ano, a carga OMITIDA aparecia de novo e de novo e de novo. Mesma data, mesmas informações, ou a ausência delas. Como aquilo tinha permanecido oculto por tanto tempo, ali mesmo, à vista de todos? Pensou em todos os portos pertencentes ao Porto Alabastro[®], portos comerciais, de passageiros, marinas, enseadas, canais, estuários, cada um recebendo uma quantidade quase incontável de cargas. A forma mais eficaz de apagamento é a inundação, pensou Bud. Quase chegou a dar um gritinho de alegria. Alguém estava explorando o porto, e Bud, sozinho, tinha resolvido o mistério, ou melhor, identificado um padrão que levaria à solução do mistério. Decidiu que, quando fosse entrevistado pelo jornal local, não

mencionaria que a pista inicial viera da filha adolescente. Agora ele era uma engrenagem de uma máquina melhor, possivelmente mais descolada; a máquina do direito marítimo. Talvez até ganhasse uma medalha. Assim que o horário de almoço terminou, recebeu um e-mail do chefe marcando uma reunião de última hora.

“Allen”, disse Bud.

“Bud”, disse o chefe.

“Primavera”, comentou Bud.

“Até que enfim”, respondeu o chefe. “Estação chuvosa curta.”

“Está ficando mais curta a cada ano.”

“Tem ido ao campo de golfe ultimamente?”

“Quase nunca”, disse Bud. “Você me mantém ocupado.”

Bud se sentou diante do gerente do gerente de contas e sistemas. A cadeira do chefe era muito melhor que a dele, material mais fino, modelo mais novo.

“Bud, chegou ao meu conhecimento que você deixou Dottie desconfortável mais cedo.”

“Com as flores?”

“Sim, com as flores. O que foi aquilo das flores?”

“Nada!”, disse Bud. “Eram flores amistosas.”

“Flores amistosas?”

“Sazonais.”

“Minha assistente não achou. Seu casamento pode ser mais... progressista que o dos outros, Bud, mas...”

“Eu não estava sendo assanhado”, assegurou Bud. “Eram só flores.”

“Só flores”, repetiu o chefe. “Muito bem, então.”

O chefe pigarreou e entrelaçou os dedos.

“Foi por isso que você me chamou?”, perguntou Bud.

“Não, Bud. Você pode fechar a porta?”

Nunca tinham pedido para Bud fechar a porta antes. Ele a fechou.

“A Dottie também comentou que você estava mexendo em registros antigos. Por que estava mexendo em registros antigos, Bud?”

“Estou tentando melhorar meu desempenho.”

“Você se importaria de melhorar seu desempenho com registros futuros?”

“Notei algo estranho”, disse Bud.

“Estranho?”

“Carga desaparecida.”

“Isso não tem nada de estranho”, disse o chefe. “Erro administrativo. Falta de pessoal. Negligência. Não necessariamente sua.”

“Certo, mas há um padrão. Ano após ano, a mesma embarcação deixa de ser registrada nessa época... e parece que vai acontecer de novo em poucas semanas.”

“Você está falando como um teórico da conspiração, Bud.”

“Só achei que era...”

“Estranho. Como você disse.” O gerente do gerente de contas e sistemas tirou os óculos e os dobrou para pontuar a conversa.

“Uma coincidência, nada mais.”

Bud não tinha tanta certeza. Ele ajustou a gravata.

“Mas o conteúdo é sempre omitido”, continuou Bud. “*Isso não é estranho?*”

“Pode ser qualquer coisa. Peças automotivas pra montagem nacional. Escovas de dente. Lâmpadas. Biscoitos. Fraldas. Não vale a pena especular. Você sabe o quanto o público depende do comércio marítimo?”

“Então por que não seria reportado? Biscoitos ou fraldas.”

“Você conhece nosso lema aqui: *Transparência onde importa*”, disse o chefe de Bud. “Sabe o que isso significa?”

“Que fornecemos um banco de dados público, livre e aberto do comércio?”

“Onde *importa*. Se não é transparente, não importa. Entendeu?”

Bud sentiu o tremor nervoso posterior à cafeína. Ou seria outra coisa?

“Não”, disse Bud. Ele não tinha entendido.

“Esqueça isso, Bud. Não quero parecer condescendente, mas não se preocupe com esse tipo de coisa. Está muito além da sua alçada.”

“Minhas desculpas, Allen.”

Os ombros de Bud afundaram alguns centímetros.

“Você está bem, Bud? Num sentido mais amplo?”

Ele se animou com a brecha para falar da felicidade recém-descoberta.

“Sim, na verdade, comecei a me encontrar com alguém.”

“Tipo um terapeuta?”

“Tipo uma mulher.”

“Ei! Isso é fantástico!”, disse o chefe. “Minha esposa acha que o arranjo de vocês é completamente heterodoxo, mas me parece que você deu um jeito de burlar o sistema, se quer minha opinião.”

“Eu estava esperando ganhar o bônus do Prêmio de Trabalho em Equipe e reservar um fim de semana fora”, disse Bud. “Ela gosta desse tipo de coisa. A mulher com quem estou saindo.”

“É *disso* que se trata?”, perguntou o chefe. “Do bônus? Meu Deus, Bud, achei que você estivesse pirando. Olha, você pode ser o funcionário do ano se nunca mais trazer flores pra minha assistente.”

O chefe se recostou na cadeira, sorriu e apoiou os pés sobre a mesa. Um alívio evidente.

“Sim, senhor, é só que – e me desculpe insistir – acho que encontrei algo bastante irregular, talvez até corrupto.”

O sorriso sumiu do rosto do chefe. Ele ficou severo, quase frio.

“Não acabei de mandar você esquecer isso?”, disse o chefe de Bud.

“Cruzei a primeira ocorrência da mercadoria omitida com a rotatividade de arrendatários.”

“Mandei, não mandei?. Agora há pouco. Em linguagem clara, no idioma que nós dois falamos.”

“O financiamento do porto só foi privatizado há cinco anos, e o padrão é anterior a isso”, continuou Bud. “Não se trata de um arrendatário. É externo. Eles estão explorando...”

“Quem são *eles*?” A frustração crescia na voz do chefe.

“O cartel? Inteligência estrangeira? Não quero ser dramático, mas isso pode ser uma operação inteira.”

Antes, Bud só se importava com o bônus. Mistério = miséria etc. etc. Lógico, sempre achou que a empresa era um pouco maligna, como qualquer grande conglomerado provavelmente é. Mas até que ponto, isso nunca lhe interessara. Agora, enquanto falava, percebia a profundidade do próprio envolvimento. Bud Flynn se importava com o bem maior. Toda aquela bobagem divina começara a se infiltrar. Uma vida inteira sendo criado por uma cristã dogmática não afetara seu código moral, mas duas semanas com

a srta. Winkle o tinham feito cantarolar hinos e investigar irregularidades. Os métodos dela eram diferentes dos da mãe – mais gentis, mais sutis e, sim, mais eróticos. Talvez sexo fosse o segredo da adesão religiosa. Isso daria umas lições de escola dominical bem interessantes, pensou.

“Certo.” O chefe soltou um jato de ar pelos dentes. “Vou dizer algo controverso agora: *e daí?*”

Bud franziu a testa.

“E daí?”, repetiu.

“É, e daí?”

“Bom, a gente não pode simplesmente...”

“A gente *pode* simplesmente. Somos muito bem pagos pra simplesmente.”

Um pequeno aspirador de pó robô passou deslizando aos pés de Bud em sua ronda pelo carpete.

“Por que você insistiu que eu frequentasse o Ovelhas Desgarradas pra melhorar meu desempenho no trabalho”, arriscou Bud, “se você, na verdade, não quer que meu desempenho melhore?”

“A equipe estava sobretudo preocupada que você pudesse se matar. E se matar seria um risco enorme, sabe como é.”

Bud balançou a cabeça, incrédulo. “Não posso simplesmente ignorar isso, Allen. Sou cristão agora.”

“Você é cristão há duas semanas.”

“Ainda assim.”

“Oferecemos um salário competitivo. Aumentos anuais de quatro por cento. Sua família está bem amparada. Demos a você um total acumulado de seis meses de licença-paternidade. Se alguém da sua família viesse a – Deus os abençoe – falecer, você teria amplo tempo de luto. Folga remunerada, inclusive. Você tem direito à ampla cobertura de um plano de saúde. A saúde das suas filhas está coberta também. Assim como a sua e a delas em termos odontológicos. Não que você tenha demonstrado interesse, mas temos um plano de exercícios abrangente.”

“Não vejo como...”

“Todo ano, no seu aniversário, compramos um bolo pra você. Não um bolo genérico. Sempre vem *Bud Flynn* escrito em glacê de manteiga, que você indicou como o seu favorito ao entrar aqui. São dezesseis bolos *Bud*

Flynn de glacê de manteiga ao todo. Como membro sênior da equipe, concedemos certas indulgências, como quando você dorme na mesa ou bebe demais na festa de um feriado não religioso. Fizemos vista grossa quando você mandou toda aquela pornografia...”

“Foi minha filha! Ela é problemática.”

O chefe ergueu um dedo, indicando que ainda não tinha terminado. A fala era calma, mas firme. O tipo de voz que Bud usava ao repreender as crianças por uma falta mais séria.

“Sua mesa é voltada pro sul e recebe luz abundante. Quando se aposentar, você vai receber benefícios sindicais. Um pacote de compensação sem paralelo. Oferecemos contribuição equivalente ao valor que você investiu no seu plano de aposentadoria. As milhas aéreas acumuladas no cartão corporativo podem ser usadas pra fins pessoais.”

“Allen, eu quero levar isso ao conselho.”

“Faça um favor pra mim e tire o resto do dia pra pensar a respeito. Reflita sobre o que eu disse.”

Bud refletiu sobre o que o chefe dissera. Saiu do escritório com o peito apertado. Passou pela mesa, que recebia luz abundante, mas não voltou a ela. Em vez disso, foi até o elevador, atravessou o saguão e saiu do prédio. Bud passou pelo estacionamento dos funcionários, onde sua minivan tinha uma vaga designada, uma com sombra ideal, e seguiu para o oeste. Passou pela rua principal de lojinhas. Pela praça da cidade. Pelo Cinema Vintage, pelo asilo, pelo pronto-atendimento, pelo carrossel antigo e pela nova pousada. Caminhou até o ar ficar salgado e o céu se tornar púrpura. Passou pelo píer e pelos pescadores da tarde, pela marina privada com iates atracados em fila, pelo monumento da âncora salpicado de cracas secas. Bud chegou ao porto e parou diante das estátuas de Paul e Warren T. Alabastro. Duas figuras gigantescas em metal escuro, inoxidável. Bud semicerrou os olhos para os homens de metal e seguiu adiante. Um piloto automático dentro dele tinha sido acionado, impulsionando-o adiante, passando por um segurança com um colete verde-ervilha. Bud mostrou seu cartão de estacionamento de funcionário sem parar. Eles eram colegas de trabalho, em certo sentido, o segurança e ele. Recebiam a mesma assinatura *Alabastro* nos contracheques. O porto era imenso. Para onde Bud olhava, havia contêineres de doze metros, vermelhos, laranja e azul-marinho, empilhados

a uma altura impressionante, os topos brancos de fezes de aves marinhas. Homens de capacete moviam os contêineres das barcas com guindastes, depois os carregavam em empilhadeiras, os examinavam com pranchetas e às vezes fumavam cigarros em cima deles, observando a água negra. Bud ficou impressionado com a magnitude da operação. O aço e o titânio e o concreto. Apesar da poluição do ar, aquilo quase parecia orgânico. Uma cadeia de montanhas. O segurança de colete verde se aproximou num carrinho de patrulha.

“Senhor, é necessário equipamento de proteção pra permanecer na área”, disse ele. Bud foi escoltado para fora das instalações. De volta ao escritório, o carro de Bud era o único no estacionamento da empresa. Havia um bilhete no para-brisa:

A/C: Bud Flynn

Solicita-se sua presença para uma reunião em nome da Associação do Porto de Alabastro[®] :

AMANHÃ, ÀS 17H

Um carro chegará 15 minutos antes para escoltá-lo.

– APA –

“Comprei uma salada hoje”, disse a srta. Winkle.

Ela usava um colete de lã com desenhos de peixes tropicais.

“Bud, você está me ouvindo?”

“Hum, sim, salada”, disse Bud.

“E enquanto estou comendo, o que encontro na salada? Um parafuso!”

“Um parafuso?”

“Um parafuso!”

“Bom, dizem que espinafre tem muito ferro.”

Bud não estava totalmente presente. O coração acelerado, a mente vagava de volta ao porto. Um sanduíche de queijo quente, intacto, estava à sua frente.

“Está tudo bem?”, perguntou a srta. Winkle.

“Desculpe”, disse Bud. “Tive um dia ruim no trabalho.”

Bud contou à srta. Winkle os percalços do dia. A reunião, os cardos-pimenta, o bilhete no para-brisa. Ela examinou o bilhete por trás dos óculos

de leitura. A letra era bem grande, então Bud concluiu que os óculos eram mais para efeito. A srta. Winkle especulou que Bud pudesse estar prestes a ser promovido. Ele não achava que fosse ser promovido.

“Essa história não tá me descendo, tem gato nessa tuba”, disse Bud.

“Tem um parafuso na salada”, disse a srta. Winkle.

Bud assentiu.

Naquela noite, ao lado da amante, Bud sonhou que vagava pela marina. No sonho, se aproximava de um contêiner de carga que parecia inchado, quase respirando, prestes a se romper, o metal se deformando para conter o que havia dentro. Bud se aproximava do contêiner, grotescamente abaulado e ameaçador, e, com a mão trêmula, destrancava as barras de travamento. A caixa explodia num turbilhão de cores do arco-íris. Confetes jorravam, cobrindo Bud e o concreto em volta, como um vespeiro. Ficava cercado de serpentinas. Então vinham as gargalhadas: a de Catherine, a do chefe, a de Priscilla – a cidade inteira rindo às custas dele. E Bud ficava ali parado, um palhaço triste. Um a um, os moradores o cercavam e o empurravam para dentro do contêiner. “Esperem”, implorava o Bud do sonho. “Não, por favor!” Ele tropeçava em montes de confete. O riso continuava enquanto o empurravam para dentro e a porta se fechava com as dobradiças rangendo, deixando-o na escuridão.

Catherine não fora visitar a irmã. Odiava a viagem até a casa da irmã e odiava a casa da irmã e odiava os primos, e sobretudo odiava a própria irmã. Em vez disso, vinha planejando uma noite fora com Jim Doherty – a primeira noite oficial dos dois juntos.

Enquanto Myles Doherty estava na casa da mãe e as filhas de Catherine salvavam a vida marinha local, ela e Jim Doherty iriam de carro até um hotel na cidade grande e passariam uma noite ininterrupta falando sobre arte e filosofia e vida e sexo. Este último era o que mais interessava a Catherine. As opções de hospedagem na cidadezinha em que moravam eram limitadas. Havia a nova pousada ao lado do antigo carrossel. Mas ali corriam o risco de ver ou serem vistos por alguém que conhecia, ou alguém que conhecia suas famílias. Então os boatos se espalhariam, as pessoas ficariam confusas e moralistas, e coisas acabariam partidas: corações, narizes. Havia o Dia & Noite, um motel por hora perto da água, onde aquela seita fizera um ritual de autoimolação. Também não era ali que Catherine desejava consumir o relacionamento com Jim Doherty. Assim, ampliaram a busca para a cidade grande mais próxima, onde eram desconhecidos. Catherine não queria um daqueles hotéis que lembravam a própria casa. Nada de “um lar longe de casa”. Isso anulava o propósito de não estar em casa. Queria a experiência de hotel. Vinho servido em copos sobre toalhinhas rendadas junto à pia, serviço de quarto sob redomas de prata em carrinhos, um armário com roupões brancos de tecido felpudo e uma cama com lençóis brancos e engomados. Um colchão firme sobre o qual muitos haviam feito amor antes deles e muitos mais fariam no futuro.

Catherine preparara a bolsa de viagem com provisões táticas, como se estivesse fazendo as malas para uma viagem de acampamento pervertida: lubrificante, camisinhas – que até então jaziam inertes na Gaveta das Tralhas –, fio dental e um body de renda amarrotado que libertara do fundo do armário. Hesitou diante do espelho de corpo inteiro, sentindo uma fisgada de ansiedade ao encarar o próprio reflexo. Sua beleza agora vinha acompanhada de ressalvas. Estava bonita *para* uma mulher da idade dela que

dera à luz três filhas. Estava bonita *considerando* que nunca fizera procedimentos estéticos – não por princípio, mas por contenção financeira; havia tanta coisa que ela removeria, esticaria, preencheria e esfoliaria se tivesse orçamento para isso. Catherine sentia falta da época em que simplesmente era bonita – ponto-final. Quando a beleza dela virava cabeças e parava o trânsito, provocava assobios e buzinaços. Por um instante, cogitou levar a Jim Doherty uma foto de quando era mais jovem. Enfiaria o assunto na conversa: “Ah, eu usava o cabelo diferente. Espere, acho que tenho uma foto!” Mas acabou desistindo. Catherine tentou internalizar um pouco daquela nova retórica feminista – *você é suficiente, você é bonita do jeito que é, do jeito que Deus a fez e ser bonita é ser você mesma*, algo assim –, mas não adiantou. Os aforismos açucarados da autoestima moderna faziam Catherine revirar os olhos. Era magra por qualquer métrica. Muitas vezes passava uma noite inteira sobrevivendo apenas com um pacote de chicletes de hortelã. Não era cozinheira. Para ela, o avental era uma camisa de força. Se as garotas, muito mais capacitadas para navegar na internet, quisessem uma refeição específica, podiam encontrar a receita on-line e preparar o prato sozinhas. Ela até compraria os ingredientes e os utensílios necessários – frigideira, fritadeira ou wok –, mas não participaria do esforço monótono de cozinhar, seguido pela tarefa ainda mais penosa de limpar. Nove em cada dez vezes, a preguiça das garotas vencia a fome. Chamem sua forma de educar de pouco ortodoxa, pensava Catherine, mas ninguém na família Flynn sofria dessa epidemia de obesidade de que o noticiário vivia falando. Encolheu a barriga, borrifou no ar uma nuvem do perfume da filha mais velha e a atravessou. O perfume tinha um cheiro de balinha azeda e leite de ovelha. Catherine parou no banheiro de hóspedes para lavar o rosto uma última vez e descobriu que não saía água da torneira. Rabiscou *torneira quebrada* no verso de um dever de casa e colou o papel na porta do banheiro. Talvez nunca fosse o retrato da domesticidade. Era uma mulher complexa e multifacetada, bonita do jeito que Deus a fizera.

O tempo naquele dia estava tempestuoso e instável, o sol aparecendo e desaparecendo entre as nuvens, o dia perfeito para quebrar os votos do casamento. Não que os estivesse quebrando propriamente. O “acordo” lhe permitia exatamente essa indulgência. É verdade que Bud não concordara com o “acordo” nesses termos explícitos, mas o assunto fora longamente

discutido. Matar era permitido em batalha mesmo que o oponente não tivesse concordado com a guerra desde o início, pensava Catherine. Parte dela sentia tristeza ao pensar que Bud talvez tivesse se tornado seu oponente depois de anos no mesmo exército. Jim Doherty estava em pé na varanda da frente, esperando por ela. Apesar do frio que pairava no ar, vestia uma camisa Johnny Jamaica meio desabotoada – ou meio abotoada, dependendo da visão de mundo do observador –, adornada com macacos sorridentes. A ansiedade voltou a tomar conta de Catherine. Ainda podia dar meia-volta. A estrada sempre a levaria de volta para casa. Literalmente, já que a rua era um *cul-de-sac*. Então Jim Doherty soltou um assobio longo e lento – *fiu-fiu*.

“Uau, Cat”, disse ele. “Você está ótima.”

Cat, “gata” em inglês, era um apelido que ela detestara por muito tempo. Mas agora, reaproveitado pelo amante, tinha um brilho novo e agradável. Por que odiara o apelido? Cat era fofo! Ela adorava Cat. Criatura astuta e sensual que era. Era mais do que justo que, em sua nova vida, ela tivesse um novo nome.

“Entre!”, disse Jim Doherty.

“Não devíamos ir logo?”, perguntou ela.

“Primeiro quero mostrar uma coisa a você.”

A casa estava mais bagunçada do que antes, muito mais bagunçada. Não cheirava a balinha azeda nem a leite de ovelha, mas a suor entranhado em tecidos e lixo em decomposição. Talvez Fernanda estivesse de férias. A louça se acumulava na pia. Enquanto Jim Doherty conduzia Catherine mais uma vez até o porão, ela se perguntou novamente se aquela seria a vez em que ele a mataria.

“Mas, Jim, você já me mostrou sua cerâmica.”

“Eu sei”, disse Jim Doherty. “Agora eu quero mostrar a você a minha verdadeira arte. A *pièce de résistance*.”

Como, Catherine se perguntava, Jim Doherty conseguia manter duas práticas artísticas quando ela mal conseguia manter uma? Ele a conduziu ainda mais profundamente pelas entranhas do porão. Ela ponderou sobre a metragem da casa e então se repreendeu. Artistas de verdade refletiam sobre corrupção institucional, colapso social, os limites do politicamente correto. Artistas de verdade não refletiam sobre metragem quadrada.

“Estas são as minhas obras-primas”, disse Jim Doherty.

Os olhos de Catherine levaram um instante para se ajustar ao ambiente do porão em penumbra e, mesmo depois de ajustados, ela ainda demorou algum tempo para compreender o que tinha diante de si. Era uma parede de vaginas de cerâmica disformes e malfeitas. Umas cinquenta, talvez, alinhadas em três prateleiras.

“São...”, começou Catherine.

“Xoxotas!”, disse Jim Doherty.

Catherine semicerrou os olhos.

“O começo da vida. E o fim da diversão”, disse Jim Doherty, com um ar debochado. “Brincadeira. É só uma piada. Humor de boteco.”

“Ah, meu Deus...”

“Faço xoxotas há muito tempo”, disse Jim Doherty. “Tenho que deixar elas aqui embaixo. Não quero que o garoto leve pra escola no dia em que tiver uma apresentação pra classe. Imagine a reunião de pais e professores. Além disso, a temperatura aqui é melhor. As xoxotas gostam de uma temperatura constante, senão incham.”

“Certo.”

“Cada uma dessas xoxotas marcou minha vida. Essa aqui – anda, pode segurar, tá tudo bem –, essa é a minha namorada da faculdade, a Teasey. A Teasey tinha a xoxota mais apertada que eu já senti. Podia esmagar diamantes, como dizem.”

“Eu não acho que elas...”

“Essa aqui é a minha favorita.”

Jim Doherty escolheu outra das esculturas vulvares.

“Essa é a xoxota da minha primeira esposa.”

“Você foi casado mais de uma vez?”

“Três vezes, sim. Mas relaxa, ela foi deportada depois que a gente se separou, então agora está de volta à Inglaterra. Esta aqui é uma *xoxota britânica, não é?*” Jim Doherty riu, balançando a escultura de um lado pro outro, como se estivesse conversando, uma boca contorcida falando com sotaque britânico. Na verdade, todas pareciam estar falando. Todas as vaginas estavam dizendo a Catherine para correr, correr enquanto ainda podia, sair daquela casa para nunca mais voltar.

“Então essas são todas as mulheres com quem você...”

“São menos representações *de* algo e mais representações *sobre* algo. Entende? Essas xoxotas são momentos no tempo.”

Catherine examinou os momentos no tempo de Jim Doherty, seus soldados de terracota do sexo. Sempre se imaginara uma personalidade incompreendida da cidadezinha em que vivia. Não achava que sua mente aberta tivesse limites. Mas naquele momento se sentiu pudica, como sua mãe, como a mãe de Bud, como a mãe que ela própria era. Apertou a bolsa de viagem contra o corpo. Não haveria viagem para a cidade grande nem hotel suspeito. Descobriu que desejava ter ido visitar a irmã, afinal.

“Sabe de uma coisa”, disse Catherine. “Acho melhor eu ir agora.”

“Mas a gente vai passar o fim de semana fora.”

“Desculpe, mas me deu um mal-estar súbito. Não estou me sentindo bem.”

A expressão de Jim foi aos poucos se retorcendo em irritação.

“Temos um quarto no terceiro andar, não reembolsável, no AsaLux. Tem café da manhã continental grátis.”

“Desculpe, Jim.”

“O que exatamente na minha xoxotarte deixou você doente?”

Jim Doherty fez uma careta, um contraste gritante com os macaquinhos felizes estampados na camisa dele. Catherine procurou a saída com os olhos.

“É coisa demais de uma vez só.”

“A minha arte é subversiva demais pra você?” Ele começou a erguer a voz, que ecoava no pequeno porão. “Achei que você fosse entender.”

“Eu também achei”, disse Catherine.

Então ele ficou bem quieto. Derrotado.

“Você é só mais uma dona de casa suburbana entediante, escandalizada por meia dúzia de xoxotas.”

Catherine olhou além de Jim Doherty e inclinou a cabeça em direção à parede. *Esmagar* era mesmo uma sensação desejável para o próprio pênis? Tanta coisa que ainda tinha que aprender sobre os homens.

“Não precisa me acompanhar até a porta”, disse ela.

“Eu de fato achei que você fosse diferente”, disse Jim Doherty.

Catherine refez o caminho pelo estúdio improvisado, subiu as escadas e saiu para a luz brilhante do fim da tarde. A hora favorita do dia. Quando criança, olhando os rastros de avião no céu, costumava achar que Deus tinha

arrastado as unhas pelo firmamento. O ar cheirava a começo de verão e asfalto quente, a dispositivos de irrigação e brasas de churrasco. Ela se sentiu reconfortada pela familiaridade do bairro, pelas bandeirolas patrióticas nas janelas e pelas bicicletas largadas com confiança nos gramados da frente. Ainda estava claro, nem que fosse por mais uma hora. Tudo daria certo, pensou Catherine, contanto que os genitais dela, os genitais das filhas e quaisquer futuros genitais Flynn nas gerações vindouras jamais acabassem presos no porão de Jim Doherty.

De volta à casa vazia, Catherine sentiu o choque brutal do retorno à realidade, uma experiência comparável, imaginou, a um mergulho em água congelante, algo que nunca fizera, mas sobre o qual vivia lendo em revistas femininas. Amava Bud, amava as garotas e a casa deles, e, embora pequenas melhorias pudessem ser feitas, não precisava reinventar a roda.

Catherine não gostava de pedidos de desculpa – nem de dar, nem de receber –, mas sentiu que talvez um fosse necessário. Um gesto grandioso, algo que devolvesse tudo à normalidade. Pensou em levar Bud para tomar aqueles coquetéis de que gostavam antigamente, os que vinham em aquários de peixe ou em abacaxis cortados ao meio, mas lembrou que o marido estava em algum tipo de programa de doze passos e não queria incentivá-lo. Foi então que teve a ideia. Compraria mantimentos. Um gesto simples e cheio de significado. Encheria a geladeira com os cinco grupos alimentares. A família chegaria a qualquer momento. Catherine foi ao mercado a pé, com uma nova determinação doméstica. Cada corredor resplandecia com possibilidades. Antes, teria escolhido itens exóticos e caros, como pescoço de porco, acelga e salmão do Atlântico enlatado, só pela novidade. Mas sabia o que Bud mais apreciaria: básicos como ovos, pão e cereal de marca genérica, coisas de alto valor nutricional e baixo preço. Assim, Catherine caçou ingredientes para sanduíches e resistiu aos morangos de vinte dólares vindos da Baviera. O carrinho era o de uma boa esposa, uma esposa que escutava. Catherine e seu carrinho de penitência chegaram à fila do caixa para mais de vinte itens e estacionaram atrás de duas senhoras idosas da igreja, tagarelando.

“Essa cidade está indo pro beleléu”, dizia uma delas.

“Você *viu* o cartaz do lado de fora do Cinema Vintage?”, respondeu a outra. “Tinha um seio! Um seio de mulher!”

Catherine sorriu atrás delas. Imaginou a si mesma naquela idade. Usaria estampas que não combinam e descoloriria os cabelos grisalhos até um loiro platinado, como sempre desejara em segredo. O falatório das velhas virou ruído branco enquanto Catherine se perdia em devaneios. Na juventude rebelde, por que *nunca* havia pintado o cabelo? Quando engravidou, temeu que os produtos químicos se infiltrassem no corpo e chegassem ao bebê. Catherine sempre se importara, à sua maneira.

“Você soube que Wallace e Mini vão se divorciar?”, as velhas continuaram a fuxicar.

“Ah, sim. Uma vergonha, uma vergonha.”

“Você ouviu falar que aquela garota, a Tegan, está grávida?”

“Não! Achei que só estivesse curtindo demais as vendas de bolo!”

“*Grávida.*”

“E você ouviu falar do Bud Flynn...”

“Ah, óbvio.”

Catherine foi arrancada do devaneio. Aguçou os ouvidos, voltando para a realidade ao ouvir o nome de Bud. A esposa que escutava escutou.

“E a Priscilla Winkle!”

“Eles estão juntos agora.”

“Uma vergonha, uma vergonha!”

“E ele ainda é casado.”

“É hedonismo!”

“A Priscilla é uma mulher tão boa.”

“E aquela pobre criança.”

“Aquele pobre, pobre criança.”

“Uma enfermidade tão trágica.”

“Você ouviu sobre o novo horário do shopping?”

“Duas da manhã!”

“Nada de bom acontece depois da meia-noite.”

Catherine ficou boquiaberta. Não podia ser. A fábrica de boatos estava insinuando que Bud estava com aquela beata cafona e proselitista? *Com* num sentido romântico, não num sentido caridoso ou obrigatório. Não

para, digamos, ajudá-la a atravessar uma rua movimentada. De jeito nenhum. Não podia ser.

“Com licença”, disse Catherine. As duas velhas se viraram em uníssono e, ao ver Catherine, ficaram dois tons mais pálidas do que antes.

“Vocês se importariam de repetir o que acabaram de dizer”, perguntou Catherine com gentileza, “sobre o William Flynn?”

No banheiro do AsaLux, Catherine respirou fundo, deixando o cheiro forte de água oxigenada encher as narinas. Quanto estresse uma pessoa consegue suportar num único dia? E ela mesma era a mediadora da própria infelicidade. Finalmente tinha enlouquecido o marido. *E agora?*, ela tinha pensado no estacionamento do supermercado. Não podia ir para casa. Catherine sentia que precisava ficar sozinha. Longe de Bud, de Jim, das garotas, dos moradores da cidade. Percebeu que não dormia sozinha – realmente sozinha, sem um bebê num berço ou um marido na garagem – havia dezessete anos. No fim do dia, quem ela era? Será que sabia? Foi quando Catherine ergueu os olhos e viu um letreiro mostrando um homem dormindo, com ovelhas pulando sobre o corpo estendido. Então se lembrou do café da manhã continental, do roupão de tecido felpudo. Bud estava com o carro, então Catherine chamou um táxi até o estacionamento do mercado. Ela se recompôs, fosse lá quem fosse, entrou no banco de trás e disse ao motorista para ir até a cidade.

“Para o AsaLux”, disse Catherine.

“Só a senhora?”, perguntou o motorista.

“Só eu”, respondeu.

Ela pediu ao motorista que fizesse uma parada no caminho, na loja de produtos de beleza, chegando bem na hora de fechar. Entrou correndo e comprou uma caixa de tintura para pintar o cabelo de loiro.

Depois da escola, Abigail Flynn e Tibet foram até a praça da cidade, agora livre de cupins, tiraram refrigerantes em garrafas de vidro das mochilas e se deitaram na grama. Cada uma fez uma pequena caverna com as mãos em torno do rosto da outra enquanto acendiam os cigarros, discutindo brevemente a diferença entre o fumo clássico e o eletrônico, concordando ambas que preferiam o primeiro. Ultimamente, e talvez em correlação direta com o uso de drogas, Tibet havia se tornado uma conspiracionista moderada. Discorria longamente sobre coisas que lera na internet, sobre orçamentos secretos ou alienígenas ou o uso, pelos militares, de verbas ocultas para esconder a existência de alienígenas, ou ainda sobre supostas provas que contradiziam o formato da Terra aceito pela ciência; desconfiava das grandes farmacêuticas, das grandes petrolíferas, dos gigantes da tecnologia, das grandes empresas de tabaco, das grandes empresas de laticínios e do governo, grande ou pequeno. Mas tudo em que Abigail conseguia pensar era na dor aguda do primeiro amor.

Wes já era quieto e estranho desde o início, mas havia se tornado ainda *mais quieto e mais estranho* desde que Abigail confessara seus verdadeiros sentimentos por ele, sentada no banco do passageiro da caminhonete. Ele não respondeu que sentia o mesmo, não disse nada, na verdade, apenas arrancou e saiu em disparada com dor de estômago. Abigail não teve notícias dele por um dia inteiro e, quando Wes enfim quebrou o silêncio, não foi para dizer *eu te amo*. Foi para assistir a um filme no Cinema Vintage. Ironicamente, um filme mudo. O silêncio começava a parecer menos uma virtude e mais uma sentença de morte.

“Amarelo ou azul?”, perguntou Tibet.

Tibet despejou o conteúdo do estojo no colo e puxou um frasco de comprimidos. Dando batidinhas com o dedo, derrubou duas cápsulas grandes, cientificamente usadas para curar vermes do coração em animais.

“Tenho tênis mais tarde”, disse Abigail.

“Amarelo, então”, disse Tibet.

As garotas engoliram os comprimidos com os refrigerantes. Tibet ofereceu a Abigail uma colherada da salada de frutas. Abigail recusou.

“Coma alguma coisa”, disse Tibet. “Você tá com cara de desnutrida.”

“Obrigada”, disse Abigail.

“Não, tipo, você parece uma prisioneira de guerra”, disse Tibet.

E ela não era? O coração dela sem dúvida era. Abigail olhou para baixo e admirou os próprios membros finos. Ter menos corpo para abraçar obrigava as pessoas a encontrar mais coisas nela para amar. Achou esse pensamento poético.

Tibet continuou explicando como muitas das estruturas mais antigas e pesadas do mundo simplesmente não poderiam ter sido feitas pelo homem. Abigail não estava ouvindo. A grama fazia cócegas na parte de trás das pernas. Observava o céu acima ondular suavemente à medida que o amarelo se espalhava pelo sistema dela. Abigail estendeu a mão para a mochila.

“Recebi isso pelo correio”, disse.

Mostrou a Tibet um envelope, endereçado à mão com o nome de Abigail em uma caligrafia cursiva festiva. Dentro havia um local, uma data e um horário – nada mais. Tibet reconheceu o endereço da festa. A Mansão Alabastro. A casa do bilionário da tecnologia.

“Isso é loucura!”, disse Tibet.

Abigail deu de ombros, como se aquilo acontecesse o tempo todo. Não acontecia. Na verdade, Abigail ficara encantada ao receber a convocação. Esperava que a vida adulta fosse preenchida por um fluxo constante de convites da elite.

“Você não acha meio estranho”, disse Tibet, “convidar uma estudante do ensino médio para uma festa de negócios?”

Abigail deu de ombros, como quem diz *não muito*.

“Acho que causei uma boa impressão da última vez”, disse Abigail.

“Você vai?”

Abigail deu de ombros, como quem diz *talvez, ainda não pensei nisso*. Mas tinha pensado, sim. Desde que recebera o convite, vinha planejando roupas. Algo maduro, mas que marcasse o corpo. Chegara até a pedir turnos extras gravando chaveiros para poder pagar o traje perfeito, maduro e justo. Era quase certo que Wes estaria trabalhando na festa, Abigail imaginava, e ele não ia gostar nada que ela estivesse lá, por mais madura que estivesse

vestida. Wes achava os Alabastro sinistros, assim como qualquer um que se associasse a eles. Mas Wes estava quieto e estranho, e talvez, pensou Abigail, se ela aprontasse alguma coisa, conseguisse a atenção de que tanto precisava.

“Posso pegar isso emprestado?”, perguntou Tibet.

Abigail entregou o convite. “Só não perde, tá?”

“Não vou perder”, disse Tibet. “Quero só dar uma pesquisada.”

Abigail jogou o resto do cigarro no copo da salada de frutas. Analisou o recibo amassado. “Dá pra acreditar no preço da fruta artificial?”

“Você não devia tocar em papel de recibo”, disse Tibet. “Tem substâncias tóxicas que interferem na produção hormonal.”

Abigail enfiou o recibo na boca.

“Vou convidar o Wes pra Dança de Verão das Irmãs das Dores”, disse Abigail, com a fala abafada pelo papel.

O último ano da escola Filhas Sagradas terminava com a Dança de Verão das Irmãs das Dores, um substituto do baile de formatura, já que este fora considerado um pecado. *Prom*, em inglês, ou *baile*, vinha da raiz latina *promenade*, que significava uma caminhada longa e tranquila, em geral feita por prostitutas, ou algo assim. Abigail não se lembrava muito bem.

“Não sei se pode levar alguém que não esteja matriculado no ensino médio”, disse Tibet.

Abigail franziu a testa, como quem diz *apenas seja uma amiga solidária, independentemente das consequências*.

Na verdade, Tibet estava magoada, pois as duas haviam combinado de ir juntas. Em segredo, ficara feliz com as recentes esquisitices de Wes, pois isso lhe devolvera parte do tempo e da atenção que Abigail lhe dedicava. Mas uma garota só tinha uma única Dança de Verão das Irmãs das Dores na vida. Era preciso aproveitar ao máximo.

Sob o sol, tiraram os suéteres sem graça do uniforme. Abigail agradeceu ao Senhor por aquele ser seu último ano obrigatório de escolaridade. Na faculdade não havia freiras, nem imposição de comprimento de saia, nem cardigãs sem graça. Abigail queria mais da vida do que aquela cidadezinha. A vida dela seria rica e plena e abrangeria todos os gêneros – viagens e romance e mistério. Os pais achavam que, por ser jovem, ela não entendia como o mundo funcionava, quando, na verdade, eram eles que não entendiam. Não ia acabar presa como a mãe. A luz da mãe era como a de

uma estrela morta: ainda brilhava, mas sem nada por trás. Catherine tivera tanto potencial. Como fora parar ali? Atada a três filhas e a um casamento ruim na rua Secundária? Lamentável, pensou Abigail. Tinha pena da mãe.

“Quero sair daqui”, disse Abigail.

“E o tênis?”, perguntou Tibet.

“Não, digo, tipo, num sentido maior.”

Tibet olhou para Abigail como se dissesse *dã*.

“Tô falando sério”, disse Abigail.

Tibet se apoiou nos cotovelos. “Você conhece aquele ditado que diz que *se você quiser fazer Deus rir, faça planos?*”

“Você quer dizer, tipo, não zicar?”, disse Abigail.

“Acho que significa mais que as coisas nunca vão ficar do jeito que você acha que vão ficar.”

Isso era verdade, pensou Abigail. Ficariam ainda melhores.

Um veículo preto, sem qualquer identificação, foi buscar Bud no dia seguinte ao recebimento do bilhete, exatamente como dizia, às quatro e quarenta e cinco da tarde. Uma divisória escura o separava do motorista. Eles seguiram em silêncio pela cidade e subiram a colina até a região onde as ruas não tinham nome. A casa do bilionário parecia uma ruína, pensou Bud, talvez asteca ou maia. Desejou ter se preparado melhor do ponto de vista arquitetônico, desejou ter lido mais sobre ruínas. “Pré-guerra”, ele poderia chamar o lugar, mas qual guerra? Tudo era pré-alguma guerra.

Uma garota, em um vestido preto sem forma, abriu a porta do carro. “Por aqui, senhor Flynn”, disse ela.

Parecia ter a idade de Abigail. Ele a seguiu por uma ponte sobre um curso d’água profundo. Bud imaginou ter um fosso diante de sua casa na rua Secundária. Só de estar perto já era possível sentir a imponentia dessa casa. Ah, as fachadas pré-colombianas são simplesmente maravilhosas, diria Bud, se tivesse se preparado.

“É um lugar e tanto”, disse Bud. “Pré-guerra?”

A garota riu educadamente. “Pode-se dizer que sim.”

Que informalidade estranha, *pode-se dizer que sim*. Óbvio que podia. Ele acabara de dizer. Bud começou a se arrepender da escolha da gravata. Era tão... festiva, como sua filha mais velha havia apontado. Grande demais, mais uma pipa do que uma gravata. De repente, parecia que a gravata é que o vestia.

“Cada bloco foi importado”, disse a garota. “São extremamente pesados. A casa está afundando na terra, pouco a pouco, todos os dias.”

“Qual é o seu nome?”, perguntou Bud.

“Ah, eu sou insignificante”, respondeu a garota.

“Diga, Insignificante”, disse Bud. “O que você acha desta gravata?”

“Acho requintada, senhor Flynn.”

A garota sorriu, desta vez com mais sinceridade.

As portas da frente os engoliram por completo. Havia uma pintura no vestíbulo que Bud reconheceu dos livros didáticos, nada de surrealismo

moderno ou coisa do tipo, mas uma pintura de verdade, autêntica e genuína. Retratava um menino chorando.

“*Menino chorando*”, disse a garota.

Bud assentiu. Ela o conduziu a uma sala de estar e lhe ofereceu um lugar no “canapé”, que, pelo que Bud entendeu, queria dizer sofá.

“Vou precisar ficar com o seu aparelho”, disse ela.

“Meu o quê?”

“Seu celular”, explicou ela. “É procedimento padrão.”

Bud entregou o celular.

“Não tem sinal aqui em cima de qualquer jeito”, garantiu a garota.

Peculiar, pensou Bud.

Admirou o grande piano no canto. Pianos, pensou, assim como tabuleiros de xadrez, eram objetos importantes de se ter por perto, mesmo quando não estavam sendo usados.

Um arrepio percorreu a espinha de Bud.

“A temperatura é mantida exatamente em dezesseis graus”, disse a garota, “pra saúde da pedra.”

Embora estivesse realmente frio, o arrepio vinha de outro lugar. Bud percebeu que estava sendo observado. Sentia uma presença além da garota de vestido sem forma.

“A gente se acostuma”, disse a garota. “As câmeras.”

“Bastante cauteloso, o nosso anfitrião”, disse Bud.

“Como o senhor sabe, o Porto construiu sua reputação em torno de medidas de segurança robustas. E segurança, assim como caridade...”

“Começa em casa?”

“Exatamente”, disse ela. “O senhor Alabastro está muito animado pra conhecê-lo, senhor Flynn.”

As suspeitas de Bud se confirmavam: ele havia mexido em algo – como o chefe colocara – muito além da alçada dele. Medo e animação o invadiram ao mesmo tempo. Olhou pela janela, para a luz fugaz do dia, com a lua já visível.

“O senhor sabe como se chama, senhor Flynn, quando a lua aparece durante o dia?”, perguntou a garota.

Bud balançou a cabeça.

“Lua errante.”

“É mesmo?”, disse Bud.

“Porque a lua está se comportando mal”, prosseguiu a garota. “Está se metendo onde não devia.”

Ele assentiu lentamente. Bud se perguntou se a garota fora instruída a puxar esse tipo de conversa fiada. Até que ponto entendia a situação? Era apenas mais uma engrenagem como ele, ou seu nível de acesso era maior? Até onde tudo aquilo ia? A garota levou a mão à orelha direita, por baixo do cabelo.

“Ele está pronto pra receber o senhor”, disse ela.

“Tem certeza de que eu não devia tirar a gravata?”, perguntou Bud.

Ela riu, com um riso infantil. “Ele já viu.”

Bud seguiu a garota por um corredor que terminava numa porta imponente. Sereias estavam entalhadas na madeira da porta. Não sereias encantadoras de franquia, mas criaturas grotescas, com lanças e dentes pontiagudos. Monstros.

“Sabe”, disse a garota, “a navegação está na família dele desde 1798.”

Bud sabia. Estava no site da empresa. Nos cartões de visita. Na âncora memorial do Porto de Alabastro[®]. “Está no sangue dele”, disse a garota.

Bud imaginou as artérias de Paul Alabastro como canais de comércio. Qual seria a relação entre o sr. Alabastro e aquela garota?, ponderou Bud. Ela parecia ter carinho por ele. Ou seria apenas o trabalho dela, fingir que gostava dele?

“Pode entrar agora”, disse a garota.

Ela voltou pelo corredor em silêncio felino. Bud empurrou a porta com o ombro. O escritório era revestido com papel de parede náutico. Cortinas de corda cobriam as janelas como redes de pesca. Bud se sentou diante de uma escrivaninha robusta, entalhada, como a porta, com criaturas marinhas de pesadelo. Olhou mais de perto. Um dos tritões da escrivaninha trazia algo entre os dentes. Parecia um membro humano.

“Pertenceu a Bernhard Gilroy.”

Bud se virou de modo abrupto para encarar Paul Alabastro. Diferente da escrivaninha – imponente, indestrutível –, o sr. Alabastro era magro e esquelético, aparentando sofrer de falta de luz solar. Tinha lábios finos que revelavam dentes artificialmente brancos quando sorria, e vestia um suéter simples de zíper até o peito. Um Solis reluzia sob a manga. Um relógio

mítico. Bud nunca tinha visto um pessoalmente. Parecia grande demais no pulso dele, como uma criança experimentando o relógio do pai.

“Gilroy era um marinheiro bastante ambicioso”, continuou o sr. Alabastro. “Estava levando mercadorias de volta para a aldeia dele – duas dúzias de potes de pêssegos, sete sacas de grãos e meio quilo de pés de porco, se a memória não me falha – numa escuna de cinco metros e meio. Trezentos e oitenta e um quilômetros em vinte e nove dias. Diz a lenda que um monstro marinho virou o barco dele, provavelmente uma baleia, e ele se afogou com a carga. Essa escrivadinha é um lembrete dos nossos avanços radicais na tecnologia naval, do nosso domínio firme sobre a natureza. Hoje pilotamos transatlânticos gigantes. Vencemos os monstros marinhos. Observamos baleias por recreação. Mantemos baleias em zoológicos.”

Bud mexeu no nó da gravata.

“Prazer em conhecê-lo oficialmente, senhor Flynn.”

“Eu... eu acho que já nos conhecemos”, gaguejou Bud. “Uma vez, há alguns anos. No Retiro Rumo ao Progresso.”

Sentado, Bud se sentia em posição de inferioridade. Paul Alabastro permaneceu de pé e apertou a mão dele. Bud permitiu que a mão fosse apertada. A boca estava seca; toda a água parecera escorrer para a palma da mão.

“Algo para beber?”, ofereceu o sr. Alabastro.

Ele apontou para um carrinho de bar abastecido com garrafas cintilantes de líquidos marrons, amarelos e transparentes. Uma das garrafas continha um líquido branco e viscoso. Borbulhava de um modo familiar.

“Leite puro, pré-natal”, disse o sr. Alabastro, acompanhando o olhar de Bud. “Eu mesmo providencio. Faz maravilhas pela pele.”

De que animal, Bud se perguntou, vinha aquele leite? Vaca? Baleia? Humano? Os abastados eram fascinantes.

O sr. Alabastro usou uma pinça para colocar um único cubo de gelo num copo, enchendo-o com uma das bebidas. A pele dele, Bud teve de admitir, era lisa e sem manchas, como a de um bebê.

“Na verdade, trata-se de um *single malt* produzido um pouco mais ao norte daqui”, disse ele.

O copo dele encontrou o de Bud. Uma criatura empalhada na parede os observava. Era parecida com um coelho, mas maior, com galhadas

reticuladas.

O sr. Alabastro se sentou na cadeira diante de Bud. Havia um silêncio profundo; diziam que a casa era à prova de som.

“E então, como está a bebida, senhor Flynn?”

Bud fez um sinal de positivo com o polegar. Em sua memória recente, não se lembrava de jamais ter feito isso. Bud percebeu que agora era a sua vez de falar. Não conseguia evocar uma anedota, uma gentileza qualquer. Era como se nunca tivesse participado de uma conversa. Afundou um pouco na poltrona de couro. Nunca tinha sentido um couro tão macio.

“Gosto de um homem que não tem meias-palavras”, disse o sr. Alabastro. “Então vamos direto ao ponto. Ouvi dizer que temos um problema.”

A carga. Bud tinha se esquecido completamente.

“Apenas uma pequena discrepância”, disse Bud.

“E o senhor levou essa discrepância ao conhecimento do seu supervisor?”

“Allen, sim.”

“E o que Allen disse?”

“Mandou eu deixar isso pra lá.”

“O senhor costuma desobedecer a ordens do seu supervisor?”, o sr. Alabastro deu um sorriso descontraído.

“O Allen, com todo o respeito”, disse Bud, “está agindo com deliberada ignorância... diante do que eu acho que pode ser um grande problema.”

“E por que Allen faria isso?”, perguntou o sr. Alabastro.

“Grandes problemas geralmente significam muita papelada”, respondeu Bud.

“Allen não gosta de botar lenha na fogueira”, disse o sr. Alabastro.

“Exatamente”, confirmou Bud.

“Eu gosto de quem bota lenha na fogueira”, disse o sr. Alabastro. “Às vezes, a fogueira precisa ser alimentada. De outro modo, como se assa alguma coisa? Estou perguntando de verdade, não sou muito de cozinhar.”

Bud riu. Allen não entendia. Era só mais um produto na esteira corporativa. Mas esse sujeito, pensou Bud, esse sujeito entendia. Bud já via tudo se desenrolando: dois homens corajosos que não tinham medo de enfiar o nariz onde não deviam. O Controlador-Chefe apertando a mão

dele, lhe oferecendo a chave da cidade diante de câmeras disparando flashes. CONTADOR LOCAL DESMASCARA GRANDE ESCÂNDALO MARÍTIMO. Paul Alabastro seria grato a Bud por trazer à luz esse abuso da sua tecnologia, por salvar o legado de sua empresa. Aquela seria a primeira de muitas doses de *single malt*. Ele se via jantando na casa do sr. Alabastro, viagens de fim de semana. Um charuto compartilhado na varanda e o silêncio compartilhado dos homens. Homens em paz.

“Então, qual é esse *grande problema*, senhor Flynn?”

O sr. Alabastro se recostou na cadeira, colocando as mãos atrás da cabeça. Embora parecesse banal, havia algo ameaçador naquele gesto. Bud não sabia dizer o quê.

“Notei algumas cargas que ficaram... sem registro”, disse Bud.

“Como gerente de contas, isso não deveria estar sob sua alçada?”

“Sim, mas não há o que contabilizar. Elas desapareceram. Supervisiono cada caixa, cada contêiner que passa pelo porto – ou melhor, o ContadorDeCarga 3.0 supervisiona.”

“ContadorDeCarga 3.0?”

“É assim que chamamos o software – o seu software.”

“Encantador.”

Bud, encorajado, prosseguiu. “Mantemos registros meticulosos de importação, tempo de permanência, exportação, intercâmbio marítimo – mas há essas... essas inconsistências *consistentes*. O conteúdo está sendo negligenciado de modo recorrente. Acredito que possa ser intencional.”

“Isso é uma especulação e tanto. O senhor está começando a soar conspiratório, senhor Flynn.”

O sr. Alabastro observou Bud com curiosidade.

Bud tomou um gole da bebida. Notou algo no centro do único cubo de gelo.

“Ovo de codorna”, disse o sr. Alabastro.

Bud apoiou o copo no joelho, tentando esconder a repulsa. Estavam se desviando do assunto. Um assunto que Bud esperava que o levasse a uma casa de veraneio com contrato de tempo compartilhado.

“Há uma infinidade de razões pra cargas acumuladas”, disse o sr. Alabastro. “Congestionamento, gargalos, erros administrativos. Duvido que a gente consiga resolver esses problemas no meu escritório.”

“Mas há um padrão, senhor”, disse Bud. “Eles não se perdem. Esses contêineres sem identificação atracam, mas nunca são registrados, são omitidos dos registros públicos. O fornecedor internacional não tem número de licença registrado no sistema nem nos arquivos físicos, o que é inédito e, bem, ilegal.”

“Ilegal”, repetiu Paul Alabastro.

O anfitrião de Bud enrijeceu.

“É meu trabalho ser cético”, disse Bud.

O sr. Alabastro girou o copo, formando pequenas ondas.

“Agradeço sua atenção profunda aos detalhes, senhor Flynn. Nitidamente estamos em boas mãos. Eu assumo daqui pra frente.” O sr. Alabastro pigarreou. “Está com fome? Vou pedir que meu chef prepare algo pro senhor levar. Já experimentou garoupa-siamesa? Proibitiva de se conseguir, elas só se reproduzem a cada cinco anos. Ainda estão na lista de espécies ameaçadas.”

“Isso é tudo?”

“Não, tenho certeza de que ele fará uma salada como acompanhamento.”

“Em relação ao grande problema”, disse Bud.

Paul Alabastro se levantou para renovar a bebida. O ovo de codorna em seu copo coroava o gelo à medida que o cubo derretia.

“Estou percebendo corretamente que isso é uma questão pessoal pro senhor, senhor Flynn?”

“Estou apenas fazendo o meu trabalho.”

“E como o senhor descreveria o seu trabalho?”

Ele voltou a se colocar de pé diante de Bud, que esticou o pescoço para encontrar o olhar do sr. Alabastro.

“Sou o gerente de contas e sistemas. Supervisiono as contas e os sistemas.”

“Não há algo que o senhor esteja esquecendo?”

“Mantenho a gente dentro do orçamento anual...”

“Lealdade, senhor Flynn.”

O sr. Alabastro começou a andar de um lado para o outro, devagar e de modo deliberado.

“O senhor atua em favor e com respeito ao Porto, à instituição do comércio e ao capitalismo em sentido amplo, não é?”

“Eu teria de consultar o manual”, disse Bud.

“O que o senhor está levantando não é um problema profissional, mas ético”, disse o sr. Alabastro, com a mais absoluta compostura. “Porque talvez algo ilegal *esteja* acontecendo aqui, bem debaixo do seu nariz, e lhe peço, como seu empregador, acionista majoritário do porto e como um homem que valoriza a lealdade de seus subordinados, que use de discrição. Nesse caso, fazer o seu trabalho envolve *não* fazer seu trabalho. Os negócios são uma coisa curiosa.”

Bud jurou sentir a casa afundar na terra, ainda que apenas uma fração de centímetro. Como fora tolo ao alimentar a ideia de camaradagem com um homem de uma casta social tão drasticamente distinta. Aquela reunião era uma formalidade, um incômodo necessário para manter a harmonia da vida, como servir de jurado. Compartilhar um tempo juntos, pensou Bud. Aquele era um homem que não compartilhava o tempo. Ele o possuía.

“Vejo que o decepcionei, senhor Flynn.”

A empresa era corrupta, disso Bud já sabia. Mas esperava que o nível de corrupção fosse mantido ao mínimo. E por que tinha de ser bem debaixo do nariz *dele*? Por que não debaixo do nariz de alguém mais qualificado para desmontar o sistema, botar lenha na fogueira? Bud não tinha faro para irregularidades.

“E quanto à lenha na fogueira?”, perguntou Bud.

“O senhor está aqui, não está? Considere que a lenha foi posta na fogueira”, disse o sr. Alabastro. “Mas tenho muitas outras coisas cozinhando, então – e me desculpe por estender a metáfora – vou precisar que o senhor se afaste do fogo.”

“Eu não entendo”, disse Bud. Ele observou um anel de condensação se formar ao redor do copo, deixando uma marca circular no joelho da calça.

“Não preciso que o senhor entenda. Algumas coisas simplesmente são como são. Quando construí este porto...”

“Com todo respeito”, disse Bud, “quem construiu este porto foi o seu pai.”

A raiva inundou Bud. Paul Alabastro estreitou os olhos até virarem fendas, comprimindo os lábios.

“Vou lhe falar do meu pai, e do pai do meu pai antes dele.” O sr. Alabastro gesticulou para a parede onde pendia uma pintura a óleo de dois homens, maiores do que Paul Alabastro, mas com sobrancelhas semelhantes, cada um segurando um coelho pelas patas. *Pierpoint Alabastro e Filho Warren T. Alabastro na Caça Anual de Páscoa*, dizia a placa dourada abaixo. Bud se perguntou se aquela tradição ainda era mantida. Ele se sentia categoricamente mais próximo não dos homens, mas do coelho inerte pendurado nas mãos deles.

“O senhor conhece este homem à esquerda como aquele que fez a sua cidade. Que revolucionou a indústria naval do século XXI. Dominando terra e mar, ele achou que não havia mais mundos a conquistar. Mas havia um mundo que ignorava.” O sr. Alabastro deu tapinhas no computador de mesa. “Fiz meu próprio nome, minha própria dinastia. Controle o que as pessoas fazem e você é um rei. Controle como pensam e você é um deus.”

Bud via diante de si o anfitrião, um homem muito poderoso com questões paternas muito profundas. Quando criança, Bud frequentemente tentara imaginar a encarnação humana de Deus. Não se parecia em nada com Paul Alabastro.

“O que vocês estão contrabandeando?”, perguntou Bud, quase num sussurro.

Em poucas semanas, o contêiner OMITIDO chegaria, como chegara todos os anos na última década, e desapareceria no éter como os outros. Perdido na história.

“Estamos deixando de cumprir alguma das promessas declaradas em nossa missão?”, perguntou o sr. Alabastro, ignorando Bud. “*Não* estamos mantendo uma economia eficiente e sustentável, adotando novas tecnologias pra melhorar a confiabilidade do fluxo global de cargas? *Não* investimos anualmente em melhorias de capital pra garantir que embarcadores do mundo inteiro tenham acesso a uma ampla seleção de transportadoras e serviços, bens superiores e transporte excepcional de e para nossa grande nação? *Não* estamos na vanguarda da revitalização do comércio portuário, ampliando o acesso público à informação e transformando a orla em um destino turístico de padrão mundial? O senhor já foi ao píer? Já andou na nossa roda-gigante? Certamente já. O senhor tem três descendentes.”

Bud enrijeceu ao ouvir a menção à família.

“Três filhas”, disse o sr. Alabastro, com um sorriso malicioso e perverso. “Harper, Louise e Abigail, doze, quinze e dezessete anos. Não é isso, senhor Flynn? Esperta, a mais nova. Foi ela quem encontrou as câmeras nas minhas bolas de cedro.”

Bud detectou certo deleite na fala? A casa não estava afundando, pensou Bud. Estava sendo engolida pelo inferno.

“Não tenho filhos. Não consigo imaginar”, disse o sr. Alabastro. “Ouvi dizer que é como ter o próprio coração andando fora do corpo.”

Bud cerrou a mão que não segurava a bebida.

“Não há necessidade de se exaltar. O senhor investigou meus assuntos, então dei uma espiada nos seus”, disse o sr. Alabastro. “Bud... Posso chamá-lo assim, Bud? Apesar da nossa disparidade socioeconômica, Bud, gostaria de nos considerar conhecidos. Não posso compartilhar da aflição do homem comum, mas talvez possamos chegar a um entendimento. E, se não pudermos, esteja ciente de que essa interação está sendo gravada de múltiplos ângulos, e há pelo menos três guardas armados nas dependências, todos ex-militares.”

O sr. Alabastro soltou o ovo de codorna do gelo e o quebrou dentro do copo. Sorveu a gema que se espalhava.

“O senhor ouviu falar dessa fuga da prisão?”, perguntou o sr. Alabastro. “Tenho certeza de que sim. Dois sujeitos escavam um túnel usando um aparelho ortodôntico de contenção fixa. Um era dentista, o outro, paisagista. Par perfeito pra esse tipo de empreitada. Minha produtora já está pensando em comprar os direitos da história deles. Mas o que o senhor não sabe é que havia um terceiro sujeito, outro detento com uma ficha criminal tão extensa quanto a Bíblia. Cumprindo pena de no mínimo vinte e cinco anos, ou mesmo perpétua. Esse terceiro percebeu os esforços de fuga dos colegas. Notou pequenas – como foi que o senhor chamou, senhor Flynn? – *inconsistências consistentes* no comportamento dos outros presos. O segundo começou a falar de forma diferente sem o aparelho, por exemplo. E aqui fica realmente interessante. Está me acompanhando? Esse terceiro não apenas sabia o que os outros dois estavam fazendo como os acobertou, sem que ninguém pedisse, em várias ocasiões, diante de diferentes guardas. Por que faria isso? Não havia nada a ganhar. Quando lhe perguntaram o porquê, ele

disse, e estou citando aqui: ‘Não sou nenhum dedo-duro.’ Agora, *esse* é um sujeito leal. Adoraria ter uma reunião com um sujeito desses.” O sr. Alabastro estalou o pescoço de maneira perturbadora. “Minha assistente vai acompanhá-lo até a saída agora.”

A garota do vestido sem forma reapareceu, pousando levemente uma das mãos no braço de Bud. Um lampejo de compaixão nos olhos jovens. Ela lhe devolveu o celular ao conduzi-lo para fora da propriedade. Bud não queria ser Deus. Começou a escrever mentalmente os exercícios do grupo Ovelhas Desgarradas durante o trajeto de volta à cidade, atrás da divisória escura do carro. No mundo dele, ninguém trapaceava, ninguém mentia, ninguém ingeria leite pré-natal ou ovos de codorna crus. Paul Alabastro estava errado, pensou Bud. O físico e o digital não eram as únicas fronteiras conquistáveis. Havia o mundo dentro de si mesmo. Onde certo e errado eram dia e noite. Ondas batiam contra as paredes do mundo espiritual de Bud. Águas escuras e espumantes de inquietação. Era crepúsculo quando o carro chegou de volta à cidade. Bud desceu, exausto, atordoado e faminto. O motorista destrancou o porta-malas e permaneceu ali até que Bud se aproximasse e o abrisse. Dentro havia uma redoma de prata, sob a qual se encontrava um jantar composto por um prato quente de peixe acompanhado de uma salada e um cheque polpudo em nome de um tal de Bud Flynn.

Bud entrou na garagem e decidiu que aquela noite era tão boa quanto qualquer outra para dormir na própria cama. As filhas estavam fora e as luzes apagadas. A esposa estava sentada no sofá, no escuro, o tecido mais manchado do que estampado a essa altura, embora um dia tivesse sido a joia da coroa das aquisições domésticas. Não o popular formato em L, mas arredondado, mais como um C. C de Catherine. C de canapé. C de Como posso gastar tudo isso em um sofá? Vai estragar de qualquer jeito.

Catherine não tentou disfarçar o cheiro de fumaça na roupa, maconha e cigarros, e Bud não tentou disfarçar a irritação. Passou por ela e foi para a cozinha, acendeu as luzes e jogou o peixe ameaçado de extinção na pia. A preparação incluía o olho. Ele encarava Bud.

Catherine se juntou a ele na cozinha, apoiada na parede que eles um dia planejaram derrubar para “abrir” o espaço. O espaço permaneceu fechado. Sob a luz, Bud notou que ela havia tingido, ou melhor, tentado tingir o

cabelo de um loiro acobreado chocante. Não comentou. Olhou para o peixe.

“Você está usando a calça boa”, disse Catherine.

“Como foi na casa da sua irmã?”, perguntou Bud, sarcástico, o tom carregado de desprezo.

“Você usa a calça boa pra essas reuniõezinhas?”, devolveu ela, no mesmo tom.

“Às vezes”, disse Bud.

“Está planejando transar no grupinho de culto religioso?”, perguntou Catherine.

Bud se virou para ela. “Também usei essa calça na caminhada beneficente para Crianças com Asma. Você acha que eu estava planejando transar lá também?”

“Eu sei sobre a senhorita Winkle”, disse Catherine.

A expressão dela era pétrea, os olhos chapados. Bud sentiu que, se tocasse em Catherine, ela poderia virar pedra de vez.

Soltou um longo suspiro. “E daí?”

“E daí? Você está dormindo com a sua orientadora espiritual.”

“Você está dormindo com Jim Doherty.”

“Eu não estou dormindo com Jim Doherty. Você mitificou completamente a situação.”

“Você nunca me corrigiu!”

Catherine tirou um copo gelado do freezer junto com uma garrafa. Não havia líquido nenhum. Nem mesmo os restos diluídos em água. Olhou ao redor e acabou pegando uma garrafa esquecida no balcão havia pelo menos uma década, com algum licor vermelho, presente de Natal. Era Natal no copo de Catherine.

“Você esteve com ela agora há pouco?”, perguntou Catherine.

“Tive um dia longo”, disse Bud.

“Sei que esteve”, disse Catherine.

“Você poderia se esforçar um pouco mais pra esconder essa sua crise de meia-idade das nossas filhas?”, perguntou Bud.

“Como você pôde fazer isso com a gente?”, disse ela, de repente irada.

“Ah! Então agora somos *a gente*. Quando eu encontro uma mulher legal que cuida de mim...”

“Eu não cuido de você?”

“Nem é uma mulher legal.”

Catherine examinou Bud, como se atravessasse a calça boa até o ponto da coxa onde ele um dia ameaçara tatuar um lutador de sumô, mas nunca o fizera e, embora aliviada na época, Catherine agora desejava que ele tivesse feito. Ela bebeu o líquido vermelho.

“Você a ama?”, perguntou Catherine.

A exasperação de Bud subiu depressa para igualar a dela.

“*Você* começou isso”, disse Bud.

“Você não pode fazer isso!” disse Bud.

“Estou com torcicolo”, disse Bud.

“Você é tão egoísta”, disse Bud.

“Você, você...”, disse Bud.

Bud socou a parede. Recuou imediatamente. “*Jesus...* machuquei a mão.”

“Você socou a parede.”

“Tive um dia longo e vou dormir.”

“Espere”, disse Catherine.

Bud olhou para ela, os olhos arregalados. Amparava a mão machucada com a outra.

“O que você quer de mim?”, perguntou Bud.

“De onde veio esse peixe?”, questionou Catherine.

“A gente não devia simplesmente acabar com isso?”, disse Bud.

“Nunca vi um peixe desses”, disse Catherine.

“Você está chapada”, disse Bud.

“Talvez.”

“Vamos acabar logo com isso”, disse Bud.

“Não diga divórcio.”

“Você disse primeiro!”

“Vou pegar ervilhas congeladas pra sua mão.”

“Não temos ervilhas congeladas.”

Catherine despejou o resto da bebida, molhando o peixe, e segurou o copo de martíni gelado contra a mão de Bud. Ele resistiu no começo. Fez uma careta. Depois se resignou ao tratamento.

No silêncio do cessar-fogo, Catherine foi carinhosa. Beijou o pulso dele.

“Pare com isso”, disse Bud.

“Desculpe”, disse Catherine.

“Não me importa”, disse Bud.

Catherine o ignorou. Subiu os lábios pelo braço dele até a curva do pescoço, se erguendo na ponta dos pés para alcançá-lo. Ele a agarrou pelo cabelo com a mão boa e a afastou. Ela ficou ali, atônita por um momento, a luz da cozinha brilhando no cabelo manchado. Bud cedeu, pousou o copo e a beijou. Beijaram-se como tantas vezes antes, mas não nos últimos anos, de boca aberta, línguas explorando. Bud empurrou Catherine contra a parede que não derrubaram. Encheu a mão boa com o cabelo de Catherine. Sentiu entre eles o gosto alcalino das lágrimas, quente e amargo. Bud ergueu Catherine pelas coxas, saiu da cozinha mal iluminada, atravessou o percurso de obstáculos da roupa suja e chegou ao quarto, colocando-a sobre a cama em que ele mesmo não dormia havia mais de um mês.

“Desculpe”, repetiu Catherine.

“Cala a boca”, disse Bud.

Ele a espalhou sobre o edredom, levantando o vestido muumuu. Uma roupa abominável, pensou Bud. Catherine comprara aquela peça depois de ler que a rainha usava muumuus durante o luto. Que rainha? Por quem estava de luto? Ele rasgou o algodão barato, encerrando o luto. Um olhar de surpresa genuína tomou o rosto de Catherine quando ele expôs os seios dela. O sexo entre eles normalmente não tinha tanta fanfarra.

“Meu muumuu!”, disse Catherine.

Ela não usava nada por baixo, e Bud pôde entrar nela facilmente, embora tivesse hesitado no momento da penetração. Que escandaloso isso parecia, transar com a própria esposa. Até pouco tempo, sua única amante por dezessete anos. Mãe de suas filhas. A mãe de suas filhas gemeu de modo performático.

“William!”

“*Cala a boca*”, arfou Bud.

Ele valorizou o esforço dela. Penetrou com mais força. Ergueu as pernas dela do jeito que ela gostava. Depois a virou do jeito como ele gostava. Empurrou o rosto dela contra o travesseiro. Nenhum dos dois gostava daquilo agora. Carne grudenta pressionada uma contra a outra. Ele a controlava pelos quadris, as mãos apoiadas na frente. O prazer de Catherine

não era o objetivo nem parecia um resultado incidental. Sentia o corpo dela se encolher a cada investida. Quando Bud sucumbiu ao cansaço, não tinha gozado e não achava que Catherine tivesse gozado também. A mão latejava. Catherine parecia um pouco atordoada ao se virar. E então os olhos dela se encheram de lágrimas outra vez. Não era a primeira vez que o sexo terminava com Catherine chorando, mas era a primeira vez que Bud não se importava.

“Tá bem”, disse Catherine. “Vamos acabar com isso.”

Era mais um dia rotineiro de segurança. Wes vigiava a Mansão Alabastro, deslizando de um cômodo a outro em absoluto silêncio. As instruções chegavam filtradas por um pequeno fone no ouvido. Wes não sabia a quem pertencia a voz, provavelmente alguém bem abaixo, que o observava em grandes monitores de segurança enquanto ele percorria a propriedade. Era possível passar dias vagando pela Mansão Alabastro sem ver tudo o que havia para ver. Várias portas permaneciam trancadas, inclusive para o pessoal da segurança. O escritório de Paul Alabastro era uma dessas portas. Wes admirava o primor do trabalho artesanal na madeira da porta sempre que passava por ali. Alguns aposentos continham apenas um único objeto – um baú, um violoncelo, a cabeça empalhada de um elefante. Wes evitava esses cômodos. No dia em que fora contratado, assinara um acordo de confidencialidade multilateral. Qualquer coisa que visse na casa não deveria ser comentada fora dali, ou, na verdade, em lugar nenhum. Também haviam feito uma investigação minuciosa sobre o passado dele e apresentado os resultados de uma forma que tinha um sugestivo ar de chantagem. Wes não deveria se preocupar com os negócios deles, e eles não se preocupariam com os dele. Era simples. Ele não falava muito mesmo, disse aos advogados.

A casa tinha muitas cozinhas, uma delas era abastecida para os seguranças com cerveja e bolos industrializados em lata e biscoitos, o que se supunha ser a alimentação da classe trabalhadora. Wes raramente patrulhava a cozinha dos funcionários. Embora poucas coisas aliviassem seu problema estomacal, o consumo de glúten piorava tudo de forma perceptível. Ter crescido numa fazenda de trigo era apenas uma das ironias cruéis da vida. Sua casa de infância ficava a sessenta quilômetros do mercado mais próximo e a décadas de distância de compreender o conceito de um substituto alimentar. Para o pai de Wes, pão sem glúten era tão absurdo quanto bebida alcoólica sem álcool, e se o jovem Wes reclamasse das cólicas no intestino delgado, o pai lhe ofereceria uma surra que com certeza não seria indolor. Os outros garotos no colégio militar admiravam Wes pela postura impassível e pela capacidade quase sobre-humana de cumprir a tarefa que lhe fosse

dada, qualquer que fosse. Wes nunca reclamou dos exercícios brutais nem da privação de sono. Via o treinamento básico como algo não muito diferente da ceifa, da debulha e da peneiração dos caules de trigo. Do colégio militar, foi recrutado para o serviço privado de mercenário, e foi aí que os registros em seu histórico foram diminuindo gradualmente, até serem desenterrados pelos advogados do bilionário da tecnologia.

O ouvido dele falou.

“Temos uma maluca no lado leste”, disse o dispositivo.

Visitantes não eram incomuns, ou melhor, manifestantes, aqueles que, por uma razão ou outra, desejavam contestar os vários impactos sociais do bilionário da tecnologia, muitas vezes de forma barulhenta e com cartazes, megafones e às vezes tinta. O bilionário era praticamente inalcançável. Havia uma seção de comentários no site dele onde reclamações podiam ser enviadas para um vazio virtual. A propriedade do bilionário era inacessível ao nível da rua, contornada por uma cerca de quase quatro metros de altura coberta de trepadeiras com espinhos afiados brotando das raízes, além de equipada com medidas de segurança das mais modernas, como câmeras e sensores de movimento. Nem um gato doméstico conseguiria passar, muito menos um cidadão insatisfeito. Wes jamais entenderia como Abigail conseguira entrar sorrateiramente na noite do primeiro encontro deles. Ninguém entrava na Mansão Alabastro sem convite. Talvez tivesse sido convidada desde o início.

A manifestante do lado leste era uma mulher de meia-idade, com grandes falhas de cabelo, deixando à mostra placas carnudas do couro cabeludo. Os olhos dela estavam arregalados, e ela gritava:

“Mentiroso! Fascista! Assassino!”

Wes se aproximou com a estoica disciplina de sempre.

“Senhora”, disse Wes.

“Assassino!”, berrou ela. “As-sas-si-no!”

“Vou ter de pedir que a senhora siga seu rumo”, disse Wes.

“Esta é uma rua pública!”, gritou a mulher. “Tenho o direito de estar aqui!”

Wes falou pouco acima de um sussurro, com uma voz uniforme e apaziguadora. Descobrira que um tom baixo tendia a acalmar os nervosos e exaltados.

“Senhora, não há nada pra senhora aqui”, disse Wes.

“É o seu chefe que está aí dentro?” A mulher apontou para dentro do portão, para o complexo. “Minha casa fica ao lado da Refinaria Alabastro. Morei lá a vida inteira. Quando construíram a refinaria, dez anos atrás, disseram que não teria impacto nenhum na área. Mas *mentiram*. O ar é tóxico. A água é tóxica. Eu tenho câncer de pulmão, estágio quatro, nunca fumei um dia sequer na vida. Nunca vou ver minha filhinha crescer. Ela nunca vai ver nada, nasceu cega, uma deficiência de nascença causada pela exposição ao ácido sulfúrico. Está no sangue dela, o médico disse. A gente não tem dinheiro, não pode se mudar. Aquela casa é tudo o que eu tenho. O seu chefe aí dentro é um assassino, e você não é melhor do que ele.”

Wes olhou para ela com compaixão. Um carro preto encostou ao lado deles.

“Esse carro vai levar a senhora pra casa”, disse Wes. Ele bateu de leve no teto do carro. Seria uma boa viagem. O motorista lhe ofereceria água potável, engarrafada de um riacho longe dali, e ela poderia ouvir o que quisesse no rádio.

“Pra casa, pro meu pedaço de terra envenenado”, disse a mulher. “Não chego até o Natal. Mas você, você vai ter de viver consigo mesmo e com a companhia que escolheu.”

“Sou apenas um segurança, senhora, nada mais.”

“O que você sabe sobre o homem que está protegendo?”

Ela entrou no carro. Wes segurou a porta. O músculo na têmpora pulsou.

“Cega”, repetiu pela janela. “Minha bebezinha é cega.”

O carro se afastou da propriedade, levando a mulher consigo. Wes cerrou os punhos. As facções em guerra dentro do estômago voltavam à ativa, o inimigo ganhando terreno nas suas entranhas. Plantavam uma bandeira e montavam acampamento-base, marchando pelo cólon com coturnos de biqueira de aço. Tomou um gole da garrafa presa ao cinto e cuspiu. Era uma mistura repugnante de chá de ervas frio com vinagre, destinada a expulsar o inimigo interior, embora Wes não estivesse convencido de sua eficácia. Nada ajudava por muito tempo. Bem que poderia estar entornando bebida alcoólica – teria um gosto melhor e ajudaria a passar o dia. O telefone de Wes tocou no bolso traseiro, a poucos

centímetros da pistola. Ele atendeu. O sinal na colina era instável, inexistente dentro da mansão.

“Eu consegui...”, disse o homem que tinha tudo.

“O quê?”, perguntou Wes.

“*Algo*”, disse o homem.

“Algo?”, repetiu Wes.

“Me encontre no Catwok. Clube de strip-tease chinês. Tem um dragão oriental enorme na frente. Certifique-se de que não está...”

A ligação foi cortada.

“Não estou o quê?”, perguntou Wes.

“Sendo seguido”, disse o homem, agora em tom alto e claro.

“Não estou sendo seguido”, disse Wes.

“Dizem que, se você vê um puma, ele já viu você.”

Wes desligou o telefone. Encarou a cerca e soube que o encarava de volta. A cerca tinha uma sabedoria soturna. Não queria nada. Apenas sabia. Então tocou o ouvido e disse que iria para seu horário de almoço. Para um transeunte, poderia parecer que Wes falava diretamente com a cerca.

O Catwok ficava escondido num pequeno centro comercial, próximo de um salão de manicure, uma head shop – nome descolado para designar uma loja de artigos para cultura canábica e tabacaria – e um cartório. As cabines eram de couro vermelho rachado. Uma stripper apática ocupava o único palco. Ela poderia muito bem estar olhando o relógio entre uma pirueta e outra. Wes se sentou e pediu um chá. Duas cadeiras adiante estava o homem que tinha tudo, usando um par de hashis descartáveis para atacar uma tigela de macarrão frio com amendoim e bebendo uma cerveja cujo rótulo fora arrancado. Mais uma vez, como se não estivesse se dirigindo a ninguém, Wes falou.

“E então?”

“Já brincou com um desses?”

O homem atirou uma armadilha de dedos chinesa. O brinquedo era um pequeno cilindro colorido, com trama colorida em forma de treliça. Caiu no colo de Wes.

“Sim.”

“Então você sabe como funciona.”

“Sim.”

“Quanto mais você puxa, mais preso fica.”

“Sei como funciona.”

O chá de Wes chegou, de um verde agradável, com vapor subindo da superfície. Apesar das inúmeras manchas ambíguas na mesa, a garçonete colocou um porta-copos sob a xícara. Wes achou aquilo encantador. Ter orgulho do próprio trabalho era uma arte perdida.

“Como anda seu estômago?”, perguntou o homem.

“Como é?”, disse Wes.

O homem tirou um envelope pardo com fecho de barbante do bolso interno do paletó. “Porque o que eu vou lhe mostrar não deve ser visto com o estômago fraco.”

“Meu estômago nunca está legal”, respondeu Wes.

“Não diga que não avisei.”

O homem deslizou o envelope até Wes, que desamarrou o cordão e puxou uma fotografia. Estava ampliada e, por isso, granulada, com carimbo de data de alguns anos atrás na época da primavera. Mostrava três homens de terno, com máscaras venezianas cobrindo os olhos. Apesar da máscara, Wes reconheceu o sorriso de lábios finos e os dentes clareados do homem à esquerda – Paul Alabastro. Wes se lembrou do segundo homem da festa, aquele que falara com Abigail, que chamava a si mesmo de Dolt. O terceiro ele não reconhecia. Eles flanqueavam uma cadeira, uma cadeira na qual uma jovem estava amarrada, um pulso em cada apoio de braço. A garota usava uma camisola fina e o rosto estava visivelmente carregado de maquiagem. Blush e batom aplicados em excesso, como uma criança que mexera na penteadeira da mãe. Era magra e pálida, de cabelos longos. A cabeça pendia num ângulo inquietante. A garota não parecia estar consciente.

“Onde você conseguiu isso?”, perguntou Wes.

“Tenho meus meios”, disse o homem que tinha tudo.

Atrás dos sujeitos da foto, formas de outros homens passavam ao fundo, também de terno e máscara. Nenhum focalizado o suficiente para ser identificado. Eles seguravam taças de vinho ou champanhe. Uma festa.

“Esse homem”, disse Wes, apontando para Dolt.

“Doutor Orson Lancaster Terceiro. Médico dos Alabastro. Teve o registro cassado alguns anos atrás.”

“D-O-L-T”, disse Wes para si mesmo. “E a garota?”

“Não tenho um nome, só iniciais: AB.”

“AB”, repetiu Wes.

“Seja quem for, duvido que tenha simplesmente adormecido assim.”

Wes cerrou os dentes.

“A data”, disse o homem, apontando para o carimbo. “Nesta mesma época do ano, cinco anos atrás.”

“Obrigado”, disse Wes.

Wes não tocou no chá. A garçonete os observava como se fossem crianças birrentas. A stripper bocejou. Wes pagou a conta deixando um valor a mais e voltou para a caminhonete no estacionamento vazio. O homem o seguiu, mãos nos bolsos, com um ar pesaroso.

“Quanto eu lhe devo?”, perguntou Wes.

“Envio a fatura quando o trabalho estiver feito”, disse o homem. “Dito isso, sabe qual é a melhor forma de lidar com um aprisionador de dedos?”

“Você relaxa”, disse Wes. “Cede.”

“Essa é uma estratégia”, disse o homem. “Mas a *melhor* é não enfiar os dedos ali, pra começo de conversa.”

O homem tirou um cigarro do bolso, longo e fino, do tipo feito para mulheres e franceses. Ambos encararam a entrada do clube. Um longo dragão vermelho serpenteava ao redor dela.

“Quem é o terceiro homem”, perguntou Wes, “na foto?”

O homem passou a língua pelos lábios.

“Ah, isso nós sabemos”, disse ele, apontando o cigarro para Wes. “É um homem santo, acredite se quiser, de uma cidadezinha logo ao sul daqui.”

Wes inclinou a cabeça.

“Chamam ele de padre Andrew”, continuou o homem.

“Um padre?”

“Uhum. Faz consultoria religiosa privada pros Alabastro.”

Wes contemplou o dragão, os dentes, as garras. A tinta descascava da boca outrora intimidante.

“Eles não podem sair impunes”, disse Wes.

“Não seja ingênuo. Óbvio que podem.”

O homem que tinha tudo disse que entraria em contato e voltou para o Catwok, deixando Wes sob o sol da tarde. Wes dirigiu morro acima, o

estômago executando suas acrobacias ácidas, até os portões da Mansão Alabastro. Da janela do carro, colocou o crachá de segurança, como sempre, sob o leitor de código de barras. Mas, em vez de piscar verde e lhe conceder acesso à propriedade, a máquina ficou vermelha e emitiu um zumbido pessimista. Ele repetiu o processo, com o mesmo resultado. Wes ajustou novamente o dispositivo no ouvido.

“Problema com o meu cartão”, disse Wes, “no portão norte.”

Ele esperou. Cinza de cigarro tremulava no painel, levemente sacudida pelo ronronar suave do motor da caminhonete. Wes tocou o ouvido mais uma vez.

“Vocês me escutam?”

“Escutamos.”

A voz no ouvido dele era diferente daquela voz de antes. Calma e nítida acima da estática habitual da transmissão.

“Preciso que me deixem entrar pelo portão norte”, disse Wes.

“Receio que a gente não possa fazer isso.”

“Meu cartão não está funcionando”, disse Wes, irritado.

“Seu cartão foi desativado, senhor Wyley.”

Wes se endireitou no banco. A máquina continuava piscando em vermelho. A voz prosseguiu:

“Seus serviços aqui foram encerrados. Seu pagamento final será enviado ao seu endereço de residência. Tenha um bom dia.”

“Espere!”, gritou Wes para ninguém, para o silêncio, para os esporos iluminados pelo sol no ar. A luz tinha uma qualidade familiar ao atravessar o para-brisa sujo. Wes bateu no dispositivo no ouvido, que havia desligado com uma permanência arrepiante. Bateu de novo e de novo, mas não reagiu mais do que uma pedra reagiria, ou uma noz.

O dia de treinamento sobre assédio sexual e boas práticas na paróquia Nossa Senhora das Dores consistiu em um seminário de sete horas e uma mesa-redonda dedicada a discutir quais comportamentos, tecnicamente, se enquadravam como assédio sexual e quais, tecnicamente, não se enquadravam – de acordo tanto com a legislação vigente quanto com a vontade do Senhor. As pálpebras do padre Andrew tremulavam como velas de oração enquanto a instrutora tagarelava sobre as diversas maneiras pelas quais não se deve tocar os membros da congregação – homens, mulheres e crianças igualmente. Eles receberam instruções sobre a postura correta durante um batismo: manter a distância de um braço entre o próprio corpo e o do batizando, oferecendo ao mesmo tempo máxima segurança e amplo distanciamento. Em hipótese alguma se deveria tocar, lavar ou acariciar os pés de um paroquiano, mesmo que o referido paroquiano indicasse que desejava ter os pés tocados ou lavados. Se uma criança indicasse que estava com dor de garganta, não se deveria espiar dentro da boca para avaliar a situação nem apalpar o pescoço à procura de gânglios inchados – mesmo que o clérigo em questão tivesse formação médica –, mas sim alertar os pais ou o responsável legal da criança sobre a possível enfermidade.

De todo modo, não é como se o padre Andrew quisesse apalpar qualquer um daqueles moradores da cidade. A mente voltou para sua monografia de graduação sobre a sensualidade feminina no cinema francês. No *cinéma français*, ninguém erguia uma sobancelha diante de uma massagem nos pés ou de um exame médico de rotina. Na verdade, tais gestos eram bem-vindos, incentivados até. Por isso, entre muitas outras razões, o padre Andrew amava o mundo do cinema francês, onde a sexualidade de uma garota lhe dava autonomia, onde havia menos restrições e mais mulheres de topless fumando sem parar na praia.

A madre superiora corou quando a instrutora de assédio sexual demonstrou, em um boneco de ressuscitação cardiopulmonar, onde não se deve tocar uma criança. Talvez a atitude *laissez-faire* do padre Andrew em relação às sensibilidades modernas tivesse sido influenciada pelo cinema

francês, mas só se tornara mais irritadiço à medida que a cultura se tornava mais suscetível, ou, melhor dizendo, menos afeita ao toque. Foi por isso que o padre Andrew passou a conduzir os seminários virtuais. Algum tempo antes, um de seus vídeos havia se tornado bastante viral, atraindo reações negativas de setores liberais por sua vocalização de *valores tradicionais*.

Diversos cultos progressistas de autoaperfeiçoamento haviam começado a usar o espaço da igreja para se reunir. Grupos destinados a inspirar e galvanizar os membros por meio do poder do *pensamento positivo*. O padre Andrew observava sua defesa mútua das ilusões uns dos outros: alguém poderia ouvir que seu corpo era perfeito exatamente como era, quando, na verdade, seu corpo rotundo e pré-diabético não era perfeito, mas, de fato, estava matando a pessoa. Outro poderia ser convencido de que encontraria o amor simplesmente *acreditando* – mas não tomando banho, não se exercitando, não trabalhando nem se dedicando de forma alguma. Tudo isso parecia bastante contrário à formação formal do padre. Deus ajuda quem se ajuda. O padre Andrew sabia disso. Era por isso que vinha alocando a verba do fundo dos sinos da igreja de forma inadequada havia quase uma década. Tão irritantes, os sinos da igreja. Era mesmo necessário badalar a *cada* hora? Como se a passagem do tempo precisasse de um anúncio tão extravagante.

Ele não precisava de uma instrutora de moral duvidosa e pronomes incertos para lhe dizer como fazer seu trabalho. O padre Andrew não queria molestar ninguém. Só queria que a sociedade relaxasse um pouco.

“Padre Andrew”, disse a instrutora, “por que o senhor não compartilha com a gente como acabou nessa linha de trabalho?”

Ele ensaiara a resposta para essa pergunta muitas vezes.

“Na verdade, foi ela que me encontrou”, disse o padre Andrew.

Explicou que, durante o penúltimo ano na universidade, um padre tinha dado uma palestra pouco concorrida sobre o trabalho missionário. O padre Andrew, ele admitia, entrara no auditório sem saber do conteúdo da palestra, mas logo se deixara arrebatado pelas palavras do sacerdote carismático e ficara depois para lhe pagar um café. Em menos de uma semana, mudara seu curso para um programa de formação pastoral, se envolvera com a paróquia local e prosseguira os estudos, cursando um mestrado em teologia, se tornando posteriormente diácono, e assim por diante. O padre com quem conversara pela primeira vez permaneceu

presente em sua vida ao longo dos estudos, e até hoje eles discutiam teologia e jogavam cartas nos fins de semana.

“Por diversão, obviamente, não por aposta”, concluiu o padre Andrew.

A instrutora de assédio sexual deu prosseguimento à conversa, satisfeita. O padre Andrew não fora desonesto no sentido tradicional; em vez disso, quando se tratava de sua história de origem, dominara a arte da mentira por omissão. Sim, estava no penúltimo ano da universidade quando começou a trilhar o caminho da retidão e, sim, conhecera um padre carismático e seguira os passos corretos, passando pelos canais adequados para receber a Santa Ordem. O que o padre Andrew deixou de revelar foi o que o levava a essa decisão. Que jovem de vinte anos, brilhante, ambicioso e bonito quer fazer voto de obediência, pobreza e castidade? Talvez alguém que, durante as férias de primavera em um país pobre de praias deslumbrantes e selvas vastas, estivesse dirigindo um carro alugado com a namorada depois de ter tomado alguns coquetéis locais a mais do que devia. Digamos que as carícias juvenis, as apalpações e os afagos e toques tivessem tomado precedência sobre a etiqueta adequada ao volante e o veículo tivesse invadido levemente a pista contrária. E, lógico, estava escuro demais para dizer se o baque subsequente fora causado por um ser humano, um animal ou até mesmo por uma raiz de árvore saliente – das quais havia muitas naquela parte do mundo –, mas a sensação de afundamento no estômago, somada aos gritos da namorada, levou o padre Andrew a acreditar que talvez não fosse uma raiz, nem um iguana, nem uma jaguatirica. E então, digamos que essa sensação não tivesse se dissipado, mas se instalado dentro dele, assombrando-o, não apenas enquanto continuava dirigindo, mas depois de deixar o país e retornar à universidade, o seguindo até o dormitório e passando a residir no peito dele dia após dia, indo às aulas de cinema, às festas e aos jogos de futebol. Talvez tivesse terminado com a namorada, ela sendo um lembrete do terrível baque, e afundado tão profundamente no desespero que não restasse outro lugar para onde se voltar senão a Providência. Só então um rapaz como ele poderia se confessar ao padre visitante e jurar passar a vida expiando, melhorando o maior número possível de vidas como forma de compensação pela única que arruinara. Embora os anos tivessem passado, e a verdade, a memória e a imaginação se embaralhassem, como costumam fazer, essa sensação ainda podia viver

dentro dele como um caco de vidro sob a pele. Essa parte da história ele não compartilhou com a instrutora de assédio sexual e boas práticas, nem tinha compartilhado com ninguém havia quase trinta anos.

O fluxo de pensamentos foi interrompido pelo chamado para o almoço. A empresa responsável pelo treinamento havia fornecido bebidas e uma oferta tão vasta de opções alternativas para pessoas com restrições alimentares – sem carne, sem trigo, sem lactose, sem leguminosas, sem óleo, sem sementes, sem sódio – que o padre Andrew não conseguiu identificar um único item que fosse rico em carne, pão ou laticínios. Não importava. Ele passara grande parte da semana anterior varrendo corpos de mosquitos de planta mortos para as lixeiras, a ponto de nunca mais considerar a possibilidade de comer dentro da igreja.

Seu desejo de retornar aos valores tradicionais: foi assim que o padre Andrew conheceu o homem proeminente, um homem cujos qualificativos poderiam incluir as palavras *magnata* e *poderoso*, *presidente* e *diretor*. Já haviam se passado alguns anos desde então.

Aquele dia fora como qualquer outro. Não era de todo incomum que um estranho entrasse em busca de aconselhamento espiritual, mas era incomum alguém da estirpe daquele homem proeminente. Era estranho, inclusive, que estivesse na cidade.

“Para que conste”, dissera o homem proeminente, sentado em frente ao padre Andrew no pequeno escritório, “seu sermão sobre abraçar valores atemporais em um mundo em mudança me tocou profundamente.”

“Obrigado”, disse o padre Andrew, “mas temo que o senhor esteja em minoria.”

O padre Andrew já havia se aventurado uma vez na seção de comentários abaixo do vídeo dele. Era nessa seção que o verdadeiro mal habitava.

“Não sou estranho à hostilidade digital”, disse o homem proeminente.

“Como escreveu o profeta: *a erva seca, a flor murcha, mas a palavra do nosso Deus permanecerá para sempre*”, disse o padre Andrew. “A mudança muitas vezes parece sedutora, pois promete progresso e novidade. Mas, quando abandonamos a tradição, corremos o risco de comprometer nossos princípios. Nós nos tornamos moralmente falidos.”

“Não sou fã de falência de espécie alguma”, disse o homem.

O padre Andrew não compreendeu o motivo da visita do homem proeminente, mas continuou fazendo o trabalho dele como sempre.

“O que o traz aqui hoje?”

“Estou tendo dificuldade em lidar com algo, padre. Veja, essa parte de a *palavra de Deus permanecer pra sempre*, isso eu entendo. O que me incomoda é a *erva secar. A flor murchar*.”

“O senhor está lutando com a efemeridade.”

“Não tenho nenhum interesse em murchar. Nem em desaparecer, aliás.”

“É uma empreitada tola”, disse o padre Andrew, “desafiar a mortalidade.”

“Pode me chamar de tolo.”

“*Minha maior ambição na vida é me tornar imortal... e depois morrer*.”

“Isso também é da Bíblia?”

“Não. Da Nouvelle Vague, o movimento do cinema francês.”

“Ah. Achei que soava familiar.”

O homem entrelaçou as mãos no colo.

“Padre”, prosseguiu ele, “entendo que isso possa soar estranho, mas gostaria de empregar o senhor... como consultor particular.”

O padre Andrew franziu o cenho, avaliando o homem. “Que tipo de consultoria?”

“Pra fornecer orientação espiritual interna.”

“Nunca ouvi falar de um arranjo assim.”

“Acredito que possamos nos ajudar mutuamente.”

“Sou um padre”, disse o padre Andrew. “Minhas relações não são transacionais.”

“Sou capitalista. Tudo é transacional.”

O padre Andrew sorriu e ergueu a mão em uma recusa educada. “O senhor é bem-vindo aqui nesta casa gratuitamente. Meu horário de atendimento é de segunda a sexta-feira, das quatro às seis da tarde.”

“O pagamento não é tanto pelos seus serviços, mas pela sua descrição. O que gostaria de discutir é delicado por natureza. O senhor sabe quem eu sou? Sou uma pessoa muito influente.”

“Eu sei quem o senhor é”, disse o padre Andrew, “e tudo o que disser está protegido pelo sigilo sacerdotal.”

“Acho que eu preferiria um acordo de confidencialidade.”

O padre estudou o homem proeminente. Como havia gostado de ter uma conversa real, articulada, ainda que incomum. Uma conversa que não girava em torno de quermesses, sinos da igreja, concursos ou rifas. Era uma pena que tivesse de terminar.

“Temo não poder ajudá-lo.”

“Não sou um sujeito mau”, disse o homem, “mas, quando faço um inventário moral, digamos apenas que eu necessito de um contador melhor.”

“O senhor deseja que eu o absolva?”

“Não, o senhor pode me aconselhar. Como eu já disse. E pode fazer isso durante uma refeição preparada pelo meu chef de renome mundial. Não estou aqui pra falar de absolvição. Estou aqui pra falar do futuro do ser humano.”

O padre Andrew, sorrindo cordialmente, balançou a cabeça.

“Talvez o que o senhor procure seja algo mais próximo de um analista”, disse o padre Andrew. “Sei menos do que o senhor imagina.”

“E eu sei mais do que o senhor imagina, padre”, disse o homem proeminente. “Já mencionei que viajo muito a trabalho? Os negócios me levaram a todo tipo de lugar. Praias, desertos...”

“Que sorte a sua.”

“Já percorri estradas escuras em selvas vastas. Em alguns desses lugares, é como se a terra tivesse sua própria memória, sabe?”

O padre Andrew ficou intrigado e se ajeitou na cadeira.

“Eu não sabia”, disse o padre Andrew.

“Pessoalmente, gosto de manter registros da memória de outras maneiras. Principalmente de forma digital.”

O coração do padre Andrew disparou à medida que começava a compreender a situação. Tentou invocar Deus, mas a linha estava muda, nada além de um tom divino de chamada.

“Há algo mais que eu possa fazer pelo senhor?”, a voz do padre Andrew tremia.

“O senhor pode vir a uma festa hoje à noite”, disse o homem.

“Receio estar indisposto”, respondeu o padre Andrew.

“Ora, o que um padre faz numa sexta-feira à noite?”

“Tenho um jogo de cartas com um velho amigo.”

“Todos cometemos erros, padre”, disse o homem. “Santos e pecadores igualmente. O que importa é o que fazemos com esses erros, a que ponto os escondemos bem e até onde vamos para os manter ocultos.”

Os lábios do homem praticamente desapareceram quando ele sorriu. O padre Andrew estremeceu.

“Só pra garantir que nada se perca na sutileza, me refiro, obviamente, ao homicídio culposo cometido com um veículo em sua juventude.”

“Estou ciente.” O padre Andrew não conseguiu se mover. Não achava que as pernas o sustentariam naquele momento. “Assim como tenho certeza de que o senhor sabe que chantagem é pecado.”

“Eu gosto do senhor, padre. Acho que poderíamos trabalhar bem juntos. Apenas reflita sobre a proposta”, disse o homem. “Aguardo ansiosamente o próximo sermão.”

O homem proeminente então deixou cair um único cartão de visitas na cesta de coleta, gravado em tipografia sucinta e elegante, e saiu do escritório do padre Andrew sem fechar a porta.

“Vamos visitar o vovô”, disse Bud às garotas. Catherine já não contava como uma das garotas. Ela não fora convidada para visitar o vovô. Principalmente porque Bud não queria falar da situação sexual deles.

“Acho que a gente devia discutir nossa situação sexual”, dissera Catherine antes de Bud e as garotas saírem.

“Vou levar as garotas pra visitar meu pai”, avisou Bud.

“Acho que a gente devia fazer um *ménage*”, sugeriu Catherine.

“Não acho que o papai esteja a fim de um *ménage*”, disse Bud.

“Não, William. Com a sua *amiguinha*. Ou melhor, com a sua enorme amiga, na verdade...”

“Volto em alguns dias”, disse Bud.

Anos antes, os pais de Bud haviam se mudado para o interior, a alguns estados de distância, para uma cidadezinha que se gabava de recordes de calor, perto de uma faculdade que registrava recordes de estupro em encontros. O apelo comercial da cidade era a proximidade de um pequeno shopping de pontas de estoque, de uma instalação governamental de testes de foguetes e do Museu das Miniaturas. Os pais de Bud escolheram esse local austero para a aposentadoria porque conseguiram comprar muito mais terra do que conseguiriam em outro lugar, terra onde construíram um santuário para cavalos policiais aposentados, mas que, por causa da velhice e da exaustão pelo calor, morriam com uma frequência alarmante, e o santuário parecia mais um cemitério de cavalos. O quintal dos fundos estava cheio de lápides de cavalos. O pai de Bud, também aposentado da corporação, achava aquilo perturbador e profético, como se ele próprio fosse logo se juntar aos cavalos sob a terra ressequida. A mãe de Bud cuidava dos cavalos vivos. O sr. Flynn raramente saía de sua poltrona reclinável Toacon-Xe-Gado.

Por dentro, a casa era o retrato do ecletismo da velhice: uma cristaleira exibindo fotos formais de parentes, um relógio de pêndulo, um peixe mecânico que cantava quando alguém passava. Um presépio que vivia no jardim de cactos o ano inteiro. A mãe de Bud tinha o que ele chamava de

uma relação codependente com Deus. Rezava por tudo: pela alma de Bud e pelas almas das filhas de Bud, por chuva e por pão com desconto e pela atendente do banco vestida de modo provocante. Três vezes por semana, ia à igreja, que ficava a duas horas de carro da casa. Era a única igreja que ainda oferecia missa em latim. Fizera Bud aprender latim quando criança, e poupar Bud das aulas de latim não era uma batalha que o pai escolhia travar. A mãe consultava Deus antes de começar qualquer tarefa, desde dobrar a roupa até cortar os caules das flores. Achava o Halloween demoníaco e oferecia provérbios às crianças que batiam à porta. Isso fez com que a casa fosse alvo de atos leves de vandalismo, ataques de ovos e de papel higiênico. Quando, por fim, a mãe morreu, o pai de Bud se levantou da poltrona reclinável Toacon-Xe-Gado para comprar pão e dobrar a roupa. Mas nunca mais pôs os pés numa igreja. Assim, jamais soube que a igreja a duas horas de distância havia batizado o jardim de orações com o nome de sua esposa.

Alguns meses antes de receber a injeção de capital, Bud comprara quatro passagens aéreas, usando as milhas acumuladas da empresa, em uma companhia de baixo custo chamada EconomiaCelestial. Bud não descontou o cheque de Paul Alabastro por três dias. No quarto dia, depositou o cheque, mas jurou não tocar no dinheiro. Observara os números digitais da conta bancária crescerem. Sem dúvida não podia gastar um centavo do suborno consigo mesmo – isso seria imoral –, mas a família não poderia se beneficiar? Era função dele prover e, de algum modo tortuoso, tinha merecido aquele dinheiro, não tinha? Em uma semana, Bud já gastava aquele dinheiro sujo. Primeiro, guardou uma parte significativa para que ele “desempenhasse sua função”, como dissera seu contador perturbadoramente jovem. Em um ano, aquilo poderia virar três fundos universitários. Três fianças para tirar alguém da cadeia. Depois comprou para Louise o vestido que ela queria, que, para seu alívio, era bastante conservador. Comprou para Harper um console de videogame novo, de marca, e dois jogos absurdamente violentos que, num raro caso de videogames violentos fazendo mais bem do que mal, a mantiveram ocupada e longe de seus empregadores malignos. Bud comprou uma bicicleta para Abigail. Como não sabia dirigir, achou que seria um gesto de libertação, de confiança, e que a desencorajaria a sair por aí de carona com garotos em caminhonetes. As

meninas desconfiaram da nova liberalidade financeira do pai, mas a cavalo dado não se olhava os dentes – vai que acabasse enterrado no quintal dos avós. Bud encomendou um conjunto de xícaras de chá vintage para a srta. Winkle, pintadas à mão, com delicadas imagens remetendo a cidades estrangeiras. Para Catherine, comprou um pacote de cigarros, guardou um maço no bolso e deixou o resto sobre a cama dela – que um dia fora deles.

Bud e as garotas, sem Catherine, pegaram um carro até o aeroporto próximo. Ao chegarem, o motorista saiu para ajudar as meninas com as malas. As garotas resmungavam e discutiam sonolentas enquanto a névoa da manhã se dissipava no céu.

“Diz aqui que somos o grupo de embarque 127”, disse Harper.

Bud pensou que agora tinha liberdade financeira para fazer um upgrade nas passagens. Sim, faria isso. Ia surpreender as garotas. Nenhum deles, Bud incluído, jamais viajara de primeira classe. É isso que vou fazer, pensou Bud. Usar algo ruim para uma boa finalidade. Usar esse dinheiro sujo para mimar quem estivesse à sua volta. E o que Bud queria, por acaso, era grátis – a alegria da gratidão delas. Era tudo de que precisava em troca.

As funcionárias da segurança do aeroporto conversavam de um lado a outro da esteira de bagagens. Os Flynn tiraram os sapatos e os colocaram nas bandejas.

“Eles encontram matéria fecal nessas bandejas”, disse Harper, “se você olhar com luz ultravioleta.”

“Fizemos hibachi no seu aniversário no ano passado”, disse uma funcionária de segurança a outra. Ela conferiu o cartão de embarque de Bud. Estourou a bolha do chiclete. Acenou para um homem hassídico usando um *shtreimel*.

“Senhor, vai ter que tirar o chapéu”, disse a agente.

O homem balançou a cabeça negativamente.

Bud passou pelo detector de metais. Abigail passou pelo detector de metais. Harper passou pelo detector de metais. Recolheram seus pertences das bandejas com matéria fecal. Seis sapatos. Três garrafas de água descartáveis, três travesseiros cor-de-rosa de avião. Bud recolocou o cinto. Caminhou até uma tela suspensa para conferir o portão.

A funcionária da segurança do aeroporto passou o cartão de embarque de Louise no leitor. Ele acendeu de um jeito diferente das trilhões de vezes

em que já fizera aquilo. A expressão dela mudou.

“Merda”, disse.

Os olhos de Louise se arregalaram.

“Dê um passo pro lado”, disse a funcionária da segurança do aeroporto.

Louise obedeceu.

“Qual é o problema?”, Abigail gritou do outro lado do detector de metais.

“É sua irmã?”, perguntou a funcionária da segurança do aeroporto.

“É”, respondeu Abigail.

A fila atrás delas começava a ficar inquieta.

“Consta aqui que ela está na lista de pessoas proibidas de voar.”

A funcionária da segurança do aeroporto pegou um telefone preso à parede.

Louise evitava contato visual.

“Pai”, disse Harper. “A Louise vai pra cadeia do aeroporto!”

O homem do *shtrimmel* balançou a cabeça.

* * *

Abigail e Harper aguardaram do lado de fora da salinha. Nunca tinham estado naquela parte do aeroporto. Não havia camisetas, chaveiros, revistas ou cafeterias – nenhum dos prazeres de consumo que associavam a voar. A sala maior, fora da salinha, era tão estéril quanto um hospital, com militares armados e inexpressivos de pé junto a cada porta. Bud estava dentro da salinha com Louise e quem quer que a funcionária da segurança do aeroporto tivesse chamado. Deve ser um engano, pensou Abigail. Ela se perguntou se ainda pegariam o voo. As pessoas já deviam estar embarcando. Os celulares não tinham sinal na sala grande fora da salinha.

Bud e Louise saíram juntos. Louise olhava para o padrão do carpete, segurando um tênis em cada mão. Um homem alto, de terno, se dirigiu à menina de forma lacônica.

“Faça uma gracinha dessas de novo e você vai parar na detenção juvenil”, disse ele, “e não acho que você vá se dar muito bem lá.”

Louise assentiu. Olhos colados no chão.

“Então não é um engano?”, perguntou Abigail a Bud.

“Por que você está na lista de pessoas proibidas de voar?”, perguntou Abigail a Louise.

“Alô?” disse Abigail, dirigindo-se a todos. Ela percebeu que não estavam saindo por vontade própria. Estavam sendo escoltados. Outro homem grande ditava o ritmo. O casaco dele fazia volume no quadril. Um coldre.

Voltaram para casa em relativo silêncio.

“Quer dizer, a Harper eu até entenderia, mas...”, disse Abigail.

Quando chegaram à rua Secundária, Bud atravessou a casa depressa até o quintal. Havia largado todas as coisas no gramado da frente. Três malas, três garrafas descartáveis de água, três travesseiros cor-de-rosa de avião. Catherine fumava um baseado no sofá da sala de estar. Os olhos caídos. Bud passou por ela sem fazer ruído. Louise veio atrás, com a cabecinha baixa.

“O que está acontecendo?”, perguntou Catherine.

“A Louise está encrencada”, disse Harper.

“Por que vocês não estão na casa do vovô?”, perguntou Catherine.

Bud subiu a escada da casa na árvore e se esgueirou para dentro. Louise o seguiu, envergonhada, evitando olhar. As garotas, Catherine incluída, se reuniram embaixo. Catherine tentou de novo.

“Alguém pode, por favor...”

“Será que uma de vocês...”

“Sinceramente, William, o que está...”

Bud a ignorou. Conforme as instruções de *estequevosfala*, Louise tinha uma coleção de latas de aerossol e escorredores, farinha, amido e açúcar. Uma panela de pressão desmontada. Uma máscara de gás. Um manual de pirotecnia.

“Por favor”, disse Bud a Louise, com sua voz mais séria de pai, “diga que você estava fazendo cupcakes aqui em cima.”

Louise balançou a cabeça.

“Mas que porra...?”, gritou Catherine do andar de baixo.

“Filha?”, insistiu Bud.

“É o que chamam de bomba de padeiro”, murmurou Louise.

“E o que você pretendia fazer com isso?”

De um lado para o outro, de um lado para o outro, Louise balançava a cabeça, as lágrimas formando cachoeiras no rosto.

“Pra que é isso, *Louise*?”, perguntou ele.

“O concurso de beleza.”

Bud enterrou o rosto nas mãos.

“Eu não queguia feguir ninguém!”, disse Louise. “Meu namogado *este* mandou.”

“*Este?*”, perguntou Bud.

Louise se recompôs. Prendeu a respiração e soltou o ar.

“*Estequevosfala*. Mas aí ele se meteu em encrenca com o governo e teve que entregar uma lista de nomes...”

“O que é *estequevosfala?*”, perguntou Bud.

“Meu namorado, já falei”, respondeu Louise.

“Cristo”, disse Bud.

Óbvio. A totalidade do amor. O próprio Bud já fizera coisas insanas sob a influência dele. Ele se deixou escorar no batente da porta da casa na árvore e ergueu as mãos para Deus.

“Realmente não sei o que fazer numa situação dessas”, disse. “Eles não falam sobre esse tipo de coisa nos livros de educação dos filhos.”

Ou talvez falassem. Nunca tinha lido um livro sobre educação dos filhos. Chutou o manual de pirotecnia. Bud tirou o maço de cigarros de Catherine do bolso e colocou um na boca. Deus dá as batalhas mais difíceis a Seus soldados mais fortes, pensou.

“Eu não acenderia isso aqui dentro”, disse Louise baixinho.

Desde a tentativa do ato de terrorismo doméstico da filha, Bud e Catherine haviam chegado a uma trégua, unidos no torvelinho da parentalidade. Um dos dois deveria estar em casa o tempo todo para monitorar Louise, que mal havia pronunciado uma palavra desde a viagem malsucedida à casa do avô. Ela fora suspensa enquanto a escola Filhas Sagradas analisava a situação. Em dois meses, era a terceira garota Flynn a receber uma suspensão.

A notícia de que Louise tentara explodir o Concurso de Beleza Interior Nossa Senhora das Dores se espalhou rápido. Telefonemas e cartas de descontentamento inundaram a casa dos Flynn. Crianças rabiscaram a palavra *terrorista* com giz de amarelinha na calçada em frente à casa. Uma equipe de remoção de explosivos apareceu usando máscaras de gás, respiradores com purificação de ar, luvas azuis e macacões brancos. Tomaram de assalto a casa na árvore enquanto Louise observava da janela. Havia lágrimas nos olhinhos dela. Todo o trabalho foi colocado em sacos próprios para remoção de explosivos e levado para investigação.

Parecia que os Flynn vinham numa espiral descendente desde o início do “acordo”. Agora a casa mergulhava num estado ainda maior de desordem. A bagunça, que era visível, apenas distraía das falhas mais profundas. Catherine finalmente decidiu enfrentar alguns dos problemas da casa, os físicos, ao menos, começando pelo banheiro do andar de baixo, que não via água corrente havia semanas. Colocou as luvas de limpeza, acendeu um cigarro e foi para a pia. Os canos estavam enferrujados e vazando, o que havia produzido uma película na parede do fundo, da qual crescia um mofo ou musgo esponjoso que só se podia esperar que fosse do tipo inofensivo, e não daquele que envenena a corrente sanguínea. Os azulejos do piso do banheiro estavam contornados por uma matéria cinzenta, mas uma passada de esponja provou que o contorno original devia ser de argamassa branca. Que tipo de mãe ela era? Criando as filhas na imundície, como porquinhas. Não era de admirar que todas fossem tão estranhas. Os cérebros ainda em formação estavam expostos a esporos de musgos e mofos desconhecidos, e

isso era só o banheiro de baixo. Quem sabia o que mais se escondia sob o tapete da sala de tevê ou atrás da ilha da cozinha, que agora servia de santuário para garrafas vazias de vinho que Catherine pretendia transformar em castiçais. Catherine, meio enfiada sob a pia, bateu a cinza do cigarro na sujeira fétida.

Foi assim que Bud a encontrou, de quatro no chão. Ele ficou em pé ao lado dela.

“Como a Louise está hoje?”, perguntou ele.

Catherine ignorou a pergunta.

“Este banheiro é repulsivo”, disse ela. “Precisa de uma reforma completa.”

“Você não acha, com todo o respeito”, disse Bud, “que no momento temos abacaxis maiores pra descascar? Que talvez nosso tempo e nossa atenção seriam melhor empregados *em outro lugar* agora?”

Ele falava com cuidado para respeitar a trégua, para manter a guerra fria.

“Os canos mal funcionam, os azulejos estão imundos e esse papel de parede está tão ultrapassado. Está na hora de mudar.”

“*Em outro lugar*”, articulou Bud, “tipo nossas filhas delinquentes?”

“O que a gente estava *pensando* com esse papel de parede? Barquinhos à vela? Quem aqui gosta de velejar? Eu com certeza nunca velejei.”

“E existe *algum* universo em que *talvez* você esteja projetando seu foco numa tarefa que parece mais prazerosa do que, digamos, criar filhos, e esteja usando nosso banheiro nojento no andar de baixo como uma forma de desviar de...”

“Não tem *água* corrente, William”, interrompeu ela. “Parece um país de terceiro mundo aqui dentro.”

Bud soltou um suspiro lento e constante. Um exercício que sem dúvida aprendera com aquela horrível mulher destruidora de lares que conhecera na igreja, pensou Catherine.

“Considerando que temos outros dois banheiros e uma cozinha, todos com torneiras funcionando”, disse Bud com frieza, “e considerando que não uma, mas duas agências governamentais ligaram esta semana por causa da nossa filha de quinze anos, correndo o risco de gerar controvérsia, *talvez* devêssemos canalizar nossos esforços coletivos exclusivamente para...”

“Estou pensando em tradicionalismo moderno. Como estilo pro banheiro.”

Catherine apagou o cigarro no chão. Já havia abandonado qualquer verniz de sutileza.

“Embora eu admire suas tentativas de conciliar dois estilos tão distintos”, disse Bud, “podemos apenas focar o problema em pauta?”

“Isso está impregnado no seu DNA?”, perguntou Catherine. “Essa necessidade de ridicularizar absolutamente tudo o que eu faço?”

Com isso, a guerra voltou a ser quente.

“Sabe de uma coisa?”, disse Bud. “Faça o que quiser. Esqueci que você é artista e designer de interiores. Por acaso você também é mecânica? A luz de ‘verificação do motor’ está acendendo.”

Catherine abriu uma cartela com cores de tinta.

“Algo marcante”, disse ela. “Manchuriano. Sangue de salamandra?”

“Uma forma de manter a casa limpa”, disse Bud, “talvez fosse fumar fora dela!”

“Algo na família dos vermelhos”, continuou Catherine.

“Você sabia que tem uma massa verde apodrecendo na gaveta de legumes?”

“Acelga. O nome é acelga.”

“Você precisa de ajuda”, disse Bud.

“Você tem razão”, disse Catherine. “Devíamos contratar um empreiteiro.”

“Ajuda mental, Catherine.”

“Pare de ser tão teatral, William.”

“Temos abacaxis maiores pra descascar.”

“Pare de usar essa expressão”, disse Catherine. Ela se levantou. “Você nunca descascou um abacaxi na vida. Nunca. Está roubando protagonismo.”

“De quem? Dos descascadores de abacaxi?”

“Você fala como se isso fosse ridículo.”

A frustração de Bud foi mais forte que os exercícios de respiração.

“É ridículo!”, gritou ele. “Eles não se importam com a expressão que uso porque, bem, literalmente têm abacaxis maiores pra descascar.”

“Já sei!”, exclamou Catherine. “Uma banheira com pés de garra. Sempre quis uma banheira com pés de garra.”

“Mulher impossível!”

“A banheira do nosso banheiro é minúscula. Tenho que encolher os joelhos quando tomo banho.”

“Sim, você pode relaxar na sua nova banheira de pés de garra enquanto visito nossa filha numa prisão federal.”

Bud saiu bufando para a cozinha. Catherine o seguiu. Ela colocou a cartela com cores de tinta sobre o balcão.

“Você enche as garotas de bicicletas e videogames, e eu não posso ter um banheiro funcional?”

Para a surpresa dela, Bud cedeu. Ele se encostou na parede da cozinha, a mesma parede contra a qual haviam se beijado apenas uma semana antes.

“Está bem”, disse ele. “Conserte o banheiro.”

Bud puxou o talão de cheques da Gaveta das Tralhas e o colocou sobre a cartela com cores de tinta.

Catherine foi até o quadro de avisos da cidade – de alguma forma existia agora um quadro digital, mas ela ainda preferia o analógico, o processo de se envolver com o ecossistema –, onde os moradores anunciavam serviços como babá, dedetização, conserto de aspirador de pó e, vejam só, empreitada. Um empreiteiro se chamava Big Mike, e as especialidades dele incluíam “encanamento, elétrica e o que mais aparecer”. Catherine imaginou esse sujeito indiferente, talvez recém-saído da cadeia, entrando no banheiro dela com botas enormes cheias de lama, e passou para o nome seguinte: Remy. O panfleto de Remy listava um conjunto respeitável de habilidades numa lista em ordem alfabética e gramaticalmente correta, acima dos canhotos destacáveis com o número de telefone, dos quais restava apenas um. Catherine o arrancou.

“Boa escolha”, disse uma voz atrás de Catherine. Ela se virou e viu a mãe de Carlin McCalister se aproximando do quadro de avisos. “Você vai gostar do Remy.” A mãe de Carlin McCalister disse *você vai gostar do Remy* de um jeito engraçado, evocando a implicação típica do ensino fundamental de que Catherine poderia gostar *gostar* de Remy, ou seja, que Remy não só era muito requisitado, como também bonito, e talvez esses dois fatos não fossem mutuamente excludentes. Será que todas as mães da cidade tinham contratado Remy para trabalhos de “empreitada”? Catherine guardou o

número no bolso, sorriu educadamente para a sra. McCalister e voltou para casa.

Deixou um recado para Remy, o Empreiteiro, na sua secretária eletrônica genérica. Ele respondeu por mensagem de texto, perguntando data, horário e serviços desejados. Assim, quando Remy, o Empreiteiro, finalmente bateu à porta dos Flynn, a mente de Catherine já havia preenchido as lacunas sobre como ele seria. Um homem bonito, operário, com um senso de humor típico da classe trabalhadora e pele curtida pelo sol, sugerindo uma ancestralidade ao sul da fronteira. Ela se imaginou alcançando a ele ferramentas de uma caixa vermelha, como uma enfermeira faria com um médico durante uma cirurgia. “Bisturi.” “Chave Allen.” Na imaginação de Catherine, ela ia buscar um copo de água gelada para Remy na cozinha e, ao se virar da torneira, ele estaria ali, suado e sedento por outro tipo de coisa. E era aí que a fantasia ganhava vida própria, quando Remy, o Empreiteiro, viraria Catherine, levantaria o vestido de ficar em casa e daria a *ela* a velha chave Allen, a velha chave de fenda Philips. (Catherine não entendia nada de ferramentas, mas presumiu que essas fossem fállicas.) Embora não tivesse educação formal, Remy teria uma inteligência emocional profunda, perceberia que Catherine tinha necessidades não atendidas. A transa deles aconteceria sobre várias superfícies da casa em cada versão da fantasia, mas sempre terminaria com um “obrigado, senhora” e um “não, *eu* que agradeço” de Catherine.

A mente dela não poderia ter previsto a figura de Remy, com seu cinto de ferramentas, que chegou pontualmente no horário combinado. Antes de mais nada, Remy era uma mulher, e embora Catherine se considerasse feminista de uma onda ou outra, dadas as estatísticas do mercado de trabalho, uma empreiteira já era algo incomum por si só. Remy, a Empreiteira, não era apenas uma mulher, mas, como uma revista masculina poderia dizer, um dez de dez, de cair o queixo, uma beldade absoluta, com maxilar de supermodelo. Um corte de cabelo curto e elegante emoldurava o rosto dela.

“Remy”, a empreiteira se apresentou.

O aperto de mão que se seguiu foi firme e seguro, mas as mãos de Remy, a Empreiteira, eram lisas e delicadas, apesar da profissão. Catherine teve dificuldade para esconder o choque.

“Você conhece a senhora McCalister?”

“Com certeza, fiz o anexo dos fundos da casa dela no ano passado.”

Hum, pensou Catherine. A mãe de Carlin McCalister não quisera dizer nada de impróprio com o comentário “você vai gostar de Remy”, afinal. Apenas quis dizer que Catherine gostaria da empreiteira e do trabalho que ela fazia. Catherine conduziu a visita até o banheiro de baixo.

“O que temos em mente?”, perguntou Remy.

“Estou pensando em tradicionalismo moderno”, respondeu Catherine.

Remy, a Empreiteira, ergueu uma sobrancelha. Girou o registro da torneira, que não respondia, se agachou e começou a fuçar embaixo da pia.

“Tenho uma cartela com uma gama enorme de cores de tinta”, disse Catherine.

“Seus canos estão todos enferrujados”, disse Remy.

“É mesmo?”, disse Catherine.

“E você tem um problema sério de mofo aqui.”

“Olha só.”

Remy se deitou de costas, como se estivesse consertando um carro, talvez ordenhando uma vaca. Enfiou as mãos nas entranhas da pia.

“Você não sabia?”

“Nem desconfiava”, respondeu Catherine.

Remy colocou sobre a bancada uma bituca de cigarro, o filtro manchado com o batom de Catherine, que sorriu, com ar inocente.

“Vamos começar pelo básico”, disse Remy, “antes de falar sobre cores de tinta.”

Remy, a Empreiteira, era inabalável, direta, quase inexpressiva; o rosto não traía nada. Preferia trabalhar sozinha. Não precisava de Catherine zumbindo ao redor dela. Sabia pegar sua própria chave Allen. Catherine saiu de fininho, foi até a cozinha, preparou um drinque. Bud havia levado Louise à consulta com o psicólogo infantil imposto pelo tribunal, e a casa estava silenciosa, exceto pelo leve tilintar que vinha do banheiro do andar de baixo. Catherine pousou o drinque da tarde e retomou uma rotina de exercícios que começara mais cedo naquele dia. Embora milhares de mulheres seguissem rigorosamente aquele sistema específico de exercícios, no fundo parecia apenas uma dança desajeitada, agitar os braços, sacudir a cabeça em sinal de sim e de não. Ela dava passos para a esquerda, direita, para cima e

para baixo, seguindo as instruções que vinham pelo alto-falante, um desses com os quais você pode falar como se fosse um animal de estimação. Estava tão absorta no drinque e nos giros que se assustou quando Remy, a Empreiteira, surgiu atrás dela, de braços cruzados no vão da porta, imperturbável.

“A pia está funcionando”, disse Remy.

“Olha só”, disse Catherine.

Remy voltou no dia seguinte e no outro, até começar “a parte divertida”. Era assim que ela chamava – “a parte divertida” – a etapa que vinha depois da hidráulica e da elétrica. A pia, o gabinete, o chuveiro. A arte. Todos os dias, o cabelo de Remy estava endurecido de gel para não cair no rosto enquanto martelava, furava, calafetava, colava e media e, Catherine teve de admitir, ficava absurdamente estiloso. Ela sentiu uma pontada de ressentimento em relação a Remy. Como uma mulher podia ser tão bonita e acabar naquela profissão? Bonita e útil, uma contribuição positiva para a sociedade. Catherine não contribuía em nada para a sociedade, pensou ela. Se tanto, era um obstáculo ao progresso.

Catherine preparou o drinque da tarde. Louise estava no serviço comunitário. Bud, no trabalho. Catherine estava sozinha outra vez, como achara que queria. A estadia no AsaLux fora benéfica. Tomara um banho e descolorira o cabelo com descolorante de caixinha e pedira serviço de quarto e um filme pay-per-view e debitou tudo na conta de Jim Doherty. Ficara sentada na cama do hotel, fumando em um quarto para não fumantes, cuja multa, ela supunha, também cairia para o vizinho, e refletira sobre a própria vida sem chegar a conclusão alguma que a satisfizesse. A noite sozinha não fora reveladora nem esclarecedora, exceto por mostrar o quanto ela *não* queria ficar sozinha. Não conseguiu comer tudo o que pedira, e a comida ficou ali, esfriando. O cabelo ficou péssimo quando secou, principalmente porque não havia ninguém para fazer a parte de trás. Catherine se sentia tão perdida. E talvez devesse se encontrar, mas preferia muito mais que alguém fizesse isso por ela.

No banheiro funcional do andar de cima, Catherine se olhou no espelho. Desde então, teve a coloração consertada profissionalmente, devolvendo o cabelo ao castanho de sempre. Espremeu uma porção de

produto na mão e penteou o cabelo para trás. Pensou nas cores para o banheiro do andar superior e folheou a cartela de tons de bege e branco, parou em um chamado Ausência e o encostou na parede. Depois foi para o quarto, até a escrivaninha onde deixara a câmera pela última vez. Exceto o ato de escolher amostras de tinta, Catherine não fazia nada criativo havia algum tempo. E, depois de ver os efeitos que a criatividade da meia-idade tivera sobre Jim Doherty – com quem não falava desde a briga no porão, apesar de ele sem dúvida ter recebido uma conta astronômica do AsaLux –, Catherine estava pronta para jogar a toalha artística de vez e substituí-la por um aperitivo vespertino. Por meio do “acordo”, o marido encontrara tanto parceria quanto realização espiritual. E Catherine, o que encontrara? Ausência.

Remy apareceu à porta. “Senhora?”

“Sim, Remy?”

“A senhora tem um minuto pra falar de dobradiças e puxadores?”, perguntou Remy, a Empreiteira.

“Sim”, respondeu Catherine, “tenho um minuto pra falar de dobradiças e puxadores.”

“Níquel é mais barato, mas aço inoxidável fica melhor, na minha opinião pessoal.”

Catherine suspirou. “Estamos falando de quanto a mais?”

“A diferença de preço é insignificante, mas faz toda a diferença.”

“Bem, então está certo.”

“Vou providenciar tudo.”

“Tem comida chinesa na cozinha”, disse Catherine. “Fique à vontade.”

“Obrigada, senhora.”

Remy se virou para voltar ao trabalho.

“Remy?”, chamou Catherine.

“Sim, senhora?”

“Você considera seu trabalho criativo?”, perguntou ela.

“Sim, senhora”, disse Remy, a Empreiteira.

“Então você o considera espiritualmente gratificante?”

“Eu não disse isso.”

“Não?”

“Não, senhora. Não tiro minha realização espiritual de reformas de banheiro.”

“Ah.”

“Cozinhas são outra história.”

Catherine sorriu. Demorou um instante para captar o humor no tom seco de Remy.

“Tem mais uma coisa”, disse Remy, a Empreiteira. “Encontrei isso escondido atrás do espelho quando removi o armário de remédios. Na minha opinião pessoal, ele também deveria ser revestido com aço, em vez de níquel ou latão.”

Remy ergueu um saquinho com pílulas coloridas.

“Hum”, disse Catherine.

“Vou deixar esse saquinho com você.”

“Essas pílulas não são minhas!”, disse Catherine, indignada.

Remy enfiou as mãos nos bolsos, tão distante como sempre, a linguagem corporal indecifrável. “Não é da minha conta, senhora.”

“Mas não são.”

“Não é da minha conta.”

Remy seria ótima em jogos de cartas baseados em blefe, pensou Catherine.

“Você acha que sou uma dona de casa viciada em remédios?”

“Só vim consertar o banheiro.”

“Devem ser da minha filha”, disse Catherine.

“Sim, senhora”, disse Remy, a Empreiteira.

“Nem sei qual o efeito dessas pílulas”, disse Catherine.

Houve uma pausa entre as duas. Silêncio desconfortável.

“Bom”, disse Remy, a Empreiteira, “só existe uma maneira de descobrir.”

Catherine e Remy, a Empreiteira, se deitaram na grama alta do quintal. Papilhos de dente-de-leão flutuavam no ar. A lua estava visível à luz do dia. A grama tinha um cheiro úmido e adocicado. Catherine se perguntou qual seria o cheiro da lua.

Cada uma tomara duas pílulas, uma amarela e uma azul. Os efeitos foram suaves e imediatos, lançando uma cortina de contas sobre a mente de Catherine. Ela não percebeu mudança alguma no comportamento da

empreiteira. Falaram mais sobre dobradiças e depois um pouco sobre luminárias. Remy tinha muitas opiniões pessoais sobre luminárias. Primeiro Catherine oferecera a Remy uma taça de vinho. Depois sugerira que se deitassem na grama.

“Gosto quando a lua aparece de dia assim”, disse Catherine. “Parece uma falha no sistema. Como se Deus tivesse apertado ‘dia’ e ‘noite’ ao mesmo tempo.”

Remy, a Empreiteira, assentiu.

“É chamada de lua errante”, disse Remy.

“Olha só”, disse Catherine. “Então, como uma mulher como você acaba nessa profissão?”

“Uma mulher como eu?”

“Como alguém que trabalha instalando espelhos com tanta frequência, você deve ter uma ideia de como é sua aparência.”

Remy deu de ombros horizontalmente, olhando à frente, para o corpo celeste iluminado no céu.

“Meu pai era empreiteiro, o pai dele era empreiteiro, e o pai dele era...”

“Empreiteiro?”

“Não. O pai dele era um camponês soviético.”

“Ah.”

“E você, encontra realização espiritual no que faz?”, perguntou Remy.

“Bom, é justamente isso”, disse Catherine. “Eu não faço nada.”

“Você não é mãe?”

“Profissionalmente, sou fotógrafa.”

A primavera virava verão ao redor delas. A grama lambia seus membros.

“Ser mãe é um canal de expressão muito mais profundo”, disse Remy, “na minha opinião pessoal.”

“É mesmo?”, perguntou Catherine.

“Aço *versus* níquel.”

“Nunca pensei nisso dessa forma. Afinal, não é uma posição criativa.”

“Não é? Suas filhas, elas são sua obra-prima.”

“Você não conhece minhas filhas.”

Remy deu de ombros, horizontalmente.

“Meu casamento também não é nenhuma obra de arte”, disse Catherine.

“Casamento é só uma instituição que influencia a declaração de imposto de renda.”

“Ah.”

Catherine observou a luz atingir a taça de vinho de Remy, o último gole, com sedimento, repousando no fundo. Remy bebeu.

“Não beba o sedimento”, disse Catherine.

“Não gosto de desperdiçar nada”, disse Remy, “descendente de camponeses soviéticos e tudo o mais.”

“Vou pegar outra taça pra você”, disse Catherine.

Ela foi até a cozinha e sorriu. Com Jim Doherty, sempre seria uma dona de casa viciada em pílulas, mas não com Remy. Remy a via como artista simplesmente por ser mulher, fazendo o que as mulheres sempre fizeram: criar vida. A ideia era simples demais para ser invenção de Catherine, mas esse era o poder dos azuis e dos amarelos, transformar o banal em algo revelador. Catherine lavou a taça vazia e deixou a água da pia correr agradavelmente sobre as mãos. Nunca estaria sozinha, porque tinha sua arte, suas filhas.

Catherine sentiu uma presença atrás de si antes mesmo de se virar. Quando girou e ficou de costas para a torneira, Remy, a Empreiteira, estava ali, inabalável como sempre, os olhos no mesmo nível dos de Catherine.

“Posso te oferecer mais alguma coisa?”, perguntou Catherine.

Remy deu de ombros verticalmente.

Então Catherine deu um passo ousado à frente, um pequeno passo para Catherine, sob a lua errante. Esse passo deixou os narizes das duas a poucos centímetros um do outro. Catherine sentiu o coração disparar, os pelos se eriçarem. Nos braços, no pescoço. Teriam se eriçado também na cabeça se não estivessem grudados pelo gel.

“Está tudo bem?”, perguntou Catherine.

“Sim, senhora”, disse Remy, a Empreiteira.

Todos na família de Tibet recebiam nomes inspirados no lugar onde haviam sido concebidos.

“Sua prima devia ter se chamado Churrascaria do Aeroporto”, brincava a mãe de Tibet.

Tibet ia muito bem na escola. Tirava notas altas. As atividades extracurriculares eram equilibradas e refletiam uma longa lista de interesses diferentes e de caminhos possíveis para uma futura carreira. A faculdade de sua escolha era prestigiosa, assim como as demais opções que considerava como plano B. Passou no teste de direção na primeira tentativa e ainda se envolveu em uma conversa profunda com o instrutor sobre as particularidades dos carros autônomos. Só usava maquiagem que parecia não ser maquiagem nenhuma, e a barra da saia do uniforme ficava na altura do joelho, um comprimento que não favorecia ninguém, mas era o estipulado pela administração da escola – uma regra que a maioria das garotas ignorava. Todas as manhãs, Tibet preparava uma vitamina de pasta de amendoim com banana para si mesma e para o irmão mais novo, Phoenix, antes de saírem de casa. Depois da escola, e depois das aulas de reforço, depois do vôlei e do violoncelo e do trabalho voluntário no abrigo de animais, depois da igreja e do Clube de Compostagem, de posar como modelo em aulas de arte, depois das aulas de equitação e de teatro renascentista, depois do jantar, da lavagem da louça, do tempo em família e de um ritual de cuidados com a pele em dez etapas, Tibet se sentava diante do computador e pesquisava teorias da conspiração enquanto tomava pílulas destinadas a animais.

A maior conspiração de todas? Essa história toda de *amor*.

“Simplesmente não entendo”, disse Tibet a Abigail certa tarde, voltando da escola.

“É porque você nunca sentiu isso”, disse Abigail.

Abigail entendia. Ela tinha sido suspensa por socar uma das gêmeas Biddle, arriscando a própria educação e o futuro por causa de quê? De um garoto? Tibet definitivamente estava deixando passar alguma coisa. Ela

andava irritada. Mas, além da irritação, Tibet tinha inveja, pois nunca tinha sentido algo tão avassalador, nunca tinha perdido totalmente o controle, nunca tinha deixado alguém levá-la à loucura ou ao êxtase, nem deixado alguém levá-la a lugar algum, aliás. Tibet sempre dirigia. Como ela poderia se tornar tão vulnerável diante de outra pessoa? Parecia tão estúpido, como acontece com a maioria das coisas divertidas.

“É tão doloroso”, continuou Abigail. “Mas vale muito a pena.”

“Total”, disse Tibet. “Parece um uso superválido do seu tempo.”

Tibet sabia que aquilo que não conseguia entender, ela sempre podia insultar.

“Tipo pesquisar conspirações e alienígenas ser um ótimo uso do seu tempo?”

Abigail se afastou sem se despedir. Talvez houvesse alguém que exercesse algum controle sobre Tibet. Depois de suas inúmeras atividades extracurriculares e de um período particularmente longo de convivência familiar, Tibet foi para o quarto e examinou o convite que Abigail havia recebido. Reconheceu o estilo da escrita por causa da aula de caligrafia – não era copperplate clássico, nem spenceriana, nem letra gótica, nem uncial, mas leviatã, uma forma rara de caligrafia que ganhou popularidade no Leste Europeu. Apenas seis casas ainda produziam aquele estilo e, depois de ligar para todas fingindo ser uma cliente insatisfeita, Tibet descobriu que apenas três haviam enviado encomendas para os Estados Unidos naquele mês. Duas ficavam numa pequena vila montanhosa europeia. Apenas uma produzia o convite que ela tinha nas mãos. Uma luminária giratória infantil projetava sombras pelas paredes. Ao telefone, Tibet conseguiu arrancar do calígrafo, bastante nervoso, uma lista de outros convidados, cada nome que ele fora instruído a reproduzir em escrita leviatã. Apesar da barreira linguística, o calígrafo começava a perceber que ela não era cliente coisa nenhuma, mas ainda assim cedeu os nomes quando a garota assumiu uma voz sensual, um tom que transcendia a linguagem. Hum, pensou Tibet. A lista de nomes era composta apenas por homens.

Ela foi direto para os fóruns. Uma comunidade conspiratória fiel ao alcance dos dedos.

O que vocês sabem sobre Paul Alabastro?

Em poucos minutos ela foi inundada por respostas, opiniões, fotos, links para artigos, digitalizações de microfichas, músicas tocadas ao contrário. Tibet avançou por tudo aquilo, separando fato de ficção, um componente essencial do trabalho dela. Recorreu à ajuda de uma droga que guardava dentro de uma enciclopédia oca. Era destinada à esterilização de camelos, mas tinha um efeito estimulante em mulheres de dezesseis a trinta e dois anos. Impulsionada pelo fármaco veterinário, seguiu uma trilha de manchetes até que uma linha condutora se materializou:

MAGNATA DO SETOR DE TRANSPORTE MARÍTIMO CELEBRA 35º ANIVERSÁRIO... DE NOVO?

BILIONÁRIO SE POSICIONA CONTRA A “IDEOLOGIA DA INEVITABILIDADE DA MORTE”

UM DOS 100 EMPRESÁRIOS MAIS RICOS DEFENDE TECNOLOGIA ANTIENVELHECIMENTO CONTROVERSA

**A VANGUARDA DO ENVELHECIMENTO: ALABASTRO S.A. INVESTE EM GRUPO EMPRESARIAL MÉDICO
AMBÍGUO**

**LEGISLAÇÃO PROÍBE COMPRA DE “SANGUE JOVEM” PARA TRATAMENTO CONTRA ENVELHECIMENTO APÓS
MORTE DE 70 RATOS EM TRANSFUSÃO DE SANGUE**

**JUVENTUDE OU FICÇÃO: EFICÁCIA DO REJUVENESCIMENTO DO SANGUE COMPROVADA? EVIDÊNCIAS
AINDA EM GRANDE PARTE ANEDÓTICAS**

**SEJA POSITIVO: COMO UMA BOA ATITUDE E UM POUCO DE FLUIDO VITAL PODEM AUMENTAR A
EXPECTATIVA DE VIDA**

SANGUE AZUL REDEFINIDO: ARISTOCRATAS ADOTAM ELIXIRES DA JUVENTUDE

**A-VEIA-NTUREIROS CAPITALISTAS VÃO A EXTREMOS SEM PRECEDENTES PARA GARANTIR DEPÓSITOS
JUVENIS**

Mais uma carreira de pó foi aspirada. Tibet mergulhou ainda mais fundo na toca do coelho. Leu sobre um ritual antigo, um amálgama humano envolvendo um termo grego – *parabiose*, ou “viver ao lado” – que ligava velhos e jovens por meio do sangue compartilhado. Ocasionalmente, em meio a discussões sobre sociedades secretas e encobrimentos governamentais, ela já tinha topado com referências a essa prática antes, mas nunca dera muita atenção. Agora pesquisava *infusão de sangue jovem para antienvelhecimento*. Pesquisava *papa Sangue VIII bebe sangue de meninos judeus*, pesquisava *vitalidade do sangue jovem concedida a anciãos chineses*, pesquisava *transfusão de sangue de cordeiro para humano*, pesquisava *beber sangue de gladiadores mortos*. Pesquisava *evangelista que trapaceia a morte*. Outra carreira do pó refinado e cristalino. Ela conseguia sentir o próprio sangue. Tinha passado de um rio preguiçoso a uma corredeira violenta.

Pesquisava *células-tronco, tecido reparador, sistemas circulatórios, reparo de órgãos, neurogênese, dilemas éticos, acesso a sangue limpo, preço por litro*. Pesquisava *pessoas bonitas têm sangue melhor*? Havia um debate ácido sobre o assunto, se você soubesse onde procurar. Tibet sabia onde procurar.

Chegou a hora da escola antes que ela tivesse tempo de dormir. Comprou dois copos de chá cafeinados e encontrou Abigail perto dos mastros das bandeiras.

“Você está péssima”, comentou Abigail, nitidamente ainda aborrecida com o dia anterior.

“Não dormi”, disse Tibet.

“Não se envolva demais com esses malucos da internet”, disse Abigail. Ela fez um gesto circular com o dedo indicador. Tibet franziu a testa; ela própria era uma maluca da internet. Entregou o convite a Abigail, que delineou seu plano para a noite seguinte: chegar à festa onde Wes sem dúvida estaria trabalhando, usando um traje deslumbrante comprado no shopping, e lembrá-lo da colegial divertida e espontânea por quem ele se apaixonara alguns meses antes. Tibet perguntou se Abigail queria carona até a cidade, ao que Abigail respondeu que não, que seria muito mais romântico ir a pé.

“Os Alabastro são muito sinistros”, disse Tibet.

“Isso é tudo conversa. As pessoas inventam histórias pra lidar com a monotonia da vida.”

De vez em quando, pensou Tibet, Abigail dizia algo realmente profundo por acidente. Ela não revelou como havia passado a noite, vasculhando os recantos mais profundos da internet atrás de histórias de espionagem corporativa, elites costeiras, negligência médica, cerimônias secretas centenárias, conexões empresariais e imortalidade.

“Sinceramente, acho que você não deveria ir sozinha”, disse Tibet.

“Você está paranoica”, afirmou Abigail.

“Pelo menos compra uma arma com a garota do banheiro?”

“Com certeza”, disse Abigail. “Vou comprar uma arma com a garota do banheiro.”

Tibet abraçou Abigail, derramando chá cafeinado.

“Só estou preocupada”, disse Tibet.

“Não se preocupe com boatos”, disse Abigail. “Nada disso é verdade.”

Durante as aulas, a mente de Tibet divagou. Sonhou com a faculdade, em algum lugar longe da cidade delas. Talvez morasse perto de Abigail, que estaria numa faculdade sem dúvida menos prestigiosa, mas ainda assim próxima, e poderiam dividir uma casa fora do campus, montar os próprios horários, ter um armário cheio de vestidos com barras do comprimento que quisessem. Cursaria um semestre no exterior, em algum lugar como a Polinésia, onde aprenderia e escreveria e um dia conheceria um homem, alguém que olharia nos olhos dela, castanhos como o solo polinésio rico em minerais, e ali se apaixonaria, se casaria, e chamariam o primeiro filho de Poly, para abreviar.

Mas a mente sempre voltava às conspirações. As teorias se fundiam como uma besta de muitas cabeças, cuja existência era comprovada por pegadas na região norte. Não estava sozinha. Muitas pessoas estavam em busca da verdade. As palavras de Abigail – “Nada disso é verdade” – ecoavam na cabeça dela. Tibet era cética, começara a questionar a própria natureza da verdade. A verdade era objetiva? Dizer *não existe verdade absoluta* é uma afirmação autorrefutável. Se é verdade que não existe verdade absoluta, então isso, em si, é uma afirmação absolutamente verdadeira. Os seres humanos estão confinados às próprias perspectivas, pensou Tibet, experimentando somente uma fração minúscula da realidade, limitados pelo alcance das faculdades mentais e dos sentidos. Se os humanos fossem inteiramente subjetivos, as únicas verdades acessíveis a ela seriam verdades subjetivas, e não verdades objetivas/absolutas. Tudo é verdadeiro a partir de determinada perspectiva, e tudo também é falso a partir de determinada perspectiva. E foi mais ou menos nesse ponto do devaneio que o niilismo se instalou. No fim das contas, não importava se o pouso na Lua tinha sido forjado, se governos criavam doenças em laboratório para combater a superpopulação. Isso não importava para ela, Tibet, sentada na sala de estudos com a bochecha apoiada na mão. Não afetava as aspirações acadêmicas, os futuros arranjos de moradia, a saúde ou as perspectivas românticas dela. A vida dela não seria alterada pela descoberta de ossos não humanos em desertos distantes ou por cultos de sangue ritualísticos, reais ou não. Ela poderia viver até uma idade muito avançada sem jamais precisar saber quem realmente assassinou qual presidente. Então, concluiu Tibet, a veracidade da verdade não importava, desde que as mentiras não a afetassem

diretamente. E, ainda assim, ela se pegava imaginando o convite para a festa dos Alabastro, as palavras estilizadas que lera repetidas vezes até ficarem gravadas na memória. Ela entendia, sim, o amor, pensou, indignada. A verdade era que amava sua amiga Abigail e não a queria nem de perto envolvida com aqueles pervertidos.

“O que estou prestes a lhe mostrar”, disse o homem que tinha tudo, “é um pouco perturbador.”

Wes assentiu. Uma brisa noturna vinda da água varreu o lugar e fez ondular a gola da jaqueta dele.

“Alguém seguiu você até aqui?”

Wes balançou a cabeça em negativa.

Já fazia quatro dias que ele fora demitido da equipe de segurança da Mansão Alabastro e ainda não tinha contado nada a Abigail. Não conseguia suportar a ideia de decepcioná-la. De falhar com ela. Não queria voltar para o campo de trigo, mas talvez Wes não fosse feito para a cidade. Para qual lugar ele *fora* feito, não saberia dizer. Algumas pessoas simplesmente não se encaixam em lugar nenhum, pensou. Mas nunca tinha se sentido tão seguro, tão no-lugar-certo-na-hora-certa, como quando estava com Abigail.

Wes seguiu o homem para dentro do porto, passando pela área municipal. Contêineres de carga empilhados a seis andares de altura. O aço ao redor parecia frio e sem vida. O homem que tinha tudo murmurava para si mesmo. Wes percebeu que estava contando. Chegaram ao fim da fileira, uma área que parecia menos frequentada pelos estivadores – menos bitucas de cigarro espalhadas pelo chão, uma empilhadeira abandonada, enferrujada –, onde um único contêiner estava atracado, avançando quase até a água escura. Ele havia sido arrombado, aparentemente com o pé de cabra que se projetava da abertura. Wes arqueou as sobrancelhas.

O homem que tinha tudo estendeu as mãos num gesto de *depois de você*. Wes puxou a porta do contêiner e semicerrou os olhos, tentando enxergar na escuridão. O homem acendeu uma lanterna. O pequeno círculo de luz iluminou o interior estreito da caixa. A luz passou rapidamente por alguns garrafões de água. Alguns baldes brancos de plástico de cerca de cinco litros. Comida, seca e embalada. Parte da comida estava intacta. Parte com a embalagem rasgada, migalhas e pó espalhados pelo chão revestido. Um cheiro de algo apodrecido veio com a brisa.

“Comida”, disse Wes.

“E comida boa. A maior parte é orgânica.”

“Alguém estava morando aqui?”

“Pelo jeito, vários alguéns. E não parece que estavam vivendo aqui por vontade própria...”

O homem apontou a lanterna pelas paredes do contêiner, onde havia anotações gravadas na tinta, em um idioma que Wes não reconhecia. Havia danos no lado interno da porta arqueada, amassados e arranhões na barra de travamento.

“Meu Deus”, disse Wes.

“Deus está a cerca de um milhão de quilômetros daqui”, disse o homem.

Um calafrio gélido passou pela espinha de Wes, não descendo, mas subindo. Como aqueles jogos de força em parque de diversões. Do estômago até a cabeça.

“Pra onde eles foram?”, perguntou Wes.

“Parece que alguém chegou aqui pouco antes de mim”, disse o homem.

Pequenas linhas estavam entalhadas nas paredes da caixa. Marcadores de tempo.

“Odeio ir embora deixando uma nota tão macabra”, disse o homem, “mas tenho três filhos e uma esposa que vai armar um escândalo se eu não estiver em casa antes da hora do banho.”

Wes assentiu. A lanterna se apagou, e ele piscou diante do contêiner escuro. Uma boca aberta.

“Você vai ficar bem?”, perguntou o homem.

Wes assentiu.

“Quer uma carona?”

“Meu carro está estacionado”, disse Wes. A estrutura do estacionamento iluminada por postes, a caminhonete suja, tudo aquilo parecia pertencer a outro mundo.

“Não sou do tipo que diz eu te avisei”, falou o homem que tinha tudo, “mas o que foi mesmo que eu disse que ia acontecer se você descesse até o porão?”

Wes passou a mão pelo cadeado violado do contêiner, sentiu os sulcos deixados por tentativas repetidas e desesperadas de forçar e bater. As meias-luas das pequenas unhas.

“Que eu encontraria um monstro”, disse ele.

“Entrarei em contato com a minha fatura”, disse o homem.

Harper estava em estado de limbo desde o Natureza e Vida Selvagem. Já não era apenas uma criança travessa, mas ainda não se tornara uma mulher sensual. Tinha medo de que qualquer passo em falso a mandasse de volta para o acampamento de crianças-problema, então mal dava alguns. Quem era Harper Flynn? Talvez fossem necessárias mais algumas sessões com a psiquiatra infantil, ela temia, para responder a essa pergunta. Por ora, era uma cientista militar especialmente treinada, desenvolvendo uma arma biológica secreta. Com o console do videogame de marca, Harper organizava uma força-tarefa especial, delegando ordens digitalmente. O crepúsculo virou noite do lado de fora. Harper se esparramava no sofá em C. A mesa de centro estava coberta de cinzas de cigarro, xícaras de chá e xícaras de chá que haviam se tornado cinzeiros.

Um toque soou da Gaveta de Tralhas.

Louise enfiou a cabeça na sala de estar. As duas encararam a gaveta que tocava.

“Meu celular foi confiscado”, disse Harper.

“O meu também”, disse Louise.

O toque persistiu. Pelo menos três ligações seguidas.

“Pode ser uma emergência!”, disse Louise.

“Então atende você”, disse Harper.

“Atende você!”, disse Louise.

“Não quero me meter em encrenca”, disse Harper. “E se for um teste?”

A gaveta tocou pela quarta vez. Louise finalmente a abriu. Lá dentro, os celulares de Harper e de Louise se alternavam, acendendo com uma chamada de Tibet. Louise atendeu o celular de Harper, o próximo a tocar.

“Não posso falar”, disse Louise. “Estou de castigo.”

“Acho que a Abigail pode estar em perigo”, disse Tibet.

“É a Tibet”, disse Louise a Harper. “Ela falou que a Abigail pode estar em perigo.”

“Coloca no viva-voz”, disse Harper.

Harper pulou por cima do encosto do sofá e encostou a cabeça na de Louise.

“Por que você acha que a Abigail pode estar em perigo?”, perguntou Harper ao telefone.

“Então, a Abigail foi a uma festa hoje à noite na Mansão Alabastro”, disse Tibet, “e não está atendendo o telefone e, bem, eu sei que isso parece maluquice, mas tenho motivos para acreditar que Paul Alabastro comanda uma rede de tráfico de crianças em larga escala.”

Louise girou o dedo perto da orelha, como quem diz *doidinha de pedra*.

“Isso parece maluquice mesmo”, disse Louise.

“Não”, disse Harper. “Na verdade, não parece.”

“Vocês poderiam ir ver como ela está?”, continuou Tibet. “Eu iria, mas é noite de família e meu pai alugou um filme sobre mergulho em cavernas.”

“Você fez bem em ligar pra gente”, disse Harper. “A gente assume daqui.”

“A gente?”, questionou Louise.

Harper desligou e ligou para Abigail. Nada.

“Tudo aquilo que falam dos Alabastro”, disse Louise, “é só boato.”

“Talvez”, disse Harper.

Ela sentiu o senso de propósito voltar. Harper remexeu mais fundo na Gaveta das Tralhas e pegou o martelo de carne. O utensílio ainda tinha a etiqueta, nunca tinha sido usado para bater ou amaciar carne alguma. As garotas entraram de fininho no quarto de Abigail. Harper fazia isso com certa frequência. Gostava de passar tempo no meio da bagunça da irmã mais velha, trabalhos escolares descartados, cremes faciais franceses e bichos de pelúcia com bolsos secretos nas costas. Harper vasculhou a escrivaninha de Abigail e encontrou o diário. O livro estava lacrado com um cadeadinho delicado, um arco da largura do braço de uma fada. Harper bateu no cadeado com o martelo. Louise soltou um pequeno arquejo de surpresa. Folhearam as páginas do ano anterior, com Abigail divagando sobre o professor de artes substituto – *ele me ensinou tanto sobre perspectiva* –, seguido pelo desgosto amoroso devastador, jurando nunca mais amar, seguido por dramas do ensino médio, reclamações e fofocas – *o nariz novo da Millie não engana ninguém* –, até que *estou apaixonada por um soldado*.

“Blá, blá, blá”, disse Harper.

Se o Wes me der um fora de novo, vou tomar um punhado dos comprimidos para dormir da minha mãe.

“Ela é tão dramática”, comentou Harper.

Harper, se você estiver lendo isso, sei que você acha que sou dramática, mas um dia você vai se apaixonar e um dia vai saber exatamente como é. Uma completa e total falta de autonomia sobre o próprio coração. É insuportável, de um jeito incrivelmente maravilhoso.

Harper pulou a narrativa de Wes e Abigail, passando as páginas para mais adiante.

“Bingo.”

Vou a uma festa na Mansão Alabastro. O Wes diz que é perigoso, mas eu não me importo.

“Eu sabia”, disse Harper para si mesma.

“Sabia o quê?”, perguntou Louise.

“Não sei”, disse Harper. “Eu só *sabia*.”

Louise assentiu. “Eu acredito em você”, disse ela.

“Acho que a gente devia ir buscar ela”, disse Harper.

“Legalmente, não posso sair deste município”, disse Louise.

“Vamos precisar de reforços”, disse Harper.

O número de Wes não estava no diário de Abigail. Nem na agenda. Nem no computador ou nas margens dos cadernos. Mas havia o endereço de Wes, rabiscado na caligrafia delicada da irmã, num ingresso de cinema de algum tempo atrás. O coração de Louise disparou.

“Não quero me meter em enqueguença”, disse Louise, com a língua presa.

“Você já está metida em *enqueguença*”, disse Harper.

Louise ergueu as mãos.

“*Istaslama*”, disse Louise.

“Não conheço essa”, disse Harper.

“Quer dizer que eu entrego meu poder a Deus.”

Bud e Catherine tinham ambos saído, cada um com uma desculpa esfarrapada, para seus encontros separados. Os dois deixaram dinheiro para comida sobre o balcão da cozinha, cada um achando que o outro tinha

esquecido. Harper pegou o dinheiro e chamou um táxi. Louise entregou seu poder a Harper. E lá foram elas.

Louise ainda estava de pijama, com estampa de bolinhas, tênis calçados por cima de meias felpudas, e Harper ainda vestia o uniforme escolar. Uma camisa de gola Peter Pan já bem gasta, enfiada numa saia xadrez plissada. Duas meias azul-marinho puxadas até o meio da panturrilha. Um gorro de lã. Um blazer estampado com o emblema das Filhas Sagradas – uma sarça ardente. O táxi saiu da cidadezinha delas e passou por várias outras, em direção ao entorno do grande centro urbano, passando por barracas de fogos de artifício ilegais com toldos amarelados de sol e concessionárias de carros com giradores de placa apáticos e conjuntos habitacionais de estuque do governo e outdoors de advogados de acidentes e advogados de divórcio e o cassino com estética medieval. Louise entregou o monte de dinheiro ao taxista sem contar, e as crianças desceram uma depois da outra para a rua no complexo de apartamentos de Wes.

Primeiro apertaram o interfone – quebrado –, depois gritaram em uníssono. Um sonoro “calem a boca”, seguido de latidos de cachorro, as silenciou. Por fim, quando um vizinho saiu do prédio, entraram sorrateiramente e subiram correndo as escadas.

“Você bate”, disse Louise.

“Não, você bate”, disse Harper.

“Como a gente sabe que é o apartamento dele?”

“É o 4C.”

“Mas não tem nome nenhum.”

“Você acha que ele ia colocar ‘Wes Crimes de Guerra’ na plaquinha?”

“Por que ela nunca pode ter um namorado normal?”

“Juntas?”

“Pronta?”

Dois punhos pequenos bateram na porta de Wes.

Wes atendeu.

O apartamento inteiro era visível da porta.

“A gente precisa da sua ajuda”, disse Harper.

“Quem são vocês?”, perguntou Wes.

As garotas franziram a testa.

“Somos as irmãs da Abigail”, disse Harper. “Óbvio.”

O uniforme de Harper estava para fora da saia e amassado com o relaxamento do pós-aula. Ele as deixou entrar. Louise ficou visivelmente perturbada com o estado do apartamento.

“Quem é aquele?”, perguntou Louise, apontando para Marshall.

“Esse é o Marshall”, disse Wes.

“Senhoritas”, cumprimentou Marshall, fazendo uma reverência com seu coto.

“A Abigail está na Mansão Alabastro”, disse Harper.

“Numa festa”, disse Louise.

O rosto de Wes mudou.

“Vocês têm certeza?”, perguntou Wes.

As garotas assentiram juntas.

Então, de repente, Wes socou a bancada pré-fabricada. O mármore falso afundou.

As garotas ficaram em silêncio.

“Aquele é um lugar muito perigoso”, disse Wes.

Harper não conseguiu conter o sorriso. Validada. O mistério se desvendando. O que encontrara no e-mail de trabalho do pai. Ela estava certa. E estava feliz por estar.

“Mas você não trabalha lá?”, perguntou Louise.

Wes baixou a cabeça. “Não mais.”

Então Wes fez um gesto para Marshall, que soltou um painel da parede. Do vão atrás do painel, ele puxou uma arma grande e, com um rápido movimento para a frente, a carregou com uma só mão. Os olhos de Harper se arregalaram. Era exatamente como as do jogo dela.

“Pra que isso?”, perguntou Louise.

“Posso segurar?”, pediu Harper.

“Isso não é um rifle civil, mocinha”, respondeu Marshall.

“É lindo”, disse Harper.

Louise torceu o nariz.

“Uma proeza da engenharia balística”, disse Marshall.

“A gente não devia chamar a polícia?”, perguntou Louise.

Marshall e Wes se olharam como se a ideia nunca tivesse ocorrido.

Wes dirigia, com Marshall no banco do carona usando um boné do Rei do Frango, e as garotas na caçamba. A noite estava sem estrelas, e nuvens baixas ameaçavam uma chuva que nunca caiu. Subiram, subiram, subiram até a parte mais rica da cidade grande. As colinas. A maioria das casas ficava bem afastada, atrás de portões, cobertas por trepadeiras, placas alertando para rigorosos sistemas de segurança. Devem ter vistas bonitas, pensou Louise, enquanto os ouvidos começavam a estalar. Depois, por um tempo, não havia casas. Natureza selvagem urbana. Uma família de coiotes trotava por ali. No fim da estrada se erguia a casa mais espetacular que as garotas já tinham visto, embora já a tivessem visto on-line e a distância em ocasionais viagens à cidade. Ao vivo, era ainda mais espetacular, ainda mais parecida com um castelo. Wes fez uma ligação da entrada. Saiu da caminhonete para não ser ouvido. Quando voltou, todos aguardaram em silêncio até alguém se aproximar do portão por dentro.

“Como você conseguiu isso?” perguntou Harper.

“Cobrei um favor”, disse Wes. “Um dos grandes.”

O portão se abriu.

“Vou ser demitido por causa disso, cara”, disse o primo de Tibet.

Wes assentiu solenemente e o agradeceu pela janela do motorista.

Estacionaram perto de uma entrada de serviço. Dois homens de avental branco estavam sentados do lado de fora, fumando.

“Não vamos ter muito tempo”, disse Wes a Marshall. “Assim que a gente entrar, vão chamar a segurança.”

“Trabalho relâmpago”, disse Marshall.

“Esperem na caminhonete”, instruiu Wes.

As garotas assentiram.

“Quer ser a motorista da fuga?”, disse Marshall.

Harper assentiu com vigor.

“Ela tem doze anos!”, exclamou Louise.

“Tenho quase treze”, disse Harper.

Marshall piscou e se inclinou até o ouvido de Louise. “Não conta pra pestinha, mas é você quem está no comando, tá?”

Louise lutou contra um sorriso.

“Atenção, tropas.”

As garotas se sentaram eretas. Orgulhosas.

Wes fez um aceno de dois dedos para os homens que fumavam. Marshall enfiou a arma sob o casaco de trabalho, com um distintivo gasto da bandeira dos Estados Unidos costurado na manga. Harper bateu continência.

* * *

Louise estremeceu. Quanto tempo tinha passado ela não sabia. Horas, certamente, embora, pensando bem, talvez fossem apenas quinze minutos. Um estrondo alto veio da entrada dos funcionários, seguido pelo som de vidro estilhaçando. Depois, xingamentos em outra língua. Harper abriu um baralho.

“Escolhe uma carta”, disse Harper.

“Agora não, Harper.”

“Ah, vai”, disse Harper.

Louise escolheu uma carta. Olhou para ela. Um curinga.

“Tá, e agora?”

“Só espera”, disse Harper.

“Cansei de esperar”, disse Louise.

“Eu também”, disse Harper. “Vamos lá.”

“O Crimes de Guerra mandou a gente esperar no carro.”

“Olha”, disse Harper. “Você quer ser uma medrosinha ou quer ser uma heroína?”

Louise deu de ombros. Não queria ser nenhuma das duas. Ela só queria ser querida, ser notada. Sentia falta de *este*.

As garotas desceram da caçamba da caminhonete. Os tênis tocaram o cascalho com um baque suave. O caminho até a entrada dos funcionários era ladeado por topiarias, arbustos densos podados no formato de peças de xadrez. Harper as movia na mente. A entrada levava a uma grande cozinha industrial, onde homens vestidos de forma idêntica preparavam canapés. A comida parecia gelatinosa e intragável. Os cozinheiros não deram a mínima para as garotas. A música crescia à distância. Garçons impassíveis pegavam as bandejas e seguiam por um corredor em direção à música. Harper e Louise seguiram um dos garçons para fora da cozinha, pelo corredor, subiram uma escada e entraram na festa.

“Vocês não deviam estar aqui”, disse o garçom, sem olhar para elas.

“Só estamos resolvendo uma coisa rapidinho”, disse Harper.

O garçom continuou a circular a bandeja por uma sala de estar. Era difícil ver o rosto de alguém. A sala estava escura, iluminada apenas por velas. Além disso, todos usavam máscaras.

“Que estranho”, disse Louise.

“Aham”, concordou Harper.

“Eles são todos...”

“Caras.”

A sala estava repleta de homens, homens vestidos como para um funeral, em ternos pretos e gravatas pretas, homens nas chaises, ao piano, fumando em ambiente fechado, jogando cartas e bebendo em copos baixos de cristal. Assim como o garçom, os homens pareciam não estar cientes da presença das garotas.

Nas paredes, grandes pinturas, também de homens, mas de outros tempos, montando a cavalo, caçando codornas, brandindo espadas, balançando animais mortos. As garotas se esgueiraram rapidamente por outro corredor, girando maçanetas de portas trancadas. Grande parte da casa era feita de corredores mergulhados em sombra, decorados com pinturas a óleo em molduras douradas.

“Abigail!”, chamou Louise.

“*Shhh!*”, fez Harper.

“A gente já passou por aqui”, disse Louise.

“Não passou”, disse Harper.

“Passou, sim”, insistiu Louise. “A gente passou por aquele quadro do homem com o canhão.”

“Não”, disse Harper. “Este é diferente. Esse homem está usando um chapéu. Tá vendo?”

Já fazia um tempo que não avistavam ninguém, hóspede ou garçom, quando uma figura apareceu no corredor, se deparou com elas e congelou. Houve um momento de hesitação. Então ele se aproximou. Um homem mascarado, alto, com um andar familiar. Ele se moveu lentamente em direção às garotas.

Louise e Harper congelaram, como cervos, como presas para os homens retratados nas pinturas.

“Harper?”, disse o homem ao alcançá-las. “Louise?”

As garotas o encararam com os olhos semicerrados.

“Padre Andrew...?”, disseram as duas ao mesmo tempo.

“O que vocês estão fazendo aqui?”, perguntou o padre Andrew.

“O que o senhor tá fazendo aqui?”, retrucou Louise.

“Isso é o que o senhor faz pra se divertir?”, perguntou Harper.

“Vocês precisam ir embora”, disse o padre Andrew.

“A gente se perdeu um pouco”, disse Harper.

“Não é seguro.”

“Desculpe por tentar explodir o concurso”, disse Louise, mexendo nervosamente no botão de cima do pijama.

“Podemos falar disso em horário de expediente”, disse o padre Andrew.

“O que é tudo isso aqui?”, perguntou Harper.

“Vocês, garotas, precisam sair daqui”, disse o padre Andrew. “Agora.”

“Precisamos encontrar nossa irmã”, disse Harper.

“A Abigail também está aqui?” O padre Andrew fez o sinal da cruz. “Ah, Pai celestial.”

“O senhor sabe onde ela pode estar?”, perguntou Louise.

O padre Andrew assentiu gravemente. “No escritório dele...”

De repente, e de maneira pouco elegante, a música do órgão cessou bruscamente e um silêncio arrepiante pairou no ar. Convidados surgiram de todos os lados, saindo de portas antes trancadas, convergindo para preencher o silêncio. Falavam, mas não exatamente conversavam, era mais um canto, todos em uníssono, em harmonia, mesmo os que não caminhavam juntos. Latim, notou Harper.

“Vão”, disse o padre Andrew mais uma vez, agora num sussurro. “No fim do corredor da ala leste há uma cozinha de funcionários. Ela dá para um beco. Por ali vocês alcançam o nível da rua.

“Qual lado é leste?”, perguntou Louise.

“Você acha mesmo que todo mundo sabe os pontos cardeais?”, disse Harper.

“Onde fica o escritório?”, perguntou Louise.

O padre Andrew se virou, o rosto abatido à luz trêmula das velas.

“Preciso ir.”

“Padre Andrew, só mais uma coisa!”, disse Harper. “O senhor poderia colocar a mão no bolso?”

O padre Andrew franziu a testa. Mas obedeceu, enfiou a mão no bolso direito do paletó e tirou uma carta de baralho. O rosto parecia inquisitivo, mas, antes que pudesse verbalizar as palavras, outro grupo passou cantando por eles. Olhos mascarados lançaram olhares furtivos ao padre Andrew. Ele entregou o curinga a Harper e seguiu para se juntar ao grupo sem olhar para trás.

“Esse truque é muito bom”, elogiou Louise.

“Curinga sempre encontra o curinga”, disse Harper.

Com seu novo vestido modesto, porém justo ao corpo, Abigail levava a bicicleta no ônibus até o centro da cidade. O ônibus a deixou numa avenida movimentada, onde os bares começavam a acender as vitrines para a noite. Não era o tipo de cidade em que fumaça sobe dos bueiros nem prostitutas fora de serviço ficam à toa sob marquises piscantes. Era um centro urbano menor, erguido em torno do comércio, sem personalidade marcante nem atração turística digna de nota. Não havia um Hall da Fama, nem esculturas famosas. Os prédios não eram particularmente altos nem belos. O único museu de arte moderna da cidade perdera financiamento havia algum tempo, e a reforma do prédio jamais fora concluída. Ninguém famoso era dali, nem escolhera se aposentar ali; ninguém fora assassinado ali, porque ninguém era importante o bastante para justificar isso. Era uma cidade de anonimato. Nada ostensivo, nada chamativo. O que atrairia alguém a um lugar assim? Abigail pensou. A cidade mais entediante do mundo. A resposta era óbvia: fugir de uma cidadezinha ainda mais entediante.

Abigail ergueu a barra do vestido e pedalou desde o ponto de ônibus até a área residencial cheia de ladeiras. No bolso do casaco, ao lado do convite para a festa, ela escondera uma arma de choque que comprara da garota no banheiro, uma veterana que já repetira de ano duas vezes e vendia canivetes *butterfly*, fogos de artifício e, às vezes, moedas raras. A garota dissera que podia conseguir para ela um frasco de água benta do Vaticano. Só a arma de choque já bastava, dissera Abigail. A garota a advertira sobre a potência do aparelho.

“Isso aqui pode parar o coração de um gatinho”, dissera ela.

Abigail não perguntou como ela sabia disso. Havia gente de todo tipo por aí. Pagou pela arma de choque e depois sorria com gentileza sempre que se cruzavam nos corredores, algo que, Abigail sabia, conferia à garota certo prestígio.

A ladeira era íngreme demais para subir de bicicleta, o que significava que, a partir de certo ponto, Abigail seguiu a pé. Começou a suar enquanto subia e parava de tempos em tempos para secar o rosto e retocar a

maquiagem. A subida levou quase uma hora. Ela encarava a tela escura do celular, inútil pela falta de sinal. Tentara mandar mensagens para Wes, em vão. As estradas, escuras como cânions, eram indistinguíveis entre si. Bolhas ameaçavam se formar sob os sapatos de salto novos, envernizados, com um laço em cada ponta. A poluição luminosa da cidade lá embaixo apagava as estrelas. A estrada se estreitou, as casas rarearam, e pássaros noturnos circulavam sobre o mato seco. Abigail arfava quando chegou à Mansão Alabastro. A extensão da propriedade parecia exatamente a mesma de antes, na noite em que conhecera Wes. Ela começou a prender a bicicleta no portão.

“Nós estacionamos isso pra senhora”, disse um homem mais velho, de olhos pálidos e úmidos, vestido todo de preto. A boca de Abigail secou. Tinha a sensação de estar cheia de bolas de algodão.

“Estou aqui pra festa?”, disse Abigail.

O homem assentiu. Abigail tirou o convite do bolso e o entregou a ele. O homem tocou o ouvido. Por um instante, Abigail pensou ter detectado pena nos olhos claros. O portão se abriu para ela com um forte suspiro. Carros enchiam a alameda interna.

“Ele lhe dá as boas-vindas”, disse o guarda.

“O Wes?”

“O senhor Alabastro.”

A bicicleta de Abigail foi estacionada entre os carros de luxo pretos. Ela se aproximou com cautela da porta da casa do bilionário da tecnologia. A aldrava era um anel dentro da boca de um leão. A porta foi aberta por um funcionário que não fez contato visual com Abigail enquanto ela passava por ele. Seu vestido era longo e preto, com mangas bufantes. Elevava ainda mais a confiança dela, já em nível recorde. O saguão era iluminado por candelabros. Sua sombra se espalhava atrás dela, se alongando à medida que avançava pela casa. Ela a arrastava como se fosse relutante, um cachorro teimoso. A música crescia em algum cômodo distante, não música de festa, mas algo mais próximo do que se toca na igreja, metálico e sombrio como um órgão. Dois homens de terno preto passaram por ela. Murmuravam entre si, interrompendo a conversa ao cruzar por Abigail, como colegiais fofoqueiras. Ela os encarou. Então percebeu que cada um usava uma máscara cobrindo os olhos. Uma época curiosa do ano para uma festa à

fantasia, pensou Abigail. Talvez fosse algum clube ou reunião de fraternidade. Uma excentricidade dos excepcionalmente ricos. Os afligidos pelo dinheiro faziam coisas estranhas para ocupar o tempo.

Ela passou por sala após sala cheias de homens de terno. Embora dessem a impressão de estar ignorando Abigail, ela sentia os olhos mascarados nas costas. Abigail supôs que os homens sem terno fossem funcionários. Também eles a ignoravam. Ela não estava acostumada a ser ignorada por homens, ainda mais vestida daquele jeito.

“Você de novo.”

Abigail girou nos calcanhares. Era o homem do terno de algodão listrado que conhecera na primeira visita à mansão. Aquela noite, porém, o terno não era de algodão listrado, mas liso e preto, como o de todos os outros.

“Dolt”, disse Abigail.

“Boa memória.”

“Não estou nesta festa como penetra”, disse Abigail. “Fui convidada.”

“Eu sei”, disse Dolt. “Eu a convidei.”

“*Você?*” Abigail afundou um pouco. “Ah.”

“Uma reação que adoro provocar nas mulheres.”

Sempre os homens que você não quer é que querem você, pensou ela, nunca os que você quer.

“Eu estava esperando ver meu namorado aqui”, disse Abigail. “O nome dele é Wes Wyley.”

“Nunca ouvi falar”, disse Dolt. “Quer alguma coisa pra beber enquanto procura?”

“Não, obrigada”, disse Abigail. “Por que todo mundo está usando máscara?”

“O anonimato é importante pra esse grupo”, respondeu Dolt.

“Bom, parece ridículo.”

Dolt sorriu, divertido. “A colegial acha que eu pareço ridículo.”

“Seu nariz está sangrando”, disse Abigail.

Uma substância escurecida manchava a frente da camisa social de Dolt.

“Só um pouco de vinho”, disse ele.

Abigail revirou os olhos. Já tinha derramado vinho o suficiente na vida para saber qual era o aspecto de vinho derramado. Todo mundo ali era tão

estranho e reservado, pensou ela. Por que ter vergonha de um nariz sangrando? Millie Biddle provavelmente lidava com isso o tempo todo agora.

“Então, quem manda aqui?”, perguntou Abigail.

“Você não sabe?”

“O senhor Alabastro?”

O homem sorriu, mas não confirmou.

“Você o conhece bem?”, perguntou Abigail.

“Certamente, eu o conheço. Ele tem um histórico de inflamação pulmonar obstrutiva.”

“Como assim?”

“Sou o médico dele.”

Por trás da máscara, Dolt tinha olhos pequenos, amarelo-acinzentados, e dentes como conchas, finos e brancos.

“Acha que eu poderia falar com ele?”, disse Abigail.

“É educado trocar amenidades numa festa”, disse Dolt.

“Estou um pouco sem tempo”, disse Abigail. “Meu toque de recolher é à meia-noite.”

Uma desculpa, obviamente. Abigail nunca respeitara toque de recolher.

“Ela só quer negócios, nada de conversa”, disse Dolt. “Como quiser.”

Ela o seguiu a poucos centímetros de distância pelos corredores de pedras pesadas. As paredes eram texturizadas e recuadas em certos pontos, como numa catacumba.

“Qual é o seu nome de verdade, doutor?”, perguntou Abigail.

Ele tocou a máscara. Levou um dedo aos lábios como quem diz *shhh*.

Um nome, pensou Abigail, era apenas mais uma coisa sobre a qual os ricos se sentiam proprietários. Ela não tinha apego ideológico ao próprio. Ela era quem era, não o que se chamava. Eles se aproximaram de uma porta com sereias aterradoras entalhadas na madeira. Os rostos eram retorcidos e aflitos. Do outro lado havia um escritório, com papel de parede com uma estampa carregada e grandes pinturas a óleo. Um livro aberto sobre um suporte, protegido por uma redoma de vidro. Uma mesa grande. Um homem atrás dela.

Paul Alabastro vestia um smoking. O rosto estava barbeado de maneira descuidada e a gravata-borboleta, desfeita, pendia em torno do colarinho.

Ele se levantou educadamente quando Abigail entrou no cômodo. Dolt fechou a porta atrás deles.

“Abigail Flynn”, disse Paul Alabastro.

Ela o mirou com um olhar avaliador. É esse o homem, pensou Abigail, por quem toda essa agitação existe? Ele tinha o tipo físico – franzino e esguio – que fazia qualquer um sofrer bullying em colégios só de meninos. Os traços eram afilados e convergiam para a boca franzida. Parecia menos um rei e mais um suricato.

“Já aturei mais do que o suficiente da sua família”, disse ele, de maneira amigável.

“Não sei do que o senhor está falando.”

“Sente-se.”

Era mais uma ordem do que um convite.

Ela se sentou diante do bilionário da tecnologia. Dolt permaneceu de pé, de modo um tanto ameaçador, com as mãos cruzadas à frente do corpo. Do outro lado do escritório havia outra grande porta. Abigail teve a impressão de ouvir um ruído tênue vindo de além dela.

“Um drinque?”

Ela balançou a cabeça.

“Pois bem. O que posso fazer por você, senhorita Flynn?”

“Estou procurando meu namorado”, disse ela.

“Seu namorado.”

“Um membro da sua equipe de segurança.”

“Tenho muita gente trabalhando pra mim, senhorita Flynn.”

“Wes Wyley.”

Paul Alabastro franziu a testa. “Ora, ele não contou a você? O senhor Wyley foi dispensado na semana passada.”

“Não”, disse Abigail. “Ele não me contou.”

Abigail se sentiu como um gatinho atingido por uma arma de choque. Como fora ingênua, se arrastando pela cidade inteira. Wes nem trabalhava mais ali! Onde ele estivera nos últimos dias? Certamente não com ela. Talvez Millie Biddle estivesse certa. Talvez Wes estivesse tendo um caso. Com uma garota mais velha, com um temperamento mais forte. Uma que usasse um alfinete de segurança no lugar de brinco. Que vendesse canivetes no banheiro. Como Abigail pudera ser tão tola? Era só isso que ela era? Uma

linda tolinha? A mente saltava de pensamento em pensamento, cada um pior que o anterior.

“Tenho certeza de que ele tinha um bom motivo”, confortou-a Paul Alabastro, “pra esconder isso de você.”

“Agora eu aceito o drinque”, disse Abigail.

Os lábios de Paul Alabastro quase desapareceram por completo, dando lugar a um sorriso platinado. “O que vamos beber?”

“Vinho?”

“Não tenho vinho. Do ponto de vista calórico, vinho é caro demais.”

“Qualquer coisa serve”, disse Abigail.

Ele atendeu ao pedido pessoalmente e preparou um coquetel sem perguntar a preferência de bebida, usando uma pinça para colocar um único cubo de gelo. Abigail observou as mãos dele com atenção, como se faz quando não se quer ser envenenada. Ele lhe entregou o copo e retomou o lugar atrás da mesa. Ela recebeu a bebida com desconfiança.

“Um ‘Depois-de-Um-Tempo’”, disse Paul Alabastro. “Inventei a receita eu mesmo.”

Abigail examinou o copo com atenção.

“Senhor”, disse Abigail, “acho que tem alguma coisa presa dentro desse cubo de gelo.”

“De fato”, disse Paul Alabastro. “Um embrião de crocodilo.”

“Ah, total”, disse ela.

De novo veio um som da porta do outro lado da sala. Um baque abafado.

Abigail esticou o pescoço em direção ao ruído.

“Tem alguém ali?”

“Só meus cachorros”, disse Paul Alabastro, calmamente, sem sequer olhar para trás. “Eles são um pouco agitados demais pra uma festa.”

“Então”, disse Abigail, “você e uma centena dos seus amigos homens mais próximos costumam sair por aí de terno e máscara?”

“Todos os anos”, disse Paul Alabastro. “Embora seja um prazer, desta vez, contar com a presença de uma jovem bonita.”

Abigail corou, desviando o olhar para o réptil que começava a descongelar no copo. Quando voltou a levantar os olhos, encontrou o olhar de Paul Alabastro.

“O que o senhor está olhando?”

“Estava admirando sua pele”, disse ele. “A melanina, o aspecto aveludado.”

“Se o Wes não está aqui”, disse Abigail, “acho melhor não tomar mais do seu tempo. Mesmo assim, obrigada pelo convite.”

“Não é incômodo algum”, disse Paul Alabastro. “Aproveite um pouco mais a bebida.”

“Tudo bem”, disse Abigail. “Mas você pode parar de olhar para o aveludado da minha pele?”

Ela tomou um gole da bebida. De fato, era bem gostosa.

“Vamos jogar um joguinho”, disse Paul Alabastro.

Abigail se sentia cansada. A caminhada, a subida, tinham cobrado seu preço.

“Diga algo que não se pode comprar”, o bilionário da tecnologia instruiu.

Abigail pensou.

“Um pôr do sol.”

“Sim, muito bem”, disse Paul Alabastro. “Você é esperta.”

Embora o tom condescendente não lhe escapasse, Abigail ainda gostava de ser elogiada por algo que não fosse a beleza dela.

“O valor da efemeridade”, continuou Paul Alabastro. “Posso comprar o terreno sob o pôr do sol, o espaço aéreo que ocupa, mas não sou capaz de possuir o momento, os raios de luz fugazes. Isso me frustra, senhorita Flynn.”

“Total”, disse Abigail.

“Seu sarcasmo está registrado, mas me conceda mais um instante. Outra resposta que eu teria aceitado é juventude. Juventude é como um pôr do sol. Ela escapa ao capitalismo. Não se pode comprar juventude numa loja de departamentos.”

Abigail sorveu a bebida, sentindo o leve formigamento da gaseificação nos lábios.

“Existe uma economia próspera construída em torno de tentativas de capturar, engarrafar e vender a juventude. Sérums e cremes noturnos que afirmam retardar ou mascarar o inevitável. Vejo essas tentativas como um curativo para um braço quebrado. Colocar pepinos nos olhos não vai

manter você jovem. Depois há as formas mais complexas de prolongamento da vida: terapias com luz vermelha, hormônios do crescimento humano, tratamentos multiespectrais para a pele, estimulação eletromagnética de alta frequência, aplicação intravenosa de proteínas de ervilha. Da mesma forma, esses métodos não causam sequer um arranhão no grande muro da mortalidade.”

Abigail sugou a parte interna da bochecha.

“Então”, continuou o sr. Alabastro, “há algum tempo me deparei com um periódico médico, fora de circulação, banido, inclusive, em alguns países.”

Paul Alabastro fez um gesto em direção ao livro guardado sob a vitrine de vidro. Abigail não conseguiu distinguir o que estava escrito, as palavras comprimidas em parágrafos densos ao lado de um diagrama de dois ratos.

“Você conhece o conceito de parabiose?”

Ela balançou a cabeça em negativa.

“Dois organismos compartilhando um único sistema por meio da troca de sangue e plasma. As pessoas começaram a brincar com isso, hum, lá por meados de 1800, mais ou menos, amarrando ratos uns aos outros – um jovem e vivaz, outro velho e tomado por doenças. A pergunta era: o rato mais jovem poderia revitalizar o mais velho? Será que o sangue, o plasma, a medula óssea e as células-tronco de uma criatura poderiam promover saúde geral em outra? Sabe o que aconteceu quando os ratos foram unidos?”

“O procedimento funcionou?”, arriscou Abigail.

“Lógico que não funcionou. Os dois ratos morreram. Ali mesmo, na mesa de cirurgia. Fim de espetáculo. Tentaram outra vez e os novos ratos também morreram. Na terceira tentativa, os ratos viveram por uma semana e depois também pereceram.”

Abigail sentia falta de Wes. Queria compartilhar um único sistema com ele. Queria misturar seus órgãos e tecidos e canais lacrimais. Queria sentir o que ele sentia e pensar o que ele pensava e compreender o que ele compreendia. Queria ver através dos olhos de Wes. Agora, os próprios olhos piscavam de exaustão.

“Por que você está me contando tudo isso?”, perguntou Abigail.

“Eu me interessei pelo estudo”, continuou Paul Alabastro. “Investi em algumas pesquisas médicas, financiei alguns testes, sempre constatando que

ainda estávamos muito distantes dos testes em humanos. Mas, enquanto isso, havia um fervor crescente em torno do projeto, ao menos nos meus círculos, entre pessoas do meu meio.”

“Homens ricos que querem viver pra sempre”, disse Abigail.

“Gosto da sua franqueza. Sim, estava despertando o interesse de pessoas assim. Então você entende meu dilema? Como satisfazer o interesse público sem acabar, proverbialmente falando, com um monte de ratos mortos nas mãos? O que se faz quando a demanda do consumidor ultrapassa o avanço médico?”

Abigail deu de ombros.

“Você falsifica, senhorita Flynn.”

Paul Alabastro girou a tela do computador para mostrar o protetor de tela padrão. Um pôr do sol, perenemente vibrante, sobre um trópico distante.

“Como você pode imaginar, meu projeto não obtém aprovação federal. Então, todo ano, realizamos esse pequeno encontro, um ensaio pessoal para amigos especiais e partes interessadas, para experimentar o produto antes de ele chegar ao mercado.”

Abigail achou a história de Paul Alabastro mais nerd do que assustadora. Era só isso que ele era, concluiu ela, um ricaço nerdola.

“Você tem, tipo, uma festa de vampiros.”

“Trágico – o vampiro”, disse Paul Alabastro, num tom excessivamente formal, pensou Abigail, como o da mãe. “Preso à labuta, ao tédio e ao fardo da vida eterna. Conhecendo e aceitando nossa temporalidade, meu grupo apenas busca aprimorar a qualidade de vida enquanto está vivo. Um paralelo mais adequado talvez seja o mosquito.”

“Por que hoje à noite?”, perguntou Abigail.

“Bem, esta noite o produto chegou. Isso e também é lua de sangue. Tenho uma inclinação pra pompa e grandiosidade.”

“O produto?”, perguntou Abigail.

“Os ratos, por assim dizer.”

Abigail havia rezado por uma vida interessante. E ali estava ela, numa situação muito mais interessante do que aulas de tênis. Dolt permanecia de lado, os observando em silêncio. Veio outro baque dos cães atrás da porta.

Abigail levou a mão ao bolso, procurando a arma de choque. Não estava ali.

“Sério, por que você está me contando tudo isso?”, perguntou ela.

“Você parece alguém que dá muita importância à aparência física. Achei que poderíamos nos entender. E, francamente, não posso permitir que você saia daqui e corra o risco de divulgar a identidade dos meus convidados.”

“Senhor Alabastro”, disse Abigail, “não consigo sentir minhas mãos.”

Paul Alabastro sorriu outra vez, jogou levemente a cabeça para trás, como se ela tivesse contado uma piada deliciosa.

“Isso é porque a pele de um crocodilo-de-crista ainda não nascido é um agente paralisante.”

Abigail tentou se mover contra algo invisível, como um cobertor pesado. O copo dela caiu no chão, derramando o resto da bebida sobre o tapete oriental. O rosto e a garganta começaram a formigar, como depois de uma visita ao dentista.

“Você deve recuperar a sensibilidade em cerca de trinta minutos”, disse Paul Alabastro.

Dolt deixou o posto e foi até eles.

Embora os membros não respondessem, o coração dava cambalhotas.

“Por favor, não me estuprem!”, gritou Abigail.

Os homens a olharam, insultados.

“Não é isso que ele quer, princesa”, disse Dolt.

“Digo isso sem uma gota de ironia: eu poderia ter qualquer mulher do mundo. Não preciso sair drogando colegas”, disse o sr. Alabastro. “Não tenho nenhum interesse sexual em você, menininha. Não é pessoal. Acho as mulheres em geral bastante irritantes.”

“Então o que você quer comigo?”

“Cerca de 650 mililitros do seu sangue.”

“Já lhe disseram alguma vez”, disse Dolt, “que você tem veias muito bonitas?”

A cabeça de Abigail tombou para a esquerda, pendendo frouxa sobre o pescoço.

Dolt colocou uma maleta médica preta sobre a mesa à sua frente. Calçou duas luvas cirúrgicas e começou a retirar tubos da maleta, finos e

transparentes como macarrão de arroz. Depois veio uma agulha, uma bolsa de sangue, um cateter.

“Uma ratinha jovem tão bonita”, murmurou Paul Alabastro.

Dolt amarrou delicadamente o braço de Abigail. Paul Alabastro começou a entoar um cântico, falando numa língua – latim? grego, talvez? – que Abigail não reconhecia. Na escola, ela estudava francês. Paul Alabastro não cantava em francês.

“Ele está agradecendo”, disse Dolt, “pela sua contribuição.”

“Por favor”, disse Abigail. “Meu sangue não presta. Não me alimento bem. Bebo e fumo e uso drogas.”

Ele a ignorou e continuou preparando o braço dela, inserindo uma pequena agulha na dobra oposta ao cotovelo e a prendendo com fita. O tubo ficou vermelho. Abigail gritou com pouca intensidade.

Paul Alabastro ergueu dois cálices de cristal da parte de baixo do carrinho de bebidas. Quando a bolsa de sangue se encheu, Dolt a fechou e despejou o conteúdo nos cálices até o líquido alcançar a borda. Paul Alabastro disse outra sequência incoerente de palavras, e então os homens ergueram as taças. Beberam o sangue como shots, um anel vermelho em torno da boca.

“Por que vocês estão bebendo isso?”, disse Abigail. “Vai só parar no estômago de vocês.”

Até Abigail, que não era a faca mais afiada da gaveta da família, sabia disso.

“A cerimônia”, disse Paul Alabastro, “é, se não mais, tão poderosa quanto a acuidade. Na comunhão, nós injetamos o sangue de Cristo na veia?”

Os homens se levantaram e ajustaram as gravatas. Dolt estalou a língua e recolheu o equipamento de volta à maleta. Depois veio por trás de Abigail, retirando o corpo flácido da cadeira. Ergueu-a por baixo dos braços e a arrastou suavemente até a porta do outro lado da sala. Os cães tinham se calado.

“É melhor eu voltar para os meus convidados”, disse Paul Alabastro.

Abigail pouco podia fazer para protestar.

“Espero vê-la de novo em breve, senhorita Flynn.”

“Por favor”, disse ela, debilmente.

Dolt abriu a porta, depositou Abigail lá dentro e a fechou com um estalo enfático da fechadura.

Marshall não pertencia à Mansão Alabastro, esteticamente falando. O soldado mutilado jamais havia se empenhado de fato na reintegração à vida social. A barba e o cabelo oleoso na altura dos ombros, enfiado sob o boné do Rei do Frango, as axilas manchadas e o único par de jeans que tinha deveriam ter alertado imediatamente os convidados de que ele era um intruso.

Wes aguardou que a segurança os escoltasse para fora das dependências. No entanto, nenhuma alma sequer lançou um olhar na direção de Marshall. A *coterie* bem-vestida da festa mantinha os olhos fixos em algum horizonte invisível para gente como Wes e Marshall.

“Licença”, disse Marshall, se dirigindo a dois convidados da festa, vestidos com ternos pretos e máscaras venezianas.

“Cês viram uma garota, mai o meno dessa altura?”, perguntou Marshall, indicando com a mão.

Os convidados seguiram adiante mecanicamente, sem o menor sinal de que tivessem ouvido uma palavra sequer.

“Parece a porra da escola de novo”, disse Marshall.

Cada cômodo ecoava com o som grave a profundo da música de órgão e, ao longe, o canto de coral. Aquilo transportou Wes para as missas da infância. O acompanhamento musical da liturgia eucarística irritava o pai de Wes, que achava que a igreja era um lugar de resignação silenciosa. Mas Wes sempre gostara do órgão, dos cânticos, especialmente em ocasiões nupciais ou cerimoniais. Quando a luz enchia a igreja, ele costumava pensar que aqueles sons vinham dos anjos. “Louvai-o com instrumentos de corda”, ele recordou dos Salmos.

Os dois rapazes avançaram pela casa em direção à música. Wes percebeu que ela vinha do grande salão em torno do qual a maioria das festas de Paul Alabastro acontecia. Apesar da estrutura geométrica e labiríntica da mansão, tudo convergia para um átrio central, de onde se podia olhar para cima e ver cada nível da construção, como se um bolo tivesse sido cortado em fatias. Esse quadrilátero criava uma câmara de eco e normalmente servia como o

núcleo da festa, a pista de dança, o palco. Por passagens com mísulas, Wes conduziu Marshall rumo ao coração da Mansão Alabastro. Outros passavam apressados por eles. Chegaram a um último corredor, que se abria para o quadrilátero, e pararam perto de algumas pinturas a óleo de faisões, castiçais duplos, grandes vasos com brotos de bambu, um brasão de armas. A música cessou abruptamente.

“Que porra esquisita”, disse Marshall.

Wes assentiu. Não era nada parecido com a última festa em que Wes havia trabalhado. Era muitíssimo mais esquisita.

De um palco elevado, cerca de vinte homens de terno e máscara cantavam, um coro acompanhado por um órgão de tubos suntuoso. Outros quarenta ou cinquenta surgiram de todos os corredores e se aglutinaram no centro do salão em torno do que parecia ser uma grande piscina rasa. Wes apagou a vela que iluminava o corredor e puxou Marshall de volta para a sombra. Os soldados piscaram um para o outro.

“*Psiiu.*”

“Que porra é essa?”, disse Marshall.

“Vocês encontraram ela?”, perguntou uma voz por trás de um grande vaso.

Ali estavam Louise e Harper, agachadas, com os joelhos junto ao peito.

“Achei que eu tivesse mandado vocês ficarem na caminhonete”, disse Marshall.

“Você não sabe”, disse Harper, “que não se deve deixar crianças sozinhas no carro?”

Wes enterrou o rosto nas mãos. Não era naquele cenário que ele gostaria de estar bancando a babá. Tudo ficou imóvel. Vibrações erráticas escapavam do grande órgão. Wes notou que cada homem segurava nas mãos um copo vazio. Um cálice. Um último homem entrou, os passos rompendo o silêncio, e se aproximou da piscina rasa. A máscara era mais ornamentada que as demais, dourada e ricamente decorada com arabescos de ouro. Diante da piscina, o homem começou a entoar um cântico, lento a princípio, mas com velocidade e urgência crescentes. Wes reconheceu não o dialeto, mas a voz – seu antigo empregador. O cântico se tornou mais espasmódico e truncado, como se quem o entoasse estivesse sofrendo uma

sucessão de derrames. Os outros homens passaram a acompanhar o cântico, primeiro o coro, depois a plateia inteira, cantando em uníssono.

“*Apeiron*”, concluiu Paul Alabastro, erguendo o cálice vazio.

“*Apeiron*”, a sala ecoou, enquanto todos levantavam os seus cálices, se alinhando em seguida diante da piscina rasa.

“Significa *ilimitado*”, sussurrou Harper, “ou um *fim aos limites*.”

Eles observavam das sombras enquanto cada homem de terno mergulhava o cálice na piscina, o enchendo com um líquido escuro, espesso e viscoso. Quando todos haviam enchido os cálices e retomado seus lugares, a atenção se voltou para Paul Alabastro.

“ἀπάρχεσθαι”, bradou o bilionário da tecnologia.

Wes olhou para Harper.

“Não faço a menor ideia”, disse ela.

Todos ergueram os cálices. Os homens beberam. A música recomeçou. A alegria se instalou. Houve dança, braços dados. Um tom avermelhado nos dentes dos homens.

Wes, Marshall, Louise e Harper não conseguiam desviar os olhos. Eles observavam compulsivamente, atônitos.

“Mas que...”, disse Marshall.

Louise parecia prestes a chorar.

“Você estava cega”, disse Louise a Harper, “quando disse que *sabia*.”

“Isso, especificamente, eu não sabia”, disse Harper.

Wes sentiu um impulso de proteger as crianças daquela cena. Ele as conduziu para longe da cerimônia. Marshall acendeu um cigarro enquanto recuavam.

“Esse pessoal tem tempo demais sobrando”, murmurou Marshall.

De modo instintivo, Wes levou a mão ao ouvido em busca de instruções, mas, sem dispositivo algum, nenhuma instrução veio.

“A gente precisa ir ao escritório dele”, disse Harper. “Sabe onde fica?”

Wes assentiu. Afagou a cabecinha dela.

As velas foram se apagando e a escuridão se adensou. Wes os conduziu de volta pelos corredores da Mansão Alabastro, rumo à porta entalhada que sempre permanecera trancada. Duas sereias adornavam a maçaneta. A porta estava firmemente fechada.

“Não temos muito tempo”, disse Wes.

“Tem um encontro marcado com alguém da hora?”, perguntou Marshall.

Wes apontou com a cabeça para as vigas do teto.

“Eles estão observando. A segurança vai chegar. Treinamento de Remoção Discreta.”

“Certo, então vamos parar de frescura”, disse Marshall.

Ele puxou a arma de dentro do casaco e atirou na fechadura. O estampido foi horrível, e Louise se encolheu. O rosto de Harper se iluminou. As sereias de metal se desprenderam, liberando a trava. Um alarme disparou, estridente, acompanhado por luzes estroboscópicas. Marshall apoiou a arma no toco do braço, a mão direita no gatilho, e os conduziu, avançando de frente, para dentro do escritório de Paul Alabastro.

O cômodo estava vazio. Wes fitou os dois cálices sobre a mesa, manchados de um fluido escuro já ressecando. As garotas se maravilharam com as paredes, a decoração marítima, os livros, as cortinas pesadas, as pinturas e os bustos de homens que não reconheciam. O grupo se virou ao ouvir um ruído atrás de uma segunda porta. Não a porta por onde haviam entrado, mas outra, interna, talvez um armário. O barulho continuava. Pancadas desesperadas. Harper correu até ela. Aquela porta também estava trancada.

Marshall afastou Harper, atirou na fechadura e escancarou a porta. O cômodo estava escuro.

“Vamos lá, garota”, disse Marshall.

“Não consigo me mexer”, disse Abigail.

“Então quem foi que fez aquele barulho?”, perguntou Marshall.

“Foram elas”, disse Abigail.

Vinte pares de olhos se ergueram da escuridão.

“Pra onde você pensa que vai com isso?”, quis saber Bud.

“Como assim?”, perguntou Harper.

“Harper”, disse Bud, “você está carregando seis pizzas.”

“São pra mim”, disse Harper.

“Você comprou seis pizzas grandes só pra você?”

“Sim.”

“Você não pode comer pizza.”

“Acho que estou superando minhas restrições alimentares.”

“Da última vez que você comeu pizza eu tive que aplicar uma injeção de epinefrina em você.”

“As pessoas mudam.”

“Você está dando uma festa?”

“Não, não estou dando uma festa.”

“Você não está dando uma festa.”

“Não. Tenho doze anos.”

“Que barulho é esse?”

“Não estou ouvindo nada.”

“Tem gente na sala de tevê?”

“Deve ser a tevê.”

“Então, se eu entrar na sala de tevê agora, ela vai estar vazia.”

“Vai.”

“Por que eu sinto que você está mentindo pra mim?”

“Podemos discutir isso depois?”

“Garota, o que está acontecendo?”

“Você conhece o ditado popular *a ignorância é uma bênção*?”

“Harper.”

“Acho que ele se aplica perfeitamente aqui.”

“Vou contar até três.”

“O que acontece no três?”

“Um...”

“Você nunca usou esse método de disciplina antes.”

“Dois...”

“Castigo? Restrição de privilégios? Vai me bater com uma colher de pau?”

“Tr...”

“Tá bom! Jesus! Não diga três.”

“E então?”

“Então. Hum. Por onde começo? Hum. Bom, a Louise e eu fomos resgatar a Abigail...”

“Resgatar?”

“Sim. A Abigail foi a uma festa na casa do Paul Alabastro, onde o Wes costumava trabalhar como segurança freelancer. Só que o Wes não estava lá porque foi demitido, porque ele descobriu que o Paul Alabastro faz parte de um culto secreto de gente rica que envolve beber sangue durante um ritual com máscaras todo ano, então a gente vai até a casa e encontra a Abigail trancada num armário com todas essas outras garotas – vinte delas, pra ser exata – que os homens tinham sequestrado e que a gente acha que foram traficadas num grande contêiner de carga por meio de um carregamento escondido no porto – eu já tinha chamado sua atenção para isso antes, se você se lembra –, então, óbvio, a gente resgatou elas também. Acho que são albanesas. É difícil dizer. Enfim, elas não podiam ficar no apartamento do Wes e do Marshall porque é muito pequeno e o proprietário é muito rígido, então trouxemos todo mundo pra cá na caminhonete do Wes. Imagino que seja muita coisa para assimilar de uma vez.”

“Tem vinte garotas albanesas na sala de tevê?”

“E estão com bastante fome. Por causa de toda a perda de sangue.”

“Isso é um tantinho esquisito.”

“Não é um tantinho.”

“Onde está a sua mãe?”

“Com a empreiteira.”

“Por quê?”

“Acredito que estejam tendo um relacionamento lésbico.”

“Ah.”

“Meses estranhos.”

“Harper, eu vou entrar na sala de tevê agora.”

“Certo.”

“Meu Deus.”

“Pois é.”

“Tem...”

“Vinte garotas albanesas na sala de tevê.”

“Quem é aquele homem com um braço só ali?”

“É o Marshall.”

“Quem é o Marshall?”

“O colega de apartamento do Wes.”

“Onde estão suas irmãs?”

“A Louise foi ao mercadinho 24 horas buscar mais comida e o Wes colocou a Abigail na cama porque ela estava dopada.”

“Dopada?!”

“Por um crocodilo bebê.”

“Como um crocodilo bebê dopou a Abigail?”

“Não, o Paul Alabastro dopou a Abigail.”

“Você disse que tem um garoto no quarto da Abigail?”

“Ele está na cama extra.”

“Você chamou a polícia?”

“Não.”

“Por que não?”

“Porque foda-se a polícia?”

“Não, Harper. Não foda-se a polícia. Você chama a polícia nessas situações. É pra isso que a polícia serve.”

“É pra *isso* especificamente que a polícia serve?”

“Sim!”

“A situação é meio sem precedentes.”

“Quando você encontra vítimas de tráfico sexual”, disse Bud, “você chama as autoridades competentes.”

“Entendo o que você está dizendo”, disse Harper, “e isso pode ser pedante e irrelevante no grande esquema das coisas, mas eu não acho que as garotas estivessem sendo vítimas de tráfico sexual propriamente dito. Apenas tráfico comum.”

“Preciso me sentar”, disse Bud. “Você entende o que elas dizem?”

“Um pouco”, respondeu Harper.

O contêiner. A embarcação perdida. Bud sabia. Bud sabia e não fizera nada. Pior: ele havia se beneficiado literalmente de dinheiro manchado de sangue. Bicicletas, videogames, xícaras de chá, azulejos de banheiro. Naquela mesma noite, ele pedira aperitivos para acompanhar o jantar dele e da srta. Winkle. E vinho com rótulo francês que escorria pelas laterais das taças de um jeito que indicava alta qualidade. Até o carro colhera os frutos de sua prosperidade recente, já que finalmente mandara verificar a luz do motor e fazer uma limpeza interna.

A cabeça tilintava como moedas soltas, igualmente inútil. Quando deixou de fitar as próprias mãos e levantou os olhos, vinte rostinhos o encaravam, vinte e um incluindo Marshall. Bud já tivera sonhos assim, em que suas filhas se multiplicavam, se propagavam, se dividiam como amebas até encherem a casa. Mas ele estava acordado e sóbrio, e as garotas excedentes não desapareciam quando esfregava os olhos. Era tudo real. Louise voltou com os lanches e os rostos das vinte garotas se iluminaram.

Elas eram, de longe, as pessoas mais bonitas que Bud já tinha visto. Cada uma tinha lábios carnudos e pele impecável, narizes com presença, majestosos, mandíbulas marcantes. Qualquer uma daquelas refugiadas poderia estar na capa de uma revista feminina. Cada uma delas tinha passado por tanta coisa, pensou Bud, arrancadas das cidades natais, separadas das famílias e forçadas a ficar em um contêiner escuro por Deus sabe quanto tempo. Bud observou as sequestradas enquanto devoravam bolinhos de fruta e biscoitos de limão do mercadinho 24 horas. O trauma só acrescentava profundidade à beleza delas. A culpa era esmagadora.

“Posso fumar aqui?”, perguntou Marshall.

“Não”, respondeu Bud.

“Mas a mamãe fuma”, disse Louise.

“Você é muito dedo-duro, Louise”, disse Harper.

Harper se sentou ao lado de Bud. Ele pegou a mão dela.

“Você estava certa, garota”, disse Bud.

“Eu sei”, disse Harper.

“As bolas de cedro, a carga. Tudo.”

“Eu sei”, disse Harper. “Mas obrigada por dizer isso.”

Bud tirou o celular do bolso.

“Pra quem você está ligando?”, perguntou Harper.

“Pra sua mãe”, respondeu Bud.

Catherine andava de um lado para o outro na cozinha com uma desenvoltura notável. Era uma característica que Bud sempre admirara nela – a forma como agia em situações de crise. Ela daria uma soldada fabulosa, pensou ele.

“O que a gente faz?”, perguntou Bud de novo.

“Estou pensando”, disse Catherine.

“A gente devia chamar a polícia, certo?”, disse Bud.

“Certo”, concordou Catherine.

Reparou no jeito como ela usava o cabelo, todo puxado para trás com algum produto. Quando ela começara a fazer aquilo? Ainda havia um abismo entre eles, ainda que um abismo diplomático.

“Como estão as garotas?”, quis saber Catherine.

“As nossas garotas ou as outras garotas?”, perguntou Bud.

“Todas as garotas.”

“Não sei”, disse Bud. “Estão fazendo mímica com a Harper. Estão fumando todos os seus cigarros.”

Catherine continuou andando de um lado para o outro.

“Eu sabia”, disse Bud.

“Como é?”, perguntou Catherine.

“Eu sabia. Quer dizer, eu não *sabia* sabia, mas sabia que tinha alguma coisa acontecendo e eu não... Eles até me deram dinheiro pra eu ficar quieto.”

“Então é daí que veio o dinheiro da reforma!”

“É”, admitiu Bud. “É daí que veio o dinheiro.”

Para surpresa de Bud, Catherine pousou a mão suavemente em seu ombro. A mão dele estava envolta em uma gaze já se desfazendo, de quando batera na parede.

“Você não pode se culpar”, disse Catherine.

“Posso, sim”, disse Bud.

“Bem, não deveria”, argumentou Catherine.

Ela continuou andando. Bud começava a entrar em pânico. O exercício de respiração não estava funcionando.

“Respire”, disse Catherine.

“Não consigo”, respondeu Bud.

“Cheire as rosas e depois apague as velas.”

“O quê?”

“É assim que você deve respirar.”

“Ah.”

“Você é cristão”, disse Catherine. “Bom, há precedente bíblico pra proteger o próprio rabo.”

Bud balançou a cabeça, sem esperança. Os olhos se encheram de lágrimas.

“Judas só traiu Jesus pra se proteger, proteger a família dele. Na minha opinião, aquele cara tem uma fama pior do que merece.”

Embora Catherine não tivesse o melhor domínio da Bíblia, Bud apreciou o esforço. Ele se recompôs, convocou aquela reserva interior de força que a mulher sempre parecia ter e começou a vestir o casaco.

“Aonde você vai?”, perguntou Catherine.

“Ser um bom cristão”, respondeu Bud.

“Agora não é hora de falar de forma enigmática”, disse Catherine.

“Preciso fazer alguma coisa”, disse Bud. “Você consegue segurar as pontas aqui um pouco?”

“Nem pense em não voltar”, disse Catherine, “e me deixar com vinte e três crianças.”

Eles se abraçaram com força.

“Vou ligar pra polícia agora”, disse Catherine.

Bud assentiu.

Correu para a rua e procurava as chaves quando Jim Doherty passou correndo, iniciando sua corrida matinal. Tirou um fone de ouvido da orelha.

“Oi, Bud”, cumprimentou Jim Doherty.

“Oi, Jim”, respondeu Bud.

“Soube desse negócio da sua filha ser terrorista e tal”, disse Jim. “Que barra.”

Bud entrou no banco da frente da minivan.

“Ouvi dizer que você tem um porão cheio de vaginas de cerâmica”, gritou Bud pela janela.

Ele acelerou e partiu em direção à cidade grande.

Os portões da Mansão Alabastro estavam abertos. Uma luz matinal ofuscante entrava por todas as janelas. Cheire as rosas, apague as velas, pensou Bud.

Ele caminhou pelo complexo agora vazio. Não restava sinal algum dos antigos ocupantes, exceto *Menino chorando*, que ainda pendia no saguão.

Abaixo dele, um telefone de disco estava no chão, ligado à parede.

Ele tocou.

Bud atendeu.

“Senhor Flynn”, disse Paul Alabastro.

Bud congelou.

“Onde você está?”, perguntou Bud.

“Você é como um porco farejador de trufas, só que no seu caso são problemas, não é?”

“Você me pagou pra ficar quieto.”

“Isso eu fiz.”

“E me chantageou.”

“Isso não é exatamente verdade. Talvez eu tenha implicitamente sugerido que o bem-estar da sua família dependia da sua cooperação.”

Bud começou a andar de um lado para o outro, mas o fio espiralado do telefone não lhe dava muita liberdade.

“O senhor é um homem doente, senhor Alabastro.”

“Prefiro suborno a chantagem. Reforço positivo. Governar com amor em vez de medo e tudo mais. Mas suponho que eu já tenha recorrido à chantagem antes, em momentos de aperto.”

Bud se encostou na parede de pedra. “O senhor não sente nenhum remorso.”

“Há coisas piores que um homem pode fazer, senhor Flynn.”

“Tráfico humano deve ser a pior coisa que um homem pode fazer.”

“*Tráfico humano* é um pouco hiperbólico, não? Pense mais como um empréstimo. Sou do tipo que prefere pedir perdão a pedir permissão. Todas as garotas são devidamente compensadas. As famílias também, de modo retroativo, é óbvio. Em geral, todo mundo é devolvido ileso. Sim, há uma pequena margem de erro, mas nove vezes em dez meus ratinhos voltam ilesos.”

“Seus ratinhos?”

“É mais um termo interno.”

Bud segurou o telefone entre o pescoço e a orelha e tirou o celular do bolso. Sem sinal.

“O senhor não podia fazer isso por meio dos canais adequados?”, perguntou Bud. “Ir a um banco de sangue ou algo assim?”

“E tirar sangue de quem *precisa*? Não sou um monstro, senhor Flynn.”

Bud ouviu sirenes à distância, cada vez mais próximas.

“Além disso, meus associados e eu exigimos o melhor dos melhores”, disse Paul Alabastro. “Não aceito sangue mediano. Aquela Abigail, por exemplo, tem um sangue excelente.”

Bud deu um tapa na parede. Sempre o surpreendia – a raiva cegante que surgia quando a família dele era ameaçada.

“O senhor vai ser pego.”

“Talvez. Tenho uma forte suspeita de que o senhor está errado, mas tudo é possível, suponho.”

“Vou matar você pelo que fez com a minha filha”, disse Bud. “Você vai apodrecer na prisão e, quando menos esperar, eu vou matar você, de forma lenta e dolorosa.”

Bud nunca falara assim com ninguém antes. Foi bastante satisfatório.

“A punição não condiz com o crime. Não fiz nada com sua filha. Ou quase nada. Meu procedimento não foi mais invasivo que um exame físico de rotina. Não deixe sua imaginação correr solta. O senhor sabe o que dizem sobre a mente ser uma excelente serva, mas uma péssima mestra? Contenha sua mente. Sua filha está segura.”

O som das sirenes se aproximava.

“Sua filha está segura e em casa porque eu permiti. Sabe por quê? Embora a deslealdade não seja algo que eu respeite, um bom pai é. O senhor arriscou o pescoço pela família. Não posso dizer que meu velho faria o mesmo. Em suma, o senhor tem meu respeito, senhor Flynn.”

As sirenes agora uivavam em volume máximo. Bud fervia de ódio. Ele mostraria a Paul Alabastro onde podia enfiar aquele respeito.

“Foi um prazer conhecê-lo, senhor Flynn. O senhor é um sujeito interessante pra um contador. Em outras circunstâncias, acho que poderíamos ter sido amigos.”

“Você não vai escapar impune.”

“Não amigos propriamente. Conhecidos, talvez. Quem sabe uma cerveja depois de uma inauguração qualquer. Nossas faixas de renda tão distintas provavelmente impediriam uma camaradagem mais profunda, tenho certeza de que o senhor entende. Estar no topo, na verdade, não é tão solitário assim.”

“Fique longe da minha família e da minha cidade”, rosnou Bud ao telefone de disco.

“Vou ser bem direto: não tenho a menor vontade de passar mais tempo na sua cidadezinha do que o estritamente necessário pra acertar pontas soltas.”

Bud se perguntou se o mundo tinha corda suficiente.

“Você acha mesmo que vai sair daqui ileso?”, perguntou Bud, incrédulo.

“Não *acho*”, disse Paul Alabastro. “Sei, sem qualquer sombra de dúvida, que vou sair daqui ileso. Nunca me feriu na vida. O senhor se esquece, senhor Flynn: foi a minha família que construiu este porto.”

Bud tirou um cigarro do maço.

“Ah, por favor, não fume aqui dentro”, disse Paul Alabastro.

Bud se virou, viu apenas o próprio reflexo nas janelas de vidro.

“O granito é muito poroso. Tudo importado.”

Os olhos de Bud vasculharam o teto à procura de câmeras. Nenhuma.

“E faz mal à saúde”, continuou Paul Alabastro ao telefone. “Péssimo pra pele. Que tal uma piada pra aliviar o clima?”

Bud acendeu o cigarro e soprou a fumaça contra a pedra porosa. Nenhum Alabastro à vista.

“Um policial para dois padres numa blitz à noite. O policial diz: ‘Ei, estou procurando um abusador de crianças.’ Os padres se olham e dizem: ‘Tudo bem, a gente faz.’”

As sirenes se aproximavam ainda mais.

“Não tem problema rir”, disse a voz ao telefone.

“Não achei muito engraçado”, disse Bud.

“Mas é engraçado! Por quê? O que tem de engraçado? Tem verdade aí: a piada fala da ineficiência da polícia e da corrupção na Igreja Católica. A verdade é engraçada! É preciso enfrentar realidades duras com humor.”

Bud apagou o cigarro no chão.

“O verdadeiro ponto da piada é que as realidades mais importantes costumam ser as mais difíceis de enxergar e de discutir. Por isso precisamos encontrar novas formas de fazer isso. Entende?”

Bud já conseguia ver as luzes giratórias dos carros de polícia na entrada.

“Então vamos concordar em discordar.” A linha caiu e Bud estava sozinho. Ele desligou o telefone com força. A polícia invadiu a Mansão Alabastro. O menino pintado chorava. Bud arrancou o quadro da parede e o levou consigo enquanto caminhava rumo à manhã para encontrar a avalanche de policiais.

Abigail Flynn gostava de ser a pessoa mais bonita da sala. Mas, ela admitia, no calabouço do bilionário da tecnologia, Abigail era apenas a vigésima primeira mais bonita do lugar. Embora sentisse compaixão pelas garotas sequestradas, não conseguia conter um ressentimento rasteiro. A beleza delas era daquelas que incitam guerras. Cada uma das garotas era tão deslumbrante, tão indiferente, tão exausta pela viagem e pela perda de sangue; como Abigail poderia competir? Era nisso que ela pensava, enquanto estava em seu quarto de infância, quando Wes acariciou os cabelos dela e perguntou:

“No que você está pensando?”

Ela não respondeu.

Alguém bateu à porta e Marshall enfiou a cabeça desgrenhada para dentro.

“Seus pais vão chamar a polícia agora, e com razão, dadas as circunstâncias e tudo o mais, mas eu tenho antecedentes criminais, então vou cair fora.”

Wes jogou as chaves da caminhonete para Marshall, que as apanhou com a única mão.

“Cê vai ficar?”

Wes assentiu.

“Como ela tá?”

“Não falou nada.”

Marshall entrou e se sentou aos pés da cama de Abigail. Ela recuou um pouco quando as calças imundas dele encostaram no edredom lilás.

“Já vi muita merda na minha vida”, disse Marshall. “Não dá pra ir pro exterior e não ver merda nenhuma. Posso dar um conselho?”

“Eu sei, eu sei”, disse Abigail. “Tenho que falar sobre isso.”

“Ia dizer exatamente o oposto, na verdade”, disse Marshall. “Enfia essa merda lá no *fundo*. Tão fundo que fique fora de vista. Não gasta mais um segundo com isso. Faz isso se transformar de realidade em lembrança, de lembrança em uma sensação que às vezes aparece em dias de inverno. Aí

deixa essa sensação levar você a fazer algo grandioso. Você tem antecedentes criminais?”

Abigail balançou a cabeça negativamente.

“Você vai ficar bem.”

Então Marshall os deixou no quarto de Abigail. O sol da manhã entrava em jorros. A luminária do quarto piscava. Três ursinhos fluorescentes de mãos dadas. Abigail e Wes ouviram o motor da caminhonete engasgar antes de Marshall sair da garagem e dar a volta no *cul-de-sac*.

Wes pousou a mão sobre a de Abigail.

Pensou na fotografia granulada da garota – AB – em como, afinal, aquelas não eram as iniciais dela na foto, mas o seu...

“Eu daria meu sangue”, disse ela suavemente. “Se isso fizesse você viver pra sempre.”

Wes sorriu. “Seu sangue não serve aqui.”

“Pode ser um momento estranho pra perguntar”, disse Abigail, “mas tem um baile da escola no próximo sábado...”

“Descanse um pouco”, disse Wes.

Abigail fechou os olhos.

“Então”, disse ela, “o que acontece agora?”

O que aconteceu a seguir foi o seguinte: as garotas sequestradas entraram em contato com as respectivas famílias. A maioria se reencontrou com a família e voltou para casa de avião, mas algumas optaram por ficar, preferindo aquela cidadezinha à sua própria. Elas se matricularam na escola. Foram acolhidas por famílias locais. Ninguém conseguia se comunicar com elas, exceto Harper, que conseguia se comunicar com qualquer pessoa. Harper provavelmente conseguiria se comunicar com Deus, se tentasse. Repórteres inundaram a cidade – de jornais e emissoras de televisão, locais e nacionais. *Times* e *Chronicle* e *Post* e *Journal*. Os Flynn passaram a ser vistos como heróis locais. Tibet entregou a lista de convidados às autoridades. Foi aceita em todas as faculdades para as quais se candidatou. Corria o boato de que Paul Alabastro estava escondido em uma de suas ilhas, mas ninguém tinha certeza de seu paradeiro, nem do paradeiro de Dolt ou do padre Andrew. O padre Hayworth foi nomeado padre principal. Ele e o namorado unitarista se casaram na igreja. Kimble teve sua teoria confirmada quando

veio à tona que o bilionário da tecnologia realmente vinha despejando produtos químicos no abastecimento de água como parte de um experimento pessoal. Harper e o clube de Língua Americana de Sinais venceram o campeonato infantil de vinte-e-um. Perry Winkle ganhou o concurso de Beleza Interior Nossa Senhora das Dores. Ela era um pilar da comunidade. Louise ficou satisfeita com isso. Ela havia sido proibida de comparecer à cerimônia. Uma grande doação anônima foi feita à igreja, mais do que suficiente para finalmente consertar os sinos quebrados. Bud sorria ao caminhar pela rua, os sinos badalando a cada hora. Perry não gostava dos sinos. Bud comprou para ela protetores auriculares com melhor cancelamento de ruído.

A primavera deu lugar ao verão, como é da natureza das estações. Bud queria levar a amada para a Itália, mas a srta. Winkle disse que não podia deixar Perry sozinha por tanto tempo. Em vez disso, ele encontrou um parque temático a algumas cidades dali chamado Itália World e reservou para eles uma noite no quarto *castelletto*, com querubins pintados no teto e uma pastaria no andar de baixo. Para surpresa de Bud, Catherine se ofereceu para cuidar de Perry.

“Nós cuidamos dela”, dissera Catherine. “Eu e a Remy.”

A srta. Winkle estava cautelosa e lhe entregou uma lista tão longa quanto o livro de Levítico, com nomes de alimentos e números de telefones e médicos e canções que acalmavam a criança quando ela precisava de consolo.

“Sou mãe há dezessete anos”, disse Catherine. “Dou conta de uma noite.”

Enquanto Remy, a Empreiteira, preparava o jantar naquela noite, Abigail observava a mãe com a menina com deficiência cognitiva enquanto elas coloriam na sala de jantar. Catherine não fumava nem falava com uma voz afetada, mas era carinhosa, inclusive elogiava os desenhos de Perry. Abigail já não sentia pena da mãe. Foi tomada – como muitos antes dela e muitos depois – pela percepção de que a mãe não tinha fracassado, não tinha desistido dos sonhos de ser artista e boêmia, de deixar a cidadezinha em busca de uma vida melhor. Ela ficara por causa dela – de Abigail, e depois das irmãs – para ser mãe. Abigail acreditava que isso era mais

louvável do que a busca por uma prática artística. A mãe tinha uma vida tão plena quanto qualquer outra.

Antes de dormir naquela noite, depois que Perry já tinha adormecido, enquanto Remy, Louise e Harper jogavam um jogo de tabuleiro na sala de estar, Abigail enfiou a cabeça no banheiro do andar de baixo, onde Catherine relaxava na nova banheira de pés em garra.

“Eu só queria dizer obrigada”, disse Abigail.

Catherine sorriu, confusa, mas não insistiu.

Abigail se virou para se juntar às irmãs e deixar a mãe em seu banho.

“Espere”, disse Catherine. “Vem sentar aqui!”

“Eu não gosto de conversar enquanto você está pelada”, disse Abigail.

“Ah, vem cá”, disse Catherine.

Abigail foi, e se sentou.

O banheiro estava ficando pronto. Era moderno, mas também tradicional de certa forma.

“Agora”, disse Catherine. “Me conte tudo sobre esse garoto.”

O último dia do último ano foi um borrão para Abigail, como a maioria das coisas desde o resgate. Armários foram esvaziados, livros didáticos jogados fora, e as saias do uniforme foram enroladas a comprimentos inapropriados por quem as usava. O que as freiras poderiam fazer agora? Tibet e Abigail caminharam para casa de braços dados até a bifurcação da estrada, que as levaria às respectivas casas.

“Vejo você hoje à noite!”, gritou Tibet.

Naquela noite, Abigail esperou que Wes a buscasse para a Dança de Verão das Irmãs das Dores. A caminhonete dele parou pontualmente na rua Secundária. Ele a deixaria em casa antes do toque de recolher.

Wes prendeu uma flor no peito dela. Abigail usava outro vestido novo do shopping, que se ajustava ao corpo esguio e cintilava como luz de estrelas.

O ginásio da escola estava pintado com um céu artificial muito mais bonito que o céu de verdade. Os garotos da escola irmã vestiam trajes formais. As freiras usavam seus melhores véus. Tibet havia adicionado um toque especial ao ponche. Até as gêmeas Biddle pareciam encantadoras em vestidos de renda iguais. Tudo parecia um sonho. Veio um lampejo de

memória da Mansão Alabastro, e Abigail a empurrou para o fundo, como instruída, canalizando a sensação para algo bom, desviando a atenção para Wes. Era a primeira vez que ela o via de calças e sapatos sociais. A gravata-borboleta pendia frouxa em torno do colarinho. Nenhum dos dois sabia como dar um nó. Assistiram a um vídeo no celular e riram e riram e riram. Wes, que conseguia montar um fuzil de assalto no escuro, foi derrotado pela gravata-borboleta. Ele nunca tinha ido a um baile. Não havia isso na escola militar. Abigail o conduziu até o meio do salão, e eles balançaram como espigas de trigo. Os outros alunos se juntaram a eles na pista de dança, cochichando sobre o namorado de Abigail, o soldado, o herói. Ninguém da administração fez objeção à presença dele. Eles escolhiam suas batalhas quando se tratava dos Flynn.

Alguns dos garotos mais sortudos tinham convencido algumas das garotas sequestradas a aceitarem ir com eles. Elas flutuavam pelo salão, etéreas e encantadoras. Mas Wes só tinha olhos para Abigail.

“Então, o que acontece agora?”, perguntou ela de novo.

A música que tocava era um sucesso popular e um tanto picante do rádio, desacelerado para acompanhar a dança lenta.

“O que você quiser”, disse Wes. “Você manda.”

Abigail deixou que Wes a segurasse com força, menos uma dança e mais uma fusão de sistemas, absorvendo o que havia de bom e saudável no outro e se tornando uma entidade mais forte.

“Eu te amo”, disse Abigail.

“Bate ca bunda no cháum”, dizia a música.

“*Përshëndetje*”, disse uma garota à outra.

“Eu também te amo”, disse Wes.

Ele pousou as mãos nos quadris salientes de Abigail.

“Vamos”, disse ele. “Vamos arrumar alguma coisa pra você comer.”

Louise Flynn estava passando por uma crise de fé.

“Estou passando por uma crise de fé”, disse ela à psiquiatra infantil.

Mesmo depois do incidente com a bomba, a atenção quase imediatamente se voltou para a irmã mais velha. A história do sequestro de Abigail se espalhou pelas manchetes, e Louise foi mais uma vez lançada à obscuridade. Durante a semana em que esteve suspensa, ela surrupiara um cigarro dos pais e o acendera ao contrário. Depois o virou e o acendeu corretamente, fumou até o filtro e o enterrou no cinzeiro junto com os outros. Uma agradável sensação de tontura tomou conta dela. Instintivamente, levou a mão ao bolso onde estaria o celular, agora confiscado.

Apesar de tudo, Louise sentia falta de *estequevosfala*. O pequeno coraçãozinho doía, de verdade, exatamente como o termo sugeria: *coração partido*. A eficácia da retórica de *este* só era potente na medida em que ele era o único companheiro de Louise, era sua comunidade, aquele que a via quando ninguém mais via. Porque o que Louise Flynn queria mais do que Deus, mais do que o céu ou o inferno ou setenta e duas virgens, mais do que um poder superior ou inferior ou retribuição para os maus e redenção para os puros, era, pura e simplesmente, um namorado. Ela sentia falta do som que o chat fazia quando chegava uma nova mensagem. Eles haviam compartilhado intimidades. Passavam noites em claro discutindo religião, literatura e quais produtos químicos domésticos eram mais inflamáveis. *Este* tinha um propósito e dera um a Louise também. Depois da terapia, da psiquiatria e das reuniões com agências governamentais à caça de terroristas domésticos, Louise se deitava na cama e chorava sozinha.

A psiquiatra infantil sugeriu que ela participasse de alguma atividade, clube ou grupo.

“Acho que não”, disse Louise.

“Sou obrigada por lei a lhe entregar isto.”

A psiquiatra infantil lhe passou um panfleto sobre ideação suicida. Em tópicos, listava as muitas formas pelas quais alguém poderia ponderar pôr

fim à própria vida. Analgésicos domésticos e facas de cozinha e cordas de pular e cadarços. Fogões e fornos, carros em garagens, prédios de dez andares e pegando o atalho para baixo, um túnel na hora do rush, um coquetel letal de ervas orientais. Bud acabou confiscando o panfleto. Disse que aquilo mais parecia um manual de instruções.

Por que eu me mataria?, pensou Louise. Se a vida não é nada e a morte não é nada, por que fazer um movimento lateral?

Embora os pais tivessem se tornado mais permissivos depois do desastre Alabastro, Louise continuava de castigo, sem permissão para sair de casa a não ser para ver a terapeuta ou cumprir o serviço comunitário obrigatório no asilo. O J da placa havia caído fazia tempo, e agora se lia Lar udaico para Idosos, que Louise achava uma descrição brutalmente honesta do ambiente. Ela operava o projetor de slides, separava medicamentos e carregava lençóis engomados de um armário para outro. Durante um turno numa tarde do começo do verão, Louise fumou um cigarro, sem o devido cuidado, deixando um rastro de cinza como cauda de cometa. Vasculhou a estante de livros do Lar para Idosos – ficção histórica, livros de culinária, manifestos de autoajuda escritos por gurus subqualificados – até que os dedos pousaram num livro que ela não conhecia. Louise puxou um exemplar da Torá. Havia apenas uma garota judia na escola Filhas Sagradas, que morava na parte mais nobre da cidade e tivera, no bat mitzvá, um bar de oxigênio, uma mesa de doces e um DJ – um de verdade, não apenas o padre Hayworth com uma corrente de ouro. Louise abriu a Torá ao acaso e passou os olhos.

“Essa é a minha parte favorita.”

Louise ergueu os olhos, assustada, e viu um garoto da escola dos garotos, mais ou menos da idade dela, a encarando e sorrindo.

“Como é?”

“Estou só brincando.”

Louise corou. O garoto continuou olhando para ela.

“Você estuda na escola irmã da minha”, disse ele.

“Você me reconhece?”, perguntou Louise.

“Reconheço, sim. Eu sou o Caleb”, disse o garoto.

Louise se preparou para o deboche, alguma piada sobre seu ato terrorista, o casamento estranho dos pais, a irmã gostosa ou o culto do sangue, mas nada disso veio.

“Posso ajudar em alguma coisa?”, perguntou ela.

“Eu venho aqui toda semana”, disse Caleb, “por causa da minha *bubbe*.”

“O que é uma *bubbe*?”

“Aquela é uma *bubbe*.”

Ele apontou para uma mulher na sala de recreação, vestindo um conjunto impecável. Ela folheava uma revista feminina e tomava um martíni enquanto uma auxiliar de enfermagem, agachada, fazia sua pedicure.

“Ela parece legal”, disse Louise.

“Ela é ótima”, disse Caleb. “Quer conhecer ela?”

Quando percebeu, Louise já estava apertando a mão bem-cuidada da *bubbe* de Caleb, que lhe serviu um martíni de uma jarra.

“As garotas hoje em dia”, disse Bubbe, erguendo a revista feminina, “todas parecem tão tristes.”

Louise olhou para as modelos, magras e mal-humoradas.

“Talvez só estejam com fome”, disse Louise.

“Gostei dela”, disse Bubbe. “Quer jantar com a gente?”

Louise olhou para Caleb, que não parecia nem descontente nem irritado com o convite da avó. Então o acompanhou até o refeitório, onde Bubbe parecia ter uma mesa fixa. Louise contemplou as cubas quentes de lasanha passada do ponto e bolo de carne cru por dentro. Qual escolher? O que essa escolha diria sobre ela? A indecisão venceu, e ela voltou de mãos vazias. Bubbe reabasteceu o martíni dela.

“Agora a gente põe fruta no prato do Seder”, disse Bubbe, “pelo feminismo.”

“Ah”, disse Louise. “Obrigada.”

“É bem progressista”, garantiu Caleb.

Bubbe falou sobre o sofrimento dos judeus. Perseguição. Lei Mosaica. Pogroms. Antissemitismo moderno. Bubbe falou sobre o céu. Um lugar de descanso para as almas. Não tinha portões. Qualquer um podia ir. Apontou para Louise, como se dissesse *até você*. As unhas de Bubbe estavam impecáveis.

Louise não sabia nada sobre judaísmo. Uma vez assistira ao começo de alguma pornografia israelense deixada aberta no computador do pai, mas, pelo que veio depois, achava pouco provável que tivesse qualquer precisão histórica. Caleb segurou a mão de Louise por baixo da mesa. Segurou firme.

Música encheu o refeitório. Muitos dos residentes se levantaram para dançar. Bubbe foi junto.

“Sua avó meio que me deixou bêbada”, disse Louise.

“Você é muito bonita”, elogiou Caleb.

“Eu não sou *muito* nada.”

“Não dê ouvidos praquelas crianças da escola.”

“Tá”, disse Louise. “Não dar ouvidos a eles sobre o quê, exatamente?”

“Achei muito legal da sua parte protestar contra o concurso”, disse Caleb. “Tomar posição contra os padrões institucionais de beleza.”

“Ah”, disse Louise. “Sim, obrigada.”

“Já vi você por aqui”, disse Caleb. “Você sempre parece tão triste.”

O coração de Louise disparou. E quando o coração disparava, a boca não conseguia acompanhar. Por favor, Deus judeu, pensou Louise, por favor não deixe que eu fale com a língua presa na frente desse garoto que acha que eu sou bonita.

“Mas talvez”, disse Caleb, “você só esteja com fome.”

Louise sorriu. “Vou fumar um cigarro.”

“Você fuma?”

“É, comecei semana passada.”

“Legal. Posso ir junto?”

Louise pensou em sua posição anterior sobre religião. Se todas as ideologias estavam disputando seu endosso, então a que sairia na frente seria, com certeza, a que pudesse lhe arranjar um namorado. E o judaísmo assumira uma liderança inesperada.

Louise se sentiu mais leve a semana inteira. Levou a Torá para casa. Ela se sentava na varanda estudando. O verão avançava.

Alguns dias depois, acordou com o pai sentado aos pés da cama.

“Ei!”, disse Bud.

“Ei?”, disse Louise. “O que você está fazendo?”

“Tirei folga do trabalho! Achei que a gente podia dar um rolê.”

“Dar um rolê?!”

“Isso, dar um rolê”, disse Bud, fazendo um gesto tipo *radical, cara*. “Que tal eu fazer aquela torrada com ovo no meio? Com um rostinho sorridente de bacon.”

“Não como mais bacon.”

“Desde quando?”

Louise se sentou na cama e deu de ombros. A cama da irmã caçula estava vazia. Ela já tinha saído para fazer seja lá o que Harper fizesse.

“Talvez a gente pudesse ir ao Centro de Patrimônio Marítimo”, disse Bud.

“O Centro de Patrimônio Marítimo fecha às terças.”

“Que tal sábado, então?”

“Eu tenho que descansar no sabá.”

“Filha, não fica estranha de novo comigo. Se você explodir a igreja, ou a escola, ou o correio, enfim, qualquer prédio municipal, eu vou sentir que falhei como pai.”

Louise suspirou e passou as mãos no cabelo para abaixar o frizz.

“Entendo que rebeldia nessa idade seja algo meio padrão”, continuou Bud. “Mas você não podia simplesmente usar drogas e engravidar como as outras adolescentes?”

“*Só aqueles que compreendem plenamente o quão pouco merecem a graça a encontrarão no fim*”, disse Louise. “Isso está na Torá.”

“Querida”, disse Bud. “O fim de quê? Você tem quinze anos. Não precisa se preocupar com o fim.”

“Você se preocupa com o fim?”, perguntou Louise.

“Óbvio que sim”, disse Bud. “Mas eu sou um pouco mais velho que você, caso não tenha notado.”

“Você merece a graça?”, perguntou Louise.

“Sei lá, garota.”

Louise sorriu de leve.

“Sei que estou de castigo”, disse Louise, “mas posso convidar meu namorado pro jantar de aniversário da Harper?”

“Ele faz parte de alguma organização terrorista on-line?”

“Acho que não.”

“Então pode, sim, convidar seu namorado pro jantar”, disse Bud. “Agora anda, vamos ao shopping comprar alguma coisa estúpida e cara com o meu dinheiro manchado de sangue.”

“Tá”, disse Louise. “Preciso de uma mezuzá.”

Não era difícil para Myles Doherty manter o status de aluno exemplar, já que tinha pouquíssimas distrações sociais. O rosto de Myles era todo marcado por acne não tratada. Parecia um favo de mel, uma forma de gelo. As reações que isso provocava na escola não eram nada sutis. Os outros garotos do oitavo ano eram cruéis. Os garotos batizaram a lua do diorama do sistema solar de *Myles*, por causa da semelhança da superfície.

“Belo rosto, Doherty”, diziam.

“Caiu em algum ácido de bateria, Doherty?”, diziam.

As garotas eram piores que os meninos, não pelas palavras, mas pela ausência delas. Praticamente ignoravam Myles por completo, interagindo com ele como se interage com um poste ou um toco de árvore, isto é, quase não interagindo. Tudo bem, tanto faz, Myles nem gostava de garotas mesmo – não porque fosse gay! –, mas porque elas eram uma espécie inferior. Algum tempo depois do divórcio do pai, não da mãe de Myles, mas de alguma outra mulher cujos óculos escuros grudados no rosto a faziam parecer um inseto, Jim Doherty encerrou mais uma ligação telefônica cheia de veneno com um suspiro e uma frase de efeito: “Piranhas, cara.” Essas duas palavras passaram a justificar todas as interações subsequentes de Myles com mulheres. Quando uma garota sentada ao seu lado no ônibus franzia o nariz ou quando uma menina fingia que ele não existia e o cortava na fila do almoço, quando sua mãe – às segundas, quartas e fins de semana – dizia que o tempo de tela havia acabado, era sempre a mesma coisa, *piranhas, cara*. Típicas piranhas.

Com o pai, o tempo de tela nunca acabava. Era tempo de tela agora. Myles estava sentado na cabine do canto do Penne da Sorte com um videogame portátil, jogando um jogo de guerra em frente ao pai, que digitava e-mails com ímpeto. Eles levantaram os olhos brevemente das telas individuais e examinaram os cardápios ilustrados. Avisos legais sobre o teor de sódio precediam cada prato. Embora se apresentasse como um restaurante italiano de serviço rápido, no Penne da Sorte dava para pedir

qualquer comida de qualquer origem. Naquele dia, Myles estava com vontade de rolinhos primavera e macarrão com queijo.

Jim Doherty pediu licença para fazer uma ligação. O garoto despejou mostarda, ketchup, sal e pimenta no resto do refrigerante genérico e olhou em volta, esperando que alguém o desafiasse a beber aquilo. Ninguém jamais o fazia. Ninguém se importava o bastante nem para torturar Myles Doherty. Ele voltou ao jogo. As três garotas vizinhas, as que moravam na casa com o gramado tomado pelo mato e a varanda afundada, com um sino de vento que parecia ter dentes de criança pendurados, se acomodaram numa cabine à esquerda de Myles. Estavam perto o suficiente para serem ouvidas, falando com entusiasmo sobre os planos de verão. A praia. Aquela melhorzinha. A que não ficava escorregadia de óleo. Sobre piercings na orelha, fogueiras, filmes de madrugada. A garota mais nova, mais ou menos da idade de Myles, que tinha passado por algum reformatório ou coisa do tipo, usava uma coroa de papel. Ela parecia diferente. Ao perceberem que estavam sendo ouvidas, as garotas Flynn mudaram para a língua do P: *E-pes-se-pe é-pé o-po fi-pi-lho-po do-po vi-pi-zi-pi-nho-po*, disseram as garotas. *no-pos-sa-pa mã-pãe na-pa-mo-po-rou-pou o-po pa-pa-i-pi de-pe-le-pe*. Myles deu de ombros. Piranhas, cara. Voltou ao jogo, em que, numa extensa metrópole futurista, o personagem de Myles, um ativista anticorporativo, tenta expor e desmantelar as estruturas de poder da elite que controlam a cidade. Myles tocou a tela. Havia se infiltrado com sucesso em um prédio do governo, abatendo a tiros dois guardas de segurança.

“Chupa!”, gritou Myles.

O nariz dele estava colado no console.

“Chupa meu pau”, disse Myles.

Outro guarda caiu.

“Chupa meu pau grande e gordo”, disse Myles.

“E como estamos esta noite?”, perguntou a garçonete com uma voz que soava como se estivessemos indo muito mal naquela noite, horivelmente mal, a ponto de, a qualquer momento, irmos aos fundos do restaurante e cortarmos nossos pulsos. Myles pediu rolinhos primavera e macarrão com queijo. A garçonete assentiu e seguiu em frente. A televisão acima do bar transmitia uma atualização do noticiário: dois prisioneiros fugitivos haviam

encontrado anistia do outro lado da fronteira, estavam sãos e salvos, e até tinham fundado uma instituição de caridade para outros fugitivos.

“Talvez você não devesse comer o macarrão com queijo”, gritou a garota Flynn mais velha, Abigail, a bonita, para Myles.

Myles olhou para ela.

“O quê?”, disse Myles. “Por quê?”

“Bem, obviamente”, disse ela, “o peso vai direto pro seu pau grande e gordo.”

Myles piscou algumas vezes para ela. As garotas explodiram em risadinhas e voltaram à conversa. A do meio, Louise, estava sentada com os braços cruzados sobre o peito, como se estivesse se protegendo. Logo se juntou a elas o garoto judeu da escola de Myles, que se espremeu ao lado de Louise, fazendo ela ficar tão vermelha quanto o próprio estofado. Depois veio aquele soldado que namorava Abigail. Depois o pai das Flynn e – meu Deus, essas cabines eram grandes – aquela senhora corpulenta da igreja e a filha com deficiência cognitiva. Depois a mãe das Flynn, acompanhada da empreiteira lésbica gostosa. Myles tinha ouvido o pai comentar aquela situação ao telefone. “Eu devia ter sabido que ela era sapatão”, dissera o pai. “Eu me esquivei de uma bala.” Myles desejou ter balas das quais se esquivar. Mas ninguém estava mirando nele. Jim Doherty voltou da ligação.

“Aberrações”, murmurou Jim Doherty ao notar os Flynn, balançando a cabeça. Myles, óbvio, já tinha ouvido cochichos sobre a dinâmica pouco convencional da família, mas nunca a tinha visto em ação. Eles eram aberrações, pensou Myles, embora tivessem salvado todas aquelas garotas imigrantes do tráfico para fins médicos, o que, convenhamos, era bem legal. Ele ouviu a senhora da igreja desejar feliz aniversário a Harper. “Você finalmente é *adolescente*”, disse ela. O pai das Flynn apoiou preguiçosamente o braço no ombro da senhora da igreja. Abigail anunciou à garçonete deprimida que pediria vindaloo de cordeiro. A lésbica gostosa pediu bife com fritas. A criança com deficiência cognitiva quis um sanduíche de queijo quente com sopa de tomate, que não constava no cardápio, mas abririam uma exceção.

“Eles não têm vergonha nenhuma”, disse Jim Doherty, “escancarando suas perversões em público desse jeito. O que fazem entre quatro paredes não é da minha conta, mas isto aqui é um lugar de família.” Ele bateu a mão

aberta na mesa, como se *ali* estivesse o corpo da família, composto de sangue, ossos e ligamentos, e os Flynn fossem uma força invasora, um câncer.

O telefone de Jim Doherty tocou outra vez e Myles voltou a ficar sozinho na cabine do Penne da Sorte. Voltou ao jogo, mas percebeu que a concentração estava quebrada. Agora ela pertencia aos Flynn.

“Palavras alternativas”, disse o pai das Flynn. “Valendo.”

Todos entraram na brincadeira.

“Quem espera *al dente* alcança.”

“Em boca fechada não entra nhoque.”

“De grão em grão, o fusilli enche o prato.” E assim por diante.

A comida começou a sair da cozinha.

“Ela não me trouxe hashis”, disse Abigail.

“Indianos não usam hashis”, disse Harper.

“Tenho que admitir”, disse o pai das Flynn à lésbica, “o banheiro está ficando ótimo.”

“Eu que o diga”, concordou a senhora da igreja.

“Vamos começar a cozinha agora”, disse a lésbica.

“Vamos fazer uma oração?”, perguntou a senhora da igreja.

“Nós somos judeus”, disse Louise.

“Tudo bem”, disse o garoto ao lado dela. “A oração transcende denominações.”

A garçonete serviu o banquete: curry e carbonara, nachos, sopa de mariscos, coquetel de camarão, salada wedge. E antes de comerem, para espanto de Myles, todos inclinaram a cabeça enquanto a senhora da igreja recitava o *abençoi-nos, ó Senhor*, que havia sido martelado em Myles desde pequeno na escola dominical – mas por que ele nunca tinha pensado de verdade nessas palavras até agora? O que eram *essas tuas dádivas*? Uma espécie de mingau disforme e desbotado foi colocado diante de Harper, com treze velas enfiadas nele. Todos cantaram, bagunçaram o cabelo dela e lhe entregaram cartões e presentes. Myles observava enquanto serviam uns aos outros, brindavam e Abigail tirava um fio de cabelo solto da bochecha de Louise. As garotas, o pai, a mãe, o garoto da escola, a senhora da igreja, a sapatao e o criminoso de guerra pareciam tão... alguma coisa. Myles não conseguia definir. Compartilhavam talheres. Passavam naan e batatas fritas

com molho barbecue uns para os outros e davam goles furtivos em taças de vinho. Eles estavam – será que ele estava ouvindo direito? – *rindo*. Não brigando, nem olhando para o celular, nem sentados em silêncio pétreo, mas rindo. Rindo, comendo e desenhando na toalha de papel com giz de cera sem graça. O pai deu um pedaço de sanduíche de lagosta na boca da senhora da igreja. A empreiteira acariciou o cabelo da mãe. E as garotas – todas elas estavam atentas e participativas. Cutucando umas às outras de forma brincalhona. Falando sobre como a mais nova tinha acabado de menstruar pela primeira vez – nojento – e sobre como a mais velha viajaria e depois se matricularia numa faculdade próxima para o semestre da primavera. Sobre como a redação dela para a faculdade era original. Havia amor ali. Myles sentiu uma onda de emoção que não tinha recursos para identificar, e que não conseguiria nomear por anos, até depois de um período em terapia imposto por uma namorada pós-faculdade. Algo que o terapeuta chamaria por um nome estrangeiro, traduzível como *saudade de casa* – só que saudade de um lugar onde ele nunca estivera. Aquele momento de alegria e comunhão transcendia os defeitos domésticos óbvios dos Flynn do mesmo modo que a oração transcendia denominações. Seria delírio? Histeria? Seja lá o que tornasse aquela família uma aberração parecia torná-la muito... alguma coisa. Muito alguma coisa mesmo. *Alguma coisa* onde alguma coisa não devia existir. Como quando pessoas que quase morrem congeladas relatam sentir calor. Era isso: calor. Era positivamente tropical na cabine dos Flynn. Myles os observava, atônito. Encarava sem pudor até ser notado. E foi então que a família acenou para ele. Eles o chamaram para a mesa deles, para longe do jogo em que seu avatar cravara um canivete *butterfly* no pescoço de um soldado mascarado. Para longe da carnificina digital. Para longe dos rolinhos primavera meio comidos. Era uma armadilha? Diziam que havia comida demais. Por que não se juntar a eles? Por que não comer um pouco de frango cozido demais e por que não se espremer ali ao lado deles e por que não contar como ia a escola? Estava gostando? E o clima? E ele não tinha crescido desde a última vez que o viram? Estava tão alto agora! Devia tentar basquete! E a vida não era engraçada? E a vida não era grandiosa? E Myles pensou: a vida *é* engraçada e a vida *é* grandiosa e ele *está* curtindo o clima e ele *tinha* crescido, sim – obrigado por notar – e o vindaloo apimentado estava especialmente bom

naquela noite, e Myles sorriu sob as janelas de vitral do Penne da Sorte, através das quais, quando atingidas pelo sol poente, a luz se estilhaçava contra a parede e se solidificava em anjos. E quando o pai de Myles voltou da ligação e o encontrou aninhado entre as aberrações, conversando e rindo e literalmente partilhando o pão, Jim Doherty não teve muito mais a dizer além de “Vamos, Myles”, e o garoto se levantou para deixar os Flynn com suas esquisitices, mas demorou um instante e, quando demorou, o pai disse: “Agora, Myles” e “Venha comer seu jantar, Myles.” Mas ele já estava satisfeito.



AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha mãe, Susan Cash; aos meus editores, Jackson Howard e Bobby Mostyn-Owen; ao meu agente, Michael Mungiello; ao meu outro agente, Jason Richman; e à minha outra agente, Rachel Savage; ao meu namorado, Christopher; à minha melhor amiga, Anika; e à Nat por suas ilustrações e apoio. Não haveria o *Ovelhas desgarradas* sem o tempo meticuloso, a paciência e o constante incentivo de vocês. Obrigada à Fundação Giancarlo DiTrapano por me permitir fazer revisões de texto em um castelo italiano. Obrigada à tia Brenda por me abrigar durante o incêndio na habitação precária. Obrigada aos meus inimigos por me inspirarem. Obrigada, D*us, por cuidar de mim.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Ovelhas desgarradas

Perfil da autora no Instagram

<https://www.instagram.com/madelinecash/>

Página do livro no Goodreads

<https://www.goodreads.com/book/show/231127175-lost-lambs>

Página da autora no Goodreads

https://www.goodreads.com/author/show/23381527.Madeline_Cash